Nora Roberts

*escrevendo como*

J.D. ROBB



# Testemunha MORTAL

BERTRAND BRASIL

**DADOS DE COPYRIGHT**

**Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

**Sobre nós:**

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



*A peça é tudo.*
— WILLIAM SHAKESPEARE

*Essa moderadora razoável e igualmente justa, a Morte.*
— SIR THOMAS BROWNE

## CAPÍTULO UM

Sempre houve platéia para assassinato.

Seja sob a forma de horror ou júbilo, como humor negro ou pesar silencioso, a fascinação da humanidade pelo crime contra a vida o tornou um tema sujeito a exploração, tanto na vida real quanto na ficção.

Basicamente, um assassinato sempre vende bem, e lotou os teatros ao longo da história. Os romanos se acotovelavam para entrar no Coliseu, a fim de ver gladiadores que se golpeavam mutuamente até se transformarem em mil pedaços ensangüentados. Ou, quem sabe para diminuir o tédio do dia, assistiam a uma matinê na qual desafortunados cristãos eram atirados a leões ávidos pela chance de devorá-los diante da platéia agitada que aplaudia.

Considerando que o resultado dessas lutas desiguais era sempre o mesmo, a multidão não lotava as arquibancadas para ver se daquela vez os cristãos, por sorte, conseguiriam escapar. Queriam o resultado conhecido, com todo o sangue e a carnificina que eles ofereciam.

As pessoas podiam então ir para casa logo depois, satisfeitas por terem conseguido o que buscavam com o dinheiro gasto e, o que era ainda melhor, estavam, elas mesmas, inteiras e vivas. Um assassinato por vias indiretas era uma forma simples de se convencerem de que seus problemas pessoais não eram tão ruins, afinal de contas.

Era de esperar que a natureza humana não mudasse muito em apenas um ou dois milênios. Os leões e os cristãos podiam ter deixado de ser um foco de entretenimento, porém, nos últimos dias do inverno do ano de 2059, atentar contra a vida ainda vendia bem e elevava os índices de audiência na mídia.

Obviamente, de uma forma mais civilizada.

Famílias, casais enamorados, pessoas sofisticadas e também os mais humildes continuavam a enfrentar filas e a despejar seus cacifes conseguidos à custa do próprio suor só para se distraírem por algumas horas com a trama de um assassinato.

Crime e castigo eram o trabalho da tenente Eve Dallas, e assassinato, a sua especialidade. Naquela noite, porém, ela estava sentada em uma poltrona, em uma casa de espetáculos lotada, e assistia ao intrigante negócio representado por uma peça sobre esse tipo de crime apresentada em um palco.

— Foi ele.

— Hein? — Roarke estava tão interessado na reação da sua mulher à peça quanto no espetáculo em si. Ela se inclinou ligeiramente para a frente e cruzou os braços sobre o brilhante parapeito do

camarote reservado para o proprietário do teatro. Seus olhos da cor de conhaque ainda analisavam com atenção o palco e os atores quando a cortina desceu para o intervalo.

— O tal de Vole — reafirmou ela. — Ele matou a velha. Esmagou a cabeça dela por dinheiro. Não foi isso?

Roarke serviu para cada um deles, sem pressa, uma taça do champanhe que estava gelando. Não tinha certeza de como Eve iria reagir uma noitada onde assassinatos fossem o ponto central da diversão, mas ficou satisfeito ao ver que ela entrara no espírito da coisa.

— Talvez — disse ele.

— Você nem precisa me dizer. Eu sei. — Eve pegou sua taça e ficou analisando o rosto de Roarke.

Aquele era um rosto tremendamente especial, pensou. Parecia ter sido entalhado por passes de mágica e exibia uma beleza máscula atordoante, que fazia as glândulas de uma mulher se agitarem de alegria. Uma juba escura emoldurava-lhe as feições, formadas por traços fortes e bem esculpidos; a boca cheia e firme estava naquele instante curvada, formando o mais sutil dos sorrisos, enquanto ele a encarava. Estendendo o braço de forma casual, ele acariciou as pontas dos cabelos dela com seus dedos longos.

E aqueles olhos brilhantes, em um tom de azul ardente, ainda faziam o coração de Eve falhar.

Era embaraçoso o jeito com que o homem à sua frente conseguia virá-la do avesso apenas com o olhar.

— Por que está me olhando desse jeito?

— Gosto de olhar para você. — Essa frase simples, emitida com o leve sotaque musical da Irlanda, tinha uma força especial.

— Ah, é? — Eve deixou a cabeça tombar de leve para o lado. Sentindo-se relaxada pela idéia de ter uma noite inteira de folga só para ficar com ele e curtir sua companhia, ela o deixou mordiscar os nós dos seus dedos. — Qual é a sua? Você está a fim de me carregar para algum cantinho por aqui?

Com ar divertido, ele colocou sua taça de lado e, olhando com firmeza, fez deslizar a mão lentamente pela perna dela acima, até o ponto em que a fenda do vestido muito justo terminava, quase à altura do quadril.

— Seu pervertido! Corta essa!

— Foi você quem perguntou.

— Você não tem vergonha mesmo, hein? — Mas ela riu e lhe devolveu a taça. — Metade das pessoas dentro dessa sua espelunca metida a sofisticada está com os binóculos de teatro em punho e os olhos grudados neste camarote. Todo mundo quer dar uma olhadinha em Roarke.

— Eles estão olhando para a minha mulher incrivelmente atraente, a tira do departamento de homicídios que me deixou de quatro.

Eve soltou uma risada de deboche ao ouvir isso, como ele já esperava. Isso lhe deu a oportunidade de se inclinar na direção dela para cravar os dentes, bem de leve, no seu macio lábio inferior.

— Se você continuar assim — avisou Eve —, vamos ter que cobrar ingressos para esse show.

— Pode-se dizer que ainda somos recém-casados. É socialmente aceitável que pombinhos como nós se agarrem em público.

— Até parece que você liga para o que é socialmente aceitável! — Ela colocou a mão no peito dele e o afastou um pouco, empurrando-o a uma distância segura. — Estou vendo que você conseguiu lotar o seu teatro. Imagino que tenha planejado isso. — Ela se virou para passar os olhos novamente por toda a platéia.

Eve não sabia muita coisa sobre arquitetura e design, mas percebeu que o lugar esbanjava classe. Imaginou que Roarke contratara as melhores cabeças e talentos disponíveis para restaurar o antigo prédio e trazê-lo de volta à sua glória original.

As pessoas entraram e saíram da enorme platéia espalhada em vários andares, durante o intervalo, e o som de suas vozes se elevou em um rugido de humanidade. Alguns estavam vestidos para arrasar o quarteirão, por assim dizer. Outros usavam roupas em estilo mais casual, botas com solado amortecido a ar e casacões imensos em estilo retrô, tamanho GG, que mais pareciam coletes à prova de balas, mas eram o sucesso daquele inverno.

Com os lindos afrescos pintados nos tetos estonteantemente altos, os quilômetros de tapetes vermelhos e hectares de acabamentos folheados a ouro, a casa de espetáculos fora reformada segundo as especificações exatas fornecidas por Roarke. Tudo o que ele possuía era feito de acordo com suas especificações e, pensou Eve, Roarke na verdade era dono de quase tudo o que podia ser comprado no universo conhecido.

Aquilo era uma coisa à qual ela ainda não estava acostumada de todo e duvidava algum dia conseguir aceitar isso por completo ou se sentir à vontade. Mas Roarke era assim mesmo, e os dois haviam se aceitado, para o bem e para o mal.

Nos doze meses que haviam passado desde o primeiro encontro, eles já haviam experimentado o bastante das duas coisas.

— É um tremendo lugar esse aqui, meu chapa. Não deu para perceber a grandiosidade do espaço pelos modelos com projeção holográfica.

— Modelos só servem para fornecer idéias sobre a estrutura e a ambientação. Um teatro precisa de gente, do cheiro e do barulho das pessoas para causar impacto.

— Se você diz, eu acredito. Por que motivo você escolheu essa peça, em especial, para a inauguração do lugar?

— Trata-se de uma trama que prende a atenção e fala de temas eternos, como as grandes histórias costumam fazer. Amor, traição, assassinato, tudo embrulhado no mesmo pacote. Além disso, consegui um elenco de estrelas.

— Sim, e sua marca registrada está em toda parte. Mesmo assim, Leonard Vole é culpado. — Eve estreitou os olhos como se tentasse ver através das cortinas vermelhas e douradas, ainda fechadas, e tentou avaliar e julgar os personagens. — A mulher dele é uma figura muito fria, deve ter algum trunfo sob a manga. O advogado dele também é bom.

— O cargo dele, no sistema inglês, é *barrister* — corrigiu Roarke. — A peça se passa em Londres, em meados do século vinte. *Barrister era* o advogado de tribunal, no sistema judiciário daquela época.

— Se você diz... Os figurinos também estão lindos.

— E autênticos, de cerca de 1952. Quando *Testemunha de Acusação* foi lançado no cinema, transformouse em um sucesso fenomenal, e a história manteve o charme até hoje. A película também teve um elenco de estrelas. — Roarke possuía o filme em sua videoteca digital, é claro. Tinha particular predileção por filmes em preto-e-branco do início e meados do século vinte.

Algumas pessoas viam apenas o preto e o branco nos filmes antigos. Ele via as sombras. Isso, ele imaginava, era algo que sua mulher compreendia muito bem.

— A produção fez um bom trabalho, pois escalou atores que refletem os personagens originais sem abrir mão do seu estilo pessoal — explicou ele a Eve. — Precisamos assistir ao filme uma hora dessas para você julgar por si mesma.

Ele também inspecionava o teatro de cima a baixo, com os olhos. Por mais que lhe agradasse uma noite em companhia da esposa, era um homem de negócios. A peça era um investimento.

— Creio que vamos ter uma boa temporada, com casa cheia.

— Olhe, lá está Mira. — Eve se inclinou um pouco para a frente ao avistar a psiquiatra que trabalhava como consultora da polícia, elegante como sempre em um vestido longo, reto, de cor branca. — Ela está com o marido e outro casal, é o que me parece.

— Quer que eu envie uma mensagem para ela? Poderíamos convidá-los para tomar um drinque depois do espetáculo.

Eve abriu a boca, pensativa, mas ao olhar o perfil de Roarke decidiu:

— Não. Hoje não. Tenho outros planos.

— Ah, tem...?

— Sim, qual é o problema?

— Nenhum. — Ele completou a taça de champanhe de Eve. — Ainda temos alguns minutos antes de começar o próximo ato. Por que não me conta o motivo dessa sua certeza de que Leonard Vole é culpado?

— Ele é esperto demais para ser inocente. Não tão esperto quanto você, é claro — acrescentou, fazendo Roarke sorrir. — No caso dele, a esperteza é uma espécie de... como é que se chama?... verniz. No seu caso, a esperteza não é superficial, e vai até os ossos.

— Querida, isso é um elogio.

— De qualquer modo, esse cara está armando alguma coisa. Até que se finge bem de homem inocente que não perdeu a esperança, mas está em maré de azar. O problema é que sujeitos muito bonitos com esposas igualmente lindas não perdem o seu tempo com mulheres menos atraentes e mais velhas, a não ser que planejem alguma coisa. No caso dele, isso é bem mais do que arrumar grana para vender um utensílio de cozinha inventado por ele.

Eve tomou um gole de champanhe e se recostou na poltrona, enquanto as luzes piscavam para sinalizar o fim do intervalo.

— A esposa dele sabe que ele é culpado — sentenciou Eve. — *Ela* é a chave da história, e não ele. Ela é a peça principal. Se eu estivesse investigando esse crime, era ela que eu iria investigar. Pode crer... Eu ia ter um papo longo e produtivo com Christine Vole.

— Então você está gostando da peça.

— Sim, o texto é muito inteligente.

Quando as cortinas se abriram para o segundo ato, Roarke observou Eve em vez de acompanhar

o drama de tribunal sobre o palco.

Sua mulher era, pensou Roarke, a mais fascinante das mulheres. Poucas horas antes, ela chegara em casa com sangue na blusa. Felizmente o sangue não era dela. O caso que provocou a mancha fora aberto e fechado quase de imediato, e o morto pelo qual ela lutara obteve justiça por meio de uma confissão que ela arrancara do assassino uma hora depois do crime.

Nem sempre a coisa era tão *simplística,* supondo que essa fosse a palavra exata. Já a vira à beira da estafa e arriscando a vida, a fim de trazer justiça para os mortos.

Aquela era apenas uma das miríades de facetas que Eve exibia, e ele admirava todas.

Agora ela estava ali, por causa dele, envergando um vestido de noite preto, muito elegante, e a única joia que usava era o diamante que ele lhe dera e que escorria como uma lágrima entre seus seios, além da aliança de casada. Seus cabelos eram curtos e formavam uma massa descuidada em dezenas de tons de castanho.

Ela estava muito atenta à peça, analisando tudo com seus frios olhos de tira, dissecando, Roarke imaginava, cada prova, cada motivo e cada personagem do drama, exatamente como faria se um caso de verdade caísse em suas mãos. Sua boca não estava pintada. Ela raramente se lembrava de passar batom. Seu rosto forte e o queixo com aquela covinha adorável, em estilo "sou assim mesmo e daí...?", não precisavam de maquiagem.

Ele observou com atenção a reação dela, a boca que se apertou e os olhos que cintilaram e se estreitaram no instante em que a personagem Christine Vole subiu à tribuna para depor e traiu o próprio marido.

— Ela planeja alguma coisa. Eu lhe disse que ela estava armando alguma...

— Disse mesmo... — Roarke fez os dedos dançarem ao longo das costas de Eve.

— Ela está mentindo — murmurou Eve. — Não em tudo, apenas uma mentira aqui e outra ali. Onde é que a faca entra nessa história? Tudo bem, ele se cortou com ela, mas esse não é um ponto vital da trama. A faca é uma pista falsa. Nem ao menos é a arma do crime, a qual, diga-se de passagem, ninguém apresentou como prova até agora. Isso é uma falha. Mas, se ele se cortou fatiando pão com a faca, como todo mundo concorda que aconteceu, por que eles precisam dela nessa história?

— Das duas, uma: ou ele se cortou de propósito para explicar o sangue na manga da camisa, ou foi realmente um acidente, como ele próprio afirma.

— Não importa, é cortina de fumaça. — O cenho dela se franziu. — Puxa, ele é bom. — A voz dela mudou para um tom mais baixo e vibrava devido à intensa antipatia que Eve sentia por

Leonard Vole. — Olhe só para ele sentado ali no... como é o nome daquilo?

— Banco do réu.

— Isso!... Ele está só ali sentado no banco do réu, parecendo chocado e arrasado pelo testemunho da esposa.

— E não está?

— Tem alguma coisa errada. Vou descobrir o que é.

Eve gostava de colocar a cabeça para trabalhar e analisava todos os ângulos de uma história e suas reviravoltas. Antes de conhecer Roarke, ela jamais assistira a uma peça de teatro inteira daquele jeito, ao vivo. Costumava assistir a uma ou outra coisa no telão, e deixara sua amiga Mavis arrastá-la para algumas peças de teatro holográficas, ao longo dos anos. Era obrigada a admitir, porém, que ver os artistas atuando ao vivo, dizendo as frases e se movendo de verdade diante dela, elevava o espetáculo a um nível inigualável.

Havia um encanto especial em se sentar em uma sala às escuras, assistir à ação ao vivo, tornar-se parte da trama e, ao mesmo tempo, ficar afastado o bastante para não ser atingido de verdade pelo resultado final.

Isso removia a responsabilidade pelo que acontecesse, pensou Eve. A viúva tola e rica que se permitira ter o próprio crânio esmagado não esperava que a tenente Eve Dallas encontrasse as respostas. Tal detalhe tornava a busca por elas um jogo interessante.

Se as coisas acontecessem como Roarke planejava — e raramente era de outra forma —, aquela viúva rica iria morrer seis noites por semana, e mais em duas matinês, por uma temporada muito, muito longa, para diversão e entretenimento de platéias lotadas de detetives de poltrona.

— Ele não vale nada — murmurou Eve, tão envolvida pela ação que se mostrou irritada com os personagens. — Ela está se sacrificando, fazendo cena para o júri, tentando se mostrar como oportunista, uma mulher que usava o marido, uma megera sem coração. Faz isso tudo porque o ama. E ele não vale nada.

— Mas é de imaginar — comentou Roarke — que ela simplesmente o está traindo e entregando de bandeja às feras.

— Hum-hum — disse Eve, balançando a cabeça para os lados. — Ela inverteu as coisas para parecer a vilã da história. Para quem o júri está olhando nesse momento? Ela é o centro das atenções, e ele é apenas um otário. Muito esperto da parte dela fazer isso. Se ao menos ele valesse o trabalho, mas não vale. Será que ela não percebe isso?

— Observe e descubra.

— Conte apenas se eu estou certa.

— Não. — Ele se inclinou e a beijou no rosto.

— Não o quê?... Eu não estou certa?

— Não, eu não vou contar, e se você continuar tagarelando vai perder as sutilezas dos diálogos.

Eve olhou para ele com cara feia e ficou calada, assistindo ao resto do drama que se desenrolava no palco. Girou os olhos de impaciência quando o veredicto de inocente foi anunciado no palco. Jurados, pensou. Não dava para confiar neles nem na ficção nem na vida real. Um júri composto por doze tiras decentes teria condenado o safado. Ela começou a dizer isso, mas parou para acompanhar Christine Vole no momento em que a personagem tentava passar através de uma massa de pessoas iradas, os personagens que haviam assistido ao julgamento e queriam o seu sangue, até que ela conseguiu se refugiar em uma sala vazia, no canto do palco.

Eve concordou com a cabeça ao ver Christine Vole confessar suas mentiras e artimanhas ao advogado de defesa de Leonard.

— Viu só? Ela sabia que ele era culpado. *Sabia* o tempo todo e mentiu só para salvá-lo. Idiota. Ele vai escapar da prisão numa boa, mas depois vai dar um chute na bunda de sua salvadora. Espere só pra ver.

Eve virou o rosto ao ouvir a gargalhada que Roarke soltara.

— Que foi? — quis saber ela.

— Tenho a impressão de que *dame* Christie iria gostar muito de conhecer você, querida.

— Quem é essa tal de *dame* Christie? Shh!... Lá vem ele. Veja só o seu olhar convencido e vitorioso.

Leonard Vole atravessou o tribunal montado sobre o palco comemorando sua absolvição e trazendo pendurada no braço uma morena sinuosa em um vestido apertado. *Outra mulher,* pensou Eve. *Que grande surpresa,* debochou para si mesma. Sentiu pena e frustração por Christine, que se lançou nos braços de Leonard, tentando abraçá-lo.

Acompanhou a arrogância dele, o ar atônito e chocado de Christine e a raiva de Sir Wilfred, seu advogado de defesa. Tudo era exatamente conforme Eve esperava, embora ela reconhecesse que os atores estavam ótimos. De repente, ela se levantou da cadeira de um salto.

— Filho-da-mãe!

— Sente-se, garota. — Deliciado com a reação da esposa, Roarke puxou Eve de volta para a poltrona enquanto, no palco, Christine Vole apanhava a faca que pegara na mesa de provas e a enfiava no coração traidor de seu marido.

— Filho-da-mãe! — repetiu Eve. — Por essa eu não esperava. Ela executou o safado!

Sim, Roarke tornou a pensar. Agatha Christie teria adorado conhecer a sua Eve. Sir Wilfred ecoou as palavras de Eve enquanto as pessoas corriam sobre o palco para se debruçar sobre o corpo e levar Christine Vole para fora dali.

— Tem algo errado. — Mais uma vez, Eve se levantou da poltrona, mas agora o seu sangue corria mais depressa nas veias. Dessa vez ela agarrou o corrimão do camarote firmemente, com as duas mãos, e seus olhos se fixaram no palco. — Tem algo errado. Como é que se chega lá embaixo?

— Eve, é apenas uma apresentação teatral.

— Alguém ali não está fingindo. — Empurrando a poltrona para trás, Eve saiu apressada do camarote, enquanto Roarke notava um dos extras ajoelhado ao lado do corpo se levantar e olhar, com ar confuso, para as mãos cobertas de sangue.

Ele alcançou Eve e a segurou pelo braço.

— Venha por aqui. Tem um elevador que vai nos levar direto aos bastidores. — Ele digitou uma senha no painel. Em algum lugar, abaixo deles, uma mulher começou a gritar.

— Esses gritos fazem parte da peça? — perguntou Eve, ao entrarem no elevador.

— Não.

— Certo. — Na mesma hora, ela pegou o comunicador na bolsa. — Aqui é a tenente Eve Dallas. Preciso de uma CTI móvel. Teatro New Globe, Broadway esquina com Rua 38. Condição do ferido ainda desconhecida.

— Ela pegou o comunicador de volta na bolsa no instante em que o elevador se abriu para o caos.

— Segurem essas pessoas e mantenham-nas sob controle. Não quero que ninguém do elenco saia do prédio, nem mesmo os figurantes. Você consegue contá-los para ver se ainda estão todos aqui?

— Vou cuidar disso.

Eles se separaram e Eve forçou a passagem até alcançar o palco. Alguém teve a presença de espírito de fechar as cortinas, mas por trás delas havia um monte de gente em diversos estágios de histeria.

— Para trás! — A ordem foi dada com firmeza.

— Precisamos de um médico. — A loura de olhos frios que desempenhara o papel de mulher de Leonard Vole estava em pé, com as duas mãos cruzadas sobre o peito. Havia sangue em sua roupa e em suas mãos. — Meu Deus, por favor, alguém chame um médico!

Mas Eve se agachou ao lado do homem esparramado sobre o palco com a cara para baixo e viu que era tarde demais para médicos. Ela se levantou e exibiu o distintivo.

— Sou a tenente Dallas, do Departamento de Polícia e Segurança de Nova York. Quero que todo mundo dê um passo para trás. Não toquem em nada nem removam objeto algum da área sobre o palco.

— Houve um acidente. — O ator que representava o papel de Sir Wilfred arrancou a peruca branca de advogado antigo que o personagem usava. Sua maquiagem escorria por causa do suor. — Um terrível acidente.

Eve olhou para a poça de sangue que se formava e para a faca de cozinha manchada de sangue até o cabo.

— Esta é a cena de um crime. Quero que todos vocês mantenham-se afastados. Onde é que a segurança deste lugar se meteu? — Ela esticou o braço e tocou no ombro da mulher que ainda via como Christine Vole. — Eu mandei dar um passo para trás. — Ao avistar Roarke vindo dos bastidores com três homens uniformizados, fez sinal para ele.

— Leve esse povo para fora do palco. Quero que eles fiquem confinados e me esperando. Deve haver um monte de camarins por aqui ou algo assim. Deixe-os todos juntos e mantenha os guardas de olho neles. Isso vale também para os técnicos.

— Ele está morto?

— Se não está morto, vai ganhar o prêmio de melhor ator do século.

— Precisamos levar também os espectadores para uma área reservada, a fim de manter tudo sob controle.

— Vá em frente e agite isso. Veja se consegue achar Mira por aí. Eu preciso dela.

— Eu o matei! — A loura deu dois passos cambaleantes para trás, exibindo as mãos

ensangüentadas e olhando para elas com terror. — Eu o matei! — repetiu e em seguida desmaiou.

— Ótimo. Maravilha! Roarke?...

— Deixe que eu cuido disso.

— Você! — Eve apontou o dedo para um dos guardas. — Comece a levar essas pessoas para os camarins e as mantenha lá. Você! — Apontou para outro guarda. — Vá reunir o resto da equipe e os técnicos. Quero todas as portas do teatro trancadas. Ninguém entra, ninguém sai.

Uma mulher começou a soluçar e vários homens puseram-se a discutir com as vozes alteradas. Eve contou até cinco, levantou o distintivo bem alto no ar e gritou:

— Agora, prestem atenção! Esta é uma investigação policial. Qualquer um que se recuse a cumprir as minhas determinações estará interferindo com o trabalho da polícia e será levado até a delegacia mais próxima, onde será mantido sob custódia. Quero este palco limpo e agora!

— Vamos nessa. — A morena que fez uma ponta no final da Peça como a namorada de Leonard Vole passou por cima da inconsciente Christine, com cuidado e graça. — Dois de vocês aí, fortões, poderiam levantar a estrela do chão, por favor? Eu preciso de um bom drinque! — Dizendo isso, girou a cabeça, lançando os olhos verdes muito claros e frios para todos em volta. — Tenho permissão para fazer isso, tenente?

— Desde que seja longe da minha cena de crime.

Satisfeita, Eve pegou o comunicador.

— Aqui fala a tenente Eve Dallas. — Tornou a se agachar ao lado do corpo. — Preciso de uma equipe de técnicos para examinar a cena de um crime, com urgência.

— Eve. — A Dra. Mira veio correndo pelo palco. — Roarke me disse que... — Ela parou de falar e olhou para o corpo. — Meu bom Deus! — Soltando o ar devagar, desviou o olhar para Eve. — O que posso fazer para ajudá-la?

— No momento, gostaria apenas que a senhora esperasse aqui. Não estou com o meu kit de serviço. Peabody já está vindo para cá. Solicitei também a equipe de técnicos e o legista, mas, até eles chegarem, a senhora vai ser a médica responsável e também vai funcionar como oficial de segurança designada pela polícia. Desculpe por estragar a sua noite.

Mira balançou a cabeça para os lados e fez menção de se ajoelhar ao lado do corpo.

— Não, doutora, cuidado com o sangue. A senhora vai prejudicar a integridade do crime e arruinar o seu vestido.

— Como isso aconteceu?

— Diga-me a senhora. Nós todos estávamos assistindo. Segundo meus apurados poderes de observação, já identifiquei a faca como a arma do crime. — Eve espalmou as mãos. — Não tenho nem mesmo a droga de uma lata de Seal-It, o spray selante. Onde, diabos, está Peabody?

Frustrada por não poder nem mesmo começar a examinar tudo de verdade nem dar início à investigação sem suas ferramentas, ela girou o corpo e avistou Roarke.

— Será que a senhora poderia ficar aqui para mim por um minuto, Dra. Mira?

Sem esperar pela resposta, Eve saiu do palco em largas passadas, rumo à coxia esquerda.

— Conte-me a história da faca na cena final. Como é que o instrumento funciona? — Eve perguntou a Roarke.

— É uma faca falsa. A lâmina se retrai quando apertada contra uma superfície sólida.

— Dessa vez não se retraiu — murmurou Eve. — Qual é o verdadeiro nome da vítima?

— Richard Draco. Um dos atores mais quentes dos palcos. Imagino que a essa altura ele já tenha esfriado bastante.

— Você o conhecia bem?

— Não muito. Nós nos encontramos apenas socialmente, algumas vezes, mas eu conhecia bem o seu trabalho. — Roarke enfiou as mãos nos bolsos e balançou o corpo para trás, sobre os calcanhares, olhando com atenção para os olhos esbugalhados de Draco. — Ele ganhou o Tony de melhor ator quatro vezes e conseguiu excelentes críticas nos filmes em que atuou. É um dos maiores nomes em termos de bilheteria, tanto no palco quanto na tela, e se mantém assim há alguns anos. Tem fama de difícil — continuou Roarke. — Algumas pessoas o consideram arrogante e infantil. Pula de uma mulher para outra e curte alguns estimulantes químicos que talvez não sejam considerados inócuos pelos códigos da polícia.

— E a mulher que o matou?

— Areena Mansfield. Atriz brilhante. Uma figura rara, sem estrelismos, muito dedicada à sua arte. Ela é muito respeitada nos círculos teatrais. Mora e trabalha em Londres, mas foi convencida a se mudar para Nova York por algum tempo, a fim de desempenhar este papel.

— Quem a convenceu?

— Em parte, eu mesmo. Já nos conhecemos há alguns anos e... Não - acrescentou ele, tornando a enfiar as mãos nos bolsos —, eu nunca dormi com ela.

— Não perguntei isso.

— Perguntou sim.

— Então está bem. Já que eu perguntei, vamos à pergunta seguinte. Por que você não dormiu com ela?

Um sorriso leve se insinuou na boca de Roarke.

— Inicialmente, porque ela tinha um marido. Depois, quando ela não estava mais casada... — ele passou a ponta do dedo sobre a covinha do queixo de Eve —, quem estava era eu. Minha esposa não aprecia muito que eu durma com outras mulheres. Ela é muito rigorosa com relação a isso.

— Sim, vou anotar esse detalhe. — Eve considerou suas opções e decidiu. — Você conhece um monte dessas pessoas ou pelo menos tem alguma noção a respeito delas. Vou querer conversar com você mais tarde. — Ela suspirou. — Oficialmente.

— É claro. É possível que tenha sido um acidente?

— Tudo é possível. Preciso examinar a faca, mas não posso nem tocar nela até Peabody aparecer aqui. Por que você não vai lá atrás dar tapinhas nas costas de seus funcionários para consolá-los? Aproveite e mantenha os ouvidos bem abertos.

— Você está me pedindo oficialmente para eu servir de assistente em uma investigação policial?

— Não, nada disso. — Apesar das circunstâncias, ela quase sorriu. — Disse apenas para você manter os ouvidos abertos. — Cutucou o peito dele com o dedo indicador. — E fique fora do meu caminho. Estou trabalhando.

Ela se virou para trás ao ouvir o *clop-clop* pesado que só poderia ser emitido por sapatos de tira.

Os de Peabody brilhavam tanto, que Eve conseguiu ver os reflexos do outro lado do palco. O casacão do uniforme de inverno estava abotoado até o pescoço e cobria seu corpo forte. Sua boina fora posicionada no ângulo certo sobre os cabelos escuros e lisos.

As duas cruzaram o palco, vindas uma de cada lado, e se encontraram junto do morto.

— Oi, Dra. Mira. — Peabody olhou para o corpo no chão e apertou os lábios. — Parece que

tivemos uma estréia e tanto!

Eve estendeu a mão para pegar o kit de serviço.

— Ligue o gravador, Peabody.

— Sim, senhora.

Como estava muito quente sob os refletores, Peabody tirou o casaco, dobrou-o com cuidado e o colocou de lado. Em seguida, prendeu o gravador na gola do paletó do uniforme.

— Gravando... — disse a Eve, que já cobria as mãos e os sapatos de noite com Seal-It.

— Aqui é a tenente Eve Dallas na cena de uma ocorrência, sobre o palco do teatro New Globe. Como auxiliares, tenho ao meu lado a policial Delia Peabody e a Dra. Charlotte Mira. A vítima é Richard Draco, sexo masculino, raça mista, aparentando cerca de cinqüenta anos.

Entregando a lata de Seal-It para Peabody, continuou:

— Causa da morte: esfaqueamento, ferida única. O exame visual e a mínima quantidade de sangue indicam um ferimento no coração.

Eve se agachou, pegou a faca com uma das mãos protegida pelo selante e continuou o relato:

— Pelo que parece, o ferimento foi causado por uma faca comum de cozinha, de lâmina serrilhada, com aproximadamente vinte centímetros.

— Vou medir e lacrar a prova, tenente.

— Ainda não — murmurou Eve. Analisou a faca, pegou os microóculos e tornou a examiná-la do cabo à ponta. — A avaliação inicial revela que não há mecanismo de retração da lâmina. Não se trata, portanto, de um instrumento cênico.

Eve levantou os microóculos e posicionou-os sobre a testa.

— Se não é um instrumento cênico, não foi acidente. — Entregando a faca para as mãos seladas de Peabody, sentenciou: — Trata-se de homicídio.

## CAPÍTULO DOIS

— Eu preciso da senhora — disse Eve a Mira, enquanto os peritos trabalhavam na cena do crime. O corpo de Draco fora ensacado, etiquetado e já estava a caminho do necrotério.

— Em que posso ajudá-la?

— Temos uns vinte policiais anotando o nome e o endereço das pessoas da platéia. — Eve não queria nem pensar na quantidade de homens-hora nem na montanha de papelada que seria gerada com a entrevista de duas mil testemunhas oculares. — Gostaria de dar início ao processo de interrogatório dos atores principais antes de liberá-los naquela noite. Não quero ninguém convocando advogados até eu conseguir ter uma noção geral do que ocorreu aqui.

*Aquilo teria de ser feito logo de cara,* pensou Eve, enquanto analisava o palco, o cenário e as fileiras e mais fileiras de poltronas forradas de veludo que haviam mantido a platéia em estado de total arrebatamento.

Alguém ali era frio e arrogante. Além de esperto.

— As pessoas se sentem à vontade com a senhora, doutora — continuou Eve. — Quero que Areena Mansfield se sinta confortável.

— Farei o que for possível.

— Obrigada, doutora. Peabody, venha comigo.

Eve cruzou o palco e seguiu através das coxias. Havia policiais espalhados por toda a área dos bastidores. Os civis estavam trancados atrás de salas fechadas ou amontoados, exibindo ar sofrido, em pequenos grupos.

— Qual é a chance, na sua opinião, de a mídia ficar fora dessa história até amanhã de manhã?

— Eu diria que "zero" — respondeu Peabody, olhando para Eve —, e assim mesmo estou sendo otimista.

— É... Policial! — chamou Eve, fazendo sinal para um guarda. — Quero sentinelas colocadas em todas as entradas e saídas.

— Isso já foi feito, senhora.

— Quero todos os guardas do lado de dentro. Ninguém sai do prédio, nem mesmo um policial. E ninguém entra, especialmente repórteres. Fui clara?

— Sim, senhora.

O corredor fazia uma curva e se estreitava. Eve olhou a porta e achou ligeiramente divertidas as estrelas douradas pregadas em várias delas. Placas com nomes estavam igualmente afixadas. Ela parou diante da porta onde se lia Areena Mansfield, bateu de leve e entrou.

Limitou-se a erguer as sobrancelhas ao ver Roarke sentado em um sofá forrado em azul-rei, segurando a mão de Areena.

A atriz ainda não retirara a maquiagem e, embora as lágrimas tivessem arrasado a pintura, ela continuava atônita. Seus olhos se fixaram em Eve assim que ela entrou e imediatamente se encheram de medo.

— Ah, minha nossa. Meu Deus! Eu vou ser presa?

— Preciso lhe fazer algumas perguntas, Srta. Mansfield.

— Eles não me deixaram nem mesmo trocar de roupa. Disseram que eu não podia fazer isso. Esse sangue dele... — Suas mãos vagaram diante da sua roupa de cena para em seguida se fecharem em punhos. — Não consigo agüentar isso.

— Sinto muito. Dra. Mira, será que a senhora poderia ajudar a Srta. Mansfield a trocar de roupa? Peabody vai levá-la como prova.

— Claro.

— Roarke, espere lá fora, por favor. — Eve foi até a porta e a abriu.

— Não se preocupe, Areena. A tenente vai esclarecer tudo. — Depois de dar um aperto confortador na mão da atriz, ele se levantou e passou por Eve.

— Eu pedi para você manter os ouvidos abertos, e não para ficar de intimidades com uma das minhas suspeitas.

— Tentar manter lúcida uma mulher histérica não significa "ficar de intimidades". — Ele soltou um suspiro profundo. — Bem que eu preciso de um conhaque.

— Pois então vá para casa e tome um lá. Não sei por quanto tempo vou ficar presa aqui.

— Creio que eu consigo achar o que preciso beber por aqui mesmo.

— Vá para casa — repetiu Eve. — Não há nada para você fazer aqui.

— Como eu não sou um dos seus suspeitos — acrescentou ele, com a voz serena —, e além disso sou o dono do teatro, creio que posso ir e vir conforme me convier.

Passando o dedo de leve sobre a bochecha de Eve, ele saiu.

— É o que você sempre faz — resmungou ela, e voltou para o camarim.

Eve achou a palavra *camarim* um termo um tanto inadequado para um espaço tão grande e luxuoso. Um toucador comprido, em tom de creme, exibia uma infinidade de potes, tubos, frascos e garrafas, todos arrumados com precisão militar. Na parede, diante de tudo que se apresentava, brilhava um espelho triplo com folhas largas, emoldurado por luzinhas brancas.

Havia ainda o sofá, várias poltronas aparentemente confortáveis, um AutoChef tamanho grande, uma unidade de refrigeração bem abastecida e um pequeno e atraente sistema de comunicação. Os figurinos ficavam pendurados em um closet comprido, cujas portas estavam abertas, e Eve notou que as vestimentas de época e as roupas comuns estavam arrumadas com tanta precisão quanto a maquiagem.

Em todas as mesas e espalhados pelo chão havia arranjos de flores. O ar pesado de tanto perfume fez Eve se lembrar de casamentos e até de funerais.

— Obrigada. Muito obrigada. — Areena tremia de leve enquanto Mira a ajudava a vestir um robe longo branco. — Não sei por quanto tempo mais eu teria agüentado... Gostaria de tirar a maquiagem. — Colocou a mão na garganta. — Isso faria com que me sentisse eu mesma.

— Vá em frente. — Eve se recostou confortavelmente em uma das poltronas. — Esse depoimento será gravado. A senhora compreende isso?

— Eu não compreendo nada. — Com um suspiro profundo, Areena se sentou no pufe acolchoado diante do espelho de maquiagem. — Minha mente parece enevoada, como se as coisas estivessem acontecendo mais devagar ou fora de sincronia.

— É normal essa reação — garantiu-lhe Mira. — Geralmente falar sobre o evento que provocou o choque e rever os detalhes, para que eles possam ser enfrentados, ajudam a resolver o problema.

— Sim, creio que tem razão. — Olhando pelo espelho, ela se dirigiu a Eve: — A senhora precisa me fazer perguntas, e isso tem que ficar registrado. Tudo bem, vamos logo com isso.

— Ligar o gravador, Peabody! Aqui é a tenente Eve Dallas, colhendo o depoimento de Areena Mansfield. O local da gravação é o camarim da atriz, no teatro New Globe. Também estão presentes a policial Delia Peabody e a Dra. Charlotte Mira.

Enquanto Areena retirava a pesada maquiagem com um creme, Eve lia os seus direitos e deveres, conforme a lei determinava.

— Compreendeu bem os seus direitos e responsabilidades, Srta. Mansfield?

— Sim, mais um capítulo do pesadelo. — Fechando os olhos, ela tentou visualizar um campo absolutamente branco, puro, sereno e silencioso. Mas só conseguia enxergar sangue. — Ele está morto? Richard está realmente morto?

— Sim.

— Eu o matei! Eu o esfaqueei. — Um tremor desceu-lhe pelos ombros. — Um monte de vezes — disse ela, abrindo novamente os olhos para encarar os de Eve na parte central do espelho triplo. — Pelo menos umas dez vezes nós ensaiamos aquela cena. Quisemos coreografar tudo com precisão para provocar mais impacto. O que saiu errado? Por que a lâmina não se retraiu ao encostar nele? — A primeira sensação de raiva surgiu em seus olhos. — Como isso pode ter acontecido?

— Vamos rever a cena passo a passo. Você é Christine. Durante o julgamento você o protegeu, mentiu por ele. Arruinou a sua vida por causa dele. Então, depois de tudo isso, ele a descarta, arranja outra mulher, uma mulher mais jovem, e desfila com ela na sua frente, ainda no tribunal.

— Eu o amava. Ele era uma obsessão... Meu amante, meu marido, meu filho, tudo em uma só pessoa. — Ela ergueu os ombros. — Acima de tudo, Christine amava Leonard Vole. Ela sabia quem ele era e o que fizera, mas isso não importava. Ela seria capaz de morrer por ele, de tão profundo e obsessivo que era o seu amor.

Mais calma agora, Areena atirou os pedaços de algodão usados na unidade de reciclagem e se virou no pufe. Seu rosto pálido parecia mármore branco, e os olhos estavam vermelhos e inchados. Mesmo assim, ela irradiava beleza.

— Naquele momento, todas as mulheres da platéia compreendem a personagem. Mesmo que jamais tenham sentido um amor tão intenso, de algum modo gostariam de tê-lo vivido. Então, quando ela percebe que, depois de tudo o que fez por aquele homem, ele a descarta com facilidade, quando finalmente compreende o que ele é, ela apanha a faca.

Areena levantou o punho, como se estivesse segurando a arma pelo cabo.

— Desespero? Não, ela é uma criatura de ação. Jamais passiva. Tudo se passa em um instante, em um impulso, mas é um impulso visceral e profundo. Ela enfia a faca nele ao mesmo tempo que o abraça. Amor e ódio, ambos igualmente imensos, ambos dentro dela naquele instante.

Olhando para a mão que levantara, viu que ela começou a tremer.

— Deus... Por Deus!... — Em um movimento súbito e frenético, abriu uma gaveta do toucador.

Com a rapidez de um relâmpago, Eve já estava em pé, agarrando o pulso de Areena.

— Eu... é apenas... um cigarro — ela conseguiu dizer. — Sei que é proibido fumar aqui dentro, mas quero um cigarro. — Tentou se desvencilhar de Eve. — Preciso da droga de um cigarro!

Eve olhou para o fundo da gaveta e viu um maço de caríssimos cigarros feitos à base de ervas.

— Estamos gravando tudo. Você vai conseguir uma multa automática por fumar em um lugar fechado. — Dizendo isso, deu um passo pra trás.

— Meus nervos estão em frangalhos. — Ela tentou acender o cigarro, sem sucesso, com a mão trêmula, até que Mira se inclinou, pegou o isqueiro de sua mão, com gentileza, e o acendeu. — Obrigada. Muito bem. — Areena deu uma tragada forte e soltou a fumaça bem devagar. — Desculpem. Normalmente eu não sou assim tão... frágil. O mundo do teatro transforma a fragilidade das pessoas em farelo, e bem depressa.

— Você está indo muito bem — elogiou Mira, mantendo a voz calma e suave. — Colocar tudo para fora diante da tenente Dallas vai ajudá-la.

— Não sei o que dizer. — Areena olhou de volta para Mira com a confiança que Eve queria ver nela. — Simplesmente aconteceu.

— Quando você pegou a faca — interrompeu Eve —, viu alguma coisa diferente?

— Diferente? — Areena piscou ao focar os olhos mais uma vez em Eve. — Não. Ela estava exatamente onde deveria estar, posicionada na minha direção para tornar o movimento mais rápido e eficiente. Eu a levantei com a lateral da lâmina voltada para a platéia, a fim de provocar um instante de choque. A iluminação do palco foi projetada para cintilar sobre a faca, especialmente na borda. Então, eu o ataquei. São apenas dois passos da mesa até Richard. Eu agarrei seu braço direito entre o cotovelo e o ombro com a minha mão esquerda, segurando com firmeza enquanto levava a direita para trás, e então... — ela inspirou profundamente antes de continuar — ... o impacto da faca cênica com o peito dele faz estourar o saquinho com sangue falso. Nós dois permanecemos parados por um instante, menos de um segundo, e então os outros personagens no palco me puxam para longe dele.

— Que tipo de relação existia entre você e Richard Draco?

— Como assim?

— Seu relacionamento com Draco. Fale-me disso.

— Eu e Richard? — Areena apertou os lábios com força, e sua mão correu-lhe pelo peito acima, a fim de massagear a base da garganta, como se as palavras estivessem presas lá sob a forma de farpas. — Já nos conhecemos há vários anos, trabalhamos juntos antes, e, recentemente, estivemos na montagem londrina de *Meu Coração Tem Dois Donos.*

— E pessoalmente?

Houve uma hesitação quase imperceptível, mas Eve reparou e guardou a informação para si mesma.

— Éramos amigos um do outro — afirmou Areena. — Como disse, já nos conhecemos há anos. A mídia, em Londres, insinuou que havia um romance entre nós, nessa última temporada. A peça era romântica. Nós até que curtimos os boatos que apareceram, pois eram bons para a bilheteria. Eu estava casada na época, mas isso não impedia o público de nos ver como um casal, e então nos divertíamos com essa história.

— Mas nunca incentivaram essa imagem.

— Eu era casada. Além disso, sou esperta o bastante para saber que Richard não era o tipo de homem pelo qual vale a pena jogar um casamento fora.

— Por que diz isso?

— Ele é um bom ator. Era — corrigiu-se ela, engolindo em seco antes de dar uma última tragada no cigarro. — Não era, no entanto, grande coisa como ser humano. Sei que isso parece cruel e terrível de falar. — Sua mão voltou à garganta, e os dedos se agitaram um pouco ali. — Sinto-me péssima por dizer isso, mas eu... quero ser tão franca quanto possível, embora tenha medo... Fico apavorada só de pensar que a senhora ache que eu desejava que tal fato acontecesse.

— No momento eu não acho nada. Quero que a senhorita me fale de Richard Draco.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela respirou fundo e sugou o resto do cigarro como se ele fosse um canudo. — Outras pessoas vão lhe contar isso mesmo. Richard era muito autocentrado e egocêntrico, como muitos... como a maioria de nós, do ramo artístico. Não tinha nada contra sua pessoa por causa disso. E agarrei com unhas e dentes a oportunidade de trabalhar com ele nesta peça.

— E você conhece mais alguém que, sabendo que ele não é grande coisa como ser humano, possa alimentar algum ressentimento sério contra ele?

— Creio que Richard insultou ou ofendeu todas as pessoas ligadas a esta produção, em algum

momento. — Apertando o espaço entre os olhos com a ponta do indicador e o polegar, como se tentasse aliviar a pressão que sentia ali, continuou: — Certamente existem à nossa volta sentimentos feridos, reclamações, resmungos e mágoas. O mundo do teatro é assim.

O mundo do teatro, na opinião de Eve, era realmente muito estranho. As pessoas se debulhavam em lágrimas e ofereciam monólogos elaborados e atropelados em uma situação em que qualquer advogado as teria aconselhado a dizer "sim", "não" ou "cale a boca". Explicavam todos os detalhes, esticavam o assunto, e muitos deles conseguiam transformar a morte de um colega em um drama no qual eles próprios se tornavam a personagem principal.

— Noventa por cento de tudo o que ouvimos é papo furado, Peabody.

— Já percebi. — Peabody atravessava os bastidores, tentando olhar ao mesmo tempo para tudo à sua volta. — Mas até que aqui é um lugar legal. Todas essas luzes, o fundo de palco holográfico, e tem ainda algumas roupas maravilhosas de outras épocas, se você curte estilos antigos de moda. Não acha que seria a maior emoção ficar ali na frente, com todas aquelas pessoas olhando para você, Dallas?

— Acho assustador. Vamos ter que liberar algumas dessas pessoas, antes que elas comecem a choramingar e reclamar sobre seus direitos civis.

— Detesto quando isso acontece.

Eve exibiu uma careta e analisou o seu caderninho de anotações.

— Até agora conseguimos um perfil bem interessante da vítima. Ninguém afirma isso com todas as letras, mas ele era bem odiado. Mesmo quando as pessoas não querem usar palavras duras, acabam passando essa impressão ao enxugarem lágrimas de mágoa nos olhos. Vou dar mais uma olhada lá atrás. Vá em frente e mande os guardas começarem a liberar as pessoas. Certifique-se de que pegamos todos os dados importantes sobre elas, e lembre-lhes que todos devem se manter à disposição da polícia. Marque alguns depoimentos para amanhã.

— Na Central ou na casa delas?

— Vamos manter a coisa mais leve e ir até elas. Pelo menos por enquanto. Depois que você resolver tudo, está dispensada. Encontre-me na Central às oito da manhã em ponto.

— Você vai para casa? — perguntou Peabody, mudando o peso do corpo de um pé para outro.

— Em algum momento, sim.

— Posso ficar aqui até você ir embora.

— Não há necessidade. Vamos render mais se começarmos o dia de amanhã bem descansadas. Encaixe quantos interrogatórios conseguir. Quero falar com o máximo de pessoas o mais rápido possível. E quero um novo papo com Areena Mansfield.

— Sim, senhora. Lindo vestido — acrescentou Peabody, ao guardar a agenda eletrônica. — É melhor mandar lavar essas manchas de sangue e a pasta que os peritos usaram, antes que elas grudem de vez no tecido.

Eve olhou para baixo e fez cara feia ao se ver com o elegante vestido longo de noite, preto, que descia em corte reto.

— Droga! Detesto trabalhar com roupa inadequada. — Dando meia-volta, seguiu com passos decididos para os bastidores, onde um guarda estava de sentinela ao lado de um armário imenso, trancado.

— A chave! — Ela estendeu a mão, e o guarda pegou uma chave no fundo de um saco plástico para guardar provas. — Alguém tentou mexer nesse armário?

— O contra-regra voltou aqui para pegar alguma coisa... É um cara idoso e estava muito abalado, mas não insistiu.

— Ótimo. Vá lá na frente e avise aos peritos que eles podem vir examinar essa área em dez minutos.

— Sim, senhora.

Sozinha, Eve destrancou o armário e escancarou as portas duplas. Franziu o cenho ao notar caixas de charutos, um aparelho de telefone antigo e alguns outros itens cuidadosamente arrumados sob uma placa onde se lia Escritório de Sir Wilfred.

Outra seção exibia peças de palco que haviam sido usadas na cena do bar. A seção onde se lia Tribunal estava vazia. Pelo visto, o contra-regra era muito eficiente em seu trabalho e guardava no devido lugar todos os objetos e elementos cênicos usados logo após a cena ter sido apresentada.

Alguém tão meticuloso não teria confundido uma faca de cozinha com uma de palco.

— Tenente Dallas?

Eve olhou para trás. A jovem morena que entrou em cena apenas no final do último ato veio caminhando através das sombras das coxias até ser iluminada pelas luzes dos bastidores. Ela

trocara a roupa que usara na peça por um macacão preto simples. Seus cabelos estavam bem arrumados. Ela desmanchara o penteado ondulado que usara em cena, e os fios lhe escorriam retos em um lindo tom de castanho até o meio das costas.

— Espero não estar atrapalhando o seu trabalho. — Ela exibia um leve sotaque sulista, tinha voz suave e continuava se aproximando, com um sorriso descontraído no rosto. — Gostaria de trocar algumas palavrinhas com a senhora. Sua auxiliar me disse que eu já estou livre para ir para casa.

— Exato... — Eve tentou se lembrar dos nomes na lista de elenco que ela analisara depois do assassinato — Srta. Landsdowne.

— Carly Landsdowne. Faço o papel de Diane nessa peça trágica. — Ela desviou os grandes olhos verdes para o armário do contra-regra. — Espero que a senhora não esteja imaginando que Pete tenha algo a ver com o que aconteceu a Richard. O velho Pete seria incapaz de matar uma mosca, mesmo que ela estivesse zumbindo dentro do seu ouvido.

— Esse Pete é o contra-regra, suponho?

— Sim, um homem bom e absolutamente inofensivo. Não posso dizer o mesmo de todos os que trabalham neste pequeno circo.

— Obviamente. Você quer falar comigo a respeito de algo, especificamente?

— Apenas dizer o que eu duvido que a maioria das outras pessoas vá admitir, pelo menos de início. Todos odiavam Richard.

— Inclusive você?

— Ah, sem dúvida! — Ela disse isso com um sorriso brilhante. — Ele atropelava as suas falas sempre que tinha oportunidade, roubava a sua cena e fazia de tudo para atrair a atenção do público para si. Fora do palco era um vermezinho desprezível. Seu mundo girava em torno de um único sol: seu próprio ego.

Ela encolheu os ombros de leve e continuou:

— A senhora vai ouvir isso de alguém, de qualquer modo. Então eu achei melhor que partisse de mim. Fomos amantes durante algum tempo. Tudo acabou há duas semanas, com uma cena desagradável. Richard adorava armar ceninhas nojentas e ensaiou essa, em especial, para causar impacto. Aconteceu durante o nosso primeiro ensaio geral.

— Imagino que ele tenha rompido com você.

— Sim, rompeu. — Ela disse isso sem aparentar muita importância, mas o brilho nos seus olhos

verdes mostrou a Eve que a mágoa ainda fervia dentro dela. — Ele veio para cima de mim com todo o seu charme e, quando eu estava fisgada, fez questão de me humilhar na frente de todo o elenco e a equipe técnica. Esse é o meu primeiro trabalho em uma produção da Broadway.

Ela olhou em volta e, embora seus lábios se curvassem, o sorriso que exibiam era cortante como vidro quebrado.

— Eu era inexperiente, tenente, mas amadureci rápido. Não vou me dar ao trabalho de dizer que sinto muito por ele estar morto. Quero apenas que saiba que eu não creio que ele fosse alguém que valesse a pena assassinar.

— Você estava apaixonada por ele?

— Não tenho tempo para o amor nessa fase da minha carreira, mas creio que estava... deslumbrada. Do mesmo modo, creio, que a minha personagem estava deslumbrada por Leonard Vole. Duvido que alguém envolvido com a montagem dessa peça não guarde algum rancor de Richard. Quero declarar o meu logo de cara.

— Eu lhe agradeço por isso. Você disse que ele a humilhou. De que modo?

— No ensaio da última cena, aquela em que eu surjo de braços dados com ele no tribunal e enfrentamos Christine. Ele interrompeu a minha fala na hora em que eu me dirijo a ela e fez o maior escândalo, andando pelo palco e afirmando, aos gritos, que eu não expressava emoção nenhuma.

Seus lábios se apertaram e seus olhos cintilaram, antes de ela continuar.

— Ele comparou minha falta de paixão e estilo ao meu desempenho na cama, e me chamou de caipira burra, que tentava compensar a falta de talento com uma beleza apenas mediana e um bom par de seios.

Carly ajeitou o cabelo, um gesto distraído que contrastava com a fúria de seus olhos.

— Ele ainda disse mais. Afirmou que eu era insuportavelmente chata e que, embora ele tivesse se divertido comigo durante algum tempo, se eu não demonstrasse a mínima capacidade para ser atriz, ele iria providenciar outra pessoa para fazer o papel.

— E isso tudo pegou você completamente de surpresa?

— Ele era uma cobra. Cobras atacam de repente, porque são covardes. Eu reagi e lhe disse alguns desaforos de volta, mas sem muito vigor. Não estava preparada e me senti morta de vergonha. Richard saiu do palco de queixo empinado e se trancou no camarim. O assistente do diretor foi até ele, para tentar acalmá-lo, e acabamos repetindo a cena com o substituto de

Richard.

— Quem é o substituto dele?

— Michael Proctor. Ele é muito bom, por falar nisso.

— E se a peça continuar em cartaz é ele quem vai ficar com o papel principal?

— Imagino que essa seja uma decisão dos produtores, mas não me surpreenderia se tal acontecesse, pelo menos nas primeiras apresentações.

— Agradeço muito pelas informações, Srta. Landsdowne. — Tanta informação entregue de bandeja, pensou Eve, era sempre suspeita.

— Não tenho nada a esconder. — Ela deu de ombros mais uma vez e manteve os imensos olhos verdes fixos em Eve. — Mesmo que eu tivesse, suponho que a senhora iria desenterrar tudo mesmo. Ouvi muitas histórias a respeito da tira que é a mulher de Roarke, nos últimos meses. O criminoso escolheu exatamente a noite em que a senhora estaria na platéia para cometer um assassinato. É preciso muita arrogância para isso, a senhora não acha?

— Sempre é necessário ter muita arrogância para tirar a vida de outra pessoa. Vamos manter contato, Srta. Landsdowne.

— Ah, sim, sem dúvida.

Eve esperou até que a jovem estivesse novamente perto das coxias para dizer:

— Mais uma pergunta...

— Sim, tenente?

— Você também não gosta muito de Areena Mansfield, não é?

— Não sinto nada de especial por ela, seja bom ou ruim. — Carly deixou tombar a cabeça meio de lado e ergueu uma das sobrancelhas. — Por que pergunta isso?

— Você não se mostrou muito solidária quando ela desmaiou.

O sorriso fulgurante voltou a seus lábios, pronto para alcançar a última fileira do teatro.

— Foi um desmaio cheio de charme, a senhora não achou? Atores, tenente Dallas..., não se pode confiar neles.

Lançando os cabelos para trás com um gesto casual, ela fez a sua saída de cena.

— Afinal... — murmurou Eve —, quem está atuando nessa história?

— Tenente! — Uma das peritas, uma moça com rostinho jovem, veio andando na direção de Eve. Sua roupa de trabalho, acolchoada e cheia de bolsos, fazia barulhos esquisitos a cada passo que ela dava. — Achei um brinquedinho aqui que imagino que a senhora vá querer ver.

— Ora, ora... — Eve pegou o saco lacrado que recebeu e apertou os lábios ao analisar a faca lá dentro. Através do plástico transparente, apertou a ponta da faca e a viu se retrair. — Onde achou isso... — Eve procurou o nome bordado no peito da roupa de trabalho da jovem. — Lombowsky?

— No fundo de um vaso de rosas vermelhas naturais, de cabo longo. Flores lindas, por sinal. O lugar estava cheio de flores, parecia até o funeral de um Chefe de Estado ou algo assim. É o camarim de Areena Mansfield.

— Bom trabalho.

— Obrigada, tenente.

— Você sabe onde Areena Mansfield se encontra?

— Ela está na sala do elenco com seu par.

— Meu par? Quem, Peabody?

— Não, senhora. Seu marido. — Lombowsky esperou até Eve olhar novamente para a faca cênica que fora achada antes de ousar erguer as próprias sobrancelhas. Aquela fora a primeira vez que ela vira Roarke de perto, e o considerou um homem digno de análise com os olhos arregalados.

— Acabe de examinar tudo, Lombowsky.

— Sim, tenente.

Eve foi caminhando para fora do palco e viu Peabody saindo de um camarim.

— Já marquei quatro depoimentos — informou ela.

— Ótimo. Houve uma mudança de planos para hoje à noite — avisou Eve, segurando a faca falsa. — Os peritos encontraram isto aqui no camarim de Areena Mansfield, enfiada no meio de algumas rosas.

— Você vai abrir uma denúncia contra ela baseada nisso?

— Sim, eu poderia acusá-la, mas o advogado dela iria conseguir para ela um *habeas corpus* antes mesmo de eu chegar à Central. A história é realmente furada; não acha, Peabody? Ela o mata diante de um teatro lotado de testemunhas e esconde a faca falsa que deveria ser usada na cena em seu próprio camarim? Ou é muito esperta, ou muito idiota. — Eve balançou o saco plástico que trazia na mão. — Vamos ver o que ela tem a dizer a respeito. Onde fica a sala do elenco?

— No andar de baixo. Podemos ir pelas escadas.

— Então, vamos. Você conhece alguma coisa sobre atores?

— Claro. Os partidários da Família Livre são ótimos em todos os tipos de manifestação artística. Minha mãe fez um pouco de teatro quando eu era menina e dois primos meus são atores. Fazem teatro e algumas coisas para a tevê. E minha bisavó foi artista performática em São Francisco, antes de se aposentar. E tem também o meu...

— Tudo bem, tudo bem, já entendi. — Balançando a cabeça, Eve foi descendo as escadas. — Como é que você agüentou toda essas pessoas fazendo parte da sua vida?

— Eu gosto de gente — respondeu Peabody, alegremente.

— Por quê?

Uma vez que aquela não era uma pergunta que exigisse uma resposta, Peabody apontou para a esquerda quando elas chegaram ao pé da escada.

— Você gosta das pessoas também. Só finge ser rabugenta.

— Eu sou rabugenta. E, quando liberar Areena Mansfield ou os advogados dela fizerem isso, quero você na cola dela. Caso ela vá para casa, coloque dois guardas de sentinela vigiando, na rua. Temos pessoal suficiente para isso. Quero saber tudo o que ela faz e para onde vai.

— Quer que eu pesquise todo o passado dela?

— Não, pode deixar que eu cuido disso.

Eve abriu a porta da sala do elenco. Como tudo em que Roarke colocava as mãos, estava longe de ser um ambiente modesto. Obviamente ele queria todo o conforto para seus talentosos artistas e não poupara despesas para assegurar isso.

Havia duas áreas de estar independentes, com vários sofás de veludo, e ao lado de cada um via-se um criado androide. No fundo da sala havia um adendo em L e ali estava instalado um

AutoChef que Eve imaginou estar completamente abastecido, além de um refrigerador de porta transparente onde podiam ser vistas uma variedade de bebidas geladas e uma mesa menor ao lado, com um sistema computadorizado de última geração.

Roarke estava sentado, à vontade demais para o gosto de Eve, ao lado de Areena, em um dos estofados da ala direita, e fazia girar com a mão um cálice de conhaque. Os olhos dele, uma visão azul relampejante, desviaram-se de Areena, fixaram-se no rosto de sua mulher e continuaram a brilhar, fazendo Eve se lembrar da primeira vez em que o vira cara a cara.

Ele não paparicava uma mulher suspeita de homicídio naquela ocasião. Ele mesmo era o suspeito.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso dolente e confiante.

— Olá, Peabody! — cumprimentou ele, mas seus olhos continuaram grudados em Eve.

— Preciso lhe fazer algumas perguntas, Srta. Mansfield.

Areena piscou ao olhar para Eve e balançou as mãos, denotando surpresa.

— Oh, mas eu achei que já havíamos terminado por hoje. Roarke acabou de providenciar um transporte para me levar de volta à minha cobertura.

— O transporte pode esperar. Comece a gravar, Peabody. Eu preciso recitar novamente os seus deveres e obrigações com relação a esta investigação, Srta. Mansfield?

— Eu... — A mão que balançava ancorou-se em sua garganta e ficou descansando ali. — Não. Só que não imagino o que mais eu poderia lhe contar que já não tenha feito.

— Reconhece isto? — Eve atirou o saco lacrado com a faca cênica na frente dela sobre a mesa.

— Isso parece... — Sua mão, ainda trêmula, se lançou para a frente e então fechou-se em um punho e tornou a se recolher. — É a faca com lâmina retrátil! É a arma cênica que deveria estar no cenário quando... Meu Deus, onde a senhora a encontrou?

— Dentro do seu camarim, escondida entre caules de rosas vermelhas, no fundo de um jarro.

— Não. Não! — Muito devagar, Areena balançou a cabeça para os lados. Cruzou os braços sobre o peito e enterrou os dedos nos ombros. — Não pode ser!

Se ela estava representando, refletiu Eve, demonstrava uma atuação muito boa. Os olhos estavam vidrados, os lábios e dedos ficaram trêmulos.

— Não só pode, como aconteceu. É um fato. Como foi que ela chegou até lá?

— Não sei. Eu lhe afirmo que não sei. — Em um movimento enérgico e súbito, Areena se colocou em pé. Seus olhos já não estavam vidrados agora, mas selvagens e agitados. — Alguém a colocou lá. A pessoa que trocou as facas foi a mesma que a colocou lá. Querem que eu seja apontada como culpada pela morte de Richard. Alguém quer que eu pague por isso. Já não é o bastante, por Deus...? Já não é o bastante que tenha sido eu a pessoa que o matou?

Ela estendeu a mão como se estivesse na pele de Lady Macbeth olhando o sangue das próprias mãos, embora ele já tivesse sido removido.

— Por quê? — A voz de Eve era fria e firme. — Por que não atirar a faca falsa em um canto qualquer ou jogá-la em uma máquina de reciclagem? Por que alguém iria escondê-la no seu camarim?

— Não posso imaginar quem me odiaria a esse ponto. Quanto a Richard... — Lágrimas brilharam em seus olhos e escorreram de forma glamourosa quando ela virou o rosto. — Roarke. Você me conhece. Por favor, ajude-me. Diga a ela que eu seria incapaz de fazer uma coisa dessas.

— Quaisquer que sejam as respostas, ela vai encontrá-las, Areena. — Ele se levantou e deixou que ela se atirasse em seus braços, chorando, enquanto olhava para Eve por sobre a cabeça da atriz. — Ela pode ter certeza disso, não pode, tenente?

— Você é o representante dela? — reagiu Eve, recebendo de Roarke apenas o erguer de uma sobrancelha. — Quem mais além de você tinha acesso ao camarim, Srta. Mansfield?

— Não sei. Qualquer um, para falar a verdade, tanto do elenco quanto da equipe técnica. Eu não tranco a porta, porque isso me incomoda. — Com a cabeça ainda apoiada no ombro de Roarke, ela respirou fundo várias vezes a fim de se acalmar.

— Quem lhe enviou as rosas e as trouxe para cá?

— Não sei. Havia tantas flores. Minha camareira guardou os cartões. Ela deve ter assinalado as flores que acompanhavam as mensagens. Um dos rapazes de entrega trouxe algumas delas. As pessoas entraram e saíram daqui sem parar até trinta minutos antes de as cortinas se abrirem. É o momento a partir do qual eu não recebo mais ninguém para poder me preparar.

— A senhorita voltou ao camarim logo depois da cena inicial, além de outras vezes, para mudanças de roupa ao longo do espetáculo?

— Exato. — Mais calma, Areena se afastou de Roarke e olhou para Eve. — Troco de roupa cinco vezes. Minha camareira estava comigo. Ela esteve comigo em cada uma das trocas de

roupa.

— E qual é o nome da sua camareira? — perguntou Eve, pegando um bloquinho.

— Tricia. Tricia Beets. Ela confirmará que não fui eu que escondi a faca cênica. Tricia lhe dirá tudo, pergunte a ela.

— Farei isso. Minha auxiliar vai escoltá-la até a sua cobertura.

— Estou liberada?

— Por ora, sim. Manteremos contato. Desligue o gravador, Peabody. Leve a Srta. Mansfield para casa.

— Sim, senhora.

Areena pegou o casaco que colocara sobre o encosto do sofá e o entregou a Roarke de um jeito que Eve foi obrigada a apreciar. Era um gesto feminino, que mostrava a sua confiança de que sempre haveria um homem ao seu lado para ajudá-la a vestir o agasalho.

— Quero que a senhora agarre quem cometeu este crime, tenente Dallas. Quero muito. Apesar do fato de que, mesmo depois que o culpado tenha sido preso e punido, eu sempre saberei que foi a minha mão que provocou a morte de Richard. Sempre saberei disso.

Ela se virou para trás e tocou as costas da mão de Roarke de leve com a ponta dos dedos.

— Obrigada, Roarke. Não conseguiria ter suportado tudo o que aconteceu aqui esta noite sem você.

— Descanse um pouco, Areena.

— Espero conseguir. — Com a cabeça baixa, ela se retirou, Peabody seguindo-a logo atrás, com o corpo reto.

Franzindo o cenho, Eve pegou o saco com a faca e tornou a guardá-lo no kit de serviço.

— Ela bem que gostaria de deixar bem claro para mim que você nunca dormiu com ela.

— Você acha?

O leve tom de diversão na voz dele foi o bastante para Eve se empertigar.

— E você bem que gostou da situação, não foi?

— Os homens são uns safados. — Dando um passo à frente, ele acariciou-lhe o rosto com os dedos. — Minha querida Eve, está com ciúme?

— Se eu ficasse verde de ciúme com todas as mulheres com as quais você transou, e mais verde ainda com as que queriam que você tivesse dormido com elas e continuam querendo, iria passar cada minuto da minha vida parecendo a floresta amazônica.

Ela fez menção de dar meia-volta e afastou a mão dele, que tentou segurá-la pelo braço.

— Tira a mão!

— Não tiro não. — Para provar isso, ele segurou-lhe o outro braço também e a puxou com firmeza na sua direção. Um ar bem-humorado estava estampado em seu rosto e também, *droga,* uma ternura contra a qual Eve não teve defesa. — Eu amo você, Eve.

— É, tá legal.

Ele riu, inclinou a cabeça para baixo e mordiscou-lhe o lábio inferior, com carinho.

— Sua tolinha romântica.

— Sabe qual é o seu problema, garotão?

— Não. Por que não me conta?

— Você é um orgasmo ambulante. — Eve teve a satisfação de ver os olhos dele se arregalarem.

— Não sei se essa é uma declaração indiscutivelmente elogiosa.

— Não era para ser mesmo. — Era muito raro conseguir penetrar o verniz brilhante que o cobria e atingilo bem no fundo, pensou Eve. Foi isso que a agradou tanto. — Vou procurar a camareira de Areena Mansfield para ver se ela confirma a história. Depois disso o meu trabalho se encerra por hoje. Posso fazer algumas pesquisas sobre as pessoas a caminho de casa.

Roarke pegou o seu casaco e o dela, conseguiu se recompor e avisou:

— Acho que você vai estar ocupada demais a caminho de casa para fazer pesquisas sobre essas pessoas.

— Ocupada com o quê?

Ele segurou-lhe o casaco antes que ela o arrancasse da sua mão e o vestisse sozinha. Girando os olhos com impaciência, Eve se virou de costas e enfiou os braços nas mangas, enquanto Roarke o

segurava para ela. Em seguida emitiu uma gargalhada meio abafada quando ele cochichou em seu ouvido uma sugestão particularmente criativa.

— Não dá para ficar nessa posição na parte de trás de uma limusine.

— Quer apostar?

— Vinte paus.

Ele a pegou pela mão e a conduziu para fora.

— Combinado.

Ela perdeu a aposta, mas foi um dinheiro bem gasto.

*"Já que era preciso ser feito, que fosse feito logo e depressa. "*

*Pois bem... Foi feito, muito bem feito e certamente aconteceu depressa. Ouso citar esse trecho da peça escocesa enquanto escrevo aqui, sem ninguém ao lado. Assassinato. Ou será que, como disse a personagem Christine Vole em nossa inteligente peça, ela foi apenas a executora da sentença?*

*É tolice de minha parte registrar meus pensamentos. Mas eles falam tão alto aqui dentro, são tão grandes, tão coloridos e brilhantes que me causa espanto que o mundo exterior não consiga vê-los explodindo em mil cores a partir da minha cabeça. Acho que falar tudo isso em voz alta em um lugar onde ninguém poderá ouvi-los talvez ajude a silenciá-los. Porque tais pensamentos devem ser silenciados, devem permanecer enterrados. Este ê um momento difícil e eu preciso me controlar.*

*Os riscos foram altos antes de tudo acontecer, mas como eu poderia saber ou imaginar como seria a sensação até vê-lo morto e sangrando no meio do palco? Tão imóvel... Completamente imóvel sob as luzes brancas dos refletores.*

*É melhor não pensar nisso.*

*É hora de pensar em mim. Preciso ter cautela, usar de esperteza. E, acima de tudo, manter a calma. Não houve erros, e não deve haver nenhum agora. Vou aquietar meus pensamentos e enterrá-los no fundo do coração.*

*Apesar de a minha vontade ser a de gritar em júbilo:*

*"Richard Draco está morto."*

## CAPÍTULO TRÊS

Considerando o estado do equipamento disponibilizado para ela na Central de Polícia, Eve resolveu economizar tempo e evitar frustrações rodando as pesquisas iniciais em seu computador de casa. Roarke adorava brinquedos topo de linha, e tanto o sistema de comunicações quanto o computador do escritório doméstico de Eve faziam o lixo da Central se parecer com as máquinas obsoletas do século vinte.

Imagem que, aliás, não ficava muito longe da realidade.

Andando de um lado para outro com a segunda xícara de café na mão, ouviu a voz computadorizada que informava os detalhes oficiais da vida de Areena Mansfield.

*Areena Mansfield, nascida Jane Stoops, veio ao mundo no dia 8 de novembro de 2018. Nasceu em Wichita, Kansas. Os pais são Adalaide Munch e Joseph Stoops, que mantinham um acordo de coabitação, dissolvido em 2027. Possui um irmão, Donald Stoops, nascido em 12 de agosto de 2022.*

Eve deixou o sistema relatar os dados sobre educação mais para constar... todas as informações eram as de hábito, até o momento em que ela se matriculou, no Instituto de Arte Dramática de Nova York, aos quinze anos.

*Deu o fora do Kansas na primeira oportunidade que apareceu,* refletiu Eve, sem conseguir culpá-la por isso. Afinal, o que será que havia de interessante para fazer no Kansas, em meio a todo aquele trigo e milho?

A vida profissional de Areena começara cedo. Foi modelo quando ainda era adolescente, participou de algumas peças e passou um curto período em Hollywood antes de voltar ao teatro.

— Sim, sim, blablablá... — Eve se virou para a máquina e pediu: — Computador, listar todos os antecedentes criminais e todas as prisões.

*Processando...*

O computador trabalhava com silenciosa eficiência. Eve bufou de deboche ao compará-lo

mentalmente com a inútil pilha de chips e circuitos que ela era obrigada a aturar na Central.

— Hoje em dia é preciso casar com um bilionário para conseguir um computador decente.

*Busca completada...*

*Posse de drogas ilegais, em Nova Los Angeles, no ano de 2040.*

— Agora estamos começando a nos entender. — Intrigada, Eve se sentou atrás do console. — Continuar a busca!

*Um acordo entre acusação e defesa resultou em liberdade condicional, com exigência de um período de reabilitação padrão para a usuária, o qual foi cumprido no Centro de Reabilitação Keith Richard, em Nova Los Angeles.*

*Em 2044 recebeu uma nova acusação de consumo de drogas, com agravante secundária por atentado ao pudor, em Nova York. Foi determinado um segundo período de reabilitação, cumprido na Clínica New Life, também na cidade de Nova York.*

*Não há outras atividades criminais associadas ao nome pesquisado.*

— Já está ótimo. Quais eram as drogas que ela usava?

*Processando... Os arquivos indicam que se tratava de uma combinação não especificada de Ecstasy e Zoner, nos dois casos.*

— Não especificada, hein...? Isso livra a sua cara, não é?

*Por favor, repita a pergunta.*

— Deixa pra lá. Pesquisar e listar os dados relativos à sua vida pessoal, períodos de coabitação e/ou casamento oficializado.

*Processando... Licença para coabitação formal emitida em Nova Los Angeles para Areena Mansfield e Broderic Peters, de junho de 2048 a abril de 2049, ocasião em que a união foi dissolvida por mútuo interesse. Uma licença de casamento foi emitida em Londres, Inglaterra, para Areena Mansfield e Lawrence Baristol, em setembro de 2053. Solicitação de divórcio Mansfield* versus *Baristol foi solicitada em janeiro de 2057 e aceita sem ressalvas pela Justiça. Nenhuma das relações registradas resultou em filhos, nem a de coabitação nem a de casamento.*

— Certo. Agora, listar todos os créditos profissionais de Areena Mansfield nas produções em que Richard Draco também esteve envolvido.

*Processando...* Asas Partidas, *produção montada fora do circuito da Broadway, de maio a outubro de 2038. A pesquisada e Richard Draco fizeram papéis secundários durante toda a temporada. Estrelaram uma produção feita para a tevê chamada* Morrer por Amor, *com gravações em Nova Los Angeles, em 2040. Em fevereiro de 2044, realizaram uma produção para o mercado de vídeo, em Nova York, chamada X*eque-Mate, *onde foram os protagonistas. Estrelaram a produção teatral montada em Londres, com o nome de* Meu Coração Tem Dois Donos, *que ficou em cartaz de fevereiro a junho de 2054.*

— Que coincidência interessante nessas datas — murmurou Eve, esticando o braço de forma distraída para afagar as orelhas do gato gordo que pulara sobre a sua mesa. No instante em que Galahad se instalou confortavelmente diante da tela do computador, Eve notou que Roarke passava com toda a calma e charme através da porta que conectava seus dois escritórios.

— Você não mencionou que Areena costumava consumir drogas ilegais.

— *Costumava* é a palavra certa aqui. Isso é relevante?

— Tudo é relevante. Você tem certeza de que esse interesse dela por drogas é coisa do passado?

— Pelo que me consta, ela está limpa há doze anos. — Quando ele se sentou na beira da mesa,

Galahad foi deslizando silenciosamente até onde ele estava e encostou a cabeça na mão de dedos longos de Roarke. — Você não acredita em recuperação, tenente?

— Eu me casei com você, não casei?

Como isso o fez sorrir, ela virou a cabeça meio de lado e perguntou:

— Você também não mencionou que ela e Draco participaram juntos de várias produções ao longo dos anos.

— Você não perguntou.

— As datas de dois dos trabalhos que fizeram juntos coincidem com os processos que ela recebeu por envolvimento com drogas.

— Ah. Humm. — Roarke fez Galahad experimentar um momento de êxtase felino com um dos seus dedos sobre o pêlo espesso do animal.

— Qual era o grau de intimidade entre eles, Roarke?

— Talvez eles tenham tido um envolvimento. Dizem os boatos que rolou um caso entre eles por ocasião dessa última produção, em Londres. Eu só conheci Areena há alguns anos, quando ela ainda era casada e morava em Londres. Nunca a tinha visto com Richard até montarmos o elenco para esta peça. — Ele ergueu um ombro e se serviu do restinho do café de Eve.

— Quando eu for pesquisar os antecedentes da vítima, também vou encontrar registros de envolvimento com drogas?

— Provavelmente, sim. Se Areena continua usando drogas, é discreta e profissional. Nunca faltou aos ensaios nem se mostrava temperamental. Por outro lado, eu não usaria a palavra *discreto* para descrever Draco, embora ele desempenhasse o seu papel muito bem. Além do mais, se os dois estavam envolvidos sexual ou romanticamente, faziam isso a portas trancadas.

— Ninguém consegue ser discreto o bastante, o tempo todo. Se andavam transando, alguém mais sabia. E, se andavam deitando, rolando e usando drogas, isso nos dá novas perspectivas.

— Quer que eu descubra isso para você?

Eve se levantou e se inclinou para a frente até encostar o nariz no de Roarke.

— Não. E para não haver alguma parte do que falei que você não tenha entendido muito bem deixe-me repetir: não! Entendeu agora?

— Acho que sim. Tenho uma reunião em São Francisco daqui a algumas horas. Summerset sabe como me encontrar, caso você precise de mim.

Na mesma hora, Eve fez uma careta sincera ao ouvir o nome do mordomo e assistente pessoal de Roarke, um sujeito empertigado e mal-humorado.

— Não vou precisar, não — garantiu ela.

— Devo estar de volta antes das nove da noite. — Ele se levantou e acariciou-lhe as laterais do corpo de baixo para cima com as mãos e tornou a descê-las até parar na altura dos quadris. — Pode deixar que eu ligo, caso me atrase.

Eve percebeu que o aviso implícito era o de que ela não ficaria sozinha à noite, quando os pesadelos a atormentavam.

— Você não precisa se preocupar comigo.

— Eu gosto.

Ele baixou a cabeça para lhe dar um beijo leve, mas ela mudou o tom e a textura do contato entre seus lábios, puxando-o com mais força para junto de si, com a boca quente e cheia de desejo. Suas mãos agarraram os cabelos dele e ela sentiu o próprio sangue acelerando no instante em que o soltou.

Apreciou então a visão dos olhos dele, que pareceram ficar mais escuros em meio à respiração acelerada.

— Ora... por que fez isso? — perguntou ele.

— Eu gosto — afirmou ela e pegou a xícara de café vazia. — Até mais. — Lançou-lhe um sorriso por sobre o ombro e seguiu na direção da cozinha para pegar mais café.

Eve conferiu as chamadas que recebera em seu *tele-link* de casa, no portátil, no aparelho do carro e no sistema da Central. Contou um total de vinte e três ligações desde a meia-noite, contando somente as de repórteres; o tom dessas chamadas variava de pedidos cantarolados e charmosos a súplicas e vagas ameaças, além de sutis ofertas de suborno. Seis delas, feitas de vários locais diferentes e com crescentes níveis de frustração e pressa, haviam sido feitas por Nadine Furst, do Canal 75.

Elas eram amigas, fato que continuava a surpreender Eve. Porém, para ambas, negócios eram negócios. Nadine queria uma entrevista exclusiva com a investigadora principal da morte de

Ela ignorou todas as ligações da mídia, sem exceção, pediu para Peabody ficar em sua sala e ouviu o curto recado deixado pelo comandante da Central de Polícia.

Curto demais até. Ele a queria em sua sala naquele mesmo instante.

Ainda nem eram oito da manhã.

O comandante Whitney não a deixou esperando. Seu assistente a encaminhou direto para a sala onde Whitney, atrás de sua mesa, fazia malabarismos com as ligações que recebia.

Seus dedos grandes tamborilavam a mesa, denotando impaciência, mas ele apontou para uma cadeira assim que Eve entrou. Em seguida, continuou a lidar com o seu *tele-link,* a voz calma e objetiva, o rosto largo e muito moreno completamente impassível, sem deixar transparecer qualquer coisa.

— Vamos oferecer uma entrevista coletiva às duas horas. Não, senhor, não é possível antecipá-la. Sim, eu sei muito bem que Richard Draco era uma celebridade, que a imprensa exige detalhes, e é por isso que vamos receber toda a mídia às duas da tarde. A investigadora principal estará preparada. O relatório dela já está sobre a minha mesa — garantiu ele, erguendo uma sobrancelha ao olhar para Eve.

Ela se levantou na mesma hora e entregou-lhe um disco.

— Vou entrar em contato com o senhor assim que tiver analisado a situação. — Pela primeira vez desde o momento em que Eve entrara na sala, um pouco de irritação transpareceu no rosto de Whitney. — Prefeito Bianci, não vem ao caso o fato de Richard Draco ser ou não uma figura notável do mundo das artes, a verdade é que ele está morto. Estou com um homicídio nas mãos, e a investigação ocorrerá com toda a segurança e espírito de iniciativa. Exato, senhor. Duas da tarde — repetiu, encerrando a ligação e retirando o fone de ouvido que usava.

— Políticos! — Foi tudo o que disse.

Ele se recostou e massageou um ponto tenso na base do pescoço, antes de continuar.

— Li o relatório preliminar que você me enviou ontem à noite, tenente. Temos uma situação delicada aqui.

— Sim, senhor, e essa situação delicada deve estar passando por uma autópsia neste exato momento.

Os lábios dele se curvaram no que poderia ser descrito como quase um sorriso.

— Você não é muito de ir ao teatro, não é verdade, Dallas?

— Consigo uma boa parcela de entretenimento teatral nas ruas, senhor.

— "O mundo é um palco" — citou Whitney. — A essa altura, você já deve estar ciente de que a vítima era uma celebridade das mais famosas. A sua morte ocorrida em público e de uma forma, digamos assim... dramática, é notícia, e notícia das grandes. A história já correu todo o planeta e alcançou até locais fora dele, como uma corrente. Os elos são Richard Draco, Areena Mansfield, Roarke e você.

— Roarke não está envolvido nessa história. — Ao dizer isso, dúzias de minhocas encheram a cabeça de Eve.

— Ele é dono do teatro, tenente, foi quem produziu a peça e também, pelas informações que já me chegaram aos ouvidos, foi quem conseguiu convencer Richard Draco e Areena Mansfield a participarem da montagem. Isso é verdade, tenente?

— Sim, senhor. Comandante Whitney, se todos os crimes que ocorrerem em um local que pertence a Roarke ou com o qual ele tenha algum tipo de interesse ou ligação, ele estará envolvido com todos os tiras e criminosos do planeta, e em mais da metade dos locais fora da Terra.

Dessa vez Whitney sorriu de verdade.

— Bem lembrado, tenente. De qualquer modo — o sorriso desapareceu —, neste caso em particular, a ligação dele com você se torna mais aparente. E você está entre as testemunhas. Prefiro encarar isso como uma vantagem no momento. O fato de você estar na cena do crime e de ter sido capaz de cercar e isolar o lugar com rapidez evita que o caso se torne mais delicado do que já é. A mídia é que vai ser um problema.

— Com todo o respeito, senhor, a mídia é *sempre* um problema. Ele não disse nada por um momento, mas logo afirmou:

— Imagino que você já tenha lido algumas das manchetes de hoje.

Eve lera. Além das chamadas banais, como *Richard Draco Morre por sua Arte,* ela lera irritantes comentários que variavam em torno da seguinte idéia: "Foi um assassinato inaceitável! O renomado ator Richard Draco foi brutalmente esfaqueado e morto na noite passada, e o crime ocorreu debaixo do nariz da famosa detetive da Divisão de Homicídios, tenente Eve Dallas."

Os pedidos para a mídia ser discreta e imparcial nunca davam em nada.

— Pelo menos os jornalistas só se referiram a mim como esposa de Roarke no terceiro parágrafo.

— Eles vão usar você e seu marido para manter essa história na boca do povo.

Eve sabia disso e detestava o fato.

— Já trabalhei sob pressão da mídia antes, comandante.

— Eu sei. — Quando o *tele-link* de sua mesa tocou, Whitney apertou um botão e silenciou o aparelho, colocando-o em modo de espera. — Dallas, este não é um assassinato comum e é mais do que extraordinário. Trata-se de um caso que é, como os meus netos dizem, *muito suculento,* e você faz parte dele. Prepare-se com todo o cuidado para a entrevista coletiva das duas da tarde. Pode acreditar que os atores envolvidos vão ter grandes desempenhos diante das câmeras. Não vão conseguir se controlar e, à medida que isso acontecer, novas camadas irão cobrir a história original.

O comandante se recostou na cadeira e começou a dar pequenos tapas na própria coxa.

— Tenente, sei muito bem que você não gosta da agitação pública provocada pela atuação da mídia em casos como esse. Entretanto, deve encarar isso tudo como parte do trabalho. Não de declarações nem discuta nada relacionado a esse caso com nenhum repórter até a entrevista coletiva.

— Sim, senhor, nada direi.

— Quero isso resolvido logo. Já pressionei os legistas para liberarem logo o resultado da autópsia. O laboratório está em alerta total. Vamos seguir o manual de procedimentos página por página, mas quero que viremos essas páginas bem depressa. Areena Mansfield já contratou um advogado ou representante?

— Anda não.

— Interessante.

— Ela não deve demorar muito a fazer isso. Estava abalada, mas tenho a impressão de que vai querer um advogado assim que sua cabeça clarear um pouco. A camareira confirma que esteve junto de Areena em todas as trocas de roupa, mas tenho reservas quanto a isso, pois ela é uma mulher que idolatra Areena Mansfield. Enquanto isso, estou pesquisando o passado de todos os membros do elenco e da equipe técnica, o que vai levar algum tempo. Temos muitos atores e atrizes no espetáculo. Os interrogatórios vão ter início agora de manhã.

— É verdade que há estimativas de umas três mil testemunhas?

Só de pensar nisso, a cabeça de Eve latejou.

— Receio que sim, comandante. Obviamente nós não pudemos manter todas as pessoas da platéia confinadas no teatro por muito tempo. Anotamos o nome e a identidade de cada uma delas, bem como o seu local de residência, e depois as liberamos. Algumas declarações foram feitas porque, basicamente, as pessoas não conseguiam permanecer caladas. Muitos desses depoimentos, conforme já tive oportunidade de avaliar por alto, são sem sentido e essencialmente inúteis.

— Reparta os testemunhos do público pelos integrantes do nosso esquadrão. Chamarei detetives de outras divisões para ajudar, Tentaremos eliminar de cara alguns nomes para baixar esse número.

— Vou começar hoje mesmo, comandante.

— Delegue essas funções — ordenou ele. — Você não pode ficar presa em trabalhos burocráticos. Peça a Feeney para fazer o levantamento do passado dos membros do elenco e também dos técnicos. Quero o caso resolvido logo. Avise Feeney de que ele deve dar prioridade a essa pesquisa e deixar o caso em que está trabalhando de lado por algum tempo.

*Ele vai reclamar,* pensou Eve, mas ficou satisfeita pela chance de descarregar parte do trabalho sobre as costas do chefe dos detetives eletrônicos.

— Vou comunicar a sua ordem ao capitão Feeney de imediato, comandante, e vou também lhe mandar a lista com os nomes.

— Quero cópias de tudo. Depois da coletiva com a imprensa, tenente, quero que você me informe antes de dar qualquer declaração pessoal ou entrevista. Mais uma coisa, Dallas: pode se preparar porque você vai ver o seu rosto e o de seu marido nos noticiários, nos telões, em material impresso e até mesmo expostos nessas porcarias de dirigíveis turísticos, até a história perder o impacto. Se precisar de uma equipe maior, é só me avisar.

— Vou começar com o que já tenho. Obrigada, comandante.

— Esteja aqui nesta sala à uma e trinta para planejarmos o que será divulgado na entrevista coletiva.

Aquilo significava que Eve fora dispensada e, assim que saiu da sala, ela desceu pela passarela rolante. Antes de chegar ao seu andar, pegou o comunicador e entrou em contato com Feeney, na Divisão de Detecção Eletrônica — DDE.

— Oi, Dallas. Ouvi dizer que você assistiu a um tremendo espetáculo, ontem à noite.

— As resenhas da peça foram de matar, mas quero esquecê-las. Recebi ordens diretas do comandante. Vou enviar para você uma lista completa do elenco e da equipe técnica da peça,

além do restante do pessoal que trabalha no teatro. Vou querer pesquisas cuidadosas sobre cada pessoa com cruzamento de dados. Preciso especialmente de todas as ligações de cada uma delas com Richard Draco e/ou Areena Mansfield.

— Adoraria dar uma mãozinha nisso, Dallas, mas estou enterrado até o pescoço em trabalho.

— Essa ordem veio direto do comandante — repetiu. — Foi ele que mandou convocar você, meu chapa, não eu.

— Se é assim... droga! — O rosto envergonhado, tão típico de Feeney, encheu a tela de pesar. Eve viu o momento em que ele passou a mão pelos cabelos espetados e ralos, cor de ferrugem. — De quantos perfis estamos falando ao todo?

— Incluindo as pessoas que trabalharam no espetáculo como figurantes, os ajudantes de palco, os técnicos, os assistentes, o pessoal da parte burocrática, da manutenção e assim por diante? Dá mais ou menos umas quatrocentas.

— Minha nossa, Dallas!

— Eu já pesquisei Areena Mansfield, mas acho que você consegue ir mais fundo. — Em vez de sentir pena dele, Eve achou tudo muito divertido, e isso ajudou a aliviar sua cabeça ao passar pela sala de registros, a fim de chamar Peabody. — Whitney quer prioridade total nisso. Uma entrevista coletiva está marcada para as duas da tarde, e eu preciso do máximo de informações que vocês conseguirem reunir até lá. E há uma autorização para você usar quantas pessoas forem necessárias para realizar esse serviço.

— Puxa, isso não é o máximo?

— Para mim, é ótimo. Vou sair em campo. Peabody vai lhe passar a lista o mais rápido possível. Procure por ligações que envolvam sexo, Feeney.

— Quando você chegar à minha idade, vai parar um pouco de pensar nessas coisas.

— Rá-rá... Sexo e drogas ilegais. Eu já encontrei uma ligação. Vamos ver se aparecem outras. E vamos manter contato.

Eve guardou o comunicador e seguiu em frente, a caminho do andar de baixo, onde seu carro estava estacionado.

— Peabody, pode mandar as listas dos suspeitos e das testemunhas para Feeney. Vamos repassar todas as pesquisas de antecedentes para o pessoal da DDE.

— Bom para nós, Dallas. — Peabody pegou seu computador de mão e começou a transferir os

dados. — Quer dizer que o capitão Feeney vai usar McNab?

— Não perguntei. — Eve olhou para Peabody meio de lado e balançou a cabeça para os lados, enquanto digitava o código para destrancar o carro.

— Você quer saber, não quer, Dallas?

Eve entrou no veículo e deu partida no motor.

— Não sei sobre o que você está falando, Peabody.

— Sobre mim e McNab.

— No que me diz respeito, vocês não formam um casal. Isso não existe no meu mundo. Ignoro o fato de minha auxiliar estar tendo sessões esquisitas de sexo baseadas em puro tesão com um mauricinho ligado em roupas da moda que trabalha na DDE.

— É esquisito mesmo — admitiu Peabody e soltou um longo suspiro.

— Não quero falar desse assunto. Informe o endereço da nossa primeira visita — pediu Eve.

— Kenneth Stiles, que faz o papel de Sir Wilfred, o advogado. Ele mora na Park Avenue, n° 828, e o sexo é muito bom.

— Peabody!

— Você estava especulando.

— Não estava não. — Mas Eve franziu o cenho quando viu se formar em sua mente uma imagem muito nítida de Peabody e McNab juntos. — Mantenha a cabeça no trabalho.

— Ora, eu tenho um monte de compartimentos no cérebro. — Soltando um suspiro feliz, Peabody se recostou no banco e bateu com o dedo na têmpora. — Aqui tem lugar para guardar tudo.

— Então abra mais um espacinho para Kenneth Stiles e me faça um resumo de sua história.

— Sim, senhora. — De forma obediente, Peabody pegou novamente o computador portátil. — Kenneth Stiles tem cinqüenta e seis anos, nasceu e cresceu na cidade de Nova York, o que é raro. Foi criado no centro da cidade. Seus pais eram artistas. Não tem antecedentes criminais. Foi educado por um tutor particular durante todo o nível secundário, com aulas adicionais de encenação, design de palco, figurino e oratória.

— Ora, ora. Estamos lidando com um homem que tem o teatro nas veias.

— Sua primeira apresentação em um palco aconteceu aos dois anos de idade. O sujeito ganhou uma pilha de prêmios. Sempre trabalhou no teatro, nunca fez filmes. Um artista típico, eu aposto. Provavelmente é temperamental e emotivo.

— Isso vai ser divertido. Ele já havia trabalhado com Richard Draco antes?

— Várias vezes. E umas duas vezes com Areena Mansfield, a última delas em Londres. Ele está solteiro. Teve duas esposas e uma companheira em regime de coabitação.

Eve procurou um local para estacionar, desistiu da idéia e parou em frente ao edifício, que fora construído depois das Guerras Urbanas. Antes mesmo de saltar, o porteiro uniformizado já estava ao lado do carro.

— Sinto muito, madame, mas este é um local proibido para estacionar.

— E este é um distintivo — replicou Eve, exibindo sua identificação policial. — Vim ver Kenneth Stiles.

— O sr. Stiles ocupa o apartamento de n° 5000, no qüinquagésimo andar. O rapaz da recepção irá liberar a sua entrada. A madame poderá...

— Aqui está escrito "madame"? — perguntou Eve e esperou que o porteiro lesse com atenção o distintivo.

— Desculpe, tenente. A senhora gostaria de uma vaga coberta na garagem do prédio durante a sua visita? Um manobreiro trará o veículo de volta quando a senhora estiver para sair.

— Agradeço muito o seu gentil oferecimento, mas se eu lhe informar a senha para ligar o motor de uma viatura da polícia serei obrigada a prender a mim mesma por essa falta. O carro fica bem aqui.

Eve manteve o distintivo à vista e foi caminhando até o saguão do prédio, deixando para trás o porteiro, que ficou olhando com ar tristonho para o veículo policial verde-ervilha.

Eve não podia culpá-lo. A recepção do prédio era luxuosa e elegante, com vasos de latão cheios de flores brancas com cabo longo. Lajotões pretos imensos e quadrados revestiam o piso. Atrás de um balcão branco muito comprido uma mulher alta e esbelta estava sentada sobre um banco elevado e distribuía graciosos sorrisos de boas-vindas.

— Bom dia. Para onde devo encaminhá-las?

— Kenneth Stiles. — Eve colocou o distintivo sobre o balcão, ao lado de um jarro de latão que transbordava de flores.

— O sr. Stiles está à sua espera, tenente Dallas?

— É bom que esteja.

— Um momento, por favor. — Ela girou o corpo na direção de um *tele-link,* mantendo o sorriso inalterado e a voz com o tom suave e agradável típico de um androide caro e muito bem programado. — Bom dia, sr. Stiles. Estou com a tenente Dallas e a sua auxiliar no balcão da recepção. Posso mandá-las subir? — Esperou um segundo. — Obrigada. Tenha um lindo dia, sr. Stiles.

Virando-se novamente de frente, ela apontou o conjunto de elevadores que ficava à direita. — O último carro está liberado para seu uso. Tenha um lindo dia, tenente.

— Terei sim, pode apostar. Antigamente, eu ficava imaginando por que Roarke não usava mais androides — comentou com Peabody, enquanto atravessavam a grande extensão de lajotões pretos. — Quando encontro uma figura como essa, eu entendo. Esse jeito exageradamente educado me provoca arrepios.

A viagem até o qüinquagésimo andar foi tão rápida que o estômago de Eve foi parar nos pés e seus ouvidos estalaram. Ela nunca conseguira entender qual o motivo de as pessoas associarem lugares altos com luxo.

Outro androide estava à espera delas assim que as portas se abriram Eve concluiu que aquele devia ser um dos empregados domésticos de Stiles. Vestia uma roupa tão formal, cara e elaborada que fazia a roupa medonha do engomadinho Summerset parecer uniforme de mendigo. Seus cabelos em tom grisalho, prateados, estavam penteados para trás e combinavam com o pesado bigode que dominava o rosto magro e ossudo. O preto de seu fraque comprido contrastava com as luvas imaculadamente brancas.

Ele se curvou e falou com uma voz doce e um acentuado sotaque britânico:

— Tenente Dallas e policial ajudante, o sr. Stiles está à sua espera. Venham comigo, por favor.

Ele as conduziu ao longo do corredor de entrada até as portas duplas que se abriam para o amplo apartamento de quina. A primeira coisa que Eve notou ao entrar foi o janelão de vidro que ia do chão ao teto e dava para o agitado tráfego aéreo de Nova York. Preferia que Stiles estivesse com a tela de privacidade acionada.

A sala em si era vivamente colorida, decorada em tons de rubi, esmeralda e safira que se misturavam na padronagem dos estofados da imensa sala de estar em forma de U em um piso

rebaixado. No centro dela havia um pequeno lago de mármore onde gordos peixes dourados nadavam tediosamente em círculos, junto de lírios-d'água.

Um forte aroma cítrico vinha do elegante pomar de laranjeiras e limoeiros-anões carregados de pequenas frutas. O piso era revestido por um agitado padrão geométrico de cores que, ao ser analisado mais de perto, mostrava representar uma orgia erótica de corpos nus em criativas posições de cópula.

Eve caminhou através de seios azuis e pênis verdes até o local onde Stiles estava de pé — em uma pose estudada, avaliou Eve —, vestindo um manto cor de açafrão.

— Um tremendo lugar! — comentou Eve.

Ele sorriu, exibindo uma expressão surpreendentemente doce em seu rosto duro com feições fortes.

— Por que viver sem drama? Posso lhes oferecer algo antes de começarmos, tenente?

— Não, obrigada.

— Por enquanto *é* só, Walter. — Ele dispensou o androide com um aceno de mão e convidou Eve a se sentar. — Sei que isto é rotina para a senhora, tenente Dallas, mas para mim trata-se de um território novo e, devo confessar, um pouco empolgante.

— Ver um colega ser assassinado na sua frente o deixou empolgado?

— Depois do choque inicial, sim. Creio ser da natureza humana achar os assassinatos empolgantes e fascinantes, a senhora não acha? Não há outra explicação para o seu sucesso permanente ao longo das eras. Certo? — Os olhos dele eram castanho-escuros, profundos e muito astutos. — Eu poderia ter escolhido entre uma variedade de condutas para usar nessa nossa entrevista. Sou um ator muito versátil. Poderia me mostrar prostrado, nervoso, assustado, confuso ou pesaroso. Escolhi me mostrar honesto.

Eve se lembrou de Carly Landsdowne.

— Agir assim parece estar na moda — murmurou. — Peabody, comece a gravar — ordenou ao se sentar.

Na mesma hora, ela sentiu o corpo afundar em uma nuvem de almofadões macios. Mordendo o lábio para não soltar um palavrão, lançou o corpo para a frente na mesma hora, empertigou-se e sentou na beira do sofá. Depois de retomar o equilíbrio, informou os dados pertinentes e recitou o aviso padrão sobre os deveres do interrogado.

— O senhor compreendeu bem quais são os seus direitos e obrigações com relação a este depoimento, sr. Stiles?

— Certamente que sim. — Seu sorriso doce se espalhou novamente por todo o rosto. — Se me permite dizer, devo ressaltar que a senhora declama o seu texto com segurança e personalidade, tenente.

— É mesmo? Puxa, obrigada. Agora, diga-me qual era o seu relacionamento com Richard Draco.

— Éramos colegas de profissão. Ao longo dos anos, trabalhamos juntos algumas vezes, sendo que a mais recente foi na peça que teve uma estréia tão incomum na noite passada.

*Sim,* pensou Eve, *ele está curtindo tudo. Está adorando.*

— Não sei se podemos chamar de estréia no sentido que a senhora imagina — continuou ele. — Os atores geralmente... — Ele encenou um gesto vago com a mão e fez o bracelete com pedras coloridas que trazia no pulso cintilar alegremente. — Gravitam em torno uns dos outros; pode-se dizer que "egos e mentes parecidas se atraem". Casamos uns com os outros com uma regularidade preocupante. O relacionamento raramente dura muito, e acontece o mesmo com amizades temporárias entre atores que dividem o mesmo palco.

— De qualquer modo, o senhor conhecia Richard Draco há alguns anos.

— Sim, certamente o conhecia, mas nunca fomos amigos, por assim dizer. Para falar a verdade... — Ele fez uma nova pausa e seus olhos brilharam tanto quanto o bracelete. — Eu não só o menosprezava como também o odiava, além de considerá-lo um ser humano desprezível.

— Algum motivo em particular?

— Um monte deles. — Stiles lançou o corpo para a frente, como se fosse revelar confidências. — Ele era egoísta, egocêntrico, rude, arrogante. Todas essas características podem ser perdoadas e até mesmo apreciadas, pois o nosso trabalho exige um verniz de vaidade para ser bem realizado. Só que sob o verniz de Richard havia uma forte podridão de espírito. Ele usava as pessoas, tenente, adorava arrasar corações e almas. Não sinto nem um pouco pelo fato de ele estar morto, embora lamente a forma como esse falecimento tão literalmente "teatral" tenha ocorrido.

— Por quê?

— A peça é brilhante e eu adorava o meu papel. Este incidente vai provocar o adiamento ou, quem sabe, até o cancelamento de toda a temporada. Isso é muito inconveniente.

— Mas vai gerar um bocado de publicidade, e isso não vai lhe provocar danos.

— Não, claro que não — concordou Stiles, passando o dedo pelo queixo.

— E quando a peça reestrear vai ter casa cheia a cada apresentação, noite após noite.

— Ah, isso é verdade.

— Então a morte dele em público e de forma dramática foi, de certo modo, vantajosa.

— Muito esperta a sua forma de pensar, tenente — murmurou ele, olhando-a com mais atenção. — Temos uma história dentro de outra ocorrendo aqui, tenente, e a senhora a está desenvolvendo muito bem.

— O senhor tinha acesso à faca falsa. E o tempo necessário para trocá-la.

— Sim, imagino que sim. Que pensamento interessante! — Ele piscou várias vezes, como se estivesse processando os novos dados. — Sou um suspeito do crime. Que divertido! Até agora eu me considerava apenas uma testemunha. Ora, ora, muito bem... Sim, pode-se dizer que eu tinha a oportunidade, mas nenhum motivo real.

— O senhor acabou de declarar que odiava Richard Draco, e temos isso gravado.

— Ora, minha cara tenente, se eu promovesse a morte de todas as pessoas que desprezo e odeio, teríamos um palco lotado de corpos empilhados. A verdade, porém, é que, apesar de detestar Richard em nível pessoal, admirava o seu talento. Ele era um artista excepcional, e essa foi a única razão de eu ter concordado em trabalhar outra vez com ele. O mundo certamente se livrou de um homem mesquinho e desprezível, mas o teatro perdeu uma de suas mais brilhantes estrelas.

— E o senhor, um dos competidores mais fortes.

— Na verdade, não. — As sobrancelhas de Stiles se ergueram. — Richard e eu representávamos tipos muito diferentes. Não me lembro de uma vez sequer em que tenhamos disputado o mesmo papel.

Eve concordou com a cabeça. Aquela seria uma informação fácil de confirmar e ela mudou de tática.

— Qual é o seu relacionamento com Areena Mansfield?

— Considero-a uma amiga e admiro-a como pessoa e como atriz. — Baixou a cabeça e a balançou, pesaroso. — Isso está sendo muito difícil para ela. Areena, no fundo, é uma criatura

delicada. Espero que a senhora se lembre disso. — Os olhos dele, mais sombrios agora e com sinais de raiva, se fixaram nos de Eve. — Alguém a usou de forma terrível, isso eu posso lhe garantir, tenente. Se eu decidisse matar Richard Draco, encontraria uma maneira, mas nunca envolvendo uma amiga. Houve duas vítimas no palco ontem à noite, tenente, e o meu coração chora por ela.

— Um manipulador — murmurou Eve ao descer para o saguão. — Brilhante, esperto e auto-indulgente. De todos os atores envolvidos, ele é o que reúne mais experiência. Conhece o teatro por dentro e por fora.

— Se ele realmente é amigo de Areena Mansfield, será que armaria algo desse tipo para fazer com que ela matasse Richard Draco? E depois ainda plantaria a arma do crime em seu camarim?

— Por que não? — Eve saiu do prédio e lançou um olhar de pouco caso para o porteiro. — É bem teatral e, se analisarmos bem, plantar a faca ali foi uma opção óbvia demais, só poderia ter sido proposital. Portanto... — Eve se colocou por trás do volante, tamborilou nele e franziu o cenho. — Quem fez isso queria que achássemos a faca e soubéssemos que ela foi colocada ali para incriminar Mansfield. A outra opção é ter sido um ato de pura burrice, e quem armou esse assassinato é tudo, menos burro. Gostaria de saber quem é que atua nos bastidores e gostaria de estar no palco. Vamos descobrir quantos atores frustrados trabalham como técnicos nessa produção.

Eve saiu da vaga e ordenou:

— Peabody, passe essa bola para Feeney. — Em seguida, usou o *tele-link* do carro para falar com o necrotério.

Morse, o chefe dos médicos-legistas, apareceu na tela. Seus abundantes cabelos estavam penteados para trás, a fim de exibir um par de argolas douradas e prateadas pendurado na orelha direita.

— Estava esperando você ligar, Dallas. Vocês, tiras, são muito apressadinhos.

— É que adoramos pressionar médicos de gente morta. O que descobriu sobre Draco?

— Ele está morto de forma bem convincente. — Morse sorriu de leve. — Uma única facada no coração fez o trabalho de forma rápida e eficiente. Não há outras marcas nem ferimentos. Ele passou por várias sessões de escultura corporal ao longo dos anos e recentemente fez plástica na barriga. Aliás, na minha opinião, o profissional que executou esse trabalho é excepcional, pois as cicatrizes do laser são microscópicas. Seu fígado passou por um trabalho de reabilitação. Posso

afirmar que o seu amigo bebia em excesso e passou por pelo menos um tratamento de revitalização do tecido hepático. Além disso, descobri uma mistura interessante de drogas ilegais em seu organismo, por ocasião da morte. Exótica e Zing, com uma pitadinha de Zeus. Ele complementou tudo isso com uma dose dupla de uísque puro.

— Um tremendo coquetel.

— Sem dúvida. Ele pegava pesado, gastava uma nota preta para manter o corpo sempre em forma. Esse estilo de vida cedo ou tarde cobra o débito com juros altos, mas mesmo nesse ritmo ele ainda tinha uns bons vinte anos pela frente.

— Agora não tem mais. Obrigada, Morse.

— Há alguma chance de você me conseguir ingressos para quando essa peça reestrear? Você tem bons contatos — acrescentou ele, dando uma piscada.

— Vou ver o que posso fazer — respondeu Eve, dando um leve suspiro.

## CAPÍTULO Q UATRO

Amudança da sofisticação do bairro elegante de Stiles para o fedor e a pobreza de Alphabet City, com suas máquinas de reciclagem reviradas e mendigos espalhados pelas calçadas sujas, foi uma questão de poucos quarteirões. Ficaram para trás os prédios altos com porteiros uniformizados, passarelas rolantes limpíssimas e tráfego aéreo sereno; entraram em cena os materiais pré-fabricados, os conjuntos residenciais cobertos de fuligem, os barulhentos maxiônibus e os ladrõezinhos de rua com ares de malandro.

Eve na mesma hora se sentiu mais à vontade.

Michael Proctor morava no quarto andar de um dos prédios construídos de forma desordenada após a devastação das Guerras Urbanas. Na época de eleições, os candidatos faziam discursos exaltados sobre a necessidade de revitalização daquela área e prometiam lutar contra a negligência, o crime e a decadência generalizada daquele maltratado bairro.

Depois das eleições, as promessas desciam pelo ralo, e tudo continuava decadente e abandonado por mais um mandato.

Mesmo assim as pessoas continuavam ali, pois precisavam morar em algum lugar. Eve imaginou que um ator em início de carreira que conseguia apenas papéis de substituto e algumas pontas teria dificuldades de arcar com as despesas de uma boa moradia.

Uma pesquisa inicial revelou que Michael Proctor estava com o aluguel atrasado seis semanas e recentemente se inscrevera para receber auxílio do serviço de assistência social.

Isso significava desespero, avaliou. A maioria das pessoas que se inscreviam em programas desse tipo se via tão sufocada e presa na rede de dedos gosmentos da burocracia que acabava vagando pelas noites, sem teto, e se sentia ridiculamente grata ao conseguir uma cama simples em um dos abrigos.

Eve refletiu que herdar o papel de Draco iria aumentar muito o salário de Proctor. Dinheiro era um motivo antigo para assassinato, e também muito popular.

Ela pensou em estacionar em fila dupla em plena Sétima Avenida, mas, então, ao avistar uma vaga elevada, junto da calçada, estacionou o carro em modo vertical de forma tão inesperada que Peabody deu um grito. Em seguida, ajeitou o carro entre um sedã enferrujado e uma velha bicicleta aérea.

— Grande manobra! — elogiou Peabody, dando um soco no peito para forçar o coração a continuar batendo.

Eve ligou o luminoso indicativo de "viatura em serviço" para manter a distância os androides de

fiscalização dos parquímetros e desceu quase correndo a rampa que levava à calçada.

— Esse cara tinha algo de concreto a ganhar com a morte de Richard Draco. Agora tem a chance de conseguir o papel principal, mesmo que por pouco tempo. Isso vai lhe inflar o ego e a carreira, além de ser muito em termos financeiros, e tudo no mesmo pacote. Ele não tem antecedentes, mas todo criminoso começa a carreira em algum momento.

— Adoro a sua visão otimista da humanidade, senhora.

— É, eu amo as pessoas, sem dúvida. — Ao perceber um vigarista de rua que vinha passando em um skate aéreo carregando uma mochila grande de lona, gritou: — Ei! — Cutucou-o com o dedo e o viu encurvar os ombros e fazer cara feia. — Se você armar o seu joguinho de cartas marcadas aqui nessa esquina, vou me sentir insultada. Vamos combinar o seguinte: você cai fora, vai aplicar seu golpe a pelo menos dois quarteirões daqui e eu finjo que não vi a sua cara medonha.

— Tô só tentando ganhar a vida.

— Pois faça isso a dois quarteirões daqui.

— Merda! — Ele recolheu a sacola e seguiu para oeste, atravessando uma nuvem de vapor que saía de uma carrocinha de lanches.

— Aqueles cachorros-quentes de soja parecem fresquinhos — comentou Peabody, cheirando o ar com olhos esperançosos.

— Eles não estão frescos há mais de uma década. Coloque seu estômago em modo de espera.

— Não consigo fazer isso, ele tem vida própria. — Observando o carrinho de lanches com olho comprido, Peabody seguiu Eve e entrou no prédio sombrio.

Em algum momento do passado o lugar devia ter algum tipo de segurança. Só que as trancas externas haviam sido arrancadas, provavelmente por alguma criança travessa que a essa altura já teria idade para se aposentar. O saguão era menor que um banheiro de avião e tinha aquela cor de lama seca. Os velhos receptores de correspondência estavam arranhados e quebrados. Sobre um deles, escrito em esperançosa tinta vermelha, lia-se: M. Proctor.

Eve olhou para o elevador apertado e reparou o emaranhado de fios soltos expostos no painel junto à porta. Desistiu de entrar e pegou as escadas.

Alguém chorava, emitindo soluços altos e longos. Detrás de uma porta no segundo andar vinham os sons furiosos de uma torcida de futebol, e alguém praguejava diante de uma jogada aparentemente perdida. Eve sentiu o cheiro de mofo, urina antiga e o aroma tipicamente doce de

Zoner velho.

No terceiro andar, alguém ouvia música clássica, e Eve reconheceu uma das peças que Roarke apreciava. O som vinha acompanhado por batidas ritmadas, no mesmo compasso das notas.

— Uma bailarina — disse Peabody. — Tenho uma prima que conseguiu entrar para a Companhia de Balé Regional, em Denver. Alguém atrás dessa porta está fazendo *jetés*. Antigamente eu tinha vontade de ser bailarina.

— Bailarina? — Eve olhou para trás. As bochechas de Peabody estavam rosadas e muito bonitas de tanto subir escadas.

— É... bem, eu era menina. O problema é que não tenho corpo para isso. Bailarinas têm o corpo mais parecido com o seu. Fui assistir a um balé com Charles, há algumas semanas. Todas as bailarinas eram altas e magras. Aquilo me deixou pau da vida.

— Humm. — Essa era a resposta mais segura quando Peabody mencionava sua ligação com Charles Monroe, um acompanhante autorizado.

— Meu corpo parece mais com o de uma cantora de ópera. Sou forte — acrescentou Peabody, com uma careta.

— Você agora anda curtindo ópera?

— Fui assistir a algumas. Até que é interessante. — Peabody soltou o ar com um sopro de alívio quando elas chegaram ao quarto andar e tentou não se irritar ao perceber que Eve não ficara nem mesmo ofegante. — Charles curte esses programas culturais.

— Você deve ser malabarista para se dedicar a Charles e McNab ao mesmo tempo.

Peabody sorriu.

— Pensei que não existisse nenhum McNab em minha vida, na realidade que você inventou, Dallas.

— Cale a boca, Peabody. — Irritada, Eve bateu com força na porta de Proctor. — Esse barulho que eu ouvi foi uma risadinha?

— Não, senhora. — Peabody segurou o riso e tentou parecer séria. — De modo algum. Deve ser o meu estômago roncando de fome.

— Mande-o calar a boca também. — Eve levantou o distintivo na altura do olho mágico assim que ouviu passos se aproximando da porta. O prédio não tinha tratamento acústico.

Uma série de cliques e barulhos de fechaduras se seguiu. Eve contou cinco trincos sendo destrancados antes de a porta se abrir.

O rosto que espiou pela fresta era uma prova da generosidade de Deus. Ou da competência de um escultor facial. Uma pele um pouco pálida, com um leve tom dourado, cobria com suavidade a face com maçãs do rosto salientes e o queixo quadrado com ar heróico que terminava em uma covinha. A boca era cheia e firme, o nariz fino e reto, e os olhos tinham a cor de esmeraldas verdadeiras.

Michael Proctor emoldurava tudo isso com uma generosa quantidade de sedosos cabelos castanhos que terminavam em cachos pendentes e lhe davam um ar juvenil. Enquanto seus olhos iam de Eve para Peabody e em seguida voltavam para Eve, ele passou os dedos compridos pelos cabelos, ajeitando-os para trás, antes de tentar exibir um sorriso de hesitação.

— Ahn... tenente Houston?

— Dallas.

— Certo. Eu sabia que era algum lugar do Texas. — Seu nervosismo o fez atropelar um pouco as palavras, mas ele deu um passo para trás e escancarou a porta. — Eu ainda estou muito abalado. Continuo achando que tudo não passou de algum engano.

— Se foi esse o caso, trata-se de um engano permanente. — Eve percorreu o apartamento com os olhos. O único aposento tinha um sofá-cama velho que Proctor não se dera ao trabalho de fechar, uma mesa estreita onde havia um conjunto antigo de *tele-link* com computador, uma luminária de pé com a cúpula rasgada e uma cômoda pequena com três gavetas.

Para algumas pessoas, pensou Eve, trabalhar em teatro não era assim uma atividade muito lucrativa.

— Ahn... deixem-me... ahn. — Enrubescendo de leve, ele abriu a porta de um closet comprido, procurou alguma coisa e depois saiu com uma pequena cadeira dobrável. — Desculpem. Eu praticamente venho aqui apenas para dormir e o ambiente não foi preparado para receber visitas.

— Não nos considere visitas. Gravando, Peabody. Pode sentar, sr. Proctor, fique à vontade.

— Eu... — As pontas dos dedos tamborilaram umas contra as outras. — Eu estou bem. Não sei como me comportar em situações como essa. Nunca trabalhei em nenhum drama policial. Geralmente sou escalado para fazer histórias de época ou comédias românticas.

— Não se preocupe, porque eu já trabalhei em muitos dramas policiais — disse Eve, com a voz mansa. — Simplesmente responda às perguntas e ficaremos numa boa.

— Muito bem. Certo. — Depois de olhar em volta do cômodo como se nunca estivesse estado ali, ele finalmente se sentou na cadeira. Cruzou as pernas. Descruzou-as. Exibiu um sorriso esperançoso.

Parecia, avaliou Eve, um aluno chamado à sala do diretor por algum delito leve.

— Aqui fala a tenente Eve Dallas, entrevistando Michael Proctor, em sua residência. A policial Delia Peabody está aqui como auxiliar.

Olhando fixamente para Proctor, Eve recitou o texto onde explicava as obrigações e direitos do interrogado. Enquanto ouvia, ele ficou o tempo todo batendo com as mãos nos joelhos, parecendo tão culpado como se tivesse duzentos gramas de Zeus em cada bolso.

— O senhor compreende os seus direitos e deveres com relação a este assunto?

— Sim, acho que sim. Vou precisar de um advogado? — Ele olhou para Eve como se fosse um cãozinho torcendo para não apanhar por ter feito xixi no tapete. — Tenho uma representante que me atende, uma espécie de agente. Não seria melhor eu chamá-la?

— Essa decisão depende do senhor. — Aquilo só iria atrasar e complicar as coisas. — Devo lembrá-lo, porém, de que o senhor pode interromper seu depoimento a qualquer tempo e ligar para ela. Ou, se preferir, podemos dar continuidade ao procedimento na Central de Polícia.

— Tudo bem, então. Nossa: — olhou para o *tele-link*. — *A*cho que não preciso incomodá-la, por enquanto. Ela é muito ocupada.

— Por que não começa me contando o que aconteceu na noite passada?

— A senhora quer dizer... — Ele estremeceu visivelmente. — Eu estava na coxia, do lado esquerdo do palco. A apresentação foi brilhante, simplesmente brilhante. Lembro-me de ter pensado que, se a peça fizesse muito sucesso e ficasse em cartaz por uma temporada longa, eu teria a chance de ser Leonard Vole, nem que fosse por um dia. Richard Draco provavelmente iria precisar faltar uma ou duas vezes durante a temporada e...

Ele parou de falar na mesma hora, parecendo assustado e, em seguida, chocado.

— Eu não quis dizer... Eu nunca desejei que algo de mau acontecesse com ele. Estava apenas imaginando que talvez ele pegasse um resfriado, por exemplo, ou, quem sabe, simplesmente precisasse tirar uma noite de folga. Algo desse tipo.

— Claro. E o que o senhor viu da coxia, do lado esquerdo do palco, na última cena da peça?

— Ele foi perfeito — murmurou Proctor, e seus olhos muito verdes assumiram um ar sonhador.

— Arrogante, descontraído, sutil. Foi fantástica a maneira com que o personagem celebrou a própria absolvição, ao mesmo tempo que dispensava Christine como um osso já roído. Seu prazer em vencer, em dar uma volta na justiça, enganando a todos. E então o choque... O choque em seus olhos, em seu corpo, quando ela o golpeou com a faca. Eu observei boquiaberto, sabendo que nunca conseguiria alcançar aquele nível de interpretação. Pensei que nunca conseguiria encontrar tanta emoção dentro de mim mesmo. Não percebi nem mesmo depois que todos pararam de representar. A ficha demorou a cair.

Ele levantou as mãos e abaixou-as novamente.

— Acho que ela não caiu por completo até agora — acrescentou.

— Quando foi que o senhor percebeu que Draco não estava representando?

— Acho que foi quando... quando Areena gritou. Naquele momento, pelo menos, eu percebi que algo estava muito errado. Então tudo aconteceu muito depressa. As pessoas corriam na direção dele, gritando. Eles abaixaram as cortinas logo em seguida — lembrou —, e ele continuava caído no chão.

*Era difícil levantar para receber os aplausos da platéia e se curvar com vinte centímetros de aço espetados no coração,* pensou Eve.

— Qual era o seu relacionamento com Richard Draco?

— Creio que não tínhamos relacionamento algum.

— O senhor nunca conversou com ele, vocês nunca interagiram?

— Bem, ahn... — Os dedos começaram a dançar novamente. — Claro, nós nos falamos algumas vezes. Acho que eu o deixava irritado.

— Como assim?

— Sabe o que acontece, tenente...? Eu observo. Observo as pessoas — acrescentou ele, com outro dos seus sorrisos hesitantes. — Faço isso para desenvolver certos tipos de personagem e também para aprender. Acho que o fato de eu observar Draco com atenção o deixava irritado e ele me avisou para ficar longe das vistas dele, senão... senão ele iria providenciar para que meu único trabalho futuro como ator fosse em pornôs holográficos. Eu lhe pedi desculpas na mesma hora.

— E...?

— Ele atirou um peso de papéis em mim. O peso de papéis que ficava no cenário sobre a mesa

do advogado, Sir Wilfred. — Proctor contraiu o rosto. — Ainda bem que ele errou. Tenho certeza de que errou de propósito.

— Isso deve ter deixado você muito revoltado.

— Não, na verdade não. Fiquei envergonhado por tê-lo atrapalhado tanto durante o ensaio. Ele precisou tirar o resto do dia de folga para conseguir se acalmar.

— Um sujeito o ameaça em público, lhe atira um peso de papel e mesmo assim o senhor não fica chateado?

— Era Richard Draco. — O tom de voz tornou-se reverente. — Ele é... isto é, era... um dos maiores atores do século. O auge da profissão. Seu temperamento é parte... era parte... do que o fazia ser como era.

— O senhor o admirava, então.

— Ah, sem dúvida. Acompanho o seu trabalho desde sempre. Tenho discos e gravações de todas as peças em que ele atuou. Quando me apareceu a oportunidade de trabalhar como ator substituto no papel de Leonard Vole, eu a agarrei com unhas e dentes. Acho que vai ser um momento decisivo na minha carreira. — Seus olhos brilhavam agora. — Por toda a vida o meu sonho foi pisar no mesmo palco em que Richard Draco estivesse, e lá estava eu.

— Mas o senhor não pisaria realmente no palco, a não ser que algo acontecesse a ele.

— Não exatamente. — Entusiasmado, Proctor inclinou o corpo para a frente. A cadeira barata rangeu de forma preocupante. — Mas eu tinha que ensaiar as mesmas cenas, decorar as mesmas falas e conhecer as mesmas marcações de palco. Era quase como *ser ele*. De certo modo. A senhora sabe como é...

— E agora o senhor vai ter a chance de se colocar exatamente sobre as... como é que o senhor chamou... marcações de palco dele, não é?

— Sim. — O sorriso de Proctor foi contagiante, mas fugaz. — Sei o quanto isso é horrível de dizer, e o quanto eu devo parecer egoísta e frio. Não foi essa a minha intenção.

— O senhor está em dificuldades financeiras, sr. Proctor.

Ele corou, recuou um pouco e tentou exibir novamente o mesmo sorriso.

— Sim... ahn... bem, uma pessoa não resolve ser ator pelo dinheiro, e sim por amor.

— Mas o dinheiro vem bem a calhar para resolver *detalhes* como comer e ter um teto sobre a

cabeça. O seu aluguel está atrasado.

— Um pouco.

— O seu trabalho como ator substituto lhe paga o bastante para manter o aluguel em dia. O senhor joga, sr. Proctor?

— Não, senhora. Não sou de jogo.

— Então é apenas descuidado com dinheiro?

— Não vejo desse modo. Eu invisto, entende? Em mim mesmo. Tenho aulas de representação e impostação de voz, além de postura corporal e tratamentos embelezadores. Nada disso é barato, especialmente em Nova York. Imagino que tudo isso lhe pareça um monte de futilidades, tenente, mas faz parte do meu ofício. São as ferramentas do meu trabalho. Ando pensando em conseguir uma ocupação de meio expediente para ajudar nas despesas.

— Agora não há mais necessidade disso, não é mesmo? Com Richard Draco fora do caminho?

— Creio que não. — Ele fez uma pausa, considerando a questão. — Eu não saberia como administrar o meu tempo. Agora vai ser mais fácil... — Ele parou de falar, e quase sugou o ar, assustado. — Não quis dizer o que pareceu. Estou só refletindo que, de acordo com sua linha de pensamento, isso realmente me tira um peso dos ombros. Estou acostumado a viver sem dinheiro, tenente. Independentemente disso, o mundo do teatro perdeu um dos seus astros, e eu, um dos meus ídolos. Mesmo assim, acredito que seja melhor reconhecer e afirmar com honestidade que me sinto, em parte, empolgado diante da perspectiva de fazer o papel de Leonard Vole, mesmo que seja num trabalho temporário.

Ele emitiu um suspiro longo e alto, e, em seguida, fechou os olhos.

— Sim, sim, eu me sinto melhor. Entretanto, preferia que ele estivesse apenas resfriado...

A cabeça de Eve latejava de leve quando ela voltou para a rua e entrou no carro.

— Ninguém é assim tão ingênuo — murmurou ela. — Ninguém é assim tão sincero.

— Ele veio de Nebraska — informou Peabody, consultando o computador de bolso.

— De onde?!...

— Nebraska. — Peabody estendeu a mão de forma vaga na direção oeste. — Um menino do

interior. Trabalhou em um monte de peças regionais e em alguns vídeos, atuou em campanhas publicitárias e fez pontas em filmes. Vive em Nova York há menos de três anos. — Ela entrou no carro. — As pessoas ainda são muito inocentes e sinceras em Nebraska. Deve ser de tanto comer milho e soja.

— De qualquer modo, ele permanece na minha curta lista de suspeitos. Seu salário por assumir o papel de Leonard Vole é um grande passo para quem assistia a tudo da coxia. Ele mora quase de forma provisória naquele buraco. Dinheiro é um bom motivo, e ambição também. Ele queria ser Richard Draco. Qual o melhor modo de conseguir isso, a não ser eliminá-lo?

— Eu estou com uma idéia na cabeça.

Eve olhou para o relógio de pulso para ver que horas eram, enquanto seguia rápido pelas ruas. Droga de coletiva de imprensa!

— Que idéia é essa?

— Bem, é mais uma espécie de teoria.

— Abra o bico.

— Se você achar que ela é boa, posso comer um cachorro-quente de soja?

— Nossa! Qual é a teoria?

— Veja só, eles todos são profissionais, atuando em uma peça. Um bom ator entra por completo na pele do personagem durante a encenação. E permanece lá. Acontece tudo ao mesmo tempo, mas uma parte dele está distante dali, analisando a atuação dos colegas, lembrando as marcações de palco, sentindo as vibrações que vêm da platéia e coisas desse tipo. Minha teoria é que a pessoa que trocou as facas, seja ela quem for, também executava um papel.

— Estava mais é executando uma pessoa.

— Certamente, mas isso é como um outro nível. A pessoa poderia fazer parte da peça e ver tudo acontecer sem cometer o crime de verdade. O objetivo foi alcançado, mas continuou sendo uma atuação de palco. Mesmo que tenha sido algum técnico que trocou a faca, tudo faz parte da representação. Leonard Vole está morto, como deve acontecer na história. O fato de que Draco também está morto torna tudo muito mais empolgante e satisfatório.

Eve ruminou a idéia e parou junto do meio-fio, ao lado de uma carrocinha de cachorro-quente.

— Isso quer dizer que foi uma boa teoria?

— Aceitável. Vá pegar seu cachorro-quente de soja.

— Você quer alguma coisa?

— Café, mas não daquele lugar cheio de baratas.

— Puxa, agora você estimulou meu apetite. — Suspirou Peabody. — Mesmo assim ela saiu do carro, atravessou a rua direto pela faixa de pedestres, pediu um cachorro-quente duplo e uma lata grande de Coca diet para se convencer de que fazia regime.

— Está feliz agora? — perguntou Eve quando Peabody sentou no banco do carona e deu a primeira mordida no sanduíche.

— Humm... Está uma delícia. Quer um pedaço?

Peabody escapou de uma resposta grosseira graças ao *tele-link* do carro, que tocou. O rosto de Nadine Furst, repórter do Canal 75, apareceu na tela.

— Dallas. Preciso muito falar com você assim que houver uma chance.

— Sim, claro que precisa. — Eve ignorou a ligação e entrou à direita para voltar à Central. — Por que será que ela tem a esperança de que eu vá lhe oferecer uma entrevista exclusiva antes de uma coletiva de imprensa já marcada?

— Por vocês serem amigas? — arriscou Peabody, com a boca cheia de salsicha e flocos de cebola reidratados.

— Não, ninguém é amigo de ninguém a esse ponto.

— Dallas! — O rosto de Nadine, muito bonito e pronto para as câmeras, pareceu tenso, e sua voz estava mais aguda. Eve percebeu isso com uma leve curiosidade. — É uma coisa muito importante e é um assunto... pessoal. Por favor! Se está ouvindo esta ligação, me dê só alguns minutos. Posso ver você onde quiser e na hora em que marcar.

Praguejando baixinho, Eve atendeu a ligação.

— Esquilo Azul, Nadine, agora!

— Dallas, eu...

— Posso lhe dar só dez minutos. E seja rápida.

Já fazia algum tempo desde a última vez em que Eve passara pelas portas do Esquilo Azul. Em se tratando de espeluncas, havia lugares piores do que aquele, mas não muitos. Mesmo assim, a boate decadente trazia algumas recordações sentimentais para Eve. Houve uma época em que a sua amiga Mavis se apresentara ali, deslizando pelo palco, pulando feito uma louca e berrando canções em trajes que desafiavam qualquer descrição.

E uma única vez, durante um caso difícil e confuso, Eve entrara ali com o objetivo de beber até aliviar a cabeça.

Roarke, porém, a rastreara e a carregara dali antes de ela completar a missão a que se propusera. Naquela noite, ela acabou na cama dele pela primeira vez.

Sexo com Roarke, conforme ela descobrira, era muito melhor para aliviar a cabeça do que um monte de drinques fortes.

Por tudo isso o Esquilo Azul, apesar do cardápio pavoroso e dos garçons sem carisma, lhe trazia lembranças muito agradáveis.

Ela se sentou a uma das mesas junto à parede e chegou a pensar em pedir o medonho arremedo de café, em nome dos velhos tempos, mas nesse momento viu Nadine entrar.

— Obrigada. — Nadine ficou em pé ao lado da mesa por alguns instantes, desenrolando lentamente a brilhante e multicolorida echarpe que colocara em volta do pescoço. Seus dedos alisaram a franja comprida e escura. — Peabody, você se importaria de nos dar alguns minutinhos a sós?

— Claro que não. — Peabody levantou-se da mesa e, ao perceber que os olhos de Nadine estavam sombrios, apertou de forma afetuosa o braço da repórter. — Vou ficar bem ali no bar, assistindo aos jogos holográficos.

— Obrigada. Já faz um bom tempo desde a última vez em que estivemos aqui.

— Nem tanto — comentou Eve quando Nadine se sentou do outro lado da mesa um tanto bamba. Ao ver que um garçom se aproximava, Eve simplesmente pegou o distintivo e o colocou sobre a mesa, bem à vista. Sabia que nem ela nem Nadine estavam a fim de petiscar nada, muito menos a carne em decomposição que era servida ali. — Qual é o problema?

— Não estou bem certa. Talvez nem exista problema algum. — Nadine fechou os olhos e jogou os cabelos para trás.

Eve reparou que ela fizera luzes em alguns fios, deixando-os alourados. Não conseguia imaginar a razão de as pessoas estarem sempre trocando a cor dos cabelos. Toda aquela preocupação com a aparência a deixava atônita.

— Richard Draco — disse Nadine.

— Não vou discutir detalhes do caso com você. — Eve recolheu o distintivo da mesa com um gesto impaciente. — A entrevista coletiva para a imprensa está marcada para as quatorze horas.

— Eu dormi com ele.

Eve parou no instante em que saía da mesa, tornou a se sentar e olhou com atenção para Nadine.

— Quando?

— Logo depois de conseguir meu primeiro contrato com o Canal 75. Eu ainda não trabalhava na área policial. Divulgava fofocas, basicamente; também cobria festas e apresentava perfis de celebridades. O fato é que ele entrou em contato comigo. Queria me dizer o quanto eu era boa no que fazia e o quanto ele apreciava as minhas matérias. Isso era um espanto, considerando que eu mesma odiava cada minuto do lixo que ia ao ar.

Ela pegou a echarpe e começou a enrolá-la com a mão. Em seguida, tornou a desenrolá-la e a colocou novamente sobre a mesa.

— Ele me convidou para jantar. Eu me senti lisonjeada, porque ele era lindo. Conversa vai, conversa vem...

— Certo. Isso faz quanto tempo? Uns cinco anos, talvez?

— Seis. Na verdade faz seis anos. — Nadine levantou a mão e passou os dedos sobre a boca, de nervoso. Aquele era um gesto que Eve nunca a vira fazer. Repórteres não gostavam de borrar a maquiagem.

— Como eu disse, uma coisa levou a outra — continuou ela —, mas encarei tudo de forma romântica. Não fomos direto para a cama. Saímos algumas vezes antes. Jantares sossegados, peças de teatro, muitas caminhadas e festas. Então ele me convidou para passar um fim de semana juntos, em Paris.

Dessa vez Nadine simplesmente deixou a cabeça cair sobre as mãos, lamentando.

— Puxa vida, Dallas...!

— Você se apaixonou por ele.

— Ah, sim, certamente que sim. Caí de quatro por ele. Mergulhei de cabeça e me vi ridiculamente apaixonada pelo filho-da-mãe. Ficamos juntos por três meses e, na verdade... Puxa, Dallas, eu já estava pensando em casamento e filhos, uma casinha no campo, o pacote

completo.

Eve se remexeu na cadeira, sentindo-se desconfortável. Declarações emocionadas como aquela sempre a deixavam sem graça.

— Tudo bem, já saquei que as coisas não deram certo.

Nadine ficou séria por um momento e então jogou a cabeça para trás com uma sonora gargalhada.

— Sim, podemos dizer que as coisas não deram certo. Descobri que ele tinha outra. Na verdade ele tinha mais duas ou três, além de mim. Um dia, me caiu nas mãos um vídeo indiscreto, pouco antes de eu entrar no ar. Lá estava Richard agarrado com uma loura peituda em uma boate da moda, aqui mesmo na cidade. Quando eu fui tirar satisfações, ele simplesmente me disse que curtia mulheres, e daí?

"E daí", murmurou ela. "O safado me machuca desse jeito e nem mesmo tem a decência de inventar uma desculpa, além de ainda me convencer de ir para a cama novamente com ele. Morro de vergonha disso. Eu deixei que ele me levasse para a cama mais uma vez e, quando estava por baixo dele, ainda toda molhada, ele atendeu a ligação de outra mulher. E ainda marcou um encontro com ela, mesmo eu estando ao seu lado completamente nua."

— Por quanto tempo ele ficou hospitalizado?

Nadine conseguiu dar um sorriso leve.

— Essa é a tragédia, Dallas. Eu chorei. Sentei na cama e comecei a chorar como um bebê.

— Tudo bem, eu imagino que tenha sido terrível e sinto muito, mas já se passaram seis anos.

— Estive com ele na noite do crime.

— Ai, mas que diabos, Nadine!

— Ele ligou para mim.

— Cale a boca, não diga mais nada. Não me conte mais absolutamente nada e arrume um advogado.

— Dallas. — A mão de Nadine se lançou para a frente e agarrou o pulso de Eve. — Por favor, eu preciso contar tudo a você, e depois quero que me diga qual é o tamanho da minha encrenca.

— Merda, merda, merda! — Eve apontou para o cardápio e resolveu pedir um café, afinal. —

Eu ainda não recitei os seus direitos nem vou fazê-lo. Não posso usar nada do que você me contar contra você.

— Ele me ligou. Disse que andava pensando em mim e lembrando os bons tempos. Perguntou se eu não gostaria de me encontrar com ele para bater um papo. A primeira idéia que me passou pela cabeça foi mandálo para o inferno, mas então percebi que, mesmo depois de todo aquele tempo, eu queria dar o troco. Resolvi mandá-lo tomar naquele lugar pessoalmente e concordei em dar uma passada em seu hotel. Eles devem ter me gravado com as câmeras de segurança.

— Sim, certamente que gravaram.

— Ele pediu um jantar para nós dois. O canalha lembrava o que havíamos comido em nosso primeiro encontro. Deve pedir a mesma comida em todos os seus primeiros encontros. Isso faz bem o gênero dele. Tomara que esteja assando no inferno.

Ela expirou com força antes de continuar.

— Muito bem, eu me segurei o mais que pude. Consegui me recompor e posar de alegre. Vestido novo. Cabelo novo. Deixei que ele me servisse champanhe e batemos um papinho enquanto bebíamos. Eu conhecia cada movimento dele, me lembrava de tudo. E quando ele passou a ponta dos dedos ao longo do meu rosto e me lançou o velho olhar comprido e sentimental joguei minha taça de champanhe na cara dele e disse tudo o que queria ter dito por todos esses seis anos de convivência. Tivemos uma briga terrível. Houve pratos quebrados, palavras cruéis e alguns tapas, de ambas as partes.

— Ele atacou você fisicamente?

— Na verdade fui eu quem aplicou a maior parte dos golpes, eu acho. Eu o esbofeteei, ele me esbofeteou de volta. Então eu lhe dei um soco na boca do estômago e isso o deixou sem respirar. Enquanto ele gemia, virei as costas e fui embora, sentindo-me ótima.

— Será que as gravações de quando você saiu vão mostrar uma mulher descabelada e agitada?

— Não sei. — Ela passou as mãos novamente sobre os lábios. Talvez. Nem pensei nisso. De qualquer modo, não importa o que aconteça, fiquei feliz de ter ido até lá. Satisfeita por ter finalmente me defendido. Mas a verdade, Dallas, é que cometi um grande erro.

Um café gosmento foi servido através de uma ranhura na parede. Eve simplesmente o empurrou na direção de Nadine e esperou até que a amiga o tomasse inteiro.

— Eu estive no teatro ontem à noite. Queria provar a mim mesma que conseguiria ir até lá e vê-lo, sem sentir nada. — O café estava apenas morno, mas conseguiu diminuir a sensação gelada que ela sentia na barriga. — Consegui. Não senti nada. Foi motivo de celebração eu finalmente

conseguir tirar aquele canalha da minha vida. Eu cheguei a ir... nossa, meu Deus do céu!... até os bastidores, no intervalo, usando o meu crachá da imprensa, pra dizer tudo isso a ele.

— Você chegou a conversar com ele nos bastidores na noite passada?

— Não. Quando cheguei lá atrás e ia em direção ao camarim, me ocorreu que enfrentá-lo mais uma vez ia fazê-lo parecer muito importante. Só serviria para alimentar o seu ego. Então fui embora. Saí pela porta dos fundos do palco, dei uma longa caminhada e olhei algumas vitrines. Por fim, parei no bar de um hotel e pedi uma garrafa de vinho. Depois, fui para casa. Hoje de manhã, ao saber do que acontecera, eu... entrei em pânico. Liguei para a emissora e avisei que não ia trabalhar porque estava me sentindo mal. Estive realmente doente o dia todo, até entender que precisava conversar com você. Tinha que lhe contar tudo. Não sei o que fazer.

— Quando você foi lá atrás, seguiu direto para os camarins? Não foi em nenhum outro lugar?

— Não, juro que não.

— Alguém viu você?

— Não sei. Imagino que sim. Eu não estava tentando parecer invisível.

— Quero agir em relação a tudo isso da maneira mais formal possível e vou registrar oficialmente que foi você quem veio me procurar com essas informações. Vai ser melhor para você. Nesse meio-tempo, quero que consiga um bom advogado. Faça isso sem alarde e passe para ele tudo o que você me contou.

— Certo.

— Você deixou alguma informação de fora, Nadine? Algum detalhe?

— Não, isso foi tudo. Eu só o vi uma vez anteontem, no hotel, e depois ontem, no palco. Posso ter sido uma idiota, Dallas, mas é que a coisa vinha de longa data e não sou covarde. Se eu quisesse que o filho-damãe morresse, eu mesma o teria matado, sem jogar a tarefa pra cima de ninguém.

— Ah, sim. — Eve pegou o café e acabou de bebê-lo. — Disso eu sei! Converse com um advogado. Vamos marcar o seu depoimento para amanhã. Ela se levantou e então, depois de um leve momento de hesitação, deu um tapinha no ombro de Nadine. — Tudo vai acabar bem.

— Sabe o que me deixa mais revoltada, Dallas? Eu estava me sentindo tão bem com relação a tudo. Você sabe que desde que aconteceu aquele outro lance eu passei a fazer terapia com Mira.

— Sim, eu sei. — Eve arrastou um pouco o pé para o lado.

— Uma das coisas que descobri na análise é que eu nunca mais me abri de todo para o amor, não por completo, depois de Richard. Ele realmente esculhambou com a minha cabeça. Então, ontem à noite, quando eu estava no bar do hotel, senti que agora estava livre para amar. E queria essa liberdade. Só que o momento não podia ser pior. Obrigada por me ouvir.

— Nem fale nisso. — Eve fez um sinal para Peabody. — Aliás, Nadine, você deve seguir esse conselho ao pé da letra.

## CAPÍTULO CINCO

O calendário garantia que a primavera estava chegando, mas que vinha a passos lentos. Eve foi dirigindo para casa em meio a uma garoa misturada com neve fina que lhe pareceu quase tão desagradável quanto o seu astral.

Entrevistas coletivas sempre a deixavam irritada.

A única coisa boa da tarde, pelo que lhe dizia respeito, foi que ela acabara. Tudo isso, somado com o resto do dia gasto em interrogatórios que lhe ofereceram pouco mais do que uma imagem enevoada das pessoas e dos eventos, fez com que ela se sentisse insatisfeita e mal-humorada.

A verdade é que ela nem devia estar a caminho de casa. Havia muito trabalho a ser feito, e com urgência. Mas ela acabou liberando Peabody, que nem se deu ao trabalho de disfarçar a alegria por se ver livre.

Eve resolveu que iria trabalhar mais uma horinha, talvez duas. Quem sabe andar de um lado para outro, raciocinando e tentando colocar em ordem as idéias. Foi se arrastando pelo tráfego pesado das ruas, tentando, sem sucesso, escapar dos engarrafamentos, e procurou ignorar a musiquinha irritante do dirigível publicitário que passou por cima dela, apregoando a coleção de primavera, já em liquidação na Bloomingdale's.

Parou em um sinal vermelho diante dos fedorentos rolos de fumaça de uma carrocinha de lanches que pegava fogo e viu o vendedor, com cara triste, cobrindo as chamas com a abundante espuma de um extintor. Como o incêndio já parecia sob controle, ela o deixou em paz e ligou para Feeney pelo *tele-link* do carro.

— Algum progresso?

— Pouca coisa. Consegui os históricos, os endereços atualizados, os dados financeiros e os antecedentes criminais de todo o elenco e equipe técnica, incluindo os funcionários permanentes do teatro.

— Todos? — A voz de Eve pareceu mais calma.

— Sim, todos. — Feeney esfregou o queixo. — Bem, esses louros não são todos meus, porque tivemos reforço externo, como você sabe. Roarke me passou alguns dados.

— Roarke? — A agitação voltou à voz dela.

— Ele ligou para cá no início da tarde, pois imaginou que eu estivesse pesquisando. Ele já tinha todos os dados prontos e nos poupou um bocado de tempo.

— É... sempre prestativo — murmurou Eve.

— Já mandei tudo para o seu escritório.

— Ótimo, que bom!

Feeney continuava coçando o queixo. Eve desconfiou que aquele gesto era mais para esconder um risinho.

— Mandei McNab começar a pesquisar padrões, probabilidades e porcentagens. A lista é comprida, e os resultados vão demorar um pouco a sair, mas imagino que devemos estar com o básico das eliminações até amanhã, e provavelmente teremos uma lista mais curta para comparar com os resultados dos interrogatórios. E do seu lado como andam as coisas?

— Lentas. — Eve continuava com o carro parado no meio de um cruzamento quando notou que na rua lateral o tráfego estava fluindo mais. Imediatamente entrou nela, dando uma guinada brusca no volante. O coro de buzinas indignadas ultrapassou todos os níveis legais de poluição sonora e isso a fez sorrir de leve. — Conseguimos descobrir a origem da arma do crime. Era uma faca comum. Veio direto da cozinha instalada no subsolo do teatro.

— Todos têm acesso a esse lugar?

— Somente o elenco e os técnicos. Mandei um guarda pegar os discos de segurança. Vamos ver o que aparece. Olhe, eu vou rodar alguns programas de probabilidade por minha conta para ver se eles batem com os seus. Devo conseguir um perfil do criminoso amanhã. Temos alguns milhares de suspeitos e precisamos enxugar muito essa lista. O que McNab conseguiu até agora?

— Ele estava indo bem, mas eu o liberei por hoje.

— Você o deixou ir para casa?

— Ele tinha um encontro — disse Feeney e sorriu.

Eve retraiu-se, de leve.

— Cale a boca, Feeney, não diga mais nada! — ordenou e em seguida desligou.

Amarrou a cara ao refletir sobre o assunto, pois isso a fazia se sentir melhor, e por fim entrou pelos portões da sua casa. Mesmo com o tempo horroroso, aquele era um lugar magnífico. Talvez ainda mais magnífico, pensou, em meio àquela escuridão enevoada.

Os gramados que se esparramavam por todo lado estavam desbotados devido ao inverno, e as árvores completamente nuas tremulavam em meio aos chuviscos. Roarke diria que o lugar tinha

*atmosfera*. Tudo tinha a ver com atmosfera, e ela era patente na gloriosa estrutura de pedra e vidro, com suas torres grandes e pequenas, além da imensa quantidade de terraços e varandas em torno da propriedade que ele assumia como sua.

Aquela estrutura devia ter sido erguida à beira de um penhasco, em algum lugar, refletiu Eve, com o mar se agitando e atacando a base, lá embaixo. A cidade, com suas multidões em ondas de sorrateiro desespero, não conseguia ultrapassar os altos portões de ferro do oásis que Roarke construíra graças à sua astúcia, ao seu jeito implacável, à determinação férrea e à necessidade constante de enterrar as tristezas da infância.

Todas as vezes que Eve olhava para a mansão, sua mente entrava em conflito e se dividia em duas partes. Uma delas lhe assegurava que ela estava deslocada ali. A outra lhe dizia que ela não poderia pertencer a nenhum outro lugar.

Ao chegar, deixou o carro parado na porta diante dos degraus de entrada, sabendo que Summerset o esconderia na garagem logo em seguida, por uma questão de princípios. A presença daquele veículo verdeervilha de propriedade municipal ofendia a sua sensibilidade quase tanto quanto a própria Eve.

Ela subiu os degraus da entrada praticamente aos pulos, com as velhas botas muito arranhadas, e entrou no calor, na beleza e no estilo que o dinheiro em grande quantidade podia comprar e o poder tinha a capacidade de manter.

Summerset estava à sua espera no saguão com cara azeda e a boca transformada em uma linha estreita e rígida.

— Tenente. Que surpresa! A senhora chegou em casa em um horário que se pode dizer decente.

— Será que você não tem mais nada a fazer a não ser bancar o relógio de ponto? — Ela tirou o casaco e o pendurou no pilar da larga escada da entrada, mais para irritar o mordomo. — Devia estar lá fora assustando as criancinhas.

Summerset fungou, torceu o nariz e, para irritá-la, recolheu o casaco de couro com as pontas de dois dedos, mantendo-o afastado do corpo. Examinou-o detidamente com ar de desaprovação e sentenciou:

— Como assim? Não há manchas de sangue nele hoje?

— Se você quiser, podemos providenciar isso. Roarke já chegou?

— Está no andar de baixo, na área de recreação.

— O menino da casa e seus brinquedinhos — comentou ela, passando direto por Summerset.

— A senhora está deixando um rastro molhado no piso.

— Ah, é? — perguntou ela, olhando pra trás. — Bem, pelo menos isso lhe dará algo para fazer.

Satisfeito com a troca de desaforos daquela noite, Summerset foi colocar o casaco de Eve para secar.

Ela desceu pelas escadas e passou pela piscina, em cuja superfície filetes de vapor dançavam de forma convidativa, subindo das águas em tom de azul profundo e misterioso. Eve pensou, por um momento, em tirar toda a roupa e mergulhar nua, mas antes precisava lidar com Roarke.

Passou direto pela bem equipada academia de ginástica, pelos vestiários e seguiu através de uma pequena estufa. Ao abrir a porta que dava para a área de recreação, o barulho forte lá de dentro ressoou para fora, com violência.

Aquilo era, na opinião de Eve, o sonho dourado de um menino de doze anos. Ela deixara de sonhar com brinquedos quando tinha essa idade. Talvez tivesse acontecido o mesmo com Roarke, e isso explicava o porquê de ele se mimar daquela forma.

Havia duas mesas de sinuca, três câmaras de realidade virtual para grupos, uma grande variedade de telões destinados a jogos e transmissões diversas, um deque holográfico e uma infinidade de estações para videogames coloridos e barulhentos.

Roarke estava em pé diante de um deles, com as pernas compridas confortavelmente esticadas e as mãos elegantes, uma de cada lado, em uma espécie de caixa retangular coberta por um vidro. Seus dedos apertavam ritmicamente o que pareciam ser dois largos botões laterais. Acima da caixa havia um painel cheio de luzes coloridas e frenéticas.

As palavras *Polícia e Ladrão* piscavam no painel, indicando o nome do jogo, e Eve girou os olhos com impaciência ao ouvir a sirene aguda e irritante que começara a soar. Houve uma explosão de sons que ela reconheceu como fogo cruzado, seguida de um cantar de pneus sobre o asfalto; uma coroa de luzes azuis e vermelhas se acendeu no topo do painel e, na mesma hora, começou a girar.

Eve enfiou os polegares nos bolsos da frente da calça e foi caminhando devagar até onde ele estava.

— Então é isso que você faz nas horas de folga?

— Olá, querida. — Roarke não desviou os olhos nem por um segundo das duas bolas prateadas que corriam e ricocheteavam dentro da caixa de vidro. — Você chegou cedo em casa.

— Foi só hoje. Preciso falar com você.

— Hum-hum. Um minutinho.

Eve abriu a boca para reclamar, mas levou um susto quando vários sinos começaram a tocar e luzes foram emitidas para todos os lados, como lasers.

— Que diabo de brinquedo é esse?

— Uma antiguidade, embora esteja em condições impecáveis. Acabou de... droga!... acabou de ser entregue. — Ele encostou de leve na máquina com o quadril para exibi-la. — É uma máquina de pinball, fabricada no final do século 20.

— *Polícia e Ladrão?*

— Irresistível, não é? — A máquina gritou "Não se mova!", em um tom ameaçador, e Roarke respondeu a ela lançando a última das bolas por uma calha, onde ela atingiu três alvos em forma de diamante antes de entrar por um buraco.

— Ganhei uma bola extra! — Ele deu um passo pra trás e flexionou os ombros. — Mas isso pode esperar. — Assim que se inclinou para beijar Eve, ela espalmou a mão bem no peito dele.

— Agüenta um instantinho, garotão. Por que você ligou para Feeney?

— Para oferecer a minha cooperação à mais competente equipe de Nova York — respondeu ele, bem descontraído. — Estou apenas cumprindo o meu dever de cidadão consciente. Vamos lá, relaxe um pouco. — Dizendo isso, ele a puxou para junto de si e deu uma mordida de leve em seu lábio inferior. — Vamos jogar uma partida.

— Eu sou a principal.

— Querida, claro que você sempre é a principal na minha vida.

— A principal investigadora do caso, espertinho.

— Isso também, é claro. Sua função é recolher os dados dos arquivos do teatro e encaminhá-los a Feeney. Isso já foi feito. Ei, o seu cabelo está úmido! — disse ele, cheirando-o.

— Está caindo uma chuva miúda com neve. — Eve queria discutir com Roarke, mas não tinha como agir assim, porque ele tinha razão. — Por que você tinha informações completas sobre a vida das pessoas e os dados de todo mundo relacionado com o teatro New Globe e essa produção?

— Porque, querida tenente, todos os envolvidos com o New Globe e com essa produção trabalham para mim. — Roarke se afastou um pouco e pegou a garrafa de cerveja que deixara

ao lado da máquina. — Você teve um dia irritante, não teve?

— Basicamente, sim. — Quando ele lhe ofereceu a garrafa, ela pensou em recusar, mas encolheu os ombros e acabou tomando um golinho. — Queria tirar umas duas horas para esfriar a cabeça.

— Eu também. Conheço o método perfeito. É o strip pinball.

— Ah, pára com isso! — debochou Eve.

— Tudo bem, já que você está com medo de perder, vou lhe dar uma vantagem. — Ele sorriu ao dizer isso, pois conhecia muito bem a sua mulher.

— Não estou com medo de perder — protestou ela, empurrando a cerveja de volta e lutando com seus pensamentos. Acabou perdendo a luta. — Quanto de vantagem?

Ainda sorrindo, ele tirou os dois sapatos.

— Isso... e mais quinhentos pontos por bola. Parece justo, já que você é novata.

Eve considerou a oferta, observando a máquina.

— Você acabou de recebê-la, certo?

— Sim, há poucas horas.

— Você começa.

— Com prazer.

Vê-la soltando fumaça de raiva cada vez que jogava, competindo com ele e esquecendo a vida por alguns instantes foi realmente um prazer para Roarke. Em vinte minutos ela já perdera as botas, as meias, o coldre e estava para perder a blusa.

— Droga! Essa máquina está viciada! — Quase perdendo a paciência, ela apoiou o peso do corpo sobre a máquina e rangeu os dentes de raiva quando as suas hastes de movimentar bolas travaram. — Problema de inclinação? Por que essa voz eletrônica fica me dizendo isso?

— Talvez porque você esteja agressiva demais, apoiando-se sobre a máquina. Deixe-me ajudá-la — ofereceu ele, desabotoando-lhe a blusa.

Ela deu um tapa na mão dele, reclamando:

— Pode deixar que eu consigo fazer isso. Você está roubando! — Enquanto tirava a blusa, Eve olhou para ele com ar desconfiado. Ela vestia apenas a calça e a camiseta sem mangas que usava sob a blusa. — Não sei como, mas você está roubando.

— Talvez eu simplesmente seja um jogador melhor que você.

— Não.

Roarke riu e a colocou diante dele.

— Vou lhe dar outra chance e ajudá-la a escapar dessa. Olhe só... — Ele colocou os dedos sobre os dela, nos botões laterais de controle. — Você deve aprender a tratá-los com delicadeza em vez de atacá-los. A idéia é manter a bola sempre em movimento, sem deixá-la sair do jogo.

— Eu percebi isso, Roarke. E notei que você fica o tempo todo rebatendo-a de volta para o fundo do campo, tentando derrubar todos os alvos pelo caminho.

— Mais ou menos isso. — Como era esperto, disfarçou o sorriso. — Muito bem, lá vamos nós.

Ele liberou uma nova bola e inclinou-se para a frente por trás dela, assistindo a tudo por cima do seu ombro.

— Não, não, espere, querida! Não fique mexendo com os rebatedores assim, sem parar. Espere a bola descer. — Seus dedos pressionaram os dela e fizeram a bola prateada dançar ao som das metralhadoras.

— Eu quero acertar aquelas barras de ouro lá do fundo.

— No momento certo. Vamos fazer tudo quando chegar o momento certo. — Ele se inclinou um pouco mais e roçou os lábios na nuca de Eve. — Muito bem, você conseguiu escapar da patrulhinha e isso lhe garantiu mais cinco mil pontos.

— Quero pegar o ouro.

— Ora, por que será que isso não me deixa surpreso? Vamos ver o que podemos fazer por você. Está sentindo a minha mão?

Ele pressionou o corpo contra as costas dela, de forma suave e carinhosa.

— Isso não é a sua mão!

O sorriso dele se ampliou.

— Você tem razão. Pronto, elas estão aqui. — Lentamente, ele passou as hábeis mãos de leve pelo corpo dela acima e pelos seus seios. Por baixo do fino tecido de algodão, ele sentiu o coração dela dar um pulo. — Você pode se render, se quiser.

— Nem que a vaca tussa!

Ele pegou o lóbulo da orelha dela com os dentes, e a surpresa a fez apertar os botões do jogo com mais força. Enquanto Eve gemia, a máquina pareceu explodir sob suas mãos.

— O que foi? O que aconteceu?!

— Você conseguiu pegar o ouro. Ganhou bônus em pontos. — Ele começou a abrir o botão das calças dela. — E mais uma bola extra. Bom trabalho!

— Obrigada. — Os sinos estavam badalando. Na máquina e dentro da cabeça dela. Eve deixou que ele a girasse e os dois ficaram de frente um para o outro. — O jogo ainda não acabou.

— Não está nem perto de acabar. — Sua boca desceu sobre a dela, de forma quente e possessiva. As mãos já estavam por baixo da camiseta e lhe apertavam os seios com mais força. — Quero você! Eu sempre quero você!

Sem fôlego, ávida, ela puxou a camisa dele para fora da calça, reclamando:

— Você devia ter perdido algumas rodadas. Não era para você ainda estar com tantas roupas.

— Vou me lembrar disso da próxima vez. — O desejo aumentou depressa e era tão forte que doía. O corpo dela era um tesouro para ele, com suas linhas esbeltas, a firmeza dos músculos, a inesperada suavidade da pele. Em pé, agarrados um ao outro ele pressionou o próprio corpo com mais firmeza.

Ela queria se entregar. Ninguém nunca lhe provocara aquele desejo desesperado de entrega. Queria dar tudo o que possuía. Qualquer coisa que ele aceitasse. Por trás dos horrores da sua vida, por trás de todos os sofrimentos do seu trabalho, aquilo — as coisas que eles proporcionavam um ao outro, sem cansaço e sem parar — era o milagre pessoal de Eve.

Ela tocou a pele dele — uma pele firme e quente — e suspirou profundamente. Em seguida, fez sua boca se encontrar novamente com a dele, de forma brutal, faminta. E gemeu baixinho.

No momento em que ela se preparava para colocá-lo de costas no chão, ele se virou, cambaleando, e de repente ela se viu com as costas grudadas em uma superfície fria e sólida.

— Olhe para mim — pediu Roarke.

O nome dele ficou preso em sua garganta, enquanto seus dedos habilidosos passearam sobre ela, entraram nela e fizeram sua cabeça girar loucamente como as bolas prateadas debaixo do vidro.

Ele viu os olhos dela se enevoarem e o castanho forte se tornar opaco.

— Mais. De novo. — Enquanto ela estremecia e suas mãos se agarravam com força aos ombros dele, ele tomou-lhe a boca e engoliu o grito de êxtase que ela soltou.

A respiração de ambos estava igualmente ofegante no instante em que ele a ergueu pelos quadris e se lançou dentro dela com determinação.

Ele a segurou e começou a se arremeter dentro dela com um prazer feroz demais para ser descrito pelos sentidos. Eve se sentiu tão energizada que lutou para devolver a emoção, golpe a golpe. Quando as suas mãos subiram devagar e chegaram aos ombros dele, ela as levantou um pouco mais e agarrou com força os fios de seda preta dos cabelos dele.

Os dois se impeliram ainda com mais força e se lançaram para muito além...

— Eu não perdi.

Roarke a olhou de cima a baixo e sorriu diante da visão do traseiro nu dela, que se agitava em busca das roupas.

— Eu não disse que você perdeu.

— Mas pensou! Dá para ouvir você pensando. O problema é que agora eu não tenho mais tempo para terminar de brincar com aquele jogo idiota.

— Ele pode esperar. — Roarke vestiu as calças. — Estou com fome. Vamos pegar alguma coisinha para comer.

— Tem que ser rápido, porque eu preciso trabalhar. Quero ir para a rua novamente, a fim de dar uma boa olhada no quarto de hotel de Draco.

— Tudo bem, então. — Roarke foi até o AutoChef, pensou um pouco e decidiu que uma noite fria e chuvosa pedia algo caseiro. Ordenou sopa de carne com cevada para ambos. — Vou até lá com você.

— É assunto da polícia.

— Naturalmente. Estou apenas cumprindo com o meu dever cívico, tenente, mais uma vez. —

Como sabia que ouvir aquilo ia irritá-la, ofereceu-lhe uma tigela de sopa e sorriu. — Afinal de contas, o hotel é meu.

— Só podia ser. — Por saber que ele *pretendia* irritá-la, Eve não deu o braço a torcer e experimentou um pouco da sopa. Queimou a língua. O lugar para onde ela ia não era uma cena de crime, pensou, agora soprando com cuidado a segunda colherada. Ela bem que podia usar os olhos de Roarke e sua mente aguçada, embora não pretendesse admitir isso.

— Tudo bem. — Ela encolheu os ombros. — Mas fique fora do meu caminho.

Ele concordou prontamente, embora não pretendesse fazer o que ela pedira. Qual seria a graça daquilo?

— Vamos pegar Peabody no caminho?

— Não, ela está de folga. Tinha um encontro.

— Ah. Com McNab?

Eve perdeu o apetite na mesma hora.

— Ela não está namorando McNab. — Diante do olhar de surpresa de Roarke, ela enfiou mais uma colherada na boca. — Escute... talvez, em um universo alternativo e muito, muito longe daqui eles estejam transando. Mas não se trata de namoro. É simples assim.

— Querida, existe um momento em que as crianças abandonam o ninho, por mais triste que isso seja para a mamãe.

— Cale a boca! — Ela o ameaçou com a colher levantada. — Estou falando sério. Eles *não estão* namorando — insistiu e por fim raspou a tigela de sopa.

Tem gente que consideraria o desarrumado apartamento de Ian McNab no Lower West Side uma espécie de universo paralelo. Era um espaço tipicamente masculino, mal decorado, cheio de lembranças e objetos relacionados a esportes, além de pratos sujos por tudo quanto era canto.

Embora ocasionalmente escondesse a maior parte das tralhas em um closet empoeirado sempre que esperava companhia feminina, aquilo ficava muito longe do suntuoso espaço da casa de Roarke, e o cheiro lembrava muito picadinho de carne de soja que fora cozido demais. Mas as coisas até que funcionavam bem para ele.

Naquele momento, com o coração disparado e a pele brilhante por causa do sexo, estava tudo

beleza para ele.

— Puxa, Peabody. — Ele saiu de lado e se deitou de barriga para cima, parecendo uma truta largada sobre um convés. Nem se preocupou em respirar fundo. Havia uma mulher exuberante e nua em sua cama. Ele poderia morrer como um homem feliz. — Acho que batemos algum recorde. Devíamos anotar isso.

Ela permaneceu ali. Atônita, como sempre acontecia em todas as vezes que se via naquela situação com McNab.

— Não estou sentindo os meus pés.

Solidário, ele se forçou a ficar apoiado no cotovelo, mas, como haviam terminado aquela rodada atravessados meio de lado na cama, não conseguia ver nada além dos joelhos dela. Por sinal, Peabody tinha joelhos lindos.

— Acho que não arranquei seus pés fora com as dentadas, porque eu me lembraria disso — afirmou ele. Mesmo assim, dando um grunhido cansado, deslizou um pouco mais para baixo, só para ter certeza. — Ah, aqui estão eles. Todos dois.

— Ótimo, porque vou precisar deles daqui a pouco. Conforme o choque foi cedendo, ela piscou rápido, olhou para o lindo perfil de McNab e se perguntou, não pela primeira vez, em que momento havia perdido a razão.

*Estou nua na cama, ao lado de McNab. Nua. Na cama. De McNab.*

*Nossa!*

Sempre preocupada com as partes que não gostava no próprio corpo, ela puxou as cobertas amarfanhadas.

— Está frio aqui — murmurou.

— O safado do síndico mandou desligar o aquecimento central no dia 1 de março. Até parece que é ele quem paga a conta. Na primeira oportunidade que eu tiver, vou religar o sistema.

Dando um bocejo imenso, ele passou as duas mãos pelos cabelos louros compridos e emaranhados. Seus ombros estreitos pareciam vergar com o peso deles. Peabody teve de obrigar seus dedos a se comportarem e os impediu de irem brincar com as pontas cacheadas compridas e avermelhadas. Ele tinha quadris estreitos e, no direito, ele mandara gravar uma tatuagem temporária de um raio prateado. A figura combinava com os quatro brincos pendurados em sua orelha esquerda.

A pele dele era branca como leite e seus olhos tinham um discreto tom de verde. Peabody ainda não descobrira o que a atraíra nele, fisicamente, e desconfiava menos ainda sobre como acabara fazendo sexo regularmente e de forma selvagem com aquele homem quando, fora da cama, os dois passavam a maior parte do tempo implicando um com o outro.

Bem que gostaria de afirmar que ele não era o tipo dela, mas na verdade ela não tinha preferência por um tipo específico de homem. Suas experiências com os homens eram normalmente desastrosas e dolorosas.

— É melhor eu ir andando — anunciou ela.

— Por quê? Ainda é cedo. — Ele se sentou na cama, inclinou-se na direção dela e deu uma mordida sugestiva em seu ombro. — Estou morrendo de fome.

— Por Deus, McNab, nós acabamos de transar!

— Estou com fome disso também, mas, no momento, estava pensando mais em uma pizza com tudo em cima. — Ele conhecia a fraqueza dela. — Vamos encher o tanque.

— Estou de dieta. — Todas suas papilas gustativas se agitaram.

— Dieta? Por quê?

— Porque estou uma balofa! — Ela girou os olhos de impaciência e se enrolou no lençol ao sair da cama.

— Não, nada disso. Você tem o corpo bem definido. — Ele pegou a ponta do lençol, surpreendendo-a com a rapidez do gesto, e o arriou até a cintura dela. — Muito definido, por falar nisso.

Enquanto ela tentava se cobrir novamente com o lençol, ele se levantou e a abraçou pela cintura, dandolhe um apertão carinhoso que a desarmou e deixou preocupada.

— Qual é? Vamos comer alguma coisa, depois vemos o que rola. Eu devo ter algum vinho por aqui.

— Se esse vinho for tão bom quanto o da outra vez, prefiro despejá-lo no ralo da pia.

— Não, é uma garrafa nova. — Ele pegou seu macacão laranja do chão e o vestiu. — Você quer que eu lhe empreste uma calça?

O fato de ele lhe oferecer uma calça a fez ter vontade de lhe beliscar o traseiro.

— McNab, eu não caberia em uma calça sua nem que tivesse doze anos. Eu tenho bunda!

— Disso não há dúvida. Por mim, tudo bem. Eu gosto de mulher de uniforme. — Ele saiu dali, tentando não fazer cara feia. Era sempre obrigado a convencê-la a ficar com ele.

No cantinho da sala de estar que funcionava como cozinha ele pegou a garrafa de vinho que comprara na véspera, pensando nela. Ele pensava nela o bastante para se sentir desmoralizado. Se pelo menos pudesse mantê-la na cama, tudo ficaria bem, pois ali ele não precisava pensar no que fazer. As coisas rolavam numa boa.

Ele abriu o *tele-link* portátil. O número da pizzaria estava gravado na memória, e na primeira posição, devido à freqüência das ligações. Pediu uma pizza de massa grossa e cobertura completa, com tudo o que tinha direito, e então foi pegar um saca-rolhas.

A porcaria do vinho lhe custara duas vezes mais caro do que ele costumava gastar. Quando um cara competia com um acompanhante licenciado muito elegante e cheio de experiência, tinha de defender bem o seu lado. Sem dúvida, Charles Monroe conhecia tudo a respeito de vinhos finos. Ele e Peabody provavelmente tomavam banhos de champanhe.

Furioso com a imagem que lhe apareceu na cabeça, tomou de um gole só meia taça do vinho. Então se virou quando Peabody saiu do quarto. Ela vestira a calça do uniforme e fechara a blusa quase até o último botão. Ele sentiu vontade de lamber-lhe o pescoço bem ali, no local em que o tecido de algodão dava lugar à pele macia.

Droga!

— Que foi? — perguntou ela, reparando a cara fechada dele. — Acabou o pepperoni?

— Não, já está vindo. — Ele entregou uma taça de vinho para ela. — É que eu estava pensando... sobre o trabalho.

— Humm... — Ela provou o vinho e apertou os lábios para sentir melhor o sabor frutado suave e sutil. — Esse aqui está muito bom. Você está pesquisando os antecedentes das pessoas ligadas ao caso Draco, não está?

— Terminei. Dallas já deve ter recebido o relatório.

— Rapidinho, hein?

Ele deu de ombros. Não precisava lhe contar que Roarke lhe entregara de bandeja todos os dados.

— Nós, da DDE, gostamos de agradar. Mesmo depois das eliminações e da avaliação de

probabilidades, vai levar dias para fazer a lista encolher em um nível aceitável. Quando um cara é esfaqueado no coração diante de duas mil pessoas, a coisa fica complicada.

— É... — Peabody tomou mais um gole e então circulou pela sala até decidir sentar em uma poltrona. Sem se dar conta disso de forma consciente, ela se sentia tão bem no apartamento bagunçado de McNab quanto no seu, que era impecavelmente arrumado. — Está rolando algum lance...

— Está sempre rolando algum lance.

— Não, não é como das outras vezes. — Ela relutou consigo mesma e refletiu um pouco enquanto tomava o vinho. Se ela não comentasse o caso com alguém, seria capaz de explodir. Puxa, e ele estava bem à mão. — Escute, McNab, o que eu vou contar é confidencial.

— Tudo bem. — Já que a pizza ainda ia levar uns dez minutos para chegar, McNab abriu um pacote de salgadinhos de soja e se sentou no braço da poltrona onde Peabody se instalara. — Qual é o lance?

— Não sei exatamente. Nadine Furst esteve com Dallas hoje e eu a achei muito agitada. — Com ar distraído, Peabody colocou a mão no pacote. — Não é comum ver Nadine tão agitada. Ela marcou um encontro com Dallas, um encontro pessoal. Era coisa séria. Elas me deixaram longe do papo, do outro lado do bar, mas dava para perceber. Depois do encontro, Dallas não me disse uma só palavra sobre o que conversaram.

— Talvez fossem só assuntos pessoais.

— Não, Nadine nunca iria marcar um encontro desses, a não ser que estivesse encrencada. — Nadine também era amiga de Peabody e parte do problema foi ela ter sido deixada de lado. — Acho que é alguma coisa ligada ao caso. Dallas devia ter me contado. — Peabody colocou na boca mais alguns salgadinhos. — Ela devia confiar em mim.

— Quer que eu dê uma xeretada nisso?

— Não, eu também sei xeretar. Não preciso de um espertinho da DDE fazendo isso por mim.

— Você é quem sabe, coisinha linda.

— Esqueça o que eu contei. Nem sei por que abri o bico. É que estou com isso preso na garganta. Nadine é minha amiga. Pelo menos, achei que fosse.

— Você está com ciúme.

— Nada disso!

— Sim, claro que está. — Ele estava começando a conhecer de perto esse sentimento. — Dallas e Nadine estão enturmadas, você sobrou e está com ciúme, o que é típico nos relacionamentos femininos.

— Você é um idiota! — reclamou ela, empurrando-o para fora da poltrona.

Nesse instante, a campainha soou.

— A pizza acaba de chegar — anunciou ele.

## CAPÍTULO SEIS

— Não toque em nada e fique fora do meu caminho.

— Querida. — Roarke observou com atenção quando Eve enfiou o seu cartão mestre na — fechadura codificada da cobertura A. — Você está se repetindo.

— É porque você nunca me escuta. — Antes de abrir a porta, ela se virou e olhou firme nos olhos dele. — Por que um homem com residência fixa em Nova York e que trabalha basicamente aqui decide morar em um hotel em vez de num apartamento próprio?

— Em primeiro lugar, para se exibir. "O sr. Draco mantém uma cobertura no Palace Hotel para quando está na cidade." Em segundo lugar, pela comodidade. Basta estalar os dedos, e tudo que você desejar ou pedir que seja feito será providenciado. E de imediato. Por último, e talvez seja o mais revelador dos motivos, temos a completa fala de compromisso. Tudo o que acontece à volta dele é problema ou responsabilidade de outra pessoa.

— Pelo que já percebi de Richard Draco até agora, é exatamente essa característica que eu vou buscar. — Eve abriu a porta e entrou.

O lugar pertencia a Roarke e, por isso, era suntuoso, luxuoso e perfeito. Para quem curtia aquele tipo de coisa.

A sala de estar era imensa e elegantemente mobiliada, com paredes em um tom sutil de rosa. O teto era abobadado, decorado com um complicado afresco de frutas e flores em torno de um lustre dourado com pingentes de cristal.

Três sofás, todos em vermelho-escuro e muito confortáveis, estavam lotados com almofadas brilhantes em tons de pedras preciosas. As mesas, que Eve suspeitava serem de madeira de verdade e bem antigas, brilhavam como espelhos, bem como o chão. O carpete tinha três centímetros de espessura e combinava com o desenho do teto, uva por uva.

Uma das paredes era toda de vidro, do chão ao teto, e a tela de privacidade estava programada de tal forma que fazia Nova York explodir em formas e luzes dentro do ambiente. Quem estava de fora, porém, não conseguia ver nada. Havia um terraço de pedra mais adiante e, visto que as flores espalhadas no lugar e colocadas em imensos vasos estavam radiantes, Eve percebeu que o local era aquecido.

Um piano branco brilhante ficava em um dos cantos da sala e, no outro, havia painéis em madeira entalhada que provavelmente encobriam uma sala de vídeo e entretenimento totalmente equipada. Havia plantas com folhas grossas e lustrosas, muitas prateleiras de vidro cheias de bibelôs que Eve imaginou representarem algum estilo de arte, mas não se percebia sinal de vida.

— A camareira deve ter vindo limpar o ambiente assim que ele saiu para o teatro — disse-lhe Roarke. — Posso pedir à equipe de serviço na noite do crime que venha até aqui descrever as condições em que os aposentos estavam na ocasião.

— Sim. — Eve pensou em Nadine. Se ela conhecia bem a repórter, os aposentos deviam estar em estado semelhante ao de um lugar arrasado por um furacão. Ela foi até os painéis, abriu-os e analisou o equipamento de entretenimento. — Ligar unidade de vídeo! — comandou ela e a tela se acendeu com um tom de azul-claro. — Repetir o último programa assistido.

Imediatamente a tela se encheu de cores e sons. Diante de Eve apareceram duas figuras deslizando e se agarrando sobre um fundo de lençóis pretos.

— Por que será que os homens se excitam tanto vendo os outros trepando?

— Somos doentes, nojentos e fracos. Tenha pena de nós.

Ela começou a rir, mas de repente o casal na cama se virou de lado. O rosto da mulher, cheio de prazer, se virou na direção da câmera.

— Droga! É Nadine. Nadine e Richard Draco.

Para lhe dar apoio, Roarke colocou a mão no ombro de Eve.

— Isso não foi gravado aqui — informou ele. — Esse não é o quarto. O cabelo dela está diferente. Acho que a gravação não é recente.

— Vou ter que confiscar esse material para provar que não é. Agora tenho um vídeo com cenas de sexo estreladas por uma das maiores jornalistas do país como evidência de um caso de assassinato. — Eve interrompeu a reprodução do disco, ejetou-o e o colocou em um saco de guardar provas que pegou no kit de serviço. — Droga! Droga!

Ela começou a andar de um lado para outro, lutando consigo mesma. Essa história de relacionamentos era muito complicada para ela e também muito estranha. Nadine lhe contara tudo na condição de amiga, como confidência. O homem que a olhava com ar paciente do outro lado da sala era seu marido.

Amor, honra e todo o resto.

Se ela contasse a Roarke tudo sobre Nadine e Richard Draco, será que seria uma espécie de quebra de confiança em relação à vida pessoal de uma amiga? Ou ela estaria fazendo apenas o que se espera de uma esposa?

Puxa, como é que as pessoas conseguiam seguir pela vida fazendo malabarismos com todas

essas questões?

— Querida Eve. — Mostrando-se solidário, Roarke esperou em silêncio até ela parar de andar de um lado para outro e olhar para ele. — Você vai acabar arrumando uma dor de cabeça para si mesma. Deixe-me tornar as coisas mais fáceis para você. Não se sinta na obrigação de me contar nada que a deixe desconfortável.

Eve franziu o cenho para ele e estreitou os olhos, dizendo:

— Acho que ouvi um *porém* no fim dessa frase.

— Você tem ouvidos excelentes. Porém... — continuou ele, atravessando a sala até onde ela estava — dá para deduzir que Nadine e Richard Draco tiveram um envolvimento em algum momento, e, vendo o quanto você ficou preocupada, imagino que algo mais tenha acontecido entre eles, recentemente.

— Droga! — No fim, ela seguiu o instinto e contou tudo a ele.

Roarke a ouviu e, por fim, prendeu-lhe a ponta do cabelo atrás da orelha, dizendo:

— Você é uma boa amiga.

— Não diga isso, porque me deixa nervosa.

— Tudo bem, então vou dizer outra coisa: Nadine não teve nada a ver com o assassinato de Richard Draco.

— Eu sei disso e não existe nenhum indício aceitável de algo diferente. Mas vai ser difícil e complicado para ela. Complicado em nível pessoal. Vamos lá, o que mais temos neste lugar?

— Ahn... se eu me lembro bem, a cozinha fica para lá — apontou ele. — Depois, um escritório, um lavabo, um quarto, um quarto de vestir e um banheiro.

— Vou começar pelo escritório. Quero rastrear os *tele-links* dele para ver se houve alguma conversa que abordasse ameaças ou acabasse em briga. Faça-me um favor, sim...? — Ela entregou a ele o kit de serviço. — Ensaque o resto dos discos de vídeo.

— Sim, senhora... tenente.

Ela exibiu um sorriso de escárnio, mas deixou passar.

Eve trabalhou de forma sistemática. Ele adorava vê-la em ação: o foco, a concentração, a lógica absoluta do seu método.

Há não muito tempo em sua vida, se alguém dissesse a Roarke que ele seria capaz de achar uma policial sexy ou até mesmo o seu trabalho, ele se sentiria estarrecido e indignado.

— Pare de olhar para mim.

— Eu estava olhando? — Ele sorriu.

Ela resolveu deixar passar aquilo também.

— Há um monte de ligações dadas e recebidas. Se eu fosse psiquiatra, iria achar que ele era um cara que não agüentava ficar sozinho em companhia apenas de si mesmo. Precisava de contato humano em tempo integral. Não encontrei nada de extraordinário, a não ser se você considere meio exageradas algumas compras online que ele fez: oito pares de sapatos, três ternos caros e sofisticados, um relógio de pulso em estilo antigo. — Eve endireitou o corpo. — Mas é claro que você não acha nada disso exagerado.

— Ao contrário. Eu nunca compro ternos caros e sofisticados via *tele-link*. *O* caimento de uma roupa é tudo.

— Rá-rá... Ele teve um papo rápido e tenso com o agente. Parece que o nosso rapaz descobriu que a nossa atriz principal estava ganhando o mesmo salário que ele, por toda a temporada da peça. Ficou muito pau da vida com isso e exigiu que o agente renegociasse o contrato para lhe conseguir um aumento: uma ficha de crédito a mais por apresentação.

— Sim, eu soube disso. Não concordei.

Intrigada, Eve se afastou da mesa pequena e arrumada.

— Você negou a ele um aumento no valor de uma mísera ficha de crédito?

— Quando lidamos com uma criança — explicou Roarke, com a voz suave —, temos que estabelecer limites. O contrato era o limite. O valor da exigência não vinha ao caso.

— Você é durão.

— Certamente.

— Ele criou caso por causa disso?

— Até que não. Pode ser que planejasse forçar a barra comigo, mas não chegamos a falar a respeito. O fato é que o agente dele procurou meus advogados, eles vieram a mim, eu disse não, e a negociação ficou suspensa desde o momento de minha recusa até a noite de estréia.

— Certo, isso deixa você de fora. Quero verificar o banheiro. — Eve passou por Roarke e por um saguão pequeno, circular, e em seguida entrou por uma porta.

A cama era grande, cheia de detalhes. Tinha uma parede acolchoada ao fundo, e a colcha era leve e vaporosa, em tons de cinza-claro. Parecia um manto de névoa.

Eve foi direto para o quarto de vestir, ao lado, e balançou a cabeça ao ver a quantidade enorme de roupas e sapatos. Uma bancada presa a uma parede espelhada exibia um monte de frascos e tubos: cremes embelezadores, loções para a pele, perfumes, talcos e pós diversos.

— Muito bem... aqui nós vemos vaidade, egoísmo, culto a si mesmo, infantilidade e insegurança.

— Não discordo da sua avaliação. Todos esses defeitos pessoais são motivos para desprezar alguém, mas serão motivos para assassinato?

— Às vezes, uma pessoa ter dois pés já é motivo bastante para assassinato. — Eve voltou ao quarto. — Um homem com uma insegurança e um ego tão grandes não devia dormir sozinho com muita freqüência. Ele dispensou Carly Landsdowne. Já devia estar com alguém na fila para tomar o seu lugar. — Com ar distraído, abriu a gaveta da mesinha-de-cabeceira. — Ora, ora, olhe só estes brinquedinhos.

A gaveta era separada em vários compartimentos e cada um deles estava lotado de acessórios eróticos para casais ou sessões solitárias.

— Tenente, acho que você deveria levar tudo isso para examinar com mais atenção.

— Não toque em nada! — exclamou ela, dando um tapa na mão esticada de Roarke, já pronta para pegar um deles.

— Estraga-prazeres.

— Você é um civil! Que diabos isso faz aqui? — perguntou ela, pegando uma comprida peça de borracha em forma de cone. O objeto fez um barulhinho de guizos ao ser sacudido.

Roarke empurrou a bochecha com a língua e se sentou na cama.

— Bem, em benefício da sua investigação, ficarei feliz em lhe fazer uma demonstração. — Sorrindo, ele deu um tapinha na cama, ao seu lado.

— Estou falando sério — reclamou ela.

— Eu também.

— Deixa pra lá... — Eve continuava a analisar o acessório, mas o deixou de lado e abriu a gaveta de baixo. — Olhe, há uma mina de ouro aqui! Parece que temos estoque de Exótica para um mês, um pouco de Zeus e... — Ela abriu um frasco pequeno, cheirou-o com cautela e balançou a cabeça com força, como um cão que acabara de sair de um banho. — Merda. Isso é Coelho Louco! — Ela rapidamente recolocou a tampa, pegou um saco de provas, colocou o vidrinho nele e o lacrou. — E está puro! — Expirou com força. — Se ele anda usando isso em seus encontros, não é de espantar que todas as mulheres o considerem o deus do sexo. Uma ou duas gotas de Coelho Louco, e a mulher que o ingerir transa até com a maçaneta! Você sabia que ele usava isso?

— Não. — Todo o humor desapareceu do rosto de Roarke, e ele se levantou da cama. — Eu não tenho muita simpatia pela maioria das drogas ilegais, mas essa aí, em especial, é o equivalente a um estupro, até onde eu sei. Você está se sentindo bem?

— Sim, estou bem. — Eve estava um pouco tonta e irritantemente excitada, apesar de ter cheirado apenas de leve. — Uma droga com esse teor de pureza custa dez mil dólares o frasco de trinta gramas, no mínimo, e não é fácil de conseguir. Só funciona nas mulheres — murmurou —, e basta uma gota a mais para provocar overdose.

Roarke levantou o queixo dela com a mão e examinou-lhe os olhos. Não estavam injetados, decidiu.

— Nunca ouvi boato algum a respeito de ele usar isso. Se ouvisse e descobrisse que era verdade, eu teria quebrado o contrato. E também, provavelmente, os braços dele.

— Certo. — Eve levantou a mão e apertou de leve o pulso de Roarke. — Por ora, já chega. Vou precisar que você mantenha este apartamento vago por mais um ou dois dias. Quero que uma equipe da Divisão de Drogas Ilegais vasculhe o local.

— Tudo bem.

Ela guardou tudo no kit e se esforçou para levantar o astral dele, perguntando:

— E aí, quanto vai custar para você?

— Quanto vai custar o quê?

— Manter esse apartamento vazio? Qual é o preço da diária aqui?

— A diária desse pequeno apartamento? Acho que é mais ou menos oito mil e quinhentos dólares por noite, mas creio que há preços especiais para a semana inteira e também pacotes mensais.

— Apenas uns trocados. Areena Mansfield ocupa um apartamento aqui também, certo?

— Sim, a cobertura B, na outra torre.

— Vamos lhe fazer uma visitinha. Ela e Draco tinham uma história de drogas ilegais em comum — afirmou Eve, recolhendo seu material e saindo. — Pode ser que ela conheça os fornecedores dele. Quem sabe tudo não passa de uma transação com um traficante que não acabou bem?

— Não creio.

— Tudo bem, nem eu, mas um dos grandes méritos do trabalho policial é ir eliminando as possibilidades para chegar a um fim. — Ela trancou o apartamento e começou a procurar por um lacre policial em seu kit, para prender na porta.

— Isso é mesmo necessário? — perguntou Roarke, olhando para o lacre com desdém. — Vai constranger os outros hóspedes.

— Sim, é necessário. Mas não esquente, porque esse lacre vai dar a eles uma emoção especial. "Ohhh, veja, George, era aqui que morava aquele ator que morreu. Vá pegar a câmera de vídeo!"

— Sua atitude em relação à sociedade, de modo geral, é tristemente cínica.

— E acertada. — Ela entrou no elevador na frente de Roarke, esperou as portas se fecharem e pulou em cima dele. — Me dê só um beijo bem ardente. Nossa! — Desesperada, ela se esfregou nele, mordeu-lhe o lábio e gemeu quando as mãos dele apertaram-lhe o traseiro com força.

— Uau! — Soltando o ar bem devagar, ela o empurrou para longe e flexionou os ombros. — Pronto, já estou melhor.

— Mas eu não. — Ele tentou agarrá-la novamente, mas ela espalmou a mão em seu peito para impedi-lo.

— Nada de brincadeiras em elevadores públicos. Você não sabe que isso é uma violação das leis municipais? Torre B, cobertura — ordenou ela, e a cabine se pôs suavemente em movimento.

— Você vai me pagar por isso, pode ter certeza.

— Nossa, agora você está me assustando — brincou ela, encostando-se na parede no instante em que o elevador mudou o curso para horizontal.

Roarke simplesmente riu, enfiou as mãos nos bolsos e brincou com o cone de borracha que surrupiara da gaveta.

— Pois pode ficar com medo, mesmo — murmurou e a fez rir no instante em que a cabine

finalmente parou.

— Eu precisava espairecer um pouco antes de falar com uma testemunha, você não acha?

— Hum-hum — concordou ele.

— Olhe, você conhece Areena Mansfield muito bem. Vou querer as suas impressões quando nós sairmos.

— Ah, agora eu sou útil novamente.

Ela parou, virou-se pra trás e colocou a mão em seu rosto. O amor que ela sentia por ele vinha à superfície nos momentos mais estranhos.

— Sim, você até que é jeitoso para algumas coisas. — Quando ele virou a cabeça e roçou os lábios de leve por sobre a palma da mão dela, Eve sentiu um arrepio que lhe desceu até os dedos mindinhos dos pés. — Nada de gracinhas — ordenou e seguiu em direção à porta de Areena.

Apertou a campainha e esperou.

Areena, vestida com um robe branco muito folgado, abriu a porta. Ficou ruborizada, obviamente surpresa e nem um pouco satisfeita.

— Tenente Dallas. Roarke. Eu... eu não esperava... — De repente, seus olhos claros se arregalaram e ficaram mais brilhantes. — Alguma novidade? Vocês pegaram a pessoa que...

— Não, sinto incomodá-la, mas tenho algumas perguntas.

— Ah. Mas eu pensei, ou pelo menos esperava, que já tivéssemos terminado. Bem... — Ela levantou a mão e pressionou os dedos com as unhas pintadas de rosa sob os olhos, como se tentasse aliviar algum tipo de dor. Realmente havia leves sinais de fadiga sob eles. — Receio que este não seja um momento apropriado. Isso é absolutamente necessário?

— Sinto muito pela inconveniência, mas não vamos tomar muito do seu tempo.

— Claro. É que é uma situação estranha. Eu não estou sozinha, entende? Eu... — Desistindo, Areena deixou a mão cair e deu um passo atrás. — Por favor, fiquem à vontade.

Eve entrou na sala. A cobertura era basicamente igual à do outro lado, em tamanho. A mobília era mais suave, mais feminina, talvez, e as cores eram uma sinfonia de tons azuis e de creme.

Sentado em um dos três sofás, lindo e elegante, todo de preto, estava Charles Monroe.

*Que beleza,* pensou Eve, e na mesma hora teve vontade de dar um chute forte o bastante para levantar o precioso saco do rapaz até a garganta.

Ele sorriu, sentindo uma súbita sensação de prazer, mas, ao notar o gelo nos olhos de Eve, trocou o prazer por um olhar preguiçoso, meio divertido, e se levantou lentamente do sofá.

— Tenente! É sempre um prazer revê-la.

— Charles. Você continua dando plantões à noite?

— Sim, felizmente. Roarke, é uma satisfação revê-lo.

— Olá, Charles.

— Quer que eu complete o seu drinque, Areena?

— O quê? — Os olhos dela corriam de um lado para outro, observando os rostos, e seus dedos enroscavam e desenroscavam a corrente de prata que lhe envolvia a garganta. — Não, não, obrigada. Vocês, ahn... já se conheciam?

O rubor que pintara seu rosto de rosa se acentuou muito. Ela tornou a levantar as mãos em um feminino gesto de impotência.

— A tenente e eu já nos encontramos várias vezes. Temos até mesmo uma amiga em comum.

— Cuidado onde você pisa — disse Eve, baixinho. A raiva já aparecia em seus olhos, pronta para transbordar. — Você está fazendo uma visita social, Charles, ou veio aqui a serviço?

— A senhora deveria saber que um homem na minha posição não discute esse tipo de assunto, tenente.

— Por favor, essa situação é um tanto embaraçosa. — Areena tornou a levantar a mão, recomeçou a brincar de forma obsessiva com a corrente de prata e não reparou quando os lábios de Charles se abriram em um sorriso levemente cínico, mas Eve percebeu. — Obviamente vocês sabem que Charles é um profissional. Eu não queria ficar sozinha e precisava... de um pouco de companhia. Charles... isto é, o sr. Monroe, me foi altamente recomendado.

— Areena. — Suave como seda, Roarke deu um passo à frente. — Eu aceitaria um pouco de café. Você se incomodaria de...

— Oh, claro que não. Desculpe, eu vou preparar...

— Por que não me deixa cuidar disso? — Charles passou a mão sobre o braço de Areena e foi

direto para a cozinha.

— Vou dar uma mãozinha a ele. — Lançando um último olhar para Eve, Roarke também saiu da sala.

— Sei como isso deve estar parecendo — começou Areena. — A senhora deve achar muita frieza e egoísmo de minha parte contratar os serviços de um acompanhante sexual na noite seguinte àquela em que...

— O que me parece estranho é uma mulher como você precisar contratar alguém para dormir com ela.

Rindo de leve, Areena pegou uma taça de vinho e, provando um pouco, começou a andar de um lado para outro. A seda farfalhava em torno de suas pernas.

— Creio que isso foi um elogio envolto em suspeitas mordazes, tudo muito sutil.

— Não vim aqui para lhe fazer elogios.

— Não. — Os olhos de Areena perderam o ar fugaz de humor. — Não, claro que não. A resposta direta à sua pergunta velada é que eu sou uma pessoa muito reservada. A causa disso deve ser o fato de eu ter passado muito tempo da minha juventude em festas e me relacionado com grupos numerosos. A senhora vai descobrir a respeito de minhas indiscrições e minhas dificuldades com drogas ilegais. Foi uma fase que ficou para trás. — Virando-se, ergueu o queixo. — Não foi fácil abandonar tudo aquilo, mas eu consegui. Ao fazer isso, perdi muitas pessoas que considerava amigas. Arruinei relacionamentos importantes por causa dos meus vícios, mas também deixei para trás alguns que não faziam muita diferença quando larguei as drogas. Agora estou em um estágio da vida no qual a minha carreira necessita de toda a atenção. Isso não me deixa tempo para eventos sociais ou romance.

— Você esteve envolvida amorosamente com Richard Draco?

— Não. Nunca. Fizemos sexo, há tanto tempo que parece uma vida, mas foi uma relação daquelas em que a mente e o coração não se envolvem. Por algum tempo, tudo o que tínhamos em comum era o teatro. Eu voltei para Nova York, tenente, porque queria fazer esta peça, e sabia que Richard iria brilhar em seu papel. Eu queria isso. Nunca mais haverá alguém como ele sobre um palco. Oh, meu Deus!

Ela apertou os olhos e estremeceu de leve, antes de continuar:

— É horrível, horrível de verdade o que vou dizer, mas eu sinto mais a perda do ator do que a do homem. E sinto também saber disso a respeito de mim mesma. Não, eu não consigo ficar sozinha. — Ela se lançou sobre o sofá. — Não suporto. Não consigo dormir. Quando durmo um

pouco, acordo e sinto as mãos cobertas de sangue. Sangue de Richard. Os pesadelos.

Areena levantou a cabeça e exibiu olhos rasos d'água ao se virar para Eve antes de continuar.

— Tenho pesadelos terríveis sempre que me deito. Eles começam na mesma hora e eu acordo enjoada, gritando, banhada pelo sangue dele. A senhora não pode imaginar o que é isso, tenente. Não pode.

Mas Eve podia imaginar sim. Um quartinho congelante, banhado pela luz vermelha e embaçada do letreiro do outro lado da rua. A dor, a repulsa em estado bruto pelos estupros que ela sofria, o bracinho que ele quebrara quando ela lutara com ele. E depois o sangue, o sangue dele em toda parte, suas mãos pequenas gosmentas por causa dele, as gotas grossas que escorriam pela lâmina da faca enquanto ela se arrastava para um canto do quarto.

Eve tinha oito anos na época. Nos pesadelos, ela continuava a ter oito anos.

— Quero que a senhora encontre quem fez isso — sussurrou Areena. — A senhora precisa achar quem cometeu este crime. Quando a senhora o fizer, os meus pesadelos irão parar. Não vão? Eles não vão parar?

— Não sei. — Eve forçou-se a seguir em frente, forçou-se a permanecer longe das próprias lembranças e passou a se fixar no agora. Ter tudo sob controle. — Diga-me tudo o que você sabe sobre as drogas ilegais, Areena. Quem eram os contatos dele, quem fornecia o material, de quem ele comprava.

Na cozinha, Charles tomava o seu vinho, e Roarke contentou-se com o café artificial razoavelmente decente que o AutoChef lhe servira.

— Areena está passando por uma fase difícil — começou Charles.

— Imagino que sim.

— Não há lei contra pagar a alguém por um pouco de consolo.

— Não.

— Meu trabalho é tão válido quanto o dela.

Roarke inclinou a cabeça ao ouvir isso.

— Charles, Eve não faz nenhuma cruzada pessoal contra os acompanhantes licenciados.

— Só contra mim, em particular.

— Ela é muito protetora em relação a Peabody. — Com os olhos penetrantes e diretos, Roarke tomou mais um gole de café. — E eu também.

— Gosto muito de Delia. Muito mesmo. Jamais a magoaria e nunca a enganei. — Emitindo um som de repulsa, virou-se de costas para Roarke, a fim de olhar as luzes das ruas pela janela. — Perdi minha chance de conseguir um relacionamento fora do trabalho e de ter uma vida pessoal, e perdi essa chance por ter enganado uma mulher. Na ocasião eu a amava muito, tanto que fui honesto e a perdi. Já consegui superar isso. Agora sou aquilo que sou.

Ele deu meia-volta, seus lábios se abriram em um sorriso e ele continuou:

— Sou bom no que eu faço. Delia aceita isso.

— Talvez. Só que as mulheres são as criaturas mais estranhas do mundo. Creio que isso faz parte da atração constante que elas exercem sobre nós. Afinal, um mistério se mantém ainda mais interessante enquanto não for completamente solucionado.

Dando uma leve risada, Charles olhou para trás e viu Eve entrando na cozinha.

Ela não saberia determinar com exatidão a razão de se irritar ao constatar que Charles e seu marido compartilhavam um inegável momento de pura diversão masculina. Ao perceber isso, olhou com cara feia para Roarke.

— Desculpe interromper o bate-papo de vocês, rapazes, mas, Roarke, será que você poderia fazer companhia a Areena enquanto eu converso um pouco com Charles?

— Claro. O café é bem razoável.

Ela esperou que Roarke saísse e foi até o AutoChef, mais para conseguir alguns instantes extras enquanto se acalmava do que por vontade de experimentar o café do hotel.

— Quando foi que a Srta. Mansfield marcou hora com você, Charles?

— Hoje à tarde. Por volta de duas horas, eu acho.

— Não foi meio em cima da hora?

— É, foi.

Eve pegou o café que a máquina servira, encostou-se na parede e observou o vapor que subia suavemente da caneca.

— Você já não tinha reservas confirmadas para esta noite?

— Sim, mas remarquei meus compromissos.

— Por quê? Areena me disse que vocês nunca haviam se encontrado, nem social nem profissionalmente. Por que então se dar a esse trabalho para atender a uma estranha?

— Porque ela me ofereceu pagamento em dobro — explicou ele, com simplicidade.

— Qual foi o acordo? Sexo puro e simples? Você passar a noite toda e dormir com ela?

Ele parou e olhou para o vinho. Ao levantar a cabeça novamente, seus olhos estavam gélidos.

— Sabe que eu não sou obrigado a responder a essa pergunta, tenente. E não responderei.

— Estou investigando um homicídio. Posso arrastar você até a Central de Polícia para interrogatório.

— Sim, eu sei que pode. Vai fazer isso?

— Você está tornando as coisas mais difíceis. — Eve pousou o café na bancada e caminhou pelo estreito espaço que a separava da parede. — Vou ser obrigada a colocá-lo no meu relatório, e isso já é péssimo. Mas, se me obrigar a levá-lo para a Central e formalizar tudo isso, vai ser como esfregar essa situação no nariz de Peabody.

— E nenhum de nós deseja isso — murmurou ele e em seguida suspirou. — Escute, Dallas, eu recebi uma ligação. Uma cliente indicou meu nome para Areena, garantindo que eu poderia oferecer a ela uma noite confortável. Ela estava obviamente abalada. Eu soube da morte de Richard Draco; portanto, não precisei perguntar-lhe o motivo de sua aflição. Ela queria companhia para passar a noite. Um jantar a dois, muita conversa, sexo. Para compensar a inconveniência de ligar em cima da hora, ela se propôs a dobrar o meu preço para eu passar a noite toda. Foi simples assim.

— Vocês falaram de Draco?

— Não. Falamos de arte, falamos de teatro. Ela tomou três taças de vinho e fumou meio maço de cigarros calmantes, à base de ervas. Suas mãos só pararam de tremer uns vinte minutos antes de vocês chegarem. Ela é um desastre emocional ambulante e está apenas tentando segurar essa barra.

— Certo, obrigada pela informação. — Eve enfiou as mãos nos bolsos. — Peabody vai ler o relatório.

— Delia conhece o meu trabalho — disse ele, sentindo um arrepio na nuca.

— Eu sei. — E isso a machuca por dentro como arame farpado.

— Ela é uma mulher adulta, Dallas.

— Adulta uma ova! — Eve desistiu de se segurar e chutou a parede. — Ela age mal em se envolver com um tipo como você. Droga, ela foi criada por pacatos partidários da Família Livre, cresceu em uma cidadezinha no interior do nada — afirmou ela, apontando para um ponto qualquer que representasse o MeioOeste americano. — Ela é uma boa policial, uma profissional competente, mas ainda existem coisas que não consegue enxergar. E vai ficar muito pau da vida quando descobrir que eu comentei alguma coisa a respeito disso com você. Vai enfiar um cabo de vassoura naquela bunda e ficar andando toda dura por aí, me dando gelo. Que droga!

— Você se importa muito com ela, Dallas — reagiu ele. — Você se importa com ela de verdade, que eu sei. Não ocorreu a você que eu talvez me importe também?

— Mulheres são apenas negócios para você.

— Sim, sempre que elas pagam para tratar de negócios. Não é esse o caso com Delia. Pelo amor de Deus, nós nem mesmo fazemos sexo.

— O quê?! Quer dizer que ela não tem grana suficiente para pagar seus honorários? — Assim que Eve disse isso, odiou a si mesma. Ficou ainda mais sentida ao notar que os olhos frios de Charles exibiam uma mágoa profunda. — Sinto muito. Desculpe eu ter falado isso. Foi mal... não tinha nada a ver.

— Sim, foi mal mesmo.

Subitamente cansada, Eve deslizou lentamente para baixo e se sentou no chão, de costas para a parede.

— Não quero saber desses detalhes. Não quero nem pensar nisso. Gosto de você, Charles.

— É mesmo? — Intrigado, ele também se sentou no chão, com as costas na bancada e os joelhos de ambos quase se roçando.

— Sim, na maior parte do tempo. Quer dizer que vocês têm estado juntos desde antes do Natal e nunca... O que vê de errado nela para recusá-la?

Ele riu e dessa vez foi uma risada forte e descontraída.

— Puxa vida, Dallas, de que jeito você quer que as coisas sejam, afinal? Se eu transo com ela,

sou um canalha. Se não transo, sou um canalha. Roarke estava certo.

— Como assim Roarke estava certo?

— Não dá para entender as mulheres. — Ele bebeu um pouco de vinho. — Delia é uma boa amiga. Simplesmente as coisas não rolaram, aconteceu desse jeito. Não tenho muitos amigos que não sejam clientes e não tenham a mesma profissão que eu.

— Pois então tome cuidado com essa história de amigos. Eles começam a se multiplicar à sua volta quando você está distraído e isso complica toda a sua vida.

— Você também é uma boa amiga, Dallas. Ah, e tem mais uma coisa — disse ele, dando um tapinha carinhoso no pé de Eve. — Na maior parte do tempo eu também gosto muito de você, tenente Docinho.

* * *

O pesadelo começou. Ela já devia esperar por isso. O papo de Areena sobre sonhos maus, sangue e terror deve tê-lo provocado. Mesmo sabendo disso, Eve não conseguia parar o processo depois que ele tinha início em sua mente.

Ela o viu chegando em casa. Seu pai. O quartinho sujo em Dallas, muito frio, mesmo quando o aquecimento funcionava. Só de vê-lo, sentir-lhe o cheiro, saber que ele estava bêbado, mas não muito, já fazia o suor porejar em seus bracinhos gelados.

Ela deixou a faca cair. Estava tão faminta, tão desesperadamente faminta que correra o risco de procurar algo para comer. Apenas um pedaço de queijo. A faca caiu de sua mão e levou dias, anos, séculos para chegar ao chão. No sonho, o ruído foi o de um trovão ecoando em sua cabeça. Ecoando, ecoando...

O rosto dele, que vinha na direção dela, ficou banhado pela luz vermelha e depois pela luz branca vinda do letreiro luminoso.

*Por favor, não... Por favor, não... Por favor, não.*

Mas nunca adiantou nada implorar.

E tudo aconteceria outra vez, e outra, e mais outra. A dor da mão dele batendo-lhe no rosto quase de forma casual. Ela caindo no chão com tanta força que seus ossos se sacudiam por dentro. E então o peso dele por cima dela.

— Eve! Vamos, Eve, acorde. Volte para mim. Você está em casa.

O ar queimava-lhe a garganta e ela lutou, retorceu-se e empurrou os braços que a seguravam. Então a voz de Roarke entrou no sonho, cálida, calma, adorável. Segura:

— Está tudo bem, agarre-se em mim. — Ele a puxou para perto dele, em meio à escuridão, embalando-a como se fosse uma criança, até ver que ela se aquietara. — Está tudo bem agora.

— Não me solte.

— Não. — Ele pressionou os lábios em sua testa. — Não vou soltar.

Quando ela acordou de manhã, sentindo uma vaga lembrança do sonho como se fosse um borrão em sua mente, os braços dele ainda a envolviam.

## CAPÍTULO SETE

Eve conseguiu chegar à Central antes de Peabody. Fez isso de propósito, o que lhe custou uma hora a menos de sono, mas ela pretendia arquivar a atualização do relatório e ir em frente antes que sua auxiliar aparecesse. Com um pouco de sorte, não haveria nenhum tipo de discussão envolvendo o nome de Charles Monroe.

A sala de registros e queixas fervilhava. O motivo era a esposa do detetive Zeno, que dera à luz uma menina durante a noite, e o pai celebrara o fato trazendo para a Central duas dúzias de donuts. Como conhecia bem os detetives com quem trabalhava, Eve salvou logo um donut para si mesma, antes que a equipe toda pulasse em cima deles com a fúria de hienas sobre carne em decomposição.

— Quem ganhou o bolão?

— Eu! — Baxter sorriu por trás de um donut de canela recheado com geléia de framboesa. — Embolsei seiscentos e trinta paus.

— Droga. Eu nunca consigo ganhar o bolão do bebê. — Para se consolar, Eve pegou outro donut. Dando a primeira mordida, sorriu para ele. *O velho Baxter,* pensou. Ele era um pé no saco, mas sabia ser meticuloso em seu trabalho e também muito preciso nos detalhes. O cara perfeito para o que Eve tinha em mente. — Pelo visto, hoje é o seu dia de sorte, Baxter.

— Nem me fale! Eu estava de olho em um novo sistema de entretenimento totalmente automatizado. Esses seiscentos e poucos dólares vão me deixar mais perto dessa belezura.

— Isso é ótimo, Baxter, mas o que estou dizendo é que hoje é o seu dia de sorte *de verdade*. — Dizendo isso, Eve pegou uma pilha de discos de sua bolsa, recolhidos dos policiais e detetives que haviam anotado o nome e o endereço de todas as testemunhas na noite do assassinato de Richard Draco. — Você levou o grande prêmio: pesquisar os antecedentes e probabilidades de todas as pessoas relacionadas com o caso Draco. Temos quase três mil nomes. Convoque uns dois detetives para ajudar e alguns policiais, se achar necessário, e consiga declarações de todo esse povo. Vamos ver se conseguimos diminuir o número para a metade até o fim da semana.

— Muito engraçado, Dallas. — Riu ele, com ar de deboche.

— Recebi ordens de Whitney para escolher alguém e lhe entregar essa tarefa. Escolhi você, Baxter.

— Isso é brincadeira, não é? — Quando Eve colocou o pacote sobre a mesa dele, seus olhos giraram. — Você não pode jogar esse pesadelo em cima de mim, Dallas.

— Posso, tenho que fazer e já fiz. Você está deixando cair migalhas no teclado, Baxter. Devia

deixar sua área de trabalho sempre limpinha.

Satisfeita com o resultado, Eve foi para sua sala, seguida pelas pragas que ele rogou em sua direção.

A porta estava aberta, e o som de papel celofane sendo desembrulhado dava para ouvir do corredor. Eve se colocou de costas na parede junto da porta e seus dedos se agitaram, apalpando a arma. O filho-da-mãe. Dessa vez ela o pegara. O safado que vivia roubando seus chocolates e barras de cereais ia ser pego no flagra.

Ela entrou na sala como um furacão, com as mãos estendidas, e agarrou o intruso pelo cangote.

— Peguei você!

— Ei, dona! — assustou-se ele.

Eve era uns quinze centímetros mais alta e uns dez quilos mais pesada que ele. Calculou que dava para espremê-lo pela janela estreita de sua sala e jogá-lo na rua sem muita dificuldade. Ele se transformaria numa interessante marca na calçada junto ao prédio.

— Não vou nem ler os seus direitos — avisou Eve ao atirá-lo contra os armários de aço para guardar arquivos. — Você não vai precisar deles no lugar para onde vai.

— Chame a tenente Dallas! — suplicou ele, com uma voz de taquara rachada. — Chame a tenente Dallas!

Ela o arrastou de um lado para outro da sala e olhou para seus olhos apavorados, que haviam dobrado de tamanho devido aos microóculos que usava.

— *Eu sou* a tenente Dallas, seu ladrãozinho de doces.

— Bem... puxa... puxa vida! Eu sou o Lewis. Tomjohn Lewis, da manutenção. Vim instalar o seu novo equipamento.

— De que diabos você está falando? Deixe-me cheirar o seu hálito. Você está com bafo de quem comeu doce. Vou puxar sua língua para fora e estrangular você com ela.

Com os pés a vários centímetros acima do chão, ele expirou com tanta força pelas bochechas que o ar quente bateu no rosto dela.

— Eu comi só uns waffles na cantina e... e uma salada de frutas. Não comi doce nenhum. Juro por Deus!

— Tudo bem, mas você devia ter bochechado com um bom enxaguatório bucal depois disso, sabia? Que lance é esse de equipamento novo?

— Ali. Bem ali. Eu estava só acabando a transferência dos dados.

Ainda o segurando acima do chão, Eve virou a cabeça. Seu queixo caiu no chão, e logo em seguida Lewis caiu também, como um trapo desprezado, enquanto Eve pulava e abraçava a torre cinza do computador, dizendo:

— Meu! É todo meu!

— Sim, senhora... Isto é, tenente. Ele é todo seu.

Com os braços envolvendo a máquina de forma possessiva, Eve olhou de volta para ele.

— Escute aqui, garoto da manutenção: se isso for alguma pegadinha, eu arranco suas orelhas e faço um ensopadinho com elas.

— Estou com a ordem de serviço bem aqui. — Com movimentos cautelosos, ele pegou um computador de mão no bolso e digitou uma senha. — Veja só: tenente Eve Dallas, Divisão de Homicídios. Requisição de um computador modelo XE-5000. A solicitação foi feita pela senhora mesma.

— Sim, mas isso tem dois anos.

— É... bem... — Ele sorriu, com ar esperançoso. — Aqui está ele. Eu estava conectando a máquina à rede. Quer que eu termine o serviço?

— Sim, quero que você termine o serviço.

— Tudo bem. Prometo acabar rapidinho e sumir da sua frente. — Ele só faltou mergulhar para baixo da mesa.

— Que apelido estranho é esse... Tomjohn?

— É meu nome verdadeiro, tenente. Aqui está o manual da máquina, e o guia do usuário está naquela outra caixa ali.

Eve olhou para trás e bufou ao ver a caixa com quase trinta centímetros de altura. — Sei como funciona. Tenho um modelo desses em casa.

— É uma boa máquina. Depois que eu acabar de ligá-la à rede, só faltará fazer a transferência da sua senha e dos dados do equipamento velho para o novo. Isso vai levar uns trinta minutos, no

máximo.

— Tenho tempo. — Eve olhou para o computador velho, todo arranhado, amassado e desprezado. Alguns daqueles amassados haviam sido feitos pelos seus próprios punhos frustrados. — O que vai acontecer agora com o meu equipamento velho?

— Eu mesmo posso retirá-lo para a senhora e levá-lo para reciclagem.

— Ótimo! Não, não faça isso, quero ficar com ele. Vou levá-lo para a minha casa. — Eve planejara realizar um elaborado ritual de extermínio, torcendo para que a máquina sofresse muito.

— Por mim, tudo bem — informou o técnico. Sentindo que suas orelhas e sua língua estavam a salvo da fúria de Eve, ele voltou ao trabalho assobiando baixinho. — Esse troço já está obsoleto há uns cinco anos. Não sei como é que a senhora conseguia trabalhar nele.

A resposta de Eve foi um grunhido baixo e rouco.

Quando Peabody chegou, uma hora depois, Eve estava sentada à sua mesa entulhada, sorrindo.

— Veja só, Peabody. É Natal!

— Uau! — Peabody entrou e circundou a mesa. — Uau ao quadrado! É lindo!

— Sim. E é todo meu! Tomjohn Lewis, meu mais novo melhor amigo, instalou para mim. A máquina atende aos meus comandos, Peabody. Ela faz tudinho que mando fazer.

— Isso é ótimo, senhora. Sei que vocês vão ser muito felizes juntas.

— Muito bem, agora acabou a brincadeira. — Eve pegou sua caneca de café e apontou o AutoChef, sinalizando que Peabody poderia se servir também, se desejasse. — Fui revistar o apartamento de Draco ontem à noite.

— Eu não sabia que planejava fazer isso. Poderia ter modificado minha programação noturna para ir ajudá-la.

— Não foi necessário. — Eve lembrou que teria havido uma situação constrangedora no apartamento de Areena, caso Peabody *estivesse* em sua companhia, em vez de Roarke. — Richard Draco mantinha um estoque de drogas ilegais em sua cobertura, incluindo quase trinta gramas de Coelho Louco super-refinado.

— Isso é de arrepiar.

— Pode crer que sim. Havia também um monte de brinquedinhos eróticos criativos, muitos deles desconhecidos até mesmo para alguém como eu, com vasta experiência nesse tipo de confisco. Ele tinha uma grande quantidade de discos de vídeo, muitos deles com gravações de encontros sexuais particulares.

— Então o morto era um tarado sexual?

— Os brinquedinhos e os discos são opção pessoal, mas as drogas e especialmente o Coelho Louco o colocam no território da Divisão de Drogas Ilegais. Esse material pode significar um motivo, ou muitos motivos, no caso, já que havia mais drogas lá do que partidários da Família Livre em um protesto qualquer. Sem querer ofender.

— Não me ofendi.

— Como motivos em potencial nós temos: ambição, obtenção de vantagens pessoais, dinheiro, sexo, drogas, uma mulher ou várias mulheres desprezadas, além de uma antipatia generalizada pelo morto. Ele era um predador de mulheres e adorava humilhar pessoas de ambos os sexos que estivessem à sua volta. Era viciado em drogas, um filho-da-mãe irritante, e todos que o conheciam tinham vontade de pendurá-lo em uma estaca pelos intestinos. Isso não nos ajuda a encurtar a lista nem um pouco. No entanto...

Eve se ajeitou na cadeira, antes de continuar.

— Comecei a rodar o programa de probabilidades ontem à noite e fiz alguns progressos. Meu XE-5000 novinho vai transmitir os dados para você continuar a pesquisa. Tenho uma consulta marcada com a Dra. Mira para daqui a pouco. Isso talvez nos ajude a diminuir a lista de suspeitos. Marque uma conferência com nossos colegas da DDE para as onze horas.

— E os interrogatórios marcados para hoje à tarde?

— Mantenha o cronograma. Estarei de volta daqui a uma hora, duas no máximo. — Eve empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Se eu me atrasar, ligue para o laboratório e pressione o Cabeção, cobrando o laudo sobre as drogas que enviei para ele agora há pouco.

— Com prazer. Devo subornar o Cabeção ou ameaçá-lo?

— Há quanto tempo você trabalha comigo, Peabody?

— Quase um ano, senhora.

Eve concordou com a cabeça, já saindo.

— Não acha que já é tempo suficiente? Escolha você mesma.

O local de trabalho da Dra. Mira era mais civilizado ou, pelo menos, essa foi a palavra que veio à cabeça de Eve, quando comparada às baias e colméias da maior parte dos setores da Central de Polícia. Um oásis de calma, especialmente para quem desconhecia o que se passava por trás das portas da área de testes psicológicos.

Eve conhecia aquelas portas e torcia para que décadas se passassem antes de ela se ver obrigada a passar novamente por elas.

O espaço individual de Mira ficava em um mundo afastado da saleta para testes, onde as pessoas eram despersonalizadas e desmoralizadas. A médica apreciava os tons de azul encontrados nas poltronas aconchegantes e nas suaves ondas do mar que ela geralmente colocava no telão para relaxamento.

Mira vestia um dos elegantes conjuntos que costumava usar no consultório, todos em cores pastéis. O verde que ela escolhera para aquele dia era de um tom esperançoso, a cor dos brotos de primavera. Seu cabelo estava preso atrás da cabeça e exibia um rosto de beleza harmônica que Eve sempre admirava. Pequenas pérolas em suas orelhas combinavam com a gargantilha, também de pérolas, que lhe adornava o pescoço.

A Dra. Mira era, para Eve, o exemplo perfeito de graciosa feminilidade.

— Obrigada por me encaixar em sua agenda, doutora.

— Tenho um interesse pessoal nesse caso, por ser uma testemunha — explicou Mira, enquanto programava um pouco de chá no AutoChef. — Em todos os anos em que estive ligada ao Departamento de Polícia de Nova York, nunca presenciei um assassinato. — Ela se virou, trazendo duas xícaras de chá com fragrância floral e percebeu uma piscadela sombria no olhar de Eve. — Na verdade, Richard Draco não foi assassinado, Eve. Foi executado, o que é completamente diferente.

Antes de sentar, entregou a Eve o chá que ambas sabiam que mal seria provado.

— Eu estudo os assassinatos — continuou ela. — E os assassinos. Eu os escuto e analiso. Monto o perfil deles. Como médica, conheço, compreendo e respeito a morte. Porém, ver uma morte acontecer bem diante dos meus olhos sem saber que era real me proporcionou maus momentos. É difícil.

— Eu considero engenhoso.

— Bem... — A sombra de um sorriso dançou nos lábios de Mira. — Seu ponto de vista e o meu têm ângulos diferentes, imagino.

— Sim. — O ângulo de Eve era geralmente sobre o cadáver, geralmente com sangue sob as botas. De repente, ocorreu-lhe que ela nem mesmo levara em consideração o estado de espírito de Mira naquela noite. Simplesmente a convocara para ajudar e a usou da forma que lhe pareceu mais eficiente.

— Desculpe, doutora, isso nem me passou pela cabeça. Eu nem lhe dei a chance de se manter afastada.

— Nem teria motivo para fazê-lo. Aliás, naquele momento, nem eu. — Ela balançou a cabeça, descartando o problema, e levou o chá aos lábios. — Você chegou aos bastidores com uma rapidez impressionante. Em que momento percebeu que a faca era de verdade?

— Tarde demais para impedir o assassino. É só isso o que me importa agora. Já comecei a interrogar as pessoas, mas estou me concentrando primeiro nos atores.

— Sim, o crime foi imerso em elementos teatrais. O método, o momento exato, a encenação. — Sentindo-se mais à vontade com a distância analítica, Mira reviveu a cena em sua mente. — Um ator ou alguém que aspira ou aspirou alguma vez ser ator se encaixa no perfil. Por outro lado, o assassinato foi limpo, bem produzido e cuidadosamente executado. Seu assassino é audacioso, Eve, mas tem a cabeça fria.

— Quem planejou isso tinha necessidade de ver a cena acontecer?

— Sim, creio que sim. A pessoa precisava ver tudo se desenrolar ali, sob os refletores, em pleno palco, com a platéia sem fôlego e em estado de choque. Isso, na minha opinião, era tão importante para esse indivíduo quanto a morte de Draco em si. Tão importante quanto a emoção do ato e o que aconteceu em seguida. Tão importante quanto a expressão de choque e horror no próprio rosto, depois de muitos ensaios.

Mira considerou a afirmação, antes de continuar.

— Foi muito bem encenado para não ter sido ensaiado. Richard Draco era cultuado como um dos maiores atores da nossa época. Matá-lo foi um passo. Substituí-lo, mesmo que apenas na mente do assassino, era o passo seguinte.

— A senhora está dizendo que a motivação foi profissional?

— Sim, em um dos níveis. Mas foi também muito pessoal. Se procurarmos por um ator ou um aspirante a ator, devemos lembrar que os motivos pessoais e profissionais podem estar misturados aqui.

— A única pessoa que lucraria direta e profissionalmente com a morte de Draco seria Michael Proctor, o substituto do astro.

— Logicamente, sim. No entanto, todos os que estavam no palco ou tinham ligação com a produção se beneficiam. Recebem atenção da mídia, têm seus nomes gravados na mente do público e ligados para sempre a um momento inesquecível. Não é isso que todo ator aspira? Participar de um momento inesquecível?

— Não sei. Eu não compreendo as pessoas que passam a própria vida sendo outras pessoas.

— O seu trabalho e a sua habilidade consistem em fazer a platéia acreditar que elas são outras pessoas. O teatro é mais que trabalho para os bons atores e para os que devotam sua vida a isso. A atividade deles é uma forma de vida, como acontece com você, Eve. Na noite em que Richard Draco foi morto, os refletores brilharam com mais intensidade sobre todos que faziam parte da peça.

— Os que faziam parte da peça e os envolvidos com a produção do espetáculo. Não o público.

— Com os dados que temos no momento, não posso eliminar as pessoas da platéia, mas estou mais inclinada na direção de uma pessoa ou grupo de pessoas mais perto do palco. — Mira colocou a xícara de lado e pousou a mão sobre a de Eve. — Você está preocupada com Nadine.

Eve abriu a boca e tornou a fechá-la.

— Nadine é minha paciente — explicou Mira —, e ela se abre muito comigo. Conheço a história dela com a vítima e estou pronta, se for necessário, a oferecer minha avaliação profissional de que ela não é capaz de planejar e executar um crime violento. Se desejasse punir Draco, ela encontraria um jeito de fazer isso através da mídia. Tem poder e competência para isso. Muita competência, aliás.

— Está bem então.

— Eu já falei com ela, Eve — afirmou Mira. — Sei que você vai interrogá-la oficialmente, hoje.

— Assim que sair daqui. Seremos apenas eu, Nadine e seu advogado. Quero deixar registrado que foi ela que me procurou com a informação. Com isso, posso adiar a declaração formal por mais alguns dias para ela ter tempo de respirar.

— Isso vai ajudar. — Mira analisou o rosto de Eve e notou algo. — O que mais?

— Extra-oficialmente?

— É claro.

Eve provou o chá e então contou a Mira tudo sobre o vídeo que encontrara na cobertura de Richard Draco.

— Ela não sabe dessa gravação — disse Mira, na mesma hora. — Se soubesse, teria me contado. Isso é algo que a deixaria preocupada e furiosa. Além de embaraçada. Ele deve ter gravado tudo sem o conhecimento dela.

— Então, vamos à pergunta seguinte: e se ele mostrou o vídeo a Nadine quando ela foi vê-lo no dia do crime?

— O pessoal da limpeza teria registrado danos consideráveis à suíte, e Draco teria ido parar no prontosocorro antes da estréia — garantiu Mira, recostando-se. — Que bom vê-la sorrir, Eve. Vejo que está preocupada com Nadine.

— Ela estava abalada em nosso encontro. Muito abalada. — Eve empurrou a cadeira para trás, foi até a tela de relaxamento e observou as imagens das ondas que vinham e voltavam. — Hoje em dia eu tenho um monte de gente murmurando nos meus ouvidos e isso acaba me distraindo.

— Se pudesse, você faria sua vida voltar a ser como era um ano atrás, Eve? Ou dois anos?

— Partes da minha vida eram mais fáceis naquela época. Eu levantava de manhã e fazia o meu trabalho. Saía com Mavis umas duas vezes por semana... — Eve expirou com força. — Não, não gostaria de voltar ao que eu era. De qualquer modo, não adianta mais pensar nisso. Estou onde estou; portanto, de volta ao caso Draco — propôs Eve. — Ele era um predador sexual.

— Sim, acabei de ler seu relatório inicial pouco antes de você chegar. Concordo que o sexo era uma das suas armas favoritas. Mas não era apenas o sexo em si que o satisfazia. Era exercer o controle, era o conjunto representado pela sua aparência, seu estilo, seu talento e o *sex appeal* que usava para controlar as mulheres, as quais considerava brinquedos. Através delas, ele exibia a sua superioridade aos outros homens. Era obcecado por ser sempre o centro de tudo.

— E quanto às drogas ilegais? Quando um homem usa Coelho Louco com uma mulher, é sinal de que acha que não vai se dar bem com ela. A droga tira dela o direito de escolha.

— Concordo, mas nesse caso eu diria que a droga era apenas mais um acessório de cena para ele, em nada diferente de um jantar a luz de velas ou uma música romântica. Ele se via como um grande amante, do mesmo modo que sabia ser um grande ator. Na cabeça dele, essas pequenas gratificações pessoais não passavam de direito adquirido, por ele ser um astro. Não estou dizendo que o sexo não represente um papel como motivo, Eve, mas creio que, nesse caso, temos camadas e mais camadas de motivos e um assassino muito complexo e provavelmente tão egocêntrico quanto a vítima. — É, farinha do mesmo saco — murmurou Eve.

Ele tinha tudo calculado. Atores se achavam brilhantes, especiais e muito importantes. Ele bem que poderia ter sido ator, se realmente desejasse. Mas as coisas eram como seu pai sempre dissera. Quem trabalha nos bastidores consegue trabalho para sempre.

Atores surgiam e eram esquecidos, mas um bom auxiliar de palco nunca precisava sair por aí em busca de trabalho.

Linus Quim era auxiliar de palco havia trinta anos. Nos últimos dez, ele estava no topo da carreira, e por isso lhe haviam oferecido a oportunidade de trabalhar no teatro New Globe. Ele recebia o salário mais alto da tabela do sindicato. Conseguira arrancar isso dos empresários canalhas e unhas-de-fome.

Mesmo assim, o que recebia não chegava nem perto da grana que os atores ganhavam.

No entanto, onde eles estariam se não fosse o auxiliar de palco?

Em pouco tempo, o New Globe ia ter de procurar um novo chefe dos auxiliares de palco. Linus Quim ia se aposentar em grande estilo.

Quando trabalhava, sempre deixava os olhos e os ouvidos bem abertos. Observava tudo. Ninguém como Linus Quim sabia quem era quem e o que era o que em uma companhia de teatro.

Acima de tudo, era um mestre em fazer as coisas no momento certo. Nenhuma deixa nem marcação de cena era esquecida quando ele estava em ação.

Ele sabia muito bem quando havia visto a faca cênica pela última vez. Sabia exatamente quando e onde. Houve apenas uma oportunidade para a troca. E só uma pessoa, na opinião de Linus, conseguiria tê-la feito de forma tão impecável. E só essa pessoa teria tempo suficiente para plantar a faca falsa no camarim de Areena Mansfield.

Foi um movimento muito ousado, ele se vira obrigado a reconhecer.

Linus parou ao lado de uma carrocinha e resolveu fazer um lanchinho antes do almoço. Pediu um pretzel e o cobriu com bastante mostarda amarela.

— Ei! — O vendedor, que usava luvas velhas com as pontas dos dedos abertas, tentou arrancar-lhe o tubo de mostarda da mão e avisou: — Se quiser usar essa mostarda toda, vai ter que pagar mais.

— Qual é, cara? — Linus colocou mais um pouco, só para provocar.

— Você está usando mostarda demais. — O vendedor, um asiático de rosto enrugado que

trabalhava havia menos de três meses naquele ponto, improvisou uma dança indignada com seus pés diminutos. — Tem que pagar mais!

Linus pensou em apertar o tubo com força e lançar o resto da mostarda naquela cara de ameixa seca, mas se lembrou da fortuna que ia receber dali a instantes e isso o fez se sentir generoso. Pescou no fundo do bolso uma ficha de crédito no valor de meio dólar e a atirou no ar.

— Pronto, agora você já pode se aposentar — disse, quando o vendedor agarrou a moeda em pleno ar.

Foi comendo o pretzel com mostarda escorrendo pelos lados enquanto caminhava.

Linus era um homem de baixa estatura e magro, apesar da barriga que mais parecia uma bola de futebol transbordando do cinto. Seus braços eram compridos para a sua altura e bem musculosos. Sua face parecia um prato quebrado e mal colado: era redonda, achatada, cheia de linhas e dobras. Sua ex-mulher muitas vezes sugerira que ele usasse sua poupança em algum tratamento cosmético no rosto.

Linus não via motivo para tal. Que importância tinha a aparência quando seu trabalho era, essencialmente, nunca ser visto?

Agora, porém, talvez pensasse nessa idéia com mais carinho. Resolveu que iria para o Taiti, Bali ou quem sabe um daqueles novos resorts inaugurados em satélites. Ia aproveitar a areia, o sol e as mulheres.

O meio milhão de dólares que receberia como pagamento pelo seu silêncio iria aumentar em muito o saldo da sua poupança.

Talvez ele devesse ter exigido mais. Resolvera pedir pouco, nada que alguém atuando em uma produção cara como aquela não pudesse levantar em pouco tempo. Ele aceitaria até mesmo receber a grana em parcelas. Estava disposto a ser razoável. A verdade é que ele tinha se admirado com a coragem e a habilidade do ato, e também com a escolha do alvo.

Linus nunca conhecera outro ator que desprezasse mais do que Richard Draco, e isso era espantoso, pois geralmente ele odiava igualmente todos os atores.

Enfiando o resto do pretzel na boca, limpou um pouco da mostarda que lhe escorrera pelo queixo. O bilhete que enviara devia ter sido entregue pelo correio naquela manhã, bem cedo. Ele pagara taxa de urgência para a entrega. Um investimento.

Um bilhete foi muito melhor do que uma ligação ou uma visita pessoal. Essas coisas podiam ser rastreadas. Os tiras podiam grampear o *tele-link d*e todo mundo, se quisessem, e ele não queria nada com os tiras, que odiava quase tanto quanto os atores.

Resolvera fazer um bilhete simples e direto, lembrou.

EU SEI O QUE VOCÊ FEZ E COMO. BOM TRABALHO! ENCONTRE-ME NOS BASTIDORES DO TEATRO, NO NÍVEL INFERIOR, ÀS ONZE DA MANHÃ. QUERO 500.000 DÓLARES. NÃO VOU PROCURAR OS TIRAS. O MORTO ERA UM FILHO-DA-MÃE MESMO.

Ele não assinara. Todo mundo que trabalhava com ele conhecia seu jeito de escrever só em letras de imprensa. Passara um sufoco, achando que o bilhete ia ser entregue aos tiras e ele iria preso por tentativa de chantagem, mas acabou deixando essa possibilidade de lado.

O que era meio milhão de dólares para quem trabalhava em uma peça?

Ele usou a porta que dava para o palco, digitando seu código na fechadura eletrônica. As palmas de suas mãos estavam ligeiramente suadas de nervoso e empolgação. A porta se fechou atrás dele com um ribombar metálico que ecoou pelo ambiente. Então o cheiro típico do lugar o atingiu, e ele avançou em meio ao glorioso silêncio. Sentiu uma fisgada de emoção no coração, aguda e inesperada.

Depois daquele dia ele deixaria tudo o que havia ali para trás, para sempre. Os cheiros, os sons, as luzes, as falas. Aquele fora o único ambiente que ele realmente conhecera por inteiro, e a súbita percepção do amor que sentia pelo local o comoveu.

Não importa, lembrou a si mesmo, e seguiu em direção às escadas que levavam ao andar de baixo. Havia teatros no Taiti, se ele sentisse saudades e resolvesse voltar a trabalhar em plenas férias. Talvez resolvesse abrir um negócio próprio, um teatro-cassino.

Essa era uma idéia ainda a ser avaliada.

Teatro Linus Quim. Até que soava bem.

Ao chegar ao pé da escada, virou à direita e seguiu pelo corredor cheio de curvas. Assobiava uma melodia agora, feliz por estar em seu próprio espaço, levemente empolgado pela expectativa do que estava para acontecer.

Um braço surgiu do nada e o agarrou por trás, pelo pescoço. Ele gritou, mais de surpresa do que de medo, e fez menção de se virar.

Vapores entraram rapidamente pela sua boca e nariz. Sua visão ficou enevoada e sinos soaram em sua cabeça. Sentiu as mãos e os pés dormentes.

— O quê? O quê?

— Você precisa de um drinque — sussurrou uma voz em seu ouvido, amigável e tranqüilizadora. — Vamos lá, Linus, você precisa de um drinque. Peguei a garrafa que estava no seu armário.

A cabeça de Linus tombou para a frente, pesada como uma pedra em seu pescoço magro. Tudo o que conseguia ver através das pálpebras semicerradas eram cores borradas. Sentiu os pés sendo arrastados pelo chão enquanto era levado com gentileza para uma cadeira. Quando alguém segurou um copo diante dos seus lábios ele bebeu tudo, de forma obediente.

— Isso! Agora está bem melhor, não é?

— Tonto...

— Isso vai passar. — A voz continuou, suave e confortadora. — Você vai se sentir muito calmo. O calmante é suave, quase como um beijo. Fique sentadinho aí que eu vou cuidar de tudo.

— Tudo bem. — Ele sorriu de forma ausente. — Obrigado.

— Não há de quê.

O nó corrediço já estava preparado em uma corda comprida que serpenteava pelo chão. Mãos enluvadas a ajeitaram com todo o cuidado em torno do pescoço de Linus, ajustando o nó com precisão.

— Como se sente agora, Linus?

— Muito bem. Muito bem mesmo. Pensei que isso fosse lhe provocar raiva.

— Nada disso. — Mas ouviu-se um suspiro que poderia ser de pesar.

— Vou pegar o dinheiro e viajar para o Taiti.

— É mesmo? Tenho certeza de que você vai curtir muito, Linus. Agora, eu quero que você escreva uma coisinha para mim. Pegue a caneta. Isso! Aqui está o bloquinho que você sempre usa para fazer suas anotações. Você nunca usa agendas eletrônicas, certo?

— Não, gosto mais do velho papel, droga. — Ele soltou um soluço e sorriu.

— Claro. Escreva aqui para mim a frase "Fui eu" e assine o seu nome embaixo. Isso! Perfeito!

— "Fui eu" — repetiu ele e assinou o próprio nome com uma letra miúda. — Entendi direitinho, viu só?

— Sim, entendeu mesmo. Você é muito esperto, Linus. Continua tonto?

— Não. Estou legal. Sinto-me ótimo. Você trouxe o dinheiro? Eu vou para o Taiti. Por falar nisso, foi um favor para todo mundo você matar aquele canalha.

— Agradeço por pensar assim. Eu também acho. Agora, vamos nos levantar um instantinho. Você está firme?

— Como uma rocha.

— Ótimo! Será que poderia me fazer um favor? Subir nessa escada aqui? Preciso que você atire a ponta dessa corda por trás daquela viga e a amarre bem. Amarre bem firme. Ninguém sabe prender uma corda tão bem quanto um veterano auxiliar de palco.

— Isso é verdade. — Ele fez o que lhe foi pedido e trabalhou cantarolando.

Do chão, lá embaixo, Linus era observado por alguém cujo coração batia descompassado. Houve um momento de pavor quando o bilhete chegou. Ondas de medo, pânico e desespero.

Tudo aquilo desaparecera agora. Tinha de desaparecer. Só um pouco de irritação e o estímulo do desafio permaneciam.

*Como lidar com isto?,* fora a dúvida inicial. A resposta se delineou de forma suave e clara. Elimine a ameaça e entregue o assassino de bandeja para a polícia ao mesmo tempo.

Em poucos instantes, em questão de minutos, tudo estaria resolvido.

— Está bem presa! — anunciou Linus. — A corda vai agüentar.

— Tenho certeza que sim. Não, não, Linus, não desça de volta pela escada.

Confuso, ele movimentou os pés no último degrau da escada e olhou para o rosto sorridente lá embaixo.

— Como assim não desça de volta pela escada?

— Não. Pule! Pule da escada, Linus. Não vai ser mais divertido? Vai ser como pular nas lindas águas azuis do Taiti.

— Taiti? É para lá que eu vou assim que pegar a grana.

— Sim, será como no Taiti. — A risada foi deliciosa e encorajadora. Um ouvido mais atento poderia ter percebido um pouco de tensão na voz, mas Linus simplesmente sorriu de volta. — Vamos lá, Linus! Pode mergulhar! A água está ótima!

Ele sorriu novamente, tapou o nariz com dois dedos e mergulhou.

Desta vez a morte não foi tranqüila. Os pés em pânico se sacudiram com força e derrubaram a escada, fazendo um estrondo enorme. A escada tombou sobre a garrafa de bebida, e cacos de vidro voaram em todas as direções. Arfadas desesperadas tentaram forçar o caminho através da traquéia e do nó que a apertava, e em seguida se tornaram espasmos. Por alguns segundos o ar pareceu se encher de gritos não emitidos.

Então ficou apenas o rangido fraco da corda pendente, como se fosse o rangido do mastro de um navio em alto-mar formando uma imagem curiosamente romântica.

## CAPÍTULO OITO

— O perfil montado por Mira aponta para alguém que representa um papel. Um ator, uma atriz — informou Eve — ou alguém que esteja querendo entrar na profissão.

— Bem, temos o elenco principal — disse Feeney, esticando as pernas. — Em seguida, temos os papéis secundários e depois as pessoas que fazem pequenas pontas na trama. Somando tudo dá mais de trinta nomes em potencial. Se acrescentarmos os aspirantes a ator e atriz, só Deus sabe a que número chegaremos.

— Então vamos investigá-los um por um para fazer esse número baixar. Do mesmo modo que Baxter vai fazer com as pessoas da platéia.

— Estamos ouvindo as reclamações dele até agora — informou Feeney, sorrindo.

— Então, fiz um bom trabalho. Vamos considerar as ligações com a vítima — continuou Eve —, além da localização de cada um durante o último ato. Rebocamos os mais prováveis para interrogatório e começamos a fazê-los sofrer.

McNab se remexeu na cadeira, levantou um dedo e disse:

— Permanece a possibilidade de o assassino ser uma pessoa da platéia. Alguém que conhecesse Draco e tivesse experiência de teatro. Mesmo trabalhando em equipe com Baxter vinte e quatro horas por dia, pesquisando as pessoas que ele indicar, levantando seus antecedentes e considerando as probabilidades, vamos levar semanas para eliminar todo mundo.

— Não temos tanto tempo assim — retorquiu Eve. — Esse caso é muito importante. A pressão sobre nós vai começar daqui a pouco, vinda direto da torre — completou ela, referindo-se à sala do secretário de Segurança. — Eles vão começar a nos apertar e não vai demorar muito. Vamos pesquisar o público à medida que Baxter nos repassar os nomes em potencial, e continuaremos nesse ritmo até o número de suspeitos baixar. Nesse meio-tempo, continuamos focados no pessoal do palco.

Eve foi até onde estavam as fotos da cena do crime e do corpo, junto dos gráficos e projeções feitas pelos programas de probabilidade e antecedentes, todos atualizados e presos em um quadro com tachinhas.

— Esse não foi um assassinato por diversão. Nem por impulso. Tudo foi planejado e ensaiado. Foi bem apresentado. E foi gravado. Consegui cópias dos discos para todos. Cada um de nós vai assistir à peça inteira e estudá-la com muita atenção até sabermos as falas de cor. Precisamos conhecer todos os movimentos de cena e as marcações de palco tão bem que até poderemos sair em turnê encenando-a.

"O ponto-chave aqui é driblar a lei", murmurou Eve. "É brincar com ela. E, por fim, é um tipo de justiça. O assassino ou assassina deve ter encarado a morte de Draco dessa forma. Como uma espécie de justiça."

Feeney remexeu no saquinho de amêndoas açucaradas que trazia no bolso e afirmou:

— Ninguém gostava dele.

— Então vamos descobrir quem o odiava mais.

* * *

O nome do jovem era Ralph e ele parecia ao mesmo tempo aterrorizado e empolgado. Usava um surrado casaco dos Yankees por cima do uniforme cáqui da manutenção e passara por um péssimo corte de cabelo, ou, Roarke imaginou, talvez aquilo fosse uma nova moda. Qualquer que fosse a resposta para isso, o fato é que o rapaz se via forçado a soprar, tirar da frente ou sacudir as pontas de cabelo escuro que ficavam soltas e caindo sem parar sobre os olhos.

— Não imaginei que viesse até aqui pessoalmente, senhor. — Parte do pânico e da empolgação de Ralph vinha da idéia de falar cara a cara com o lendário Roarke. Todo mundo sabia que o sujeito era o máximo dos máximos. — As ordens eram para relatar ao controle qualquer coisa fora do comum e, quando eu vi que a porta que dá para o palco não estava trancada e codificada, resolvi dar o alarme na mesma hora.

— Fez bem. Você entrou?

— Bem, eu... — Ralph não via motivos para confessar que sua imaginação fértil não permitiu que ele desse mais de dois passos além da porta. — Pensei em entrar lá, entende, mas então percebi que havia luzes acesas em locais onde deveriam estar apagadas. Achei que seria mais inteligente ficar aqui fora, a fim de... vigiar a porta.

— Bem pensado. — Roarke se agachou, analisou a fechadura e deu uma olhada na câmera de segurança. A luz do equipamento estava apagada quando não devia estar. — Você normalmente trabalha sozinho?

— Não, senhor, mas o prédio estava fechado desde a noite em que mataram o cara e tudo o mais, e o meu supervisor pediu que alguém da equipe de limpeza se oferecesse como voluntário para realizar algumas tarefas básicas de manutenção. Devido ao lance que rolou aqui na noite de estréia, ninguém teve autorização nem mesmo para limpar os banheiros. O supervisor disse que só hoje os tiras liberaram a área, pois já haviam recolhido todo o material de que precisavam.

— Sim. — Haviam informado a Roarke naquela manhã que algumas partes do teatro ainda não haviam sido liberadas.

— Não podemos ultrapassar as áreas isoladas pela polícia em cima do palco nem atrás dele. O supervisor avisou que quem entrasse nelas iria levar uma tremenda escovada.

— O supervisor estava muito certo.

— Sendo assim, fui designado para limpar apenas os banheiros. Eu me ofereci porque precisava da grana extra, entende?

— Sim. — Roarke se levantou, endireitou as costas e sorriu para o rapaz. — Sei como são essas coisas. Muito bem, então. Ralph... é esse o seu nome?... vamos entrar lá para ver o que encontramos.

— Claro. — Deu para ouvir Ralph engolir em seco ao passar pela porta, logo atrás de Roarke. — Sabe de uma coisa? Dizem que o criminoso sempre volta ao local do crime.

— É mesmo? — A voz de Roarke era gentil, enquanto ele analisava tudo em volta. — Um dia você vai aprender que *sempre* é uma coisa que existe pouco no mundo, Ralph. De qualquer modo, pode ser que desta vez eles tenham razão.

As salas que ficavam logo depois do saguão estavam às escuras, mas havia uma trilha de luz que vinha das escadas que levavam ao andar de baixo. Roarke começou a descer os degraus e enfiou a mão no bolso, onde ele guardara uma pequena arma de atordoar, ilegal para uso civil. Fizera isso logo que lhe relataram a entrada de alguém no teatro.

Seguindo a luz, foi até o local que ficava exatamente sob o palco.

Sentiu o fedor azedo de bebida e um cheiro sutil que reconheceu como de morte.

— Sim, me parece que dessa vez eles têm razão, Ralph — murmurou Roarke, virando um canto do corredor.

— Caraca! Cacete! Puxa vida! — A voz de Ralph atropelou as palavras, e seus olhos se arregalaram ao ver a figura pendurada na ponta de uma corda. — Isso é um homem?

— Era. Se quiser vomitar, fique à vontade, mas vá fazê-lo em outro lugar.

— Hein?

Roarke olhou para trás. O rosto do rapaz se tornara mais branco que papel e seus olhos estavam vidrados. Para não complicar a situação, Roarke simplesmente apertou uma das mãos sobre o ombro de Ralph e o fez se abaixar com a cara voltada para o chão.

— Mantenha a cabeça baixa, respire fundo e devagar. Isso, garoto! Você vai ficar bem.

Afastando-se do rapaz, Roarke foi até o homem enforcado.

— Pobre idiota — pensou em voz alta, pegando o *tele-link* portátil, a fim de chamar a esposa.

— Aqui fala a tenente Dallas. O quê? Roarke, não posso falar com você agora. Estou até o pescoço de trabalho.

— Por falar em pescoço, eu estou olhando para um, nesse exato momento, que foi consideravelmente esticado. É melhor vir até o teatro, tenente, no andar inferior. Encontrei mais um corpo para você.

Um corpo morto exigia procedimentos de rotina, mesmo quando a pessoa que o descobrira era também marido da principal investigadora.

— Você consegue identificá-lo? — perguntou Eve a Roarke, fazendo sinal para Peabody gravar a cena.

— Linus Quim. Fui verificar nos arquivos dos funcionários, depois de ligar para você. Ele era o chefe dos auxiliares de palco. Tinha cinqüenta e seis anos, era divorciado, sem filhos. Morava na Sétima Avenida, sozinho, de acordo com os registros.

— Você o conhecia pessoalmente?

— Não.

— Tudo bem. Fique por aqui. Peabody, pegue uma escada para mim. Não quero usar a que está caída aqui até ela passar pela perícia. Quem é o garoto? — perguntou a Roarke.

— Ralph Biden. Trabalha na manutenção. Veio trabalhar sozinho hoje, encontrou a porta do palco destrancada e avisou o supervisor.

— Quero saber com precisão a hora em que aconteceu tudo isso — exigiu Eve, analisando o ângulo em que a escada caíra e o padrão dos cacos de vidro que ficaram espalhados quando a garrafa de bebida se quebrou.

Depois de encará-la longamente, Roarke pegou sua agenda eletrônica.

— O rapaz entrou em contato com a manutenção às onze e vinte e três desta manhã. Fui avisado seis minutos depois e cheguei a este local exatamente ao meio-dia. Isso está preciso o bastante para satisfazê-la, tenente?

Eve reconheceu o tom de voz de Roarke, mas não tinha culpa se ele resolvera ficar irritado. Mesmo assim, fez uma careta quando ele se virou de costas e foi pegar a pequena escada das mãos de Peabody.

— Você ou o garoto tocaram em alguma coisa?

— Eu conheço a rotina. — Roarke posicionou a escada sob o corpo pendurado. — E quase tão bem quanto você.

Eve simplesmente grunhiu alguma coisa, colocou o kit de serviço nas costas e começou a subir os degraus.

Enforcamento é um tipo de morte desagradável, e a aparência do cadáver reflete isso. Os olhos se mostram esbugalhados e o rosto fica roxo. Ele não devia pesar mais do que cinqüenta e cinco quilos, pensou Eve. Pouco peso, muito pouco peso para o corpo tombar depressa e o pescoço se quebrar misericordiosamente no momento da queda.

Em vez disso, ele sufocou até morrer, de forma lenta o bastante para ter consciência de tudo, tentar lutar e se arrepender.

Com as mãos cobertas por Seal-It, o spray selante, Eve pegou o pedaço de papel reciclado que viu preso ao cinto do morto. Depois de ler o que estava escrito nele entregou-o à ajudante e ordenou:

— Mande ensacá-lo, Peabody.

— Sim, senhora. Foi suicídio?

— Policiais que tiram conclusões precipitadas geralmente tropeçam nelas e caem de bunda no chão. Chame a perícia e avise ao legista de plantão que temos um caso de morte indeterminada.

Sentindo-se repreendida, Peabody pegou o comunicador.

Eve registrou a hora em que o corpo foi encontrado e examinou o nó para enforcamento; por sinal, muito bem feito.

— Por que achou que se tratava de suicídio, policial?

— Ahn... O corpo foi encontrado enforcado em seu local de trabalho. Enforcamento é um método tradicional de suicídio. Há um bilhete suicida assinado, uma garrafa de bebida quebrada e um único copo. Não há sinais de luta nem de violência.

— Em primeiro lugar, lembre-se de que executar pessoas por enforcamento ocorre há muitos

séculos. Em segundo lugar, no momento nós não temos provas de que foi o morto que escreveu o bilhete encontrado no local. Finalmente, até que o exame do corpo esteja completo, não podemos determinar se existem outras marcas de violência. E mesmo que não existam — continuou Eve, descendo a escada de costas —, um homem pode ser coagido a se enforcar.

— Sim, senhora, não há dúvida.

— À primeira vista parece suicídio, mas o nosso trabalho não é aceitar o que está na superfície e sim observar, fazer registros, recolher provas e, por fim, chegar a alguma conclusão.

Eve deu um passo para trás e analisou a cena.

— Por que um homem vem até um teatro vazio, senta-se sozinho para tomar uma dose de bebida, prepara um nó corrediço com toda a calma e muito capricho, prende-o em uma viga, sobe em uma escada e depois pula?

Percebendo que uma resposta era esperada, Peabody fez o melhor que pôde.

— O teatro é o seu local de trabalho. Suicidas muitas vezes se matam no local de trabalho.

— Estou me referindo a Linus Quim. Quero dados específicos, Peabody, e não meras informações genéricas.

— Sim, senhora. Se ele foi o responsável pela morte de Richard Draco, conforme parece estar expresso no bilhete encontrado, talvez tenha se sentido arrasado pela culpa e voltou ao mesmo local em que Draco foi assassinado, a fim de equilibrar as coisas tirando a própria vida debaixo do palco.

— Pense no perfil da primeira morte, Peabody. Pense no crime original e no seu método de execução. Eu vejo premeditação, crueldade e ousadia. Mostre-me onde você viu culpa.

Dizendo isso, Eve caminhou a passos largos até o local onde estava Ralph, muito pálido, sentado em um canto.

— Dessa vez eu dei o maior fora — resmungou Peabody. — Errei feio. — Expirando com força, tentou não se sentir sem graça por ter levado uma esculhambação na frente de Roarke. — A tenente está revoltada.

— Está apenas zangada. E não é nada com você em particular — acrescentou Roarke —, nem comigo. — Olhando mais uma vez para o corpo pendurado e pensando no desperdício patético de uma vida, compreendeu perfeitamente a sua mulher. — A morte a ofende. Isso acontece todas as vezes que Eve lida com ela.

— A tenente diz que não devemos nos sentir pessoalmente culpados por isso.

— Sim. — Roarke viu quando Eve se sentou ao lado de Ralph, encobrindo-lhe a imagem do morto e tapando-lhe o campo de visão com o próprio corpo. — É isso mesmo que ela diz.

Roarke sabia ser paciente. Sabia como esperar, como escolher o momento certo e o lugar exato para isso. Do mesmo modo que sabia que Eve ia acabar procurando-o pelo teatro e o encontraria ali, nem que fosse para assegurar a si mesma que ela não vivia o tempo todo mergulhada em trabalho.

Assim, ele ficou sentado no palco, onde ainda estavam montados os cenários da cena final da peça, no tribunal. Um lugar estranho para um homem com o seu passado, pensou ele, divertindo-se com a idéia enquanto usava o seu computador de mão para atualizar dados sobre o mercado de ações e revisar memorandos departamentais.

Ele ligara as luzes do palco, embora o fizesse apenas por comodidade. Quando Eve foi procurá-lo, encontrou-o sentado no banco dos réus, sob a luz azulada de um refletor frio, parecendo tão sedutor quanto um anjo condenado.

— Eles conseguiram colocar você nesse banco, afinal?

— Humm? — Ele levantou os olhos. — Você conhece os meus antecedentes. Nunca fui preso.

— Conheço apenas o que sobrou dos seus antecedentes, depois que você mexeu neles.

— Tenente, essa é uma acusação muito séria. — Mesmo assim, um sorriso de flerte surgiu em seus lábios. — Não, eu nunca tive o prazer de me defender em um tribunal por conta de alguma questão criminal. Como está o garoto?

— Quem? Ah, Ralph. Um pouco abalado. — Eve subiu os degraus que levavam ao banco dos réus. Pedi a dois guardas para escoltá-lo até em casa. Não vamos mais precisar falar com o pobre rapaz. Depois que ele se recuperar, garanto que vai ter um monte de amigos à sua volta dispostos a lhe pagar uma cerveja para ouvir a história toda.

— Certamente. Você conhece a natureza humana muito bem. E como vai a nossa Peabody?

— Como assim?

— Você é uma boa professora, tenente, mas é muito severa. Estou imaginando se ela já conseguiu se recuperar da surra que você lhe deu.

— Ela quer ser detetive. Quer trabalhar com assassinatos. A primeira regra para quando se chega ao local de um crime é entrar de mãos vazias, sem idéias preconcebidas nem conclusões. E não se pode aceitar o que se vê de cara como verdadeiro. Você acha que Feeney não me esculhambou diversas vezes, durante o meu treinamento?

— Imagino que sim, mas ele também deve ter recebido de volta um bocado de golpes seus.

— Se essa é uma forma elegante de insinuar que eu sou cabeça-dura, saiba que isso não me insulta. Peabody vai aprender a lição e analisar as coisas com mais cuidado da próxima vez. Ela detesta falhar.

Ele se levantou e passou os nós dos dedos de leve sobre a face de Eve, confirmando:

— Andei pensando o mesmo. Agora me conte: por que você não acredita que tenha sido suicídio?

— Eu não disse que não acredito. Há um monte de testes que deverão ser feitos. O legista é quem vai dar a palavra final.

— Eu não estava perguntando pela opinião do legista, quero saber a sua.

Eve começou a falar, mas então cerrou os dentes e enfiou as mãos nos bolsos, indignada.

— Sabe o que havia naquela cena lá embaixo? Um tremendo insulto a mim. Uma cena montada com todo o cuidado para me enrolar. Alguém acha que eu sou idiota.

Nesse ponto, Roarke sorriu e retrucou:

— Não. Alguém sabe que você é esperta, muito esperta, e tomou todo o cuidado com os detalhes, inclusive usando uma garrafa de bebida que, sem dúvida, ficará provado que pertencia ao próprio Linus Quim.

— Eu verifiquei o armário dele. Ainda dá para sentir o cheiro da bebida lá dentro. Ele guardava uma garrafa lá, sem dúvida. O quanto ele sabia? — murmurou Eve. — Chefe dos auxiliares de palco... Isso quer dizer que ele sabia onde tudo deveria estar, a cada momento. As pessoas, os acessórios de cena, tudo.

— Sim, imagino que sim.

— Mas o quanto ele sabia, exatamente? — Eve tornou a perguntar. — O que será que viu, o que pensou? Por que ele morreu? Ele tinha anotações em seu caderninho de notas. A caligrafia do bilhete parece ser a dele. Se o legista não descobrir algo estranho, seu laudo vai dar como suicídio.

— Já vi que você vai trabalhar até tarde hoje — disse Roarke, levantando-se.

— É, pelo jeito vou sim.

— Veja se você come alguma coisa a mais, além de uma barra de cereais.

— Alguém roubou minhas barras de cereais novamente — comentou ela, com a boca apertada.

— Que safado! — Ele se inclinou e a beijou de leve. — Vejo você em casa.

Se as idéias de Eve sobre as pessoas ligadas ao teatro geralmente levarem vidas ricas e boêmias haviam sofrido um abalo diante do apartamento de Michael Proctor, elas ficaram ainda mais abaladas quando ela chegou ao ovo que era o apartamento de Linus Quim.

— Ele estava a um passo de ser morador de rua — comentou ela, balançando a cabeça ao dar a primeira olhada no lugar com um só cômodo que ficava ao nível da rua. As grades que cobriam as duas janelas estreitas estavam cobertas por uma crostra tão grossa de sujeira que impedia a entrada de qualquer raio do sol.

As grades e a sujeira, porém, não conseguiam evitar o barulho constante do tráfego nem as vibrações incômodas da linha de metrô que corria exatamente por baixo do quartinho horrível.

— Acender luzes! — ordenou Eve, mas viu apenas o brilho amarelado e sem vida emitido pela luminária suja do teto baixo.

Com ar distraído, meteu as mãos nos bolsos do casaco. Estava mais frio ali do que lá fora, no vento cortante de final de inverno. O lugar todo fedia a suor velho, poeira mais velha ainda e o que ela imaginou que fosse a refeição do dia anterior, composta de picadinho com feijão.

— Quanto você disse que esse cara ganhava por ano? — perguntou a Peabody.

Peabody pegou seu computador portátil e pesquisou.

— O salário-base do sindicato para o cargo que ele ocupava é de oitocentos e cinqüenta dólares por apresentação, com horas extras nos períodos de instalação e desmonte de cenários, adicionais em caso de cancelamento da peça, além das horas extras usuais. O sindicato fica com vinte e cinco por cento para cobrir taxas, fundo de aposentadoria, planos de saúde e blablablá, mas mesmo assim o nosso cara conseguia faturar mais de trezentos mil dólares por ano.

— E escolhia viver desse jeito. Bem, ou ele gastava demais ou escondia essa grana em algum lugar. — Eve atravessou a sala e foi até o computador. — Esta velharia é ainda mais antiga do

que o computador de que acabei de me livrar. Ligar sistema!

A máquina tossiu, zumbiu, roncou e emitiu uma débil luz azul.

— Exibir arquivos financeiros de Linus Quim!

*É necessária uma senha para a divulgação destes dados...*

— Pois eu vou lhe dar uma senha. — Sem muito entusiasmo, Eve deu um soco na unidade e informou o seu posto e o seu número de distintivo.

*A Lei de Privacidade protege os dados exigidos. É necessária uma senha...*

— Peabody, lide com essa lata-velha. — Eve deu meia-volta e começou a remexer nas gavetas de uma cômoda que parecia feita de papelão. — Tabelas de jogos de futebol — anunciou, enquanto Peabody tentava argumentar com o computador. — E mais bloquinhos de anotações. O nosso homem gostava de apostas, o que pode explicar para onde o seu salário ia. Ele tem tudo anotado aqui, os ganhos e as perdas. As perdas eram maiores. As apostas, no entanto, não eram muito altas. Não me parece que ele estivesse sem grana por causa delas.

Eve foi para a gaveta seguinte.

— Ora, ora, olhe isto. Folhetos sobre ilhas tropicais. Esqueça os ciados financeiros, Peabody. Tente descobrir se ele andava em busca de informações sobre o Taiti.

Eve foi até o closet, apalpou as camisas, procurando alguma coisa dentro dos bolsos, e tentou achar algo escondido nos dois pares de sapatos.

Até onde podia ver, o sujeito não guardava nada, nenhuma recordação, nem fotos, nem discos pessoais. Apenas os bloquinhos de anotações.

Tinha roupas para apenas uma semana, todas velhas, incluindo um terno muito amarrotado. Seus armários de mantimentos continham vários pacotes de comida desidratada, algumas garrafas de bebida e um saco tamanho família de salgadinhos fritos à base de soja, ainda fechado.

Ela pegou o pacote e franziu o cenho ao olhar para ele.

— Por que um homem obviamente pão-duro compra um saco tamanho família de salgadinhos de soja e depois se enforca antes de ter a chance de comê-los?

— Talvez ele estivesse muito deprimido. Tem gente que não consegue comer nada quando fica deprimida. Eu, em compensação, pego a refeição mais calórica que encontrar.

— A mim, parece que ele comeu ontem à noite e novamente hoje de manhã. A autópsia vai confirmar isso, mas o seu reciclador de lixo está lotado. — Com ar de estranheza, Eve colocou a mão na ranhura e puxou um pacote vazio. — Mais salgadinhos de soja. Meu palpite é que ele terminou um deles ontem e já tinha um saco de reserva para a próxima refeição nutritiva. Temos uma garrafa de bebida na unidade de refrigeração e mais duas na despensa.

— Bem, talvez ele... Puxa, bom palpite esse seu, sobre o Taiti, Dallas — comentou Peabody, empertigando-se toda. — Foi a última busca que ele fez no computador. Temos fotos, informações turísticas, tabelas de temperaturas anuais. — Enquanto falava, a máquina começou a executar uma música exótica, cheia de tambores. — Temos também dançarinas seminuas.

— Por que o nosso cara da cidade resolveu pesquisar sobre ilhas distantes? — Eve voltou e observou as nativas se remexendo de forma animada, apresentando uma interessante dança tribal. —. Computador, repetir a busca mais recente sobre opções de transporte e preços de passagens de Nova Yorkpara o Taiti.

*Processando... A pesquisa sobre os meios de transporte solicitados teve início às três e trinta e cinco do dia 28 de março de 2059 e foi efetuada por Linus Quim. Os dados são os seguintes: a Roarke Airlines oferece vôos diretos diariamente...*

— Naturalmente que sim — comentou Eve, com uma expressão seca. — Pode parar, computador. Linus Quim passou parte da manhã de hoje pesquisando vôos para o Taiti. Isso não me parece atitude de alguém arrasado pela culpa e pela depressão. Computador, listar os dados do passaporte e os vistos válidos de Linus Quim.

*Processando... Linus Quim requisitou um novo passaporte às quatorze horas do dia 26 de março de 2059.*

— Você estava se preparando para viajar, certo, Linus? — Eve deu um passo pra trás. — O que você viu? O que sabia? — murmurou ela. — E de quem você pretendia extorquir essa grana para suas férias em ilhas distantes? Vamos levar essa máquina para Feeney, Peabody.

Eliza Rothchild estreou nos palcos quando tinha seis meses de idade, no papel de um bebê irritado que causava problemas para seus pais, em uma comédia leve. A peça foi um fracasso, mas Eliza se tornou a queridinha dos críticos.

Sua própria mãe a incentivou, levando-a de um teste para outro, desde menina. Aos dez anos, Eliza já era uma veterana do palco e da tela. Aos vinte, ela se tornara uma atriz respeitada, tinha uma sala cheia de prêmios, possuía casas em três continentes e levava nas costas um primeiro — e único — casamento, que fracassara.

Aos quarenta, ela já estava diante do público há tanto tempo que ninguém mais agüentava vê-la, incluindo os produtores. Ela anunciou que ia se aposentar e nunca reconheceu que sua imagem estava gasta. Passou os dez anos que se seguiram viajando e dando festas suntuosas para combater uma insuportável sensação de tédio.

Quando apareceu a oportunidade de atuar no papel de Srta. Plimsoll, a enfermeira implicante da peça *Testemunha de Acusação,* ela fingiu desinteresse, deixou-se ser convencida e, em particular, verteu lágrimas de gratidão e alívio.

Ela amava o teatro mais do que jamais amara qualquer pessoa.

Agora, ao ver que o sistema de segurança anunciava a chegada da polícia, preparava-se para desempenhar seu papel com dignidade e discrição.

Ela mesmo abriu a porta, uma mulher atraente, com ar severo, que não se preocupava em esconder a idade. Seus cabelos tinham um tom castanho com fios grisalhos. As rugas em torno dos olhos cor de avelã fluíam sem disfarce. Ela usava um túnica que lhe descia até os quadris e calças largas sobre o corpo baixo, mas robusto. Ofereceu a Eve a sua mão cheia de anéis. Sorriu com serenidade e deu um passo para trás.

— Boa tarde — cumprimentou ela, com uma voz que parecia suave, mas tinha a solidez típica da Nova Inglaterra. — Acho reconfortante saber que a polícia é sempre pontual.

— Obrigada por nos ceder um pouco do seu tempo, sra. Rothchild.

— Bem, na verdade eu não tenho outra opção.

— A senhora tem liberdade para falar através de um advogado ou na presença dele.

— Sim, é claro. Meu advogado está à espera de minha ligação, se assim eu julgar necessário. — Ela apontou para a sala de estar.— Conheço o seu marido, tenente. Trata-se do homem mais fatalmente atraente que eu conheci em toda a minha vida. Talvez ele tenha comentado com a senhora que eu estava um pouco indecisa sobre abandonar o meu recolhimento, a fim de aceitar o papel da Srta. Plimsoll. Para ser franca, não consegui resistir ao convite dele. — Ela tornou a sorrir, sentou-se em uma cadeira elegante de espaldar alto e assento estofado, acomodou os cotovelos sobre os braços largos da cadeira e cruzou as mãos. — Quem resistiria?

— Quer dizer então que Roarke a convenceu a deixar a aposentadoria?

— Tenente, a senhora certamente sabe que não há nada que Roarke não consiga de uma mulher. — Seus olhos avaliaram Eve com atenção, para em seguida se desviarem suavemente para Peabody. — De qualquer modo, a senhora não veio aqui para falar de Roarke, mas sim de outro homem fatalmente atraente. Embora, na minha opinião, faltassem a Richard o charme e o, digamos, senso de *decência* de seu marido, na falta de uma palavra melhor.

— A senhora e Richard Draco tiveram um envolvimento romântico?

Eliza piscou depressa várias vezes e por fim riu. O som foi um gorjeio vivo e borbulhante.

— Ora, minha cara, devo me sentir lisonjeada ou ofendida? Ai, ai...

Suspirando, deu vários tapinhas no peito, como se o acesso de riso tivesse sido um esforço para o seu coração.

— Deixe-me esclarecer que Richard nunca desperdiçaria suas habilidades amorosas comigo — garantiu ela. — Mesmo no tempo em que ambos éramos jovens, ele me considerava muito sem graça. Muito comum, fisicamente falando. Creio que "intelectual demais" era uma das expressões pelas quais ele se referia a mim. Ele achava que ser culta era um defeito em qualquer mulher.

Ela fez uma pausa, avaliando se fora longe demais, mas optou por concluir o raciocínio.

— O cavalheirismo não era um dos talentos de Richard. Ele vivia fazendo piadinhas sarcásticas a respeito da minha falta de *sex appeal*. Eu preferia não achar aquilo divertido nem me mostrar ofendida, pois no fundo a questão era simples. Tínhamos a mesma idade, entende? Isso significa que eu era velha demais para o seu gosto. E também, devo acrescentar, muito mais autoconfiante do que ele apreciava. Sua preferência era por jovens vulneráveis.

Tudo aquilo, percebeu Eve, saíra de um fôlego só, como se estivesse represado havia muito tempo.

— Isso quer dizer que o seu relacionamento com ele era estritamente profissional?

— Sim. É claro que nos encontrávamos socialmente. Na minha opinião, gente de teatro tende a se tornar um grupinho incestuoso, não só metafórica, mas também literalmente falando. Freqüentamos as mesmas festas, espetáculos e reuniões beneficentes ao longo dos anos. Nunca como casal. Ambos éramos civilizados o suficiente e, como sabíamos que ele não sentia nenhum interesse sexual por mim, isso nos liberou dessa tensão.

— Eram civilizados — repetiu Eve —, mas não amigos.

— Não, não posso afirmar nem mesmo que éramos colegas.

— A senhora pode nos informar onde estava nos bastidores, na noite de estréia, entre a cena que acontece no bar e aquela que se passa no tribunal? A última cena, em que Christine Vole é chamada mais uma vez como testemunha?

— Sim, é claro, pois em teatro isso é tão rotineiro quanto o que acontece no palco. Voltei ao meu camarim para conferir a maquiagem. Prefiro preparar a minha própria maquiagem, como a maioria das atrizes. Assim, permaneci nos bastidores por algum tempo. Minha cena seguinte era na galeria, observando o tribunal lá do alto, vigiando *Sir* Wilfred, ao lado da personagem Diana e vários extras.

— A senhora viu ou conversou com alguém entre essas duas cenas?

— Certamente. — Eliza levantou os dedos, formando uma pequena torre com os polegares, para em seguida deixá-los tombar. — Várias pessoas da equipe técnica estavam nos bastidores e eu devo ter trocado uma ou duas palavras com alguma delas. Carly e eu também passamos uma pela outra.

— Passaram uma pela outra?

— Sim. Quando eu saía do meu camarim, ela estava indo em direção ao dela. Nos cruzamos de forma apressada, pois nossa deixa para entrar em cena viria em seguida. Será que trocamos algumas palavras? — Ela parou, apertou os lábios e olhou para o teto, como se tentasse puxar pela memória. — Acredito que sim. Ela reclamou de alguma banalidade relacionada a Richard. Acho que comentou que ele lhe dera um beliscão ou um tapa no traseiro. Naturalmente a deixou irritada, depois do que ele fez com ela.

Eliza continuou sentada com ar altivo e os olhos brilhantes fixos nos de Eve. Por fim, continuou:

— Acho difícil me sentir solidária com ela, pois essa moça devia ser esperta o bastante para não se deixar envolver por um tipo como Richard. Acredito que fiz exatamente esse comentário com Kenneth, antes de subir para o segundo andar do cenário, a fim de ocupar o meu lugar.

— Então a senhora também o viu.

— Sim, circulando por trás do palco, resmungando algo consigo mesmo. É comum ele fazer isso antes de uma cena. Nem sei se ele me notou ou ouviu o que eu disse. Kenneth sempre tenta se manter na pele do personagem, o qual, por sinal, ignora a enfermeira Plimsoll o tempo todo.

— Mais alguém?

— Bem, eu... Sim, eu vi Michael Proctor. Ele estava na coxia. Devia estar sonhando com o dia em que iria ter a chance de interpretar Leonard Vole. Não que eu acredite que ele tenha feito algo para apressar isso, nem por um momento. Ele tem um ar meio indefeso, entende? O mundo do teatro vai devorá-lo em um ou dois anos.

— E Areena Mansfield? A senhora também a viu?

— Certamente. Ela passou correndo rumo ao camarim. Precisava trocar toda a roupa e remover a maquiagem antes da cena final. Passou direto por mim. Mas, com toda a honestidade, tenente, se a senhora precisa saber dos locais e atividades de todo o elenco entre as cenas da peça, não devia perguntar isso a nenhum de nós e sim a Linus Quim. Ele é o chefe dos auxiliares de palco, um homenzinho todo enrugado, com olhos furtivos que percebem tudo, sem deixar passar nada. Ele está em toda parte.

— Não está mais — informou Eve baixinho. — Linus Quim foi encontrado enforcado esta manhã, no andar de baixo do teatro.

Pela primeira vez a camada de polidez que cobria Eliza como um verniz pareceu rachar. Sua mão apertou o próprio peito, junto do coração, e ela estremeceu de leve.

— Enforcado? — repetiu. — Deve haver algum engano. Quem faria mal a um pobre-diabo inofensivo como Quim?

— Aparentemente, foi suicídio.

— Absurdo! — Eliza se levantou. — Ora, isso é um completo absurdo! É preciso grande bravura ou muita covardia para dar cabo da própria vida. Ele não tinha nada disso. Era apenas um sujeitinho irritante que realizava muito bem o seu trabalho, mas não parecia apreciá-lo. Se ele está morto, então alguém o matou. Com essa já são duas — disse, quase para si mesma. — Duas mortes no teatro. Tragédias sempre vêm em grupos de três. Quem será o próximo?

Estremecendo, tornou a se sentar na cadeira e continuou:

— Alguém está nos matando. — O interesse ávido em seus olhos desapareceu e o ar brincalhão em sua boca se transformou em preocupação. — Existe outra peça, também de Agatha Christie, tenente, cujo título é *Não Sobrou Ninguém*. Dez pessoas, sutilmente ligadas umas às outras, são assassinadas, uma de cada vez. Não quero um papel nessa história. A senhora precisa colocar um

ponto final nisso.[1]

— É o que pretendo fazer. Existe alguma razão pela qual alguém possa tentar atingi-la, sra. Rothchild?

— Não... não. Eu não tenho inimigos em um nível que leve alguém a cometer assassinatos. A verdade, porém, é que teremos pelo menos mais um. Trata-se do mundo do teatro, tenente, e nós somos um grupo muito supersticioso. Se aconteceram duas mortes, teremos uma terceira — afirmou —, a não ser que a senhora faça algo a respeito.

Ela deu um pulo quando o interfone tocou. O rosto do atendente do saguão apareceu na tela, muito sorridente.

— A Srta. Landsdowne está aqui para vê-la, sra. Rothchild. Devo mandá-la subir?

— Estou recebendo uma pessoa no momento — explicou ela, mas Eve levantou a mão.

— Por favor, peça para ela subir — sugeriu Eve.

— Eu... — Eliza levou a mão ao cabelo e o ajeitou de leve. — Sim, sim, por favor, mande-a subir.

— Carly costuma visitá-la com freqüência? — perguntou Eve.

— Na verdade, não. Ela já esteve aqui, é claro. Costumo oferecer recepções, mas não me lembro de ela simplesmente aparecer assim, sem avisar. Para ser franca, não estou disposta a bater papo com ela no momento.

— Tudo bem. Eu estou. Pode deixar que abro a porta — disse Eve, quando a campainha tocou.

Eve observou o rosto de Carly pela tela de segurança, antes de abrir a porta. *Histérica* seria um descrição apurada de como ela parecia. Eve reparou que a expressão dela foi substituída por uma expressão de choque para em seguida assumir um ar de curiosidade discreta, assim que Eve abriu a porta.

— Tenente. Não imaginei que fosse encontrá-la aqui. Pelo visto, escolhi um mau momento para visitar Eliza.

— Mas isso vai me poupar tempo, pois eu ia procurá-la para uma conversa.

— Pena eu não estar com meu advogado aqui. — Ela entrou. — Estava fazendo compras e resolvi dar uma passadinha. — Nesse instante, reparou no olhar de especulação de Eve, que se

fixou em suas mãos vazias. — Mandei entregar as compras no meu apartamento. Detesto carregar pacotes. Como vai, Eliza?

Carly deu alguns passos com os braços estendidos e se encontrou com Eliza no centro da sala de visitas. As duas trocaram abraços leves e beijaram o ar à sua volta, duas vezes.

— Não imaginei que você estivesse recebendo a polícia. Quer que eu as deixe a sós?

— Não. — Eliza apertou-lhe o braço. — Carly, a tenente acaba de me contar que Linus Quim está morto. Morto!

— Eu sei. — Virando-se, ela enlaçou o braço com o de Eliza. — Acabei de saber pelo noticiário.

— Pensei tê-la ouvido dizer que estava fazendo compras.

— Estava — concordou Carly, olhando para Eve. — Havia um rapaz em uma das lojas assistindo ao noticiário em seu computador de mão, enquanto sua mulher experimentava metade das roupas do lugar, sem se decidir por nenhuma. Foi quando ouvi falarem de Linus Quim.

Ela levantou a mão e pareceu por um momento lutar consigo mesma, antes de continuar.

— Essa notícia me perturbou. Na verdade, me deixou em pânico. Não sabia o que fazer quando soube da notícia. Como estava a poucos quarteirões daqui, resolvi dar uma passadinha. Queria contar a alguém que pudesse compreender.

— Compreender o quê? — perguntou Eve, incentivando-a a falar.

— A reportagem dizia que acredita-se que a morte de Linus tenha relação com a de Richard. Não sei como pode ser isso. Richard nunca prestou atenção nos técnicos, nem no resto da equipe. Pelo que lhe dizia respeito, os cenários eram montados e trocados por mágica. A não ser que houvesse um problema; aí ele agredia os empregados, verbal ou fisicamente. Linus Quim nunca perdia uma deixa sequer, de forma que Richard nem reparava na sua existência. Como essas mortes podem ter relação uma com a outra?

— E você? Reparava nele?

— Claro. Um homenzinho de arrepiar. — Ela estremeceu de leve. — Eliza, detesto pedir, mas preciso de um drinque.

— Eu também — decidiu Eliza, chamando o androide de serviço.

— Você reparou em Quim na noite de estréia? — quis saber Eve.

— Notei apenas que ele realizava as suas tarefas com o silêncio e a cara amarrada de sempre.

— Você chegou a falar com ele?

— Talvez sim. Não me lembro. Gostaria de uma vodca com gelo — pediu Carly quando o androide apareceu. — Dupla.

— Você não pareceu assim tão abalada quando Richard Draco foi assassinado, e bem na sua frente.

— Dá para imaginar um monte de motivos para qualquer pessoa do meio artístico querer matar Richard.

— Inclusive você.

— Sim. — Ela pegou o copo que o androide trouxera e tomou um gole curto. — Certamente eu me incluo nessa lista. Linus Quim, porém, muda tudo. Se essas mortes têm ligação uma com a outra, eu quero saber, pois essa idéia me apavora.

— Tragédias sempre ocorrem em número de três — afirmou Eliza, com a voz empostada, determinada e cheia de emoção.

— Ah, obrigada, amiga. Isso era exatamente o que eu precisava ouvir. — Carly levantou o copo e bebeu tudo de uma vez só.

* * *

— Um bando de esquisitos. Essas pessoas são todas muitos estranhas. — Eve entrou no carro e seguiu rumo à Central. — Um colega é esfaqueado no coração, a um passo delas, e a reação é simplesmente: "Meu Deus, você viu só que coisa?" Um técnico aparece enforcado e elas se rasgam todas de tanto desespero.

Acionando o *tele-link* do carro, Eve entrou em contato com Feeney.

— Não há registro de ligações dadas nem recebidas nas últimas quarenta e oito horas — relatou ele —, pelo menos para alguém da sua lista. Quim mantinha contato com uma corretora de apostas de futebol, mas os valores estavam dentro dos limites legais.

— Conte-me algo mais interessante, porque eu estou quase cochilando aqui.

— Ele reservou uma passagem de primeira classe para o Taiti, mas não confirmou o embarque. Viagem só de ida, com saída na terça da semana que vem. Também reservou uma suíte VIP no

resort Island Pleasure para um mês de estadia. Pesquisou alguns dados a respeito de imóveis, especificamente chalés junto aos penhascos, na faixa de duzentos mil dólares. A poupança do cara era de mais ou menos um quarto dessa quantia. A passagem e a conta do resort iam devorar boa parte.

— Então ele contava com a chegada de alguma grana alta.

— Ou era um tremendo sonhador. Não achei nada no seu computador que indicasse que ele normalmente fazia pesquisas desse tipo... sabe como é, como um passatempo.

— Chantagear um assassino poderia lhe garantir uma grana bem alta.

— Ou uma forca — acrescentou Feeney.

— É... Vou até o necrotério pressionar Morse.

— Ninguém faz isso melhor do que você — afirmou Feeney, antes de Eve desligar.

[1] Essa peça acabou sendo publicada na forma de um romance chamado *Ten Little Niggers*, que recebeu no Brasil o título de *O Caso dos Dez Negrinhos*. Com mais de cem milhões de cópias vendidas em todo o mundo, este é, até hoje, o maior bestseller da famosa escritora de mistério Agatha Christie. (N. T.)

## CAPÍTULO NOVE

— Olá, tenente Dallas. — Os olhos escuros de Morse, o chefe dos legistas, brilharam por trás dos microóculos. Acima do equipamento, as suas sobrancelhas se ergueram, formando dois triângulos estreitos e altos. Na ponta da sobrancelha esquerda havia um pequeno piercing de prata, em forma de anel.

Ele estalou os dedos e estendeu a mão coberta de spray selante, com a palma para cima. Seu assistente colocou sobre ela, com ar mal-humorado, uma ficha de crédito no valor de vinte dólares.

— Dallas, você nunca me desaponta. Viu só, Rochinsky? Nunca aposte contra a banca.

A ficha de crédito desapareceu rapidamente em um dos bolsos de seu macacão de proteção em tom verde-vômito.

— Você ganhou alguma aposta? — perguntou Eve.

— Ah, ganhei. Ganhei sim, sem dúvida. Apostei com meu ajudante que você iria aparecer em nosso alegre local de trabalho antes das cinco da tarde.

— É bom ser previsível. — Eve olhou para a mesa onde uma mulher de meia-idade, mulata, estava estendida sob o bisturi a laser de Morse. O corte em forma de Y já fora feito e a autópsia ia ter início.

— Esse não é o meu cadáver.

— Você é muito observadora. Apresento-lhe Allyanne Preen, a garota morta do detetive Harrison, que estava várias gavetas antes da sua. Acompanhante licenciada, trabalhava nas ruas. Foi encontrada esticada e dura dentro de um Lexus modelo cupê, ano 2049, no grande necrotério em que se transformaram os automóveis estacionados no aeroporto LaGuardia.

— Problema com um cliente?

— Não há sinais externos de violência nem de relações sexuais recentes. — Ele retirou o fígado da morta, pesou-o e registrou o resultado no sistema.

— Ela está com a pele meio azulada. — Eve se inclinou para examinar as mãos. — Dá para ver melhor debaixo das unhas. Parece overdose, provavelmente de Exótica misturada com Jumper.

— Muito bem! Se você quiser vir trabalhar do meu lado da tumba, é só me avisar. Garanto que a diversão aqui embaixo é muito maior.

— Sim, ouvi dizer que vocês dão festas memoráveis.

— Aquelas histórias a respeito da louca celebração do Dia de Saint Patrick que rolou aqui, dentro do freezer, foram... — seus olhos sorriram por trás dos microóculos — ... muito precisas.

— Que pena eu ter perdido essa. Onde está o meu cara? Preciso do relatório toxicológico.

— Hum-hum. — Morse cutucou um rim, antes de removê-lo. Suas mãos eram rápidas, habilidosas, e pareciam acompanhar a batida do rock rebelde que vinha dos alto-falantes. — Imagino que você esteja com pressa, Dallas. Entreguei seu presunto ao jovem Finestein, que começou aqui no mês passado e tem bom potencial.

— Você entregou o meu morto a um novato?

— Todos nós um dia já fomos novatos, Dallas. Por falar nisso, como vai a nossa valente Peabody?

— Está na rua, fazendo pesquisas. Escute, Morse, esse caso é complicado.

— É o que todos dizem, o tempo todo.

— Aposto que foi homicídio, mas alguém preparou o cenário para parecer suicídio. Preciso de alguém habilidoso e com olho bom para examinar o meu morto.

— Não aceito ninguém aqui sem essas qualificações. Relaxe, Dallas. O estresse é perigoso. — Sem se alterar, Morse foi até o *tele-link m*ais próximo e fez uma ligação para Herbert Finestein. — Pronto, ele já está vindo. Rochinsky, leve os órgãos internos dessa jovem para o laboratório e comece a fazer o exame de sangue.

— Morse, estou com dois corpos e é possível que eles tenham ligação um com o outro.

— Sei, sei, mas essa é a sua área. — Ele caminhou lentamente até uma pia própria para desinfecção, lavou o selante manchado das mãos e em seguida colocou-as sob o calor radiante de uma câmara de secagem. Vamos dar uma olhada no trabalho do garoto, Dallas, mas dê uma chance ao rapaz.

— Sim, sim, tá legal.

Morse tirou os microóculos, a máscara e, em seguida, sorriu. Seus cabelos pretos desciam-lhe em uma trança que ia até o meio das costas. Ao despir a roupa de proteção, revelou o tom rosa-choque da sua camisa e o azul-néon das calças.

— Que roupa legal! — comentou Eve, com um jeito seco. — Vai a outra festa?

— É como eu lhe disse, Dallas. Aqui todo dia é festa.

Eve refletiu que ele normalmente usava roupas em cores berrantes para se manter distante da dureza e da brutalidade do seu trabalho. *Qualquer coisa* era válida para isso, decidiu Eve. Chapinhar no sangue e entre restos de órgãos, testemunhando todos os dias as barbaridades que os seres humanos cometiam uns contra os outros, era desgastante. Sem uma válvula de escape, qualquer profissional da área acabaria explodindo.

E qual era a válvula de escape dela?

— Como vai Roarke? — perguntou Morse.

— Vai bem. Está ótimo. — Roarke. Sim, ele era a sua salvação. Antes dele, havia apenas trabalho. Só trabalho. Será que, sem Roarke, ela um dia teria alcançado seu limite e sentiria a própria alma se despedaçar?

Um pensamento que merecia avaliação.

— Ah, aqui está Finestein. Seja boazinha com ele — murmurou Morse a Eve.

— Eu não sou boazinha?

— Está mais para sargentona — disse Morse com ar alegre, enquanto colocava a mão sobre o ombro de Eve, de forma amigável. — Herbert, a tenente Dallas gostaria de uma atualização sobre o material que ela nos trouxe esta manhã.

— Sim, o morto do teatro. Linus Quim, branco, sexo masculino, cinqüenta e seis anos. Causa da morte: enforcamento. — Finestein, um mulato escuro e magro com olhos pálidos, falava muito depressa, tinha voz sibilante e mexia sem parar no monte de canetinhas que trazia enfileiradas no bolso do jaleco.

*Além de novato,* pensou Eve, frustrada, *um novato com jeito de nerd*

— A senhora quer um relatório completo sobre o que encontramos?

— Estou aqui para isso, não é? — respondeu Eve, mas se conteve em seguida, rangendo os dentes ao sentir os dedos compridos de Morse apertando-lhe o ombro. — Sim, meu jovem, gostaria muito de ouvir o seu relatório e o que encontrou no exame do corpo. Por favor.

— Acompanhe-me, tenente.

Eve girou os olhos de impaciência e os desviou, meio de lado, na direção de Morse, enquanto seguiam Finestein até o outro lado do salão.

— Esse garoto tem doze anos — sussurrou ela.

— Vinte e seis é a sua idade. Tenha paciência, Dallas.

— Detesto essa história de paciência. Ela torna tudo mais lento. — Mas foi até a linha de gavetas refrigeradas que iam do chão até o teto, esperou que Finestein digitasse um código em uma delas e a viu se ejetar em meio a uma névoa gélida.

— Como a senhora pode ver... — Finestein pigarreou —, não há marcas de violência no corpo, além das provocadas pelo estrangulamento. Não existem feridas ofensivas nem defensivas. Encontrei fibras microscópicas da corda sob as unhas da vítima, e isso mostra que ela colocou pessoalmente a corda em torno do pescoço. Todas as aparências indicam que a vítima se enforcou deliberadamente.

— Quer dizer que você vai me entregar um laudo de suicídio? — quis saber Eve. — Simples assim? Onde estão os relatórios toxicológicos e os exames de sangue?

— Eu... eu chego lá, tenente. Encontrei traços de ageloxita e...

— Informe à tenente o nome popular, Herbert — aconselhou Morse, com a voz calma. — Ela é uma tira, não uma cientista.

— Ah, sim, senhor. Sinto muito. Encontrei no organismo da vítima alguns traços de ahn... Ease-Up, uma droga ilegal para relaxamento, bem como uma pequena quantidade de bebida alcoólica. Essa mistura é geralmente ingerida por suicidas para se manterem calmos nos derradeiros momentos.

— Mas esse cara não se desplugou da tomada por vontade própria, droga! — reclamou Eve.

— Sim, senhora, estou de acordo com a sua afirmação. — A calma concordância de Finestein cortou a irritação de Eve pela raiz.

— Você concorda?

— Sim. A vítima ingeriu um pretzel gigante coberto por uma quantidade exagerada de mostarda a menos de uma hora antes da morte. Antes disso, fez um desjejum composto de panquecas doces, omelete feita com ovos em pó e o equivalente a três xícaras de café.

— E...?

— Se a vítima tinha conhecimento suficiente para preparar um coquetel de Ease-Up e álcool antes de se matar, também saberia que o café rebate o efeito da droga e provoca ansiedade. Isso, associado ao fato de que o álcool consumido foi em proporção minúscula em relação à droga

ingerida, lança dúvidas sobre a idéia de suicídio.

— Então o seu laudo vai ser homicídio?

— Meu laudo vai ser morte suspeita... indeterminada. — Ele engoliu em seco quando Eve quase o esganou com os olhos. — Até que mais provas surjam para um ou para o outro lado, tenente, receio ser impossível garantir que foi assassinato.

— Está ótimo. Muito bem, Herbert — elogiou Morse, concordando com a cabeça. — A tenente vai lhe fornecer mais detalhes à medida que os for descobrindo.

Finestein pareceu aliviado e sumiu dali o mais rápido que conseguiu.

— Vocês não me deram nada — reclamou Eve.

— Ao contrário. Herbert lhe ofereceu uma janela de oportunidade. A maior parte dos legistas, em uma situação dessas, fecharia todas as portas e assinaria um laudo de suicídio. Em vez disso, ele se mostrou cauteloso, preciso e meticuloso, além de levar em consideração a atitude da vítima em vez de registrar apenas a frieza dos fatos. Em termos médicos, *morte indeterminada* era o melhor que você iria conseguir.

— Indeterminada — resmungou Eve, ao se posicionar atrás do volante do carro.

— Bem, pelo menos isso nos dá uma janela para trabalhar. — Peabody, que segurava o computador de mão, levantou a cabeça ao perceber a frieza dos olhos estreitados que a fitavam com ferocidade. — Que foi? Eu disse algo que não devia?

— A próxima pessoa que me aparecer usando essa expressão vai ser atirada para fora dessa tal de janela. — Eve ligou o carro. — Peabody, eu sou sargentona?

— A senhora está querendo ver minhas marcas de chicotadas ou isso é alguma pegadinha?

— Cale a boca, Peabody — ralhou Eve, seguindo para a Central.

— Linus Quim apostou cem dólares no jogo de futebol de hoje à noite. — O sorriso de Peabody era fino e auto-indulgente. — McNab acabou de me passar essa informação. Cem paus era o valor mais alto das apostas que ele costumava fazer. Estranho ele ter feito essa aposta poucas horas antes de se matar, sem nem mesmo ter esperado para ver se ganhara alguma coisa. Estou com o nome e o endereço da sua agente de apostas e nós... puxa, desculpe, senhora, esqueci que eu devia ficar calada.

— Quer levar mais chicotadas?

— Na verdade, não. Agora que eu tenho uma vida sexual, qualquer cicatriz extra fica embaraçoso. O nome da agente é Maylou Jorgensen. Ela tem um ponto ilegal de apostas no West Village.

Peabody gostava do West Village. Adorava o jeito com que o local comportava tanto boêmios chiques quanto empoadinhos com ternos risca de giz que mais queriam parecer boêmios chiques. Curtia observar as figuras que passavam pela rua com casacões que iam até os tornozelos ou com macacões colantes fechados até o pescoço. As cabeças raspadas, as tranças exóticas e os cachos multicoloridos. Ela apreciava os artistas de calçada que fingiam ser despojados demais para se preocuparem em vender ou não alguma coisa que criavam.

Até mesmo os ladrõezinhos de rua tinham uma camada de verniz.

As carrocinhas de lanches ofereciam churrasquinhos de carne de soja preparados com ervas recémcolhidas no Greenpeace Park.

Ela pensou na mesma hora no jantar que curtiria mais tarde.

Eve estacionou em fila dupla diante de um depósito restaurado e ligou o seu giroscópio, indicativo de policial em serviço.

— Bem que eu gostaria de morar em um desses apartamentos. Imagine só todo esse espaço de frente para a rua. — Peabody analisou a região ao saltar do carro. — Olhe lá, Dallas! Tem uma delicatéssen limpa e simpática bem na esquina e um mercadinho 24h do outro lado.

— Você analisa a qualidade de uma moradia pela proximidade da comida?

— É um fato a considerar.

Eve exibiu o distintivo à tela de segurança, que estava ligada, e entrou no prédio. O pequeno saguão tinha um elevador, quatro caixas de correspondência e tudo parecia muito limpo.

— Apenas quatro apartamentos em um prédio desse tamanho! — Peabody soltou um suspiro. — Imagine só!

— Estou imaginando é que uma simples agente de apostas não devia ter grana para morar em um lugar desses. — Por intuição, Eve evitou ligar para o apartamento 2-A pelo interfone e usou o distintivo para abrir a porta que dava acesso à escada. — Vamos subir por aqui, a fim de pegar Maylou de surpresa.

O edifício estava em completo silêncio, o que provava que o isolamento acústico dos apartamentos era de primeira linha. Eve se lembrou do buraco miserável em que Linus Quim morava, a poucos quarteirões dali. Pelo visto, agentes de apostas viviam com muito mais conforto do que seus clientes.

"Nunca aposte contra a banca" foi o que Morse dissera.

Palavras sábias.

Apertou a campainha do 2-A e esperou. Poucos instantes depois, a porta se abriu e apareceu uma ruiva enorme com um cãozinho branco agitado no colo. O cão latia sem parar.

— Até que enfim! — disse a mulher, mas logo em seguida semicerrou os olhos dourados que se destacavam em um rosto impressionante e selvagem, com pele cor de alabastro. — Pensei que fosse o passeador de cachorro. Ele já está atrasado. Se vocês estão vendendo alguma coisa, eu não estou a fim de comprar.

— Maylou Jorgensen?

— Quem quer saber?

— O Departamento de Polícia de Nova York. — Eve exibiu o distintivo e só então notou que já estava com uma bola de pêlos no colo, que, por sinal, não parava de latir.

— Mas que droga! — Eve entregou o cão irritante para Peabody e entrou no apartamento. Dando um pulo, fechou a passagem e se atracou com a mulher corpulenta que tentava alcançar um imenso console cheio de controles, sob uma parede totalmente ocupada por telas coloridas.

As duas caíram como árvores recém-cortadas.

Antes de Eve conseguir retomar o fôlego, viu-se de costas no chão, presa debaixo dos quase noventa quilos da mulher em pânico. Recebeu uma joelhada na virilha e uma cusparada no olho, mas, graças a seus reflexos, conseguiu evitar um arranhão mais profundo no rosto, dado pelas compridas unhas pintadas de azul.

Em vez disso, as garras abriram rios de sangue ao lado do seu pescoço.

O cheiro do próprio sangue a deixou irritada.

Ela corcoveou uma vez, xingou e repetiu o movimento com mais impulso, com o cotovelo para fora. Ficou satisfeita ao sentir que atingira a cara pálida de Maylou, de cujo nariz jorrou sangue.

Ela exclamou, com clara dose de indignação:

— Ugh!

Seus olhos dourados giraram, até que se viu apenas a parte branca deles, e seu peso considerável desabou sem vida por cima de Eve.

— Tire essa mulher de cima de mim, pelo amor de Deus, Peabody! Ela pesa uma tonelada e está me esmagando!

— Dê-me a sua mão. Puxa, Dallas, ela parece uma laje de granito. Deve ter mais de um metro e noventa. Empurre!

Suando muito e encharcada de sangue, Eve a empurrou. Peabody a puxou. Por fim, Maylou rolou de costas no chão e Eve se levantou, quase sem ar.

— Eu me senti soterrada por uma montanha! Nossa, faça com que esse cachorro pare de latir.

— Não consigo. O pobrezinho está apavorado. — Peabody olhou para trás, com ar solidário, na direção do cãozinho que parecia acuado, com o traseiro branco colado em um canto da sala enquanto emitia latidos ainda mais agudos e desesperados.

— Use a arma de atordoar nele!

— Dallas! — reagiu Peabody, em um sussurro horrorizado.

— Ah, deixa pra lá... — Eve olhou para o sangue que lhe manchava a parte da frente da blusa e do casaco e, com muito cuidado, passou a ponta dos dedos nos profundos arranhões do pescoço. — Esse sangue todo é meu?

— Ela conseguiu abrir uns sulcos bem fundos — informou Peabody, depois de um rápido exame. — Vou pegar o kit de primeiros socorros.

— Depois. — Eve se agachou e franziu o cenho ao olhar para a mulher desmaiada. — Vamos carregá-la daqui e algemá-la, antes que ela acorde.

A ação levou algum tempo e foi acompanhada de grunhidos e muito esforço, mas, por fim, elas conseguiram algemar as mãos da mulher atrás das costas. Eve se ergueu, endireitou o corpo e analisou o console.

— Ela está escondendo alguma coisa. Deve ter pensado que era uma batida policial. Vamos ver o que ainda me lembro do trabalho da Divisão de Jogos Ilegais e Fraudes.

— Quer que eu solicite um mandado de busca?

— Aqui está o meu mandado — afirmou Eve, passando os dedos sobre o pescoço que latejava de dor e se sentando junto do console. — Aqui tem um monte de números e um monte de jogos. Que diabo é isso? Nomes, contas, apostas feitas, dinheiro devido. Parece tudo legalizado. — Olhou para trás. — Ela ainda não acordou?

— Está apagadona, senhora. Foi nocaute, mesmo.

— Vá pegar alguma coisa para enfiar na boca desse cão antes que eu use o meu pé.

— Ele é só um cãozinho — murmurou Peabody, e foi procurar algo na cozinha.

— Aqui tem números demais — disse Eve para si mesma —, e os grupos de apostas são muito grandes para um ponto pequeno como esse. Isso está me cheirando a operação de agiotagem. É... e onde tem agiotas sempre existem cobradores violentos. O que mais, o que mais?

Eve se virou para trás. Viu Peabody agradando o cão e acenando para ele com uma espécie de biscoito. Pegando o *tele-link* portátil, ligou para a única pessoa que conseguiria navegar por aquele mar de números e códigos.

— Preciso falar com Roarke — sussurrou Eve, quando a assistente dele apareceu na tela. — Vai ser bem rápido.

— Claro, tenente. Um instantinho, por favor.

— Que cachorrinho bonitinho! Muito lindo esse cachorrinho. Você não é uma gracinha?

Em vez de reclamar de Peabody pelo uso do linguajar infantil com o cão, Eve deixou-a em paz.

— Olá, tenente. — O rosto de Roarke encheu a tela. — O que posso fazer para... — Na mesma hora, o seu sorriso descontraído desapareceu e seus olhos se tornaram brilhantes e severos. — O que aconteceu? Você está muito ferida?

— Não. A maior parte desse sangue pertence a outra pessoa. Escute, estou em um salão de apostas clandestinas, mas há algo errado. Tenho algumas idéias do que pode estar rolando aqui, mas dê uma olhadinha e me diga a sua opinião.

— Certo, contanto que você vá direto daí para um centro médico.

— Não estou com tempo para ir a centro médico.

— Então, eu também não tenho tempo para essa consulta.

— Droga. — Eve teve vontade de desligar na cara dele, mas em vez disso respirou fundo. —

Peabody vai pegar o kit de primeiros socorros. São só alguns arranhões, eu juro.

— Vire a cabeça um pouco para a esquerda.

Ela girou os olhos, irritada, mas acabou obedecendo.

— Vá cuidar desses ferimentos! — bradou ele, mas por fim encolheu os ombros em sinal de aceitação. — Deixe-me ver com o que você está lidando.

— Com um monte de números, em jogos diferentes — explicou Eve, girando o *tele-link p*ara ele poder ver as telas. — Temos jogos de futebol, beisebol, turfe, corridas de ratos androides. Acho que aquela terceira tela à direita é...

— Uma lista de empréstimos para apostas que ainda não foram pagos. Os juros compostos estão muito acima do limite legal. A tela imediatamente abaixo dessa mostra o total do desembolso para emissão de fatura das apostas. Na tela seguinte, temos o que me parecem jogos particulares, no estilo cassino. Veja no console se existe um controle específico para essa tela. Se o sistema for simples, deve ser algo do tipo 3-C, para divisão da tela em várias partes.

— Sim, está bem aqui!

— Aperte esse controle. Ah... — exclamou Roarke, quando a tela virou um monitor e exibiu um cassino movimentado, cheio de fumaça, mesas de jogo e clientes de olhar vidrado. — Em que tipo de prédio você está?

— É um depósito restaurado no West Village, com dois andares e quatro apartamentos.

— Não ficaria surpreso se os corredores do andar de baixo não estiverem exibindo muito movimento nesse instante.

— É proibida a instalação de casas de apostas nesta região da cidade.

— Pois é. — Ele sorriu para Eve. — Que pena, para eles.

— Obrigada pelas dicas.

— Foi um prazer, tenente. Querida Eve, cuide desses ferimentos ou eu mesmo vou tratar deles na primeira oportunidade, e não estarei nem um pouco contente com você quando fizer isso.

Ele desligou antes de Eve ter a chance de soltar alguma piadinha, mas ela não se importou. Ao se virar para trás, Eve pegou Peabody, com o cãozinho branco aconchegado nos braços, olhando para ela com ar de curiosidade.

— Ele sabe muito sobre como funciona o esquema de apostas ilegais.

— Sabe muito sobre apostas legais também. Ele nos deu uma boa panorâmica sobre a nossa amiga Maylou. Você se incomoda com o "como" e o "por quê"?

— Não. — Peabody simplesmente esfregou a bochecha sobre o pêlo do cão e sorriu. — Achei interessante apenas. Você vai estourar esse ponto ilegal?

— Isso vai depender de Maylou. — Eve se levantou no instante em que a mulher começava a gemer e se mexer. Ela emitiu sons roucos, tossiu e logo começou a corcovear com o corpo, impulsionada pelo traseiro assombroso, ao mesmo tempo que esperneava e sacudia os pés surpreendentemente pequenos.

Eve simplesmente se agachou ao seu lado.

— Agressão a uma policial, operação de agiotagem, cobrança de dívidas por meios violentos, exploração de um ponto de apostas ilegal. Que tal isso para começar, Maylou?

— Você quebrou o meu nariz.

Pelo menos foi o que Eve imaginou ter ouvido, pois as palavras saíram abafadas e distorcidas.

— É... parece que sim.

— Agora você tem que chamar os paramédicos para me socorrer. É a lei.

— Interessante você me ensinar sobre leis. Acho que o atendimento ao nariz quebrado pode esperar mais um pouquinho. É claro que o braço quebrado precisa de atenção mais imediata.

— Eu não estou com o braço quebrado.

— Ainda. — Eve rangeu os dentes. — Agora, Maylou, se você quer receber cuidados médicos e espera que eu olhe para o outro lado, sem reparar no cassino clandestino que você mantém no andar de baixo, conteme tudo o que sabe sobre Linus Quim.

— Você não veio aqui para dar uma batida?

— Depende de você. O que sabe de Linus Quim?

— Apostador de ninharias. Não é um jogador de verdade, gosta só de brincar, como hobby. E é péssimo de palpites. Perde uma média de cem mil dólares por ano. Nunca aposta mais de cem dólares por rodada, geralmente metade disso, mas é um apostador regular. Puxa, meu nariz está me matando. Posso tomar alguma coisa para a dor?

— Quando foi a última vez que você falou com ele?

— Ontem à noite. Ele gosta de fazer apostas on-line, em vez de usar o *tele-link*. Faz isso duas vezes por semana, no mínimo. Ontem ele apostou cem dólares no Brawlers, para o jogo que vai rolar hoje à noite. Isso para ele é uma extravagância, mas ele comentou que estava vivendo uma maré de sorte.

— É mesmo? — Eve se inclinou na direção dela. — Ele usou exatamente essas palavras?

— Usou. Ele me disse: "Quero cem paus no Brawlers para amanhã à noite. Estou vivendo uma maré de sorte." Chegou a exibir uma espécie de sorriso. Avisou que ia dobrar a aposta e manter esse ritmo a partir de agora, depois que ganhasse.

— Então ele estava com o astral em alta, não é?

— Para Quim, dizer isso era o equivalente a dar piruetas de alegria. O cara geralmente é um pé no saco, vive chorando miséria. Mas paga suas apostas e é um cliente regular, não tenho do que me queixar.

— Muito bem. Viu só? Até que a coisa não foi assim tão má, certo, Maylou?

— Você não vai me prender?

— Eu não trabalho para a Divisão de Jogos Ilegais e Fraudes. Você não é problema meu. — Eve abriu as algemas e as guardou no bolso de trás da calça. — No seu lugar, eu chamaria uma ambulância e explicaria aos paramédicos que bati com a cara na parede... ou tropecei no cãozinho.

— Squeakie! — Maylou rolou de lado, empurrada por sua bunda imensa, e abriu os braços. O cão pulou do colo de Peabody e se lançou nos braços de Maylou. — Essa tira malvada machucou a bebezinha da mamãe?

Balançando a cabeça, Eve foi embora.

— Espere umas duas semanas — Eve avisou Peabody —, e então ligue para o Hanson, da Divisão de Jogos Ilegais e Fraudes, para lhe informar sobre este endereço.

— Mas você disse que não ia prendê-la.

— Não. Eu disse apenas que ela não era problema meu. Ela é problema de Hanson.

Peabody olhou para trás.

— O que vai acontecer com o cãozinho? E com o apartamento? Talvez o barraco que a batida vai armar na região faça o aluguel despencar. Você devia ver a cozinha, Dallas. É imensa!

— Vá sonhando. — Eve entrou no carro e fez cara feia ao ver Peabody remexendo no porta-luvas. — O que está fazendo?

— Pegando o kit de primeiros socorros.

— Fique longe de mim.

— Escolha: eu ou o centro médico.

— Não preciso de um centro médico. Não encoste o dedo em mim!

— Deixe de agir como criança. — Adorando o papel de enfermeira, Peabody escolheu suas ferramentas. — Sargentonas não têm medinho de um kit de primeiros socorros. Feche os olhos, se não quiser ver nada.

Sentindo-se acuada, Eve agarrou o volante com força e fechou os olhos. Sentiu uma ardência forte quando o anti-séptico agiu sobre os ferimentos, mas depois o anestésico do remédio começou a fazer efeito. O cheiro forte fez sua cabeça girar e lhe embrulhou o estômago.

Em seguida, ouviu o zumbido baixo da varinha de sutura.

Já pensava em fazer algum comentário sarcástico, a fim de afastar o desconforto do procedimento, quando, subitamente, sentiu-se sugada para o passado.

Viu-se em uma enfermaria escura e suja. Sentiu centenas de fisgadas na pele, enquanto suas feridas e cortes eram tratados. Ouviu o zumbido desagradável das máquinas que examinavam o seu braço quebrado.

*"Qual é o seu nome? Você tem que nos dizer o seu nome. Conte quem foi que machucou você. Qual é o seu nome? O que aconteceu?"*

*Eu não sei.* Dentro de sua cabeça, os gritos ecoavam sem parar, mas ela permaneceu quieta e calada, apavorada enquanto aquelas pessoas estranhas a espetavam, cutucavam, olhavam para ela e faziam perguntas.

*"Qual é o seu nome?"*

— Eu não sei!

— Senhora!... Dallas!... Ei!

Eve abriu os olhos e viu Peabody com cara de assustada.

— O que foi? O que aconteceu?

— Puxa, você está pálida como um papel, Dallas, e parece enjoada. Talvez seja melhor procurarmos um centro médico.

— Estou bem. — Suas mãos se fecharam em punhos cerrados, mas aos poucos ela foi se

sentindo mais forte. — Estou numa boa, preciso apenas de um pouco de ar. — Ordenou que o vidro se abaixasse, ligou o carro e empurrou a menininha indefesa para os cantos escuros da sua mente

## CAPÍTULO DEZ

*A necessidade faz o sapo pular, e o que está feito está feito. Não sei quem disse isso, mas não importa. Quem inventou a frase está morto há muito tempo, tão morto quanto Linus Quim.*

*A necessidade fez isso. A minha necessidade. Mas quem foi o sapo nessa história? O tolo e ganancioso Quim? Ou será que fui eu?*

*Talvez isso também não importe, pois está feito. Não há como voltar atrás; não há como repetir a cena mudando o final. Só me resta torcer para que a encenação tenha sido convincente para a astuta tenente Dallas.*

*Receio que ela seja uma espectadora exigente e uma crítica muito severa.*

*A verdade é que, com ela em cena, tenho medo. Meu desempenho artístico deve ser perfeito em todos os sentidos. Cada frase, cada gesto, cada olhar sutil. Se não for assim, a sua resenha desfavorável vai acabar com a minha carreira.*

*Motivo e oportunidade,* pensou Eve enquanto caminhava em direção à porta da frente de sua casa. Muitas das pessoas envolvidas tinham ambos. O funeral de Richard Draco estava marcado para o dia seguinte e certamente haveria muitas exibições de pesar, elogios cheios de emoção e paixão, além de muitas lágrimas.

Tudo seria apenas mais uma apresentação teatral.

Ele seduzira Areena Mansfield, colocou as drogas em sua vida e acabou por manchar a sua ascensão ao estrelato.

Ele estava exatamente debaixo dos refletores que Michael Proctor queria de forma tão desesperada para si mesmo.

Ele humilhara e usara Carly Landsdowne publicamente.

Representava uma sujeira por baixo das unhas bem cuidadas de Kenneth Stiles.

Considerava Eliza Rothchild velha demais e pouco atraente para se incomodar com ela.

Havia outros, tantos que era impossível determinar ao certo quantas pessoas detestavam Richard Draco.

Porém, a pessoa que agira contra ele, planejara e executara o seu assassinato era também fria o

bastante para convencer um técnico ganancioso a se enforcar.

Não se tratava de uma pessoa brutal e furiosa, e sim de alguém com sangue-frio e mente calculista. Tais qualidades, em um assassino, eram muito mais difíceis de identificar.

A investigação não avançava, pensou Eve, frustrada. Cada passo que dava servia apenas para fazê-la penetrar ainda mais os meandros de um mundo que considerava ligeiramente irritante.

Que tipo de gente passava a vida se disfarçando, fingindo ser o que não era?

Crianças. Foi isso que lhe veio à mente quando colocou a mão na maçaneta. De certo modo, ela não estaria em busca de uma criança muito esperta e zangada?

Quase deu uma risada. Ótimo! Tudo o que ela sabia a respeito de crianças caberia em um furo de alfinete feito a laser.

Ela escancarou a porta e entrou em casa com a intenção de se colocar debaixo de uma ducha fervendo para, em seguida, continuar a trabalhar.

Um estrondo quase lhe perfurou os tímpanos e a fez bater os dentes. Seus olhos pareceram girar dentro das órbitas. Em seguida, ouviu um som de metal sendo arranhado, pontuado por rajadas de explosões e gritos caóticos que vinham em ondas.

Mavis.

O astral irritado que entrara em casa como uma nuvem sobre Eve não teve chance de se manter. Explodiu junto com os estrondos e a exuberância do estilo musical único de Mavis Freestone. Eve se pegou rindo ao se encostar no portal do espaço imenso que Roarke chamava de sala de estar.

Ali, em meio ao esplendor e à elegância das antiguidades que decoravam o ambiente, Mavis dançava. Pelo menos esse era o termo que mais se aproximava de descrever o que acontecia ali. Ela se mexia, pulava e se sacudia em cima de saltos altos listrados que a elevavam a mais de quinze centímetros do chão. Sua roupa vaporosa cor-de-rosa e verde combinava com o cabelo cheio de tranças de quase um metro de comprimento que giravam em torno de seu rosto ruborizado, muito alegre, e de seu corpinho de fada.

Suas pernas esbeltas estavam verdes, salpicadas por pequenas borboletas rosadas que se agitavam em um padrão espiralado para em seguida desaparecer debaixo da minúscula saia fúcsia que mal lhe cobria as partes entre as pernas. Seu busto estava decorado por tiras de tecidos em duas cores que se entrecruzavam e cobriam um dos lindos seios de rosa e o outro de verde.

Eve se sentiu aliviada ao perceber que Mavis escolhera um tom de verde para os dois olhos, combinando com o resto. Com ela, tudo era possível.

Roarke estava sentado em uma das suas lindas poltronas antigas, com um cálice de vinho cor de palha em uma das mãos. Tentava relaxar diante da apresentação, pensou Eve, ou talvez planejasse se colocar em um protetor estado de coma.

A música, ou lá o que fosse, foi entrando em um crescendo até ser finalizada por um uivo lamentoso, forte e comovente, emitido pela cantora. Um silêncio abençoado pareceu desabar sobre o ambiente como uma parede de tijolos.

— O que achou? — perguntou Mavis a Roarke, lançando para trás o emaranhado de tranças bicolores. — É um bom acompanhamento para o novo vídeo. Você não achou comportado demais, achou?

— Ahn... — Roarke levou um instante para tomar mais um gole do vinho. Por alguns momentos, chegara a se preocupar com a possibilidade de o nível de decibéis estilhaçar o cristal. — Não. Não mesmo. Comportado não é a palavra que me veio à cabeça.

— Legal! — Ela pulou para a frente, e seu pequeno traseiro rebolou de forma enérgica quando ela se inclinou para beijá-lo. — Eu quis lhe mostrar antes, já que você é o dono da grana.

— O dinheiro sempre se curva ao talento.

Se Eve já não o amasse, teria caído de quatro por Roarke naquele instante, só por causa da pura alegria que ele colocou nos olhos de Mavis.

— Tudo é tão *divertido!* As gravações, as apresentações ao vivo, as roupas absolutamente mais que demais que Leonardo desenha para mim. Nem parece trabalho. Se não fosse por você e Dallas, eu ainda estaria dançando em troca de cachês baratos em espeluncas como o Esquilo Azul.

Ao girar o corpo enquanto falava, Mavis avistou Eve e lançou-lhe um sorriso que mais parecia um raio de sol.

— Oi, Dallas! Estou com um novo número.

— Eu ouvi. Totalmente mais que demais!

— Roarke me disse que você ia chegar tarde, e então... Uau, isso aí são manchas de sangue?

— O quê? Onde? — Com a mente sintonizada em outro canal, Eve olhou em volta antes de Mavis pular em cima dela.

— Você está coberta de sangue! — Mavis, em pânico, apalpou os seios e os ombros de Eve, apavorada. — Devíamos ligar para um médico, chamar uma ambulância. Roarke, leve-a para a

cama.

— Esse é o meu objetivo constante na vida.

— Rá-rá... Esse sangue não é meu, Mavis.

— Ah, não? — Na mesma hora, as mãos de Mavis se afastaram. — Eeeca!

— Não se preocupe, é sangue seco. Ia tomar uma chuveirada na Central e continuar a trabalhar, mas quando pensei no banho de pingos frios que ia ter de aturar e lembrei-me da opção de uma ducha forte e quente aqui, resolvi vir para casa. Tem mais uma dose disso por aí? — perguntou a Roarke, acenando com a cabeça para o vinho.

— Claro. Vire um pouco a cabeça.

Eve fez um som irritado com os lábios, mas inclinou a cabeça para o lado, a fim de mostrar os arranhões tratados, já começando a cicatrizar.

— Puxa vida! — disse Mavis, com voz admirada. — Alguém tentou fatiar você de verdade. Devia ter unhas compridíssimas.

— Sim, mas mira ruim. Não atingiu os olhos. — Eve pegou o vinho que Roarke lhe entregou e lhe disse: — Obrigada pelas dicas que você me deu. Elas funcionaram.

— É um prazer agradá-la. Agora, levante um pouco a cabeça para trás.

— Por quê? Já mostrei as marcas dos arranhões.

— Para trás — repetiu ele, levantando-lhe o queixo pessoalmente com a ponta do dedo para em seguida cobrir-lhe os lábios com a própria boca, de forma determinada e ardente. — Como pode ver, minha mira é excelente.

— Aww... Vocês são tão bonitinhos! — Com as mãos cruzadas no peito, Mavis sorria na direção dos dois.

— Sim, parecemos um casal de ursinhos de pelúcia. — Divertida com a comparação, Eve se sentou no braço do sofá e provou o vinho. — Gostei do novo número, Mavis. É a sua cara.

— Acha mesmo? Eu o mostrei para Leonardo, e agora para vocês dois, mas ninguém mais o viu.

— É um número... — Eve lembrou-se do comentário do comandante Whitney— ... muito suculento.

— Foi o que eu achei também. Roarke, posso contar a ela?

— Contar o quê?

Mavis mordeu o lábio, olhou para Roarke em busca de autorização e então, ao vê-lo fazer que sim com a cabeça, respirou fundo duas vezes antes de dar a notícia:

— Vamos lá... Sabe o meu último disco, *Encaracole seus Cabelos?* Roarke acabou de ser informado, agora há pouco, de que ele está entre os cinco primeiros lugares da lista da *Vid-Tracks,* que vai ser divulgada na semana que vem. Dallas, eu estou em terceiro lugar, logo atrás dos Butt-Busters e do índigo.

Eve não fazia a menor idéia de quem eram os Butt-Busters ou o índigo, mas sabia que a *Vid-Tracks* era a bíblia de Mavis.

— Isso é fabuloso! — Eve se levantou na mesma hora e deu um abraço apertado na amiga. — Você botou pra quebrar!

— Obrigada. — Mavis fungou e enxugou uma lágrima que lhe escapou através dos cílios prateados. — Você é a primeira pessoa que ficou sabendo dessa notícia. Eu ia correndo contar a Leonardo, pois queria que ele fosse o primeiro a saber, entende? Mas também fiquei feliz por ter contado para você antes. Ele vai compreender.

— Vai ficar louco de alegria.

— É... Temos muitos motivos para preparar uma celebração da pesada. No fim eu até que fiquei superfeliz por você não ter se atrasado, porque assim eu tive a chance de lhe contar a boa notícia e você não vai precisar perder a reunião das garotas.

Na mesma hora, bandeiras de alerta começaram a se erguer dentro da barriga de Eve.

— A... reunião de garotas?

— Sim, você sabe... Trina já está lá embaixo, na beira da piscina, preparando tudo. Decidimos que você precisa de um bom mergulho e uma passagem pelo tanque de relaxamento. Está tudo pronto para você receber um tratamento completo.

— Tratamento completo? — *Não!,* foi tudo o que Eve conseguiu pensar. *Qualquer coisa, menos o tratamento completo.* — Escute, Mavis, é que eu acabei de chegar em casa. Estou resolvendo um caso e...

— Você está *sempre* resolvendo um caso. — Sem se deixar abater, Mavis se serviu de um cálice de vinho e completou o de Eve, enquanto Roarke acendia um cigarro com a maior descontração

e simplesmente sorria. — Você precisa dedicar um pouco do seu tempo para si mesma. Se você não se cuidar, seus órgãos internos vão murchar e sua pele vai enrugar e despencar. Li tudo a respeito disso. Além do mais, Trina trouxe umas novas pinturas de corpo que são espetaculares.

— Não. Nem pensar. Eu não faço pintura corporal.

— Por mim, Dallas. — Mavis girou os olhos. — Nós conhecemos você, mas acho que deveria experimentar um dia desses. Aposto que Roarke ia adorar o tom "poeira de ouro". Ele cria efeitos surpreendentes nos seios. Eles ficam brilhando!

— Eu não quero peitos cintilantes.

— E a pintura vem com sabores. O de *frangipani é* ótimo.

— É mesmo? — Roarke exalou uma nuvem de fumaça. — Eu aprecio muito sabores tropicais.

— Viu só, Dallas? De qualquer modo, você vai ter tempo de resolver enquanto estiver relaxando, com os cabelos embebidos em loção hidratante. Summerset preparou petiscos.

— Que bom. Só que eu realmente... Escute, tem alguém na porta. Deixe que eu vou atender.

Eve escapou, forçando a barra para se retirar da sala sem sair correndo, atropelando quem estivesse na frente para continuar porta afora em uma maratona desabalada até o santuário que era a Central de Polícia. Chegou à porta um segundo antes de Summerset.

— Deixe que eu atendo — avisou Eve.

— Receber os convidados à porta e acompanhá-los até a sala é parte das minhas atribuições — lembroulhe o mordomo. — A Srta. Furst veio até aqui para vê-la, tenente. — Dizendo isso, ele a empurrou de lado com o quadril e abriu a porta.

— Eu sei que devia ter avisado. — Nadine sabia o que Eve achava de receber repórteres em casa. — Não estou aqui em nome do Canal 75 — apressou-se ela em dizer. — É um assunto pessoal.

— Ótimo. Tudo bem. Entre. — Para surpresa de Nadine, Eve agarrou-a pelo braço e só faltou arrastá-la para a sala de estar.

— Tirei alguns dias de folga — explicou Nadine.

— Eu reparei. Não gostei muito do substituto que colocaram em seu lugar no noticiário.

— Ele é um idiota. De qualquer modo, quis dar uma passadinha aqui para lhe contar... — Ela

parou de falar e de andar ao chegar à sala. — Oh... Olá, Mavis.

— Nadine, oi! Puxa, isso aqui já virou praticamente uma festa! — Embora parecesse fútil e superficial, Mavis tinha uma sensibilidade muito apurada, além de compaixão e lealdade, tudo isso em um bloco sólido. Levou menos de dois segundos para ela reparar a tensão estampada nos olhos de Nadine.

— Escutem, eu vou lá pra baixo para ver como vão as coisas com os preparativos de Trina. Volto rapidinho. — Saiu com a rapidez do vento, deixando atrás de si um borrão de cores.

— Sente-se, Nadine — ofereceu Roarke, já de pé e a encaminhando para uma poltrona. — Gostaria de um pouco de vinho?

— Sim, obrigada, gostaria muito. Mas o que eu queria mesmo é um dos seus cigarros.

— Pensei que você tivesse parado de fumar — disse Eve, quando Roarke lhe ofereceu o maço.

— Estou abandonando o cigarro, sim. — Nadine lançou um olhar de gratidão para Roarke no instante que ele pegou o isqueiro. — Estou o tempo todo deixando de fumar... Escutem, sinto muito invadir a casa de vocês sem avisar, assim de repente.

— Os amigos são sempre bem-vindos. — Roarke serviu o vinho e o entregou a Nadine. — Suponho que você queira conversar com Eve. Vou deixá-las a sós.

— Não, você não precisa sair. — Nadine deu uma longa tragada no tabaco caríssimo. — Nossa, esqueci que você tem fumo de verdade. Dá uma ligação muito maior que os cigarros de ervas. Não, Roarke, realmente não precisa sair da sala — repetiu ela. — Dallas lhe conta tudo mesmo, de qualquer jeito.

— Ah, conta? — O rosto de Roarke demonstrou surpresa.

— Não — garantiu Eve com voz firme, mas se sentou sobre o braço de uma das poltronas. — Só contei o seu problema a Roarke devido à ligação que ele tem com Richard Draco. E à ligação de Draco com você.

— Não importa, tudo bem. — Nadine conseguiu exibir um sorriso fraco. — O sofrimento fortalece o caráter.

— Você não tem nada do que se envergonhar — disse Roarke. — A vida seria insuportavelmente chata se não tivéssemos arrependimento de pelo menos um dos casos amorosos do passado.

O sorriso dela mostrou-se mais relaxado.

— Você pescou um cara realmente fantástico, Dallas. Nada como um homem que diz a coisa certa no momento exato. Pois bem, Richard Draco é o meu arrependimento amoroso. Dallas... — Ela desviou os olhos e pousou-os diretamente em Eve. — Sei que você não tem obrigação nenhuma de me dizer, e certamente não diria no decorrer do depoimento que prestei hoje à tarde. Talvez não possa me contar nada sobre o assunto, mas eu preciso perguntar. Estou encrencada?

— O que o seu advogado disse?

— Para eu não me preocupar nem conversar com você sem ele estar presente. — Ela sorriu com ar sombrio. — Parece que tenho uma certa dificuldade em seguir os conselhos dele.

— Não posso tirar você da lista de suspeitos, Nadine. Seu lugar está garantido. Mas... — acrescentou Eve, ao ver que Nadine fechou os olhos e concordou com a cabeça — ... já que você não conseguiu ouvir o segundo conselho do advogado, pelo menos eu tentaria seguir o primeiro.

Nadine bufou e tomou um pouco de vinho.

— Pela primeira vez na vida eu ficaria feliz em perder o lugar para alguém.

— A opinião de Mira pesa muito e ela não acredita que você seja capaz de cometer um assassinato friamente calculado. Aliás, a investigadora principal também não acredita nisso em nível pessoal nem, considerando as provas disponíveis, em nível profissional.

— Obrigada. Muito obrigada. — Nadine levou a mão à cabeça e pressionou o espaço entre as sobrancelhas com os dedos. — Fico dizendo a mim mesma que logo, logo, tudo isso vai passar e você vai resolver o problema. Mas esse estresse é como uma lança me atravessando o cérebro.

— Então eu vou piorar esse estresse um pouco mais. Você sabia que Draco gravou um vídeo de você?

— Vídeo? — Nadine deixou a mão cair e franziu o cenho. — Gravou um vídeo como...? Do meu trabalho?

— Bem, tem gente que considera o sexo uma forma de trabalho.

Nadine olhou para a frente com ar confuso e olhos sem expressão. De repente, porém, a névoa que os cobria foi desaparecendo e Eve viu exatamente o que desejava: choque, fúria, vergonha.

— Ele gravou um vídeo de... Ele... ele tinha uma câmera ligada enquanto nós... — Pousou a taça de vinho, deu um pulo e se colocou em pé. — Mas que nojento, filho-da-puta. Canalha pervertido!

— Você acertou. O vídeo não era do seu trabalho — murmurou Roarke, e Nadine girou o corpo na direção dele.

— Que tipo de homem grava uma mulher em sua cama sem o consentimento dela? Que tipo de tesão doentio consegue, violando-a dessa forma? Porque isso nada mais é do que uma violação.

Ela cutucou o peito de Roarke com força, usando o indicador, só pelo fato de ele ser homem, e lhe perguntou:

— Você faria uma coisa dessas com Dallas? Ela daria um chute tão grande em seu traseiro que você iria parar na estação Tarus III. É exatamente isso que eu gostaria de fazer com Draco. Não, não... Pensando melhor, gostaria de pegar seu pinto murcho em minhas mãos e torcê-lo com força até arrebentar.

— Sob tais circunstâncias, eu não gostaria de ser o substituto dele nessa cena.

Ela soprou com força, inspirou fundo e então levantou as mãos com as palmas voltadas para ele.

— Desculpe, Roarke, a culpa não é sua. — Para tentar se controlar novamente, ela começou a andar de um lado para outro, até que se virou para Eve. — Acho que depois desse chilique eu subi alguns degraus na lista de suspeitos.

— Não, justamente o contrário. Se você soubesse da gravação, teria tentado realizar a castração dele pessoalmente, e jamais permitiria que outra pessoa acabasse com ele. Você acaba de confirmar o próprio perfil.

— Bem, que bom. Viva! — Nadine se jogou novamente na cadeira. — Suponho que o disco esteja entre as provas.

— Tem que estar. Ninguém vai assistir a ele por curtição, Nadine. E, se ajuda saber, você não mostra muita coisa. Ele posicionou o equipamento em um ângulo que o colocava no centro da cena, por assim dizer.

— Sim, ele faria isso. Dallas, se a mídia colocar a mão nesse material...

— Isso não vai acontecer. Se quer um conselho, volte a trabalhar, Nadine. Mantenha a mente ocupada e deixe-me fazer o trabalho policial. Sou boa nisso.

— Se eu não soubesse disso, já teria tomado uns vinte calmantes.

— Que tal uma reunião só para garotas em vez dos calmantes? — perguntou Eve, em um golpe de inspiração.

— Hein?

— Mavis e Trina estão com tudo pronto lá embaixo. Não tenho tempo para isso, mas é um desperdício Trina trazer todo o seu equipamento de beleza até aqui e acabar não tendo em quem usá-lo. Tome o meu lugar. Vá lá e curta tudo o que tem direito.

— Bem que eu precisava de uma sessão de relaxamento.

— Então aproveite a chance. — Eve a puxou da cadeira. — Você vai se sentir outra mulher em pouco tempo. Aproveite também a pintura corporal — sugeriu Eve, já levando Nadine para fora da sala. — Ela vai fazer você se sentir renovada, com seios luminosos.

Pouco depois, Eve voltou à sala de estar, limpando as mãos uma na outra.

— Muito boa a sua saída, tenente.

— É. Fui bem esperta. Agora elas estão todas lá embaixo, arrulhando como... Qual é o bicho que arrulha?

— Pombas? — sugeriu ele.

— Isso! Como pombas. Todo mundo está feliz e eu posso voltar ao trabalho. Então, que tal assistirmos a um vídeo?

— O vídeo de Nadine? Comendo pipocas?

— Os homens são uns pervertidos. Não, nada de Nadine, espertinho. Mas as pipocas são uma boa idéia.

Eve pretendia assistir à gravação da peça em seu escritório para manter tudo em nível oficial. Devia ter imaginado que não conseguiria. Acabou em uma das salas de estar do segundo andar, aninhada entre os almofadões pecaminosamente macios do sofá de um quilômetro, assistindo à peça em um telão gigantesco, com uma tigela de pipocas no colo.

O tamanho da tela foi o argumento de Roarke para convencê-la. Era impossível perder qualquer detalhe, por menor que fosse, em uma tela daquelas dimensões.

Eve notou que era quase como estar no palco. Foi obrigada a reconhecer que Roarke tinha razão.

Eliza, notou Eve, incorporara de forma magnífica o papel da enfermeira irritante que cuidava de Sir Wilfred, o advogado de defesa. Suas roupas de época eram horrendas. Seu cabelo ficava

preso atrás da cabeça e a boca da personagem se mantinha o tempo todo franzida. Ela empregava um tom de voz desagradavelmente melodioso, como os que Eve ouvira tantas vezes da boca de pais com filhos desobedientes e teimosos.

Kenneth não poupara talento para compor o advogado pomposo e mal-humorado. Seus movimentos eram bruscos e inquietos Seus olhos, astutos. Sua voz por vezes ressoava tão forte que parecia abalar as estruturas do teatro, para em seguida descer ao nível de um murmúrio hábil.

Mas era Draco que roubava as cenas, nos primeiros momentos. Ele era inegavelmente bonito, absurdamente charmoso e tinha um ar de divertida descontração. Sim, Eve conseguia entender como uma mulher vulnerável poderia se apaixonar por ele, tanto no papel de Leonard Vole quanto no dele próprio.

— Congelar cena! — Ela entregou a tigela a Roarke e se levantou para analisar de perto a imagem de Richard Draco. — Quer saber o que eu vejo aqui? Os outros estão interpretando. São muito bons, talentosos e estão excelentes em seus papéis. Richard Draco, porém, *é o* próprio personagem. Não precisa interpretar. É tão egocêntrico, arrogante e sedutor quanto Leonard Vole. Esse é um papel sob medida para ele.

— Foi o que eu pensei ao convidá-lo para fazer a peça. O que isso significa para você?

— Significa que quem quer que tenha planejado esse assassinato provavelmente pensou a mesma coisa. E percebeu a ironia da situação. Leonard Vole morre no último ato. Richard Draco morre no último ato. Um momento dramático de justiça. Ele é executado diante de muitas testemunhas.

Eve voltou ao sofá e tornou a sentar.

— Isso não me diz nada de novo, na verdade — completou ela. — Mas solidifica os ângulos. Continuar a reprodução!

Ela esperou mais um pouco, atenta a tudo. A entrada em cena de Areena, ela notava agora, era brilhante em termos de sincronia. Isso era mérito da autora, é claro, e do diretor, mas o *estilo* e o impacto tinham de partir da atriz.

Linda, cheia de classe, misteriosa e suavemente sexy. Esse era o papel. Mas a personagem não era exatamente assim, lembrou Eve. A verdadeira Christine Vole provava, no final, ser uma mulher consumida pelo amor. Uma apaixonada capaz de mentir para salvar o homem que sabia ser um assassino e estaria disposta a sacrificar a própria dignidade e a reputação para libertá-lo das garras da Justiça. A mesma mulher que, por fim, o executara ao ver que ele desprezara o seu amor.

— Ela atua em dois níveis — murmurou Eve —, como Draco. Nenhum dos dois mostra a verdadeira face do personagem até a cena final.

— Ambos são muito talentosos.

— Não só eles, mas todos os atores. Todos eles são usados para manipular palavras e ações, a fim de apresentar uma imagem. Ainda não desvendei essa imagem. Sir Wilfred acredita estar defendendo um homem inocente, e no fim descobre que foi enganado. Isso é o bastante para enfurecer qualquer um. Se relacionarmos vida real e faz-de-conta, já será o suficiente para matar alguém.

— Vá em frente — incentivou Roarke com a cabeça, depois de ter pensado o mesmo.

— A personagem de Diana acreditava em todas as mentiras que Leonard Vole lhe contava. Que a sua mulher era uma megera, que ele era inocente e resolvera abandoná-la.

— O papel da outra — interpôs Roarke. — A mulher mais jovem. Um pouco ingênua, um pouco ávida.

— No fim, será que ela não se sentiu igualmente enganada, usada e ficou arrasada? Do mesmo modo que a própria atriz, Carly, percebeu ter sido enganada, usada e ficou arrasada? Como Christine também? E temos ainda Michael Proctor, acompanhando as cenas da coxia e assimilando tudo com sofreguidão.

Eve analisou os rostos, ouviu as vozes e avaliou as conexões.

— O assassino é uma pessoa do elenco — garantiu ela. — Um dos atores ou atrizes. *Sei* que é. Não é nenhum técnico com mágoas antigas nem sonhos de estar sob os refletores. Trata-se de alguém acostumado com as luzes e que sabe como usar o rosto certo no momento certo.

Eve ficou novamente em silêncio, assistindo à peça que se desenrolava, em busca de alguma brecha, algum momento em que um olhar ou um gesto indicasse os sentimentos e planos por trás da fachada profissional.

Mas não achou nada. Eles são bons, pensou. Todos eles.

— Lá está a faca falsa, na primeira cena do tribunal. Congelar a tela e ampliar o setor P-Q em vinte e cinco por cento!

O ponto escolhido foi aumentando de tamanho lentamente e a mesa onde estavam as provas apareceu com mais detalhes. A faca estava claramente à vista por aquele ângulo e, com a imagem ampliada, Eve conseguiu notar as sutis diferenças entre ela e a arma do crime.

— A lâmina é praticamente do mesmo tamanho e formato, mas o cabo é um pouco mais largo e grosso. É da mesma cor, mas de material diferente. — Eve suspirou. — Mas não dava para ninguém reparar nisso, a não ser que estivesse ligado nesse detalhe. A pessoa espera ver um objeto cênico e é o que ela vê. Richard Draco deve ter olhado diretamente para a faca, droga. Ele poderia até mesmo tê-la manuseado sem notar a diferença. Retomar a reprodução!

A cabeça de Eve começou a latejar de leve. Ela não notou quando Roarke começou a massagear-lhe os ombros. Observou as mudanças de cenas, a cortina que se fechava entre os atos, o suave movimento em torno do eixo circular que efetuava a troca de cenários. Alguns técnicos cruzavam o palco em silêncio por trás das cortinas, quase indistinguíveis em sua tradicional roupa preta.

Nesse momento, ela avistou Linus Quim. Ele comandava tudo, durante o intervalo, estava em seu elemento. Gesticulava e fazia sinais aparentemente cifrados, em linguagem de teatro, que diziam muito pouco a Eve. Ela o viu trocando algumas palavras com o contra-regra para em seguida concordar com a cabeça e olhar para o fundo do palco, à esquerda.

— Ali! — Eve pulou do sofá mais uma vez. — Ele reparou em alguma coisa. Viu algo que não está de acordo com os procedimentos. Parece hesitante por um segundo, analisando o que viu. Agora ele segue naquela direção. O que foi que você viu, Linus? Quem você viu, droga?

Eve se virou para Roarke.

— Foi esse o momento da troca — sentenciou ela. — Agora, a faca verdadeira está no cenário do tribunal, à espera.

Ela mandou o disco voltar alguns quadros, marcou o tempo no relógio e repassou as imagens.

— Certo — confirmou. — Foi nessa hora que ele viu.

Por trás dela, Roarke se levantou, foi até o AutoChef e programou café. Quando voltou para junto dela, Eve pegou a caneca automaticamente e bebeu tudo.

Na tela, os extras se movimentavam em direção às suas marcações de cena. O barman tomou seu lugar para a cena seguinte e os técnicos desapareceram. Areena, vestida com a roupa barata e chamativa que caracterizava as freqüentadoras assíduas de bares em meados do século 20, se posicionou em seu lugar sobre um banco, no fundo do balcão. Estava relativamente afastada da platéia.

Ouviu-se um apito de trem. A cortina se abriu.

— Dois minutos e doze segundos. Tempo suficiente para esconder a faca. Bem no meio das rosas ou em qualquer outro lugar em que ninguém reparasse até ela poder ser novamente trocada. Mas

o tempo era curto. Muito curto. E o risco era grande.

— Sexo e ambição — murmurou Roarke.

— O quê?

— Sexo e ambição. Foi isso que matou Leonard Vole, e foi também o que matou Richard Draco. A vida imita a arte.

Peabody não diria nada, a não ser que tivesse de comprar a pintura holográfica que tentava analisar naquele momento, fingindo que a compreendia. Tomou um pouco do champanhe que Charles lhe trouxera e tentou parecer tão sofisticada quanto o resto dos convidados da exposição de arte.

Pelo menos estava vestida adequadamente para a ocasião, pensou, aliviada. O presente que ganhara de Eve, no Natal, fora um glamouroso vestido para usar quando tivesse que trabalhar sob disfarce, desenhado pelo fantástico estilista Leonardo, namorado de Mavis. Só que o brilhante modelo em seda azul não poderia transformar a sua sensibilidade de jovem criada no Meio-Oeste.

Para ela, o constante movimento de formas e cores na tela não tinha pé nem cabeça.

— Bem, acho que isso é realmente... interessante. — Já que não lhe ocorreu nada melhor para dizer, bebeu mais champanhe.

Charles deu uma risada e acariciou-lhe o ombro de forma afetuosa.

— Você é um amor por me agüentar, Delia. Deve estar morrendo de tédio.

— Não, nada disso. — Ela levantou a cabeça, olhou para o rosto maravilhoso de Charles e sorriu. — É que eu sou meio burra em questões de arte.

— Não há nenhum tipo de burrice em você. — Ele abaixou a cabeça e a beijou de leve.

Peabody quase suspirou. Era quase impossível acreditar que ela pudesse estar em um lugar daqueles, vestida com uma roupa lindíssima e acompanhada por um homem maravilhoso. Era também doloroso, *extremamente* doloroso, sentir que ela estaria muito mais à vontade saboreando comida chinesa entregue em domicílio no patético apartamento de McNab.

Bem, ela ia simplesmente continuar a visitar exposições de arte, assistir a óperas e balés até que um pouco daquela sensação fosse arrancada dela, mesmo que continuasse a se sentir como se

atuasse em um clássico sem nem ao menos ter decorado o texto.

— Pronta para ir jantar?

— Estou sempre pronta para jantar. — Essa frase, compreendeu ela, foi genuína e veio diretamente do fundo do coração. Ou da barriga, no caso.

Charles reservara uma cabine privativa bem íntima em um restaurante badalado e caro, com direito a luz de velas e muitas flores. Ele sempre fazia coisas assim, refletiu Peabody, enquanto puxava uma cadeira para ela sentar a uma mesa lindamente decorada com rosas em um tom de rosa-claro e velas brancas. Ela deixou que o próprio Charles fizesse o pedido, decidindo por ambos, porque ele saberia escolher exatamente o prato certo.

Aliás, ele parecia sempre saber todas as coisas certas e conhecer todas as pessoas certas. Peabody perguntou a si mesma se Eve alguma vez se sentia assim tão estabanada e deslocada quando ia com Roarke a lugares elegantes.

Não conseguia imaginar a sua tenente se sentindo estabanada com alguma coisa.

Além do mais, Roarke a amava. Não, a palavra era outra. O cara a adorava. Tudo devia ser diferente quando uma mulher está sentada a uma mesa à luz de velas com um homem que a considera a mulher mais importante do mundo. A única mulher do mundo.

— Para onde foi seu pensamento? — perguntou Charles, baixinho.

Ela se obrigou a voltar ao momento presente.

— Desculpe. Acho que ando com muita coisa na cabeça. — Ela pegou a faca para saborear o suculento aperitivo de frutos do mar. A perfeição do sabor que explodiu em suas papilas gustativas quase a fez ficar vesga de êxtase.

— Seu trabalho, não é? — perguntou ele, esticando a mão para dar uma palmadinha compreensiva na dela. — Fiquei feliz por você arranjar um tempinho para sair comigo esta noite.

— Não ficamos trabalhando até tão tarde quanto eu imaginava.

— O caso Richard Draco. Quer conversar comigo a respeito disso?

Aquilo era o mais perfeito de tudo em Charles. Ele sempre perguntava e ouvia com atenção quando Peabody resolvia desabafar.

— Não, na verdade não — respondeu ela. — Ainda não posso comentar nada a essa altura, a não ser que Dallas está frustrada. Há tantos níveis e ângulos a considerar que o trabalho se torna mais

lento.

— Sei como é. *A*pesar disso, ela, como sempre, me pareceu competente quando conversou comigo.

A mão de Peabody pareceu se petrificar no instante em que ela pegou o cálice.

— Ela conversou com você? A respeito desse caso?

— Ela não comentou com você que havíamos conversado? — Pego de surpresa, Charles pousou sua faca sobre o prato.

— Não. Você conhecia Richard Draco?

Charles xingou a si mesmo e considerou, por alguns instantes, rodear a verdade, mas, por fim, encolheu os ombros. Ele sempre fora honesto com Peabody e não queria mudar isso.

— Não, não o conhecia. Por acaso, eu estava em companhia de Areena Mansfield uma noite dessas, quando Dallas e Roarke passaram lá para falar com ela. Eu estava em seu apartamento a trabalho.

— Ah. — O trabalho de Charles não incomodava Peabody. Ele tinha aquela profissão e pronto, da mesma forma que ela. Talvez, se fossem amantes, ela encarasse a coisa de forma diferente, mas eles não eram.

Droga.

— Ah — repetiu ela, porque a profissão de Charles era motivo de irritação para sua tenente. — Merda!

— Concordo. Foi esquisito, mas Dallas e eu acabamos nos entendendo.

— Como conseguiram isso?

— Conversamos um pouco. Delia, eu tentei não falar muita coisa para não colocar você na berlinda. Eu nunca quis isso.

— Você nunca me colocou na berlinda — disse ela, na mesma hora. — Dallas é que fez isso.

— Pelo fato de se importar muito com você.

— Minha vida pessoal é...

— Problema dela, na qualidade de sua amiga, Delia.

A censura velada no tom de voz dele a fez recuar com uma cara feia, mas ela acabou se rendendo.

— Tudo bem, eu sei disso. Mas não sou obrigada a gostar dessa situação.

— Acho que agora as coisas vão ficar um pouco mais amenas. Ela me disse o que queria, eu expliquei o meu lado, e nós dois acabamos nos sentindo melhor. E quando disse a ela que não fazíamos sexo, ela...

— O quê?! — A palavra escapou da boca de Peabody como um grasnido agudo quando ela se levantou da mesa. A prata reluzente e o cristal cintilante dançaram sobre a toalha de linho branco. — Você contou isso a ela? *Isso?* Meu Deus! Por que não me colocou completamente nua e me jogou dentro da saía dos policiais?

— Eu queria que ela soubesse que éramos apenas amigos, sem nenhum tipo de acordo profissional. Desculpe. — Percebendo tarde demais o seu deslize, Charles se levantou e estendeu as mãos. — Não pretendia deixar você embaraçada.

— Você conta à minha oficial superior que saio com um amante profissional há... deixe ver... quase três meses e até agora não deitei e rolei com ele entre os lençóis. Não, que nada. Puxa, o que pode haver de embaraçoso nisso?

— Não percebi que você queria que o sexo fizesse parte do nosso relacionamento. — A voz de Charles era mais dura agora. — Se queria, era só pedir.

— Ah, sim, claro! Eu poderia dizer: "E então, Charles, vamos nessa? Virei cliente."

Os músculos do estômago dele se retesaram de decepção.

— É assim que você pensa?

— Não sei o que pensar. — Ela se deixou cair novamente na cadeira e colocou a cabeça entre as mãos. — Puxa, por que você teve que contar isso a ela?

— Acho que estava tentando me defender. — Aquilo era algo difícil de admitir para si mesmo. — Não pensei nas conseqüências. Sinto muito, de verdade. — Ele puxou a cadeira um pouco de lado para pode chegar mais perto e tomar a mão de Peabody. — Delia, eu não queria estragar a nossa amizade. Durante os primeiros dias, logo depois que nos conhecemos, eu ainda estava me relacionando com alguém que não conseguia e que não quis ficar comigo por causa da minha profissão. Você me ajudou a superar aquela crise. Gosto muito de você. Se desejar mais... — Ele ergueu a mão de Peabody e roçou os lábios de leve sobre a parte interna do seu braço.

A pulsação dela deu um pulo e pareceu dançar. Foi uma reação natural, ela imaginou. Do mesmo modo que foi perfeitamente natural que o seu sangue começasse a esquentar, esquentar muito, quando ele afastou a sua boca habilidosa dos pulsos dela e a colocou sobre seus lábios.

Porém, dúvidas a assaltavam por dentro, lado a lado com o desejo. Era enfurecedor perceber que nem todas as dúvidas tinham relação com Charles.

— Desculpe. — Peabody interrompeu o beijo, recostou-se na cadeira e tentou descobrir em que ponto do caminho perdera a noção das coisas. Diante dela estava um homem fantástico de quem ela gostava muito; um homem que não apenas sabia tudo o que era possível saber sobre prazeres sexuais, como estava disposto a mostrar-lhe o caminho do êxtase total do corpo humano. E ali estava ela, bancando a recatada.

— Eu magoei você.

— Não. Bem, talvez um pouco. — Ela conseguiu exibir um sorriso. — A verdade é que aconteceu uma coisa inédita para mim. Perdi completamente o apetite. Todo tipo de apetite.

## CAPÍTULO ONZE

Trabalhar em seu escritório doméstico podia ser vantajoso. O equipamento, mesmo comparado ao seu novo computador na Central, era muito superior. Havia menos focos de distração. E era quase impossível ficar sem café.

Eve escolhia fazer isso de vez em quando, nem que fosse para ter uma idéia nova ou esvaziar a mente.

Seu plano para aquele dia era começar a manhã com algo prazeroso. Lá estava ela, no centro do escritório, sorrindo com ar de desprezo para o seu computador velho e descartado.

— Hoje — ameaçou ela, olhando para o equipamento antigo — a morte chegará para todos os seus circuitos. Devo ser lenta e sistemática ou rápida e brutal? — Considerando as opções, ela circulou em torno da máquina. — Decisão difícil. Esperei tanto por este momento! Sonhei com ele.

Arreganhando os dentes, começou a arregaçar as mangas.

— O que é isso? — perguntou Roarke, da porta divisória que servia de ligação entre as áreas de trabalho individuais de ambos.

— A antiga maldição da minha existência. O anticristo da tecnologia. Temos alguma marreta aqui em casa?

Analisando a máquina no chão, Roarke entrou.

— Imagino que temos muitas marretas, de vários tipos.

— Quero usar todas. Quero martelos médios e pequenos, quero os grandes, quero aqueles de derrubar paredes e quero todos os outros tipos intermediários.

— Pode-se saber para quê?

— Vou desmantelar essa coisa, *byte* por *byte, até* não restar mais nada, a não ser a poeira do último chip trêmulo.

— Humm... — Roarke se agachou ao lado da máquina e examinou o sistema lamentavelmente ultrapassado. — Quando foi que esse ferro-velho chegou?

— Agora mesmo. Eu o trouxe no meu carro. Talvez fosse legal usar ácido e assistir de camarote ao equipamento chiando e se dissolvendo. Seria muito bom.

Sem dizer nada, Roarke pegou uma caixinha no bolso, abriu-a e pegou uma chave de fenda pequena. Com movimentos rápidos, abriu a carcaça do aparelho.

— Ei! Ei! O que está fazendo?

— Não vejo nada assim há mais de uma década. Fascinante. Olhe só essa corrosão. Nossa, é um sistema monobloco com chips, e os componentes são ligados por fios.

Quando Roarke já começava a se empolgar, ela veio correndo e deu um tapa na mão dele.

— É meu! Quero acabar com ele.

— Controle-se — disse ele, distraído, e penetrou mais fundo as entranhas do aparelho. — Vou levar o aparelho para fazer pesquisas.

— Não, nada disso! Preciso destruí-lo em mil pedaços. E se ele se reproduzir?

Roarke sorriu, recolocou a tampa e fechou a máquina.

— Isso é uma ferramenta excelente para aprendizado. Gostaria de dá-la de presente a Jamie.

— Do que você está falando? Jamie Lingstrom, o menino prodígio da eletrônica?

— Sim. Ele faz uns trabalhinhos para mim, de vez em quando.

— Ele é apenas um garoto.

— Muito brilhante por sinal. Tão brilhante que eu prefiro tê-lo na minha equipe do que na de algum concorrente. Vai ser interessante descobrir o que ele consegue fazer com um sistema velho e defeituoso como este.

— Mas eu quero essa máquina morta.

Roarke teve que prender o riso. Aquilo era o mais próximo de um choramingo que ele ouvira de Eve.

— Pronto, pronto, querida — consolou ele. — Prometo achar alguma coisa para você espancar. Ou, melhor ainda... — disse ele, enlaçando-a com os braços — alguma outra válvula de escape para toda essa deliciosa agressão natural.

— O sexo não me faria sentir tão animada e satisfeita.

— Ah. Um desafio. — Ele o aceitou na mesma hora, inclinando-se na direção dela e mordendo-

lhe o maxilar. Quando ela soltou um palavrão, ele invadiu-lhe os lábios com um beijo quente, faminto, daqueles de acabar com o equilíbrio.

— Certo, isso foi muito bom, mas o que você fez com as mãos aí atrás?

— Nada, estava só trancando a porta para depois...

— Tudo bem, tudo bem, pode ficar com essa porcaria. — Eve se afastou um pouco dele, tentando retomar o fôlego. Seu corpo vibrava. — Mas faça o favor de tirá-lo da minha frente.

— Obrigado. — Ele pegou a mão dela, levantou-a e mordiscou-lhe os dedos, fitando-lhe o fundo dos olhos. Uma provadinha dela sempre o deixava com vontade de experimentar mais. E mais. Ele a empurrou de leve, com a intenção de levá-la para o escritório dele.

Peabody entrou.

— Desculpem. — Ela desviou os olhos e levantou a cabeça para analisar o teto. — Summerset disse que eu podia entrar.

— Bom dia, Peabody. — Roarke roçou os lábios de leve sobre as sobrancelhas franzidas de sua mulher. — Gostaria de um pouco de café?

— Pode deixar que eu me sirvo, não se preocupe comigo. Sou apenas uma auxiliar do baixo escalão — resmungou ela, mantendo a maior distância possível de Eve, enquanto se dirigia à pequena cozinha do escritório.

— Ela está chateada com alguma coisa — comentou Roarke, olhando para a cozinha com o cenho franzido e ouvindo Peabody resmungar mais alguma coisa enquanto programava o AutoChef.

— Ela ainda não tomou a sua dose matinal de cafeína. Agora, leve esse monte de lixo daqui, já que você está tão interessado nele. Preciso trabalhar.

Roarke pegou o equipamento do chão, surpreendendo-se com o esforço que teve de empregar para removê-lo.

— Antigamente os computadores eram bem mais pesados. Vou ficar trabalhando aqui em casa até o meio-dia — avisou ele, por cima do ombro, fechando a porta em seguida.

Era futilidade, uma sensação ridiculamente *feminina* a de sentir uma onda de desejo diante de tal exibição de força muscular. Eve disse a si mesma que não se sentiria assim se ele não a tivesse excitado um pouco antes.

— Peabody, traga-me uma caneca de café também.

Ela foi para trás da mesa, abriu o arquivo do caso Draco e, depois de separar os dados entre suspeitos, testemunhas, provas recolhidas e relatórios de laboratório, ordenou que todas as listas se alinhassem na tela.

— Assisti à gravação da peça ontem à noite — afirmou Eve assim que ouviu os firmes passos dos sapatos de sola dura de Peabody atravessando o escritório. — Montei uma teoria.

— Seu café, senhora. Devo gravar o que vai dizer?

— Hein? — Eve analisava as telas, tentando mexer e reacomodar os dados mentalmente, mas o tom frio de Peabody a distraiu. — Não, vou apenas relatá-la para você.

Dizendo isso, Eve se virou e notou que, mais uma vez, Roarke tinha razão. Algo acontecera com a sua auxiliar. Lembrou a si mesma que não deveria se meter nos assuntos pessoais dos outros e se sentou.

— Conseguimos determinar com precisão o momento em que ocorreu a troca das facas. O acessório cênico está claramente visível aqui. Computador, exibir a prova visual 6-B na tela cinco.

— A senhora marcou e registrou pessoalmente cada uma das provas visuais da gravação? — perguntou Peabody, com a voz fria como o vento de fevereiro.

— Sim, fiz isso ontem à noite, depois de assistir à gravação. — Eve moveu os ombros. O tom agressivo de Peabody lhe provocou uma espécie de coceira entre as omoplatas. — Por que pergunta?

— Só para manter meus próprios arquivos atualizados, tenente. Esse é o meu trabalho.

*Droga!*

— Ninguém está reclamando de nenhuma falha sua, Peabody. Estou apenas colocando você a par da situação, não estou?

— De forma seletiva, ao que parece.

— Certo, agora me diga o que está insinuando com isso.

— Tive oportunidade de voltar à Central ontem à noite. — Contar aquilo só serviu para aumentar a sensação de ardência. — Durante os procedimentos de revisão dos arquivos, inclusão de provas e linhas de tempo, reparei que certas peças das citadas provas estavam marcadas e lacradas

como de Nível Cinco. Até aquele momento eu não tinha conhecimento de que certas partes dessa investigação eram consideradas fora dos limites para a sua auxiliar e para a sua equipe, tenente. Com todo o respeito, senhora, devo alertá-la de que tal política poderá e provavelmente fará com que haja uma diminuição da eficiência da citada auxiliar e da citada equipe.

— Não use esse tom formal e respeitoso para cima de mim não, cara colega. Se eu marquei Nível Cinco, foi porque, na minha opinião, o material requeria Nível Cinco. Você não tem necessidade de saber de mais nada a respeito.

Pequenos pontos de rubor apareceram nas bochechas de Peabody, mas seu tom de voz continuou gélido.

— Somente agora estou sendo informada disso, tenente.

— Então esqueça o assunto.

— As coisas têm sempre que ser do seu jeito, não é?

— Sim, é isso mesmo! Sou a sua oficial superior e a investigadora principal deste caso. Então você pode apostar que as coisas têm que correr conforme eu determino.

— Então a senhora deveria ter avisado um dos envolvidos no caso, o sr. Charles Monroe, para manter a boca fechada, não devia? Senhora!

Eve arreganhou os dentes e os rangeu com força. *É só alguém tentar respeitar os sentimentos dos outros e veja só o que leva pela cara.*

— O sr. Monroe não tem, na minha opinião, ligação nenhuma com o caso. Portanto, qualquer conversa que eu tenha tido com ele não é da sua conta.

— É da minha conta sim, a partir do momento em que a senhora o interrogou a respeito da porcaria de relacionamento pessoal que existe entre nós.

— Eu não o interroguei. — A voz dela estava embargada de frustração e cólera. — Foi *ele* quem abriu o bico e me contou tudo.

As duas estavam em pé agora, inclinadas sobre a mesa, quase nariz com nariz. O rosto de Eve estava pálido de indignação, e o de Peabody, vermelho de raiva.

Quando McNab entrou, a cena que viu o fez assobiar de leve, baixinho, e dizer:

— Ahn... Olá, pessoal!

Nenhuma das duas se deu ao trabalho sequer de olhar para ele e ambas disseram, em uníssono:

— Cai fora!

— Pode crer. Fui!

Para garantir a saída dele, Eve marchou até a porta e a bateu com força diante do rosto do rapaz, ao mesmo tempo amedrontado e fascinado.

— Sente-se! — ordenou a Peabody.

— Prefiro ficar em pé.

— E eu preferia lhe dar um pontapé no traseiro, mas estou me segurando. — Eve levantou as mãos, agarrou os cabelos e os puxou com força até a dor apagar a maior parte da raiva. — Muito bem, fique em pé, então. Não daria mesmo para sentar com esse cabo de vassoura espetado no rabo. O mesmo cabo de vassoura que você enfia na bunda toda vez que o assunto Charles Monroe entra na conversa. Você quer ser devidamente informada de tudo o que aconteceu? Pois muito bem, vou relatar.

Eve respirou fundo mais uma vez para se assegurar de que o tom que usaria seria bem profissional.

— Na noite do dia 26 de março, eu, acompanhada por Roarke, tive a oportunidade de fazer uma visita à cobertura de Areena Mansfield, no Palace Hotel, situado nesta cidade. Ao entrar no recinto citado, a oficial encarregada desta investigação verificou que a Srta. Mansfield recebia em sua residência um tal de Charles Monroe, acompanhante profissional licenciado. Foi apurado e posteriormente confirmado que o acompanhante Monroe fora até o local com a finalidade de exercer a sua profissão, e foi também verificado que ele não possuía ligação alguma com o falecido sr. Draco nem com a investigação propriamente dita. A sua presença no local bem como os detalhes pertinentes relacionados a ela foram devidamente anotados no relatório do interrogatório e marcados como Nível Cinco em uma tentativa idiota e mal avaliada pela oficial investigadora de evitar que sua auxiliar cabeça-dura passasse por constrangimentos desnecessários.

Eve voltou pisando duro para a sua mesa, agarrou a caneca de café e tomou um pouco.

— Agora, coloque isso tudo em sua cabeça!

Os lábios de Peabody ficaram trêmulos. Ela se sentou e começou a fungar.

— Ah, não! — Com pânico genuíno, Eve esticou o dedo e o balançou. — Não, não faça isso! Nada de choro! Estamos de serviço aqui. Você sabe que não é permitido chorar em serviço.

— Sinto muito. — Sabendo que estava muito perto de se debulhar em lágrimas, Peabody remexeu o bolso em busca de seu lenço e assoou o nariz com força. — Eu estou transtornada e completamente sem graça. Ele lhe contou que nós nunca fizemos sexo.

— Nossa, Peabody, e você achou que eu tinha colocado isso no relatório?

— Não... Não sei... Não. — Ela tornou a fungar. — Mas agora você sabe. Estou saindo com ele há um monte de semanas e nós nem mesmo chegamos perto de transar.

— Pois é, ele me explicou que quando... — Ao ouvir o uivo de horror de Peabody, Eve franziu o cenho. Dissera a coisa errada. Muito errada. Mas que diabos seria a coisa certa a se dizer em uma situação daquelas? — Escute, Peabody, ele é um cara legal e eu não lhe dei o devido crédito. Ele gosta de você.

— Então por que nunca me agarrou? — Peabody ergueu os olhos inundados de lágrimas.

— Ahn... Será que é porque o sexo não é tudo? — arriscou Eve.

— Ah, claro. Para você é muito fácil dizer isso, pois seu marido é um deus, o maior símbolo sexual do século.

— Puxa, Peabody.

— Mas é verdade! Ele é lindo, tem um corpo espetacular, é muito inteligente, sexy... e perigoso. E ama você. Não, ele *adora* você. Seria capaz de pular na frente de um maxiônibus a toda a velocidade por sua causa.

— Esses ônibus andam a uma velocidade ridícula — murmurou Eve e se sentiu aliviada quando Peabody deu uma gargalhada lacrimosa.

— Você sabe o que eu quis dizer.

— Sim. — Eve olhou na direção das portas divisórias e sentiu uma fisgada forte, quase dolorosa. — Sim, eu sei. Talvez, ahn... talvez não se trate de falta de atração. Pode ser que Charles... — Droga, onde estava Mira quando se precisava dela? — Pode ser que ele respeite você. É isso!

Peabody amassou o lenço e se sentiu péssima.

— Já estou cheia de ser respeitada, se você quer saber. Sei que não sou linda nem nada.

— Você me parece bonita.

— Mas não sou muito sexy.

— Claro que é! — Desesperada com a situação e sem saber o que fazer, Eve rodeou a mesa e deu uma palmadinha carinhosa na cabeça de Peabody.

— Dallas, se você fosse homem ou sapatona, teria interesse em transar comigo?

— Claro! Pularia em cima de você na mesma hora.

— Sério? — Animando-se com a idéia, Peabody enxugou os olhos. — McNab não consegue tirar as mãos de mim.

— Puxa, Peabody, por favor!

— Não quero que ele saiba dessa história. Não quero que McNab descubra que Charles e eu nunca fizemos o rala-e-rola entre os lençóis.

— Pois por mim ele nunca vai saber, prometo.

— Tudo bem, então. Desculpe, Dallas. Depois que Charles me disse que conversou com você, fui para o trabalho tentando esquecer essa história, mas vi aqueles arquivos lacrados. Passei a noite em claro, pensando no lance. Puxa, se ele não disse nada importante, não consegui imaginar o porquê de você ter codificado o acesso a dois relatórios e um disco de vídeo.

Eve expirou com força. Relacionamentos interpessoais eram um osso duro de roer. Além de complicados.

— Um dos relatórios e o disco de vídeo não têm nada a ver com Charles. — Droga, Peabody tinha razão em um ponto: encobrir as informações só servia para atrasar a investigação. — Eles têm relação com Nadine.

— Ah, bem que eu desconfiei que havia algo estranho com ela.

— Escute, ela teve um caso com Richard Draco, há muitos anos, e veio me procurar para contar isso. Ele a usou e depois dispensou, como era o seu padrão habitual. Quando Roarke e eu estivemos em sua cobertura, encontramos alguns vídeos íntimos. Aquele que eu lacrei...

— Oh, ele gravou o sexo com Nadine. Que escória de homem, hein? — Peabody suspirou. — Mas Nadine não é suspeita, pelo menos não estamos olhando na direção dela. Então você queria apenas poupá-la da vergonha. Puxa, Dallas, eu sinto muito, agora ainda mais do que antes.

— Tudo bem, vamos esquecer o assunto. Vá lavar o rosto ou algo assim, para McNab não achar que eu dei uns tabefes em você.

— Tá legal. Puxa, estou me sentindo uma idiota.

— Ótimo, isso me alegrou o dia. Agora, recomponha-se para eu mandar McNab sair do buraco em que se enfiou a fim de podermos trabalhar.

— Sim, senhora.

No momento em que todos conseguiram se reunir no escritório de Eve, Feeney já havia chegado. Assistira ao vídeo da peça mais uma vez, ampliara alguns detalhes, melhorara o foco e a qualidade da imagem e usou sua magia eletrônica tão bem que a equipe pôde confirmar o momento e o intervalo de tempo para a troca.

As duas cenas do tribunal estavam lado a lado em uma tela dividida, e Feeney estava diante dela usando as duas imagens para mostrar as quase imperceptíveis diferenças no formato da faca e no ângulo em que ela fora colocada na mesa.

— Quem as trocou conseguiu uma faca tão parecida com a do cenário que ninguém perceberia a diferença, a não ser que a pegasse e examinasse com muita atenção.

— O contra-regra saberia? — perguntou McNab.

— Talvez sim, mas ele não teria motivo para fazer nada além de confirmar visualmente que a faca estava na posição correta. O cenário do tribunal ficou... como se diz... preparado durante toda a apresentação. Ele perceberia, se a faca não estivesse no lugar — acrescentou Feeney. — De acordo com a sua declaração, ele conferiu os objetos logo depois da troca de cena, e mais uma vez um pouco antes da cena final. Não havia razão para verificar mais do que isso.

— Isso deu ao criminoso um total de cinco minutos. — Eve bateu com os dedos na caneca. — Entretanto, esse tempo diminui se considerarmos que Quim viu algo ou alguém suspeito, como parece ter acontecido durante o intervalo. Restam menos de três minutos para o criminoso esconder a faca falsa e voltar para o local onde ele deveria estar, seja no palco ou na coxia.

— Então o criminoso teve que esperar. — Peabody estreitou os olhos. — Não só esperar como torcer para ninguém perceber a troca durante a cena final do tribunal em meio aos diálogos e à ação. Teve que esperar até a personagem Christine Vole pegar a faca e usá-la. Isso dá mais de trinta minutos, um tempo de espera muito longo.

— Nosso assassino é paciente e sistemático. Acho que ele ou ela adorou a espera e curtiu observar Draco se exibindo, transmitindo emoções e arrancando aplausos, sabendo o tempo todo que aquele era o seu último ato. Acho que a pessoa que o matou se deleitou com isso. — Eve pousou a caneca de café e se sentou na beira da mesa. — Roarke disse uma coisa interessante, na noite passada: a vida imita a arte.

— Eu achava que era o contrário — retrucou Peabody, coçando a ponta do nariz.

— Não dessa vez. Por que esta peça? Por que este momento? Havia meios mais fáceis, menos arriscados e mais sutis de acabar com Draco. Acho que a peça em si tem um significado especial para a pessoa que o matou. O tema de amor e traição, personagens com duas caras. Sacrifício e vingança. Os personagens de Leonard e Christine Vole tinham um passado forte entre eles. Talvez Richard Draco tenha tido algo, no passado, com a pessoa que o matou. Algo bem distante no tempo, mas que deixou marcas no relacionamento deles.

Feeney concordou, jogou um punhado de amêndoas açucaradas na boca e disse:

— Grande parcela dos atores e dos técnicos já tinha trabalhado com ele antes. O mundo do teatro é pequeno e as pessoas que trabalham nele vivem se esbarrando o tempo todo.

— Não se trata de uma ligação profissional, e sim pessoal. Veja só, Leonard Vole, o protagonista, parece charmoso, é bonito, talvez um pouco ingênuo, até que constatamos que é um desalmado, um oportunista implacável. Pelo que descobrimos, isso é um reflexo de Richard Draco. Portanto, quem ele traiu? A vida de quem ele arruinou?

— Pelos depoimentos, ele esculhambou com a vida de todo mundo — lembrou McNab, levantando as mãos. — Ninguém fingiu gostar do cara.

— Então, temos que investigar mais a fundo, voltar atrás no tempo. Quero que vocês pesquisem os atores. Analisem a história de cada um e vejam se surge alguma coisa. Descubram se Draco destruiu algum casamento ou relacionamento no passado. Vejam se ele seduziu a irmã de alguém ou acabou com alguma carreira. Pesquisem todos os dados — pediu ela a McNab e Feeney. — Peabody e eu vamos atormentar os atores e atrizes.

* * *

Eve decidiu começar com Carly Landsdowne. Alguma coisa naquela mulher havia feito soar o alarme em sua cabeça, desde a primeira vez em que haviam conversado.

A atriz morava no Broadway View, um prédio sofisticado, cercado de seguranças, lojas caras e passarelas aéreas circulares. O imenso saguão era elegantemente decorado, com lajotões verde-água no piso, pequenos arbustos internos e um painel de segurança discreto na parede, na forma de um artístico desenho geométrico.

— Bom dia — anunciou o painel, com uma agradável voz masculina, assim que Eve se aproximou. — Por favor, informe o objetivo de sua visita ao Broadway View.

— Meu assunto é com Carly Landsdowne.

— Um momento, por favor. — Ouviu-se uma melodia suave que encheu o silêncio. — Obrigado por esperar. De acordo com os registros, a Srta. Landsdowne não nos informou estar à espera de convidados. Ficarei feliz em entrar em contato com ela a fim de perguntar-lhe a respeito de sua disponibilidade para receber visitas. Por favor, informe o seu nome e mostre uma identidade com foto.

— Você quer uma identidade? Aqui está ela. — Eve exibiu seu distintivo para as lentes microscópicas da câmera. — Avise a Srta. Landsdowne que a tenente Dallas não gosta de esperar em saguões.

— Claro, tenente. Um momento, por favor.

A música continuou do mesmo ponto em que parara e isso fez Eve ranger os dentes de irritação.

— Detesto esta merda. Por que será que todos acham que melodias melosas executadas em instrumentos de cordas fazem algo mais pelas pessoas além de provocar irritação e um desejo urgente de encontrar os altofalantes ocultos e destruí-los?

— Eu acho simpático — disse Peabody. — Gosto de violinos. Eles me fazem lembrar da minha mãe. Ela toca — acrescentou Peabody, quando Eve simplesmente olhou para ela.

— Obrigado por esperar. A Srta. Landsdowne ficará feliz em recebê-la, tenente Dallas. Por favor, queira dirigir-se ao elevador de n° 2. A senhora está liberada. Tenha um dia bom e feliz.

— Odeio quando eles dizem isso! — reclamou Eve, andando a passos largos na direção do elevador indicado. As portas se abriram e a mesma melodia executada por violinos recomeçou. Isso a fez grunhir.

"Bem-vindo ao Broadway View", saudou uma voz incorpórea, mais alta do que os violinos. "Nosso prédio é totalmente auto-suficiente e seguro. Sinta-se à vontade para solicitar o passe de um dia, que lhe dará direito de conhecer todas as instalações, incluindo o nosso spa e o moderníssimo fitness center, que lhe oferecem terapias e tratamentos físicos, mentais e cosméticos. Nossa área de compras pode ser alcançada através de acessos públicos e privativos, e todos os cartões são aceitos. O Broadway View também oferece aos seus clientes e, com algumas restrições, ao público em geral três restaurantes cinco estrelas, bem como o popular Times Square Café, projetados para as suas necessidades gastronômicas."

— Quando é que ele vai calar a boca?

— Será que eles têm piscinas?

"Caso seu interesse seja o de se juntar à nossa exclusiva comunidade, tecle 94 em qualquer um dos *tele-links* espalhados por nossas instalações e requisite a presença de uma de nossas

simpáticas *concierges,* que lhe oferecerá um tour por nossos três modelos de unidades residenciais."

— Eu preferia que me arrancassem o couro — decidiu Eve.

— Será que eles têm apartamentos conjugados?

"Por favor, saia à esquerda e siga até o apartamento n° 2008. Nós, do Broadway View, lhe desejamos uma visita agradável."

Eve saiu da cabine e virou à esquerda. As portas dos apartamentos eram muito espaçadas umas das outras e o corredor era generosamente largo. Quem projetara o lugar não se preocupou em economizar espaço, decidiu. De repente, ela sentiu uma desconfortável sensação de que talvez acabasse por descobrir que seu marido era o dono do prédio.

Carly abriu a porta antes de Eve apertar a campainha. A atriz usava um robe comprido, estava descalça e tinha as unhas dos pés pintadas em um tom de rosa forte. Seus cabelos e seu rosto, porém, estavam muito bem arrumados e maquiados.

— Bom dia, tenente. — Carly encostou-se no portal por um momento, numa postura deliberadamente arrogante. — Que simpático de sua parte me fazer uma visitinha.

— Você se levanta cedo — comentou Eve. — Sempre pensei que gente de teatro dormia até tarde.

O sorriso de Carly vacilou ligeiramente, mas ela conseguiu firmá-lo outra vez ao dar um passo atrás e explicou:

— Tenho uma apresentação marcada para hoje. O funeral de Richard.

— Você considera isso uma apresentação?

— É claro. Preciso me mostrar contida, triste, chorosa e todas essas coisas superficiais. Vai ser uma tremenda performance para a mídia. — Carly apontou para um atraente sofá curvo verde-claro, na sala de estar. — Poderia representar a mesma cena para a senhora, tenente, e de forma bem convincente. Só que isso me parece um desperdício do seu tempo e do meu talento. Aceita um café?

— Não, obrigada. Não a preocupa o fato de você ser suspeita em uma investigação de assassinato?

— Não, porque não fui eu quem cometeu o crime e também porque tudo isso é uma boa fonte de pesquisa profissional. Posso ser convidada a atuar em uma peça com esse tema, eventualmente.

Eve foi até o janelão, protegido por uma tela de privacidade, e ergueu as sobrancelhas ao apreciar a vista extraordinária da Times Square. Os cartazes holográficos pareciam estar vivos, cheio de cores e promessas, e o tráfego aéreo estava pesado, com mais aeronaves do que pulgas em um cão grande e malcuidado. Se Eve olhasse para baixo, o que ela não fez porque isso a deixava tonta, veria as torres góticas do teatro New Globe, de Roarke.

— Qual seria a sua motivação?

— Para cometer um assassinato? — Carly se sentou, obviamente apreciando o duelo matinal. — Isso iria depender, é claro, da vítima. Mas, fazendo uma comparação com a vida real, talvez eu matasse um ex-amante que tivesse me prejudicado. A motivação seria, portanto, uma combinação de orgulho ferido, desprezo e júbilo.

— Mágoa, talvez? — Eve se virou, pegando Carly de surpresa, antes que ela tivesse chance de disfarçar a sombra de angústia.

— Talvez. Se a senhora quer saber se Richard me magoou, eu lhe conto. Sim, ele me magoou, mas sei como cuidar das minhas feridas, tenente. Nenhum homem merece que uma mulher sofra por ele durante muito tempo.

— Você o amava?

— Achei que sim, na época. Mas foi espantosamente fácil substituir esse sentimento por ódio. Se eu quisesse matá-lo, não conseguiria tê-lo feito de forma melhor. Só que nunca sacrificaria a satisfação de fazê-lo pessoalmente. Usar um substituto para isso tiraria toda a diversão do ato.

— Para você isso é apenas uma piada? Tirar a vida de alguém de forma violenta?

— Quer que eu finja tristeza? Pode acreditar, tenente, eu poderia armar uma cena maravilhosa para a senhora, cheia de lágrimas brilhantes e soluços sentidos. — Embora ela continuasse a sorrir, pequenos dardos cintilantes de raiva saíam-lhe dos olhos. — Não vou fazer isso. Tenho muito respeito por mim mesma e também pela senhora para esconder algo tão óbvio. Não lamento o fato de ele estar morto. Simplesmente não fui eu quem o matou.

— E quanto a Linus Quim?

O ar de desafio de Carly se suavizou.

— Eu não o conhecia muito bem, tenente, embora sinta muito por sua morte. A senhora não acredita que ele tenha matado Richard e depois se enforcado, ou não estaria aqui. Eu também não creio nessa história, embora ela me seja bem conveniente. Ele era um homem sem importância, que vivia de cara amarrada, e não creio que tivesse por Richard mais consideração do que tinha pelo resto de nós, atores. Para ele, éramos apenas parte do cenário. Enforcar-se leva

tempo, não é verdade? Sua morte não foi rápida como a de Richard.

— É verdade, leva tempo.

— Não gosto de sofrimento.

Aquela era, pensou Eve, a primeira declaração simples e direta que Carly fizera.

— Não creio que quem o ajudou a colocar a corda no pescoço pensasse nisso. Está preocupada, Srta. Landsdowne, com a lenda de que as tragédias sempre vêm em trio?

Carly começou a fazer algum comentário descuidado, mas então olhou nos olhos de Eve e mudou de idéia.

— Sim, tenente. Estou preocupada, sim. Gente de teatro é muito supersticiosa e eu não sou exceção à regra. Nunca pronuncio o nome da peça escocesa,[2] não assobio dentro de um camarim, nem desejo boa sorte a um colega antes de ele entrar no palco. Apesar disso, a superstição não vai me impedir de voltar ao palco no momento em que nos for autorizado continuar com a temporada. Não vou permitir que nada modifique a forma como eu levo a minha vida. Sempre quis ser atriz, desde que me entendo por gente. Não apenas uma atriz — acrescentou ela, com um leve sorriso —, mas uma estrela. Estou a caminho disso e não vou me desviar do meu objetivo.

— A publicidade gerada pelo assassinato de Richard Draco pode ser o impulso final para você alcançar o seu objetivo.

— É verdade. E, se a senhora acha que não vou aproveitar essa chance, não me observou com atenção.

— Pois eu a analisei com muita atenção sim. Dei uma olhada cuidadosa em você. — Eve olhou em volta da linda sala, depois fixou os olhos na vista maravilhosa que se descortinava da janela. — Para alguém que ainda não alcançou o estrelato, até que você mora muito bem.

— Gosto de morar bem. — Carly encolheu os ombros. — Minha sorte é ter pais generosos e preocupados com o meu futuro. Tenho um fundo fiduciário e o uso. Como disse, não gosto de sofrimento. Não sou do tipo de artista que passa fome em nome da arte. Isso não quer dizer que eu não trabalhe duro para aprimorar o meu talento. Só que gosto de me cercar de conforto.

— Richard Draco já esteve aqui?

— Uma ou duas vezes. Ele preferia usar o próprio apartamento em nossos encontros. Analisando agora, vejo que isso lhe dava mais controle sobre a situação.

— E você sabia que ele gravava as atividades sexuais de vocês?

Aquela informação caiu como uma bomba. Eve conseguiu imprimir seu ritmo à conversa, reconheceu o ar chocado nos olhos de Carly e a viu ficar lívida.

— Isso é mentira.

— Draco instalou uma câmera de vídeo em seu quarto. Tinha uma coleção de discos pessoais que exibiam em detalhes algumas de suas parceiras sexuais. Encontramos uma performance sua, gravada em fevereiro. Ela incluía o uso de certos acessórios de couro preto e...

— Pare! — Carly deu um pulo do sofá. — A senhora está curtindo isso, não está?

— Não, não, em absoluto. Estou vendo que você não sabia da gravação.

— Eu realmente não sabia — confirmou Carly. — Talvez até concordasse com isso, e talvez me interessasse pela idéia, se ele a tivesse sugerido. Mas detesto descobrir que ela foi feita sem o meu consentimento. Odeio saber que um bando de tiras deve estar se divertindo e se excitando com o filminho.

— Eu fui a única policial que assistiu à gravação até agora, e não me diverti nem me excitei. Você não foi a única mulher que ele gravou sem consentimento, Srta. Landsdowne.

— Desculpe, mas estou pouco me lixando para essa informação. — Ela pressionou os dedos sobre os olhos até conseguir se controlar novamente. — Tudo bem, o que eu preciso fazer para conseguir esse vídeo?

— Ele é uma das provas do caso e eu o lacrei. Não será usado, a não ser que seja necessário. Quando o caso for encerrado e a senhorita estiver livre de suspeitas, vou providenciar para que o disco lhe seja entregue.

— Acho que isso vem a ser o melhor que eu poderia esperar. — Respirou fundo. — Obrigada, tenente.

— Srta. Landsdowne, quando estava em companhia de Richard Draco, usou drogas ilegais como estímulo sexual ou por algum outro motivo?

— Não uso drogas. Prefiro usar minha própria imaginação, de cabeça limpa, sem química.

*Mas você as usou sim,* pensou Eve. *Talvez nem desconfiasse do que ele dissolveu naquela linda taça de champanhe.*

[2] Tradicionalmente, no meio teatral, ninguém ousa pronunciar o nome da peça Macbeth, tragédia escrita por William Shakespeare em 1605. Acham que isso traz má sorte para a produção e os atores nela envolvidos. Costumam chamá-la de "a peça escocesa", uma referência ao país onde se desenvolve a trama.

## CAPÍTULO DOZE

Roarke tinha duas conferências holográficas agendadas, uma transmissão espacial e uma reunião com chefes de departamento, marcadas para aquela tarde e relacionadas com o projeto do Olympus Resort. As obras haviam começado havia mais de um ano e ele pretendia inaugurá-lo antes do verão.

Nem todo o imenso complexo turístico do tamanho de um pequeno planeta e totalmente voltado para o prazer estaria completo, mas a parte principal do projeto, com suas vilas e hotéis luxuosos, seus complexos de entretenimento e seus cassinos sofisticados, já estava pronta. Roarke levara Eve até lá em sua lua-de-mel. Aquela foi a primeira viagem dela para fora do planeta.

Ele pretendia levá-la novamente lá, sem dúvida sob protestos, pois viagens interplanetárias não faziam parte da lista de coisas favoritas de Eve.

Roarke desejava algum tempo a sós com ela, longe do trabalho de ambos. Não apenas a curta viagem de quarenta e oito horas que ele conseguira convencê-la a fazer no ano anterior, mas um tempo de verdade, com espaço para intimidade.

Ao se afastar do centro de controle que utilizava em casa, Roarke flexionou os músculos dos ombros e girou o pescoço. Já se sentia praticamente curado e quase não sentia dores. De vez em quando, porém, uma leve fisgada vinha lembrar-lhe o quanto ele e Eve haviam estado perto do fim. Poucas semanas antes, ele vira a morte de perto, mas, ao desviar os olhos dela, vira Eve.

Os dois já haviam passado por esses momentos violentos e sangrentos, mas havia mais a perder agora. Aquele foi um momento de união total em que a pura determinação de Eve a fez agarrá-lo no ar com as próprias mãos e puxá-lo de volta das garras da morte.

Eles precisavam um do outro.

*Duas almas perdidas,* pensou ele, e aproveitou o intervalo para caminhar até o vidro e olhar através das janelas altas de onde se via parte do mundo que construíra para si próprio com vontade, coragem, suor e recursos acumulados de forma suspeita. Duas almas perdidas que, a partir de começos miseráveis, forjaram o que pareciam ser pólos opostos.

O amor diminuíra aquela distância e depois a eliminara por completo.

Ela o salvara na noite em que sua vida estivera pendurada por um fio, por meio das mãos fortes e inabaláveis que o seguraram com firmeza. Ela o salvara, refletiu, desde a primeira vez que seus olhos se cruzaram. Por mais impossível que pudesse parecer, ela era a resposta para ele. E ele era a resposta para ela.

Roarke tinha uma necessidade constante de lhe dar presentes. Objetos tangíveis que a riqueza

conseguia materializar. Apesar disso, sabia que tais presentes quase sempre a deixavam intrigada e desconcertada. Talvez exatamente por isso ele insistisse tanto naquilo, ele sorriu. Por baixo de tudo, porém, havia a vontade forte de lhe proporcionar conforto, segurança, confiança, amor. Tudo o que nenhum dos dois tivera durante a maior parte de suas vidas.

Ele se perguntou como era possível que uma mulher tão habituada a observar e estudar a condição humana não conseguisse ver que os sentimentos dele por ela eram, quase sempre, tão embaraçosos e assustadores para ele mesmo quanto para ela.

Nada voltou a ser como antes para Roarke desde que Eve entrara em sua vida vestindo um terninho horroroso e um olhar cheio de suspeitas. Ele agradecia a Deus por aquilo.

Ele estava se sentindo sentimental, percebeu. Talvez fosse o seu coração irlandês que subia à tona em momentos inesperados. Lembrou-se do pesadelo que Eve enfrentara algumas noites antes.

Seus sonhos maus a acometiam mais raramente agora, mas ainda aconteciam e lhe torturavam o sono, puxando-a de volta para um passado que ela não conseguia lembrar por completo. Ele queria apagar aquilo da mente de Eve e erradicar seus pesadelos para sempre, mas sabia que não faria isso. Não poderia fazer.

Por muitos meses, ele se sentira tentado a realizar uma pesquisa completa, um rastreamento minucioso que traria à tona os dados sobre a criança tragicamente abandonada e encontrada com o braço quebrado, violentada e surrada em um beco da cidade de Dallas. Ele tinha a habilidade e os recursos tecnológicos necessários para descobrir tudo o que existia no passado dela, até mesmo os detalhes aos quais os assistentes sociais, a polícia e as autoridades de proteção à infância não tinham acesso.

Ele poderia completar todas as lacunas da vida de Eve, não apenas por si mesmo, admitiu, mas também por ela.

Mas aquele não era o caminho apropriado. Ele a compreendia bem demais para saber que, se ele se lançasse àquela tarefa e lhe desse de bandeja as respostas às perguntas que ela ainda não estava pronta para fazer, a dor seria maior que a possível cura.

Afinal, não acontecera exatamente o mesmo com ele? Quando voltara a Dublin, depois de tantos anos, ele sentira necessidade de avaliar os pedaços destroçados de sua infância. Sozinho. Mesmo naquela oportunidade, olhara apenas de forma superficial para o próprio passado. O que sobrara daquilo estava enterrado. Pelo menos por ora, ele pretendia deixar tudo assim.

Era o momento atual que exigia a sua atenção, lembrou a si mesmo. Matutar sobre o passado, coisa tipicamente irlandesa, não resolvia coisa alguma. Fosse o seu passado ou o de Eve, isso não serviria de nada.

Ele pegou os discos e listagens que precisava levar para as reuniões da tarde, mas hesitou por um instante. Queria dar mais uma olhada em Eve, antes de sair.

Ao abrir as portas que ligavam o seu escritório de casa com o dela, viu apenas McNab, enfiando o que lhe pareceu um hambúrguer inteiro dentro da boca, enquanto o computador realizava algum tipo de pesquisa.

— Trabalhando sozinho hoje, Ian?

McNab endireitou o corpo, saiu da posição largada em que estava e se sentou ereto, engolindo tudo depressa demais e se engasgando. Divertindo-se com a cena, Roarke foi até onde ele estava e lhe deu dois tapas nas costas, com força.

— Você devia mastigar a comida antes de engolir. Isso ajuda e muito — comentou Roarke.

— Sim. Obrigado. Ahn... Não comi quase nada no café da manhã. Então achei que não faria mal se eu...

— Meu AutoChef está à sua disposição. A tenente está trabalhando na rua, imagino.

— Sim, e rebocou Peabody há uma hora, mais ou menos. Feeney também foi à Central para tentar amarrar algumas pontas soltas. Eu fiquei trabalhando aqui. — Ele sorriu, exibindo dentes fortes e brancos. — Me dei bem.

— Sorte a sua. — Roarke conseguiu encontrar uma batata frita no prato de McNab que não estava submersa em catchup e a colocou na boca enquanto analisava a tela. — Você está repassando os antecedentes dos suspeitos? De novo?

— Sim... bem. — McNab girou os olhos de impaciência e balançou a cabeça, fazendo as pequenas argolas de prata que pendiam de sua orelha dançarem alegremente. — Dallas tem a idéia estranha de que pode haver alguma ligação antiga, algum conflito mal resolvido entre Draco e alguém do elenco da peça, uma mágoa que esteja cozinhando em fogo brando há muitos anos. Eu já pesquisei todos os dados, não achei nadinha, mas ela quer que eu faça outra busca mais aprofundada. Estou aqui para servir. Especialmente quando tem carne de vaca de verdade no cardápio.

— Tudo bem, mas, se as informações estiverem muito escondidas, provavelmente você não vai achar nada desse jeito, certo?

— Não vou?

— Você está em busca de algo muito antigo e mal resolvido. — Considerando a possibilidade de ajudálo, Roarke pescou outra batata frita. — Se eu estivesse à cata de alguma coisa muito antiga,

enterrada há muito tempo, por assim dizer, eu me prepararia para sujar um pouco debaixo das unhas.

— Não entendo.

— Registros lacrados.

— Eu não tenho autoridade para abrir arquivos lacrados. É preciso ter um motivo palpável, um mandado e toda essa frescura. — Ao ver que Roarke simplesmente sorriu, McNab endireitou o corpo e olhou para a porta de entrada. — É claro que se existirem outros meios para chegar lá de forma extra-oficial...

— Há outros meios sim, Ian. Sempre existem.

— Sim, mas temos que considerar o fator "tire o meu da reta".

— Bem, nesse caso vamos ter que fazer a coisa bem direitinho para não deixar o seu na reta, certo?

— Dallas vai acabar descobrindo, não vai? — perguntou McNab alguns minutos mais tarde, quando eles já haviam trocado de lugar e Roarke sentara diante do computador.

— Claro que sim, mas você vai perceber que descobrir e provar são coisas muito diferentes, mesmo em se tratando da formidável tenente.

De qualquer forma, Roarke adorava essas incursões no trabalho da polícia, além de ser um homem que nunca limitava seus prazeres.

— Veja só isso, Ian. Nós já acessamos as impressões digitais que estão registradas, e também os padrões do DNA dos principais suspeitos. Tudo dentro dos limites da legalidade.

— Sim, se fosse eu que estivesse acessando.

— Isso é apenas um detalhe técnico. Computador, compare os códigos de identificação atuais com todo e qualquer registro criminal, ações civis e processos, incluindo todos os dados juvenis e os lacrados! Esse é um bom modo de começar a pesquisa — garantiu a McNab.

*Processando... O acesso a dados lacrados é negado a pessoas que não apresentem a devida autorização ou senha judicial. Os arquivos abertos, porém, estão disponíveis. Devo apresentá-los?*

— Parar! — Roarke se recostou na cadeira e examinou as unhas. Limpeza total, pensou. Pelo menos, até agora. — McNab, seja um bom garoto e pegue um pouquinho de café para mim, por favor?

McNab enfiou as mãos nos bolsos, tornou a tirá-las e pareceu titubear em cima da tênue linha divisória entre seguir o regulamento e avançar nas pesquisas.

— Ahn... Tá legal, tudo bem. Pode deixar que eu pego.

Correu para a cozinha do escritório, ordenou café e ficou por ali, fazendo hora. Não tinha a mínima idéia de quanto tempo Roarke levaria para ultrapassar os obstáculos burocráticos e eletrônicos do sistema, até finalmente conseguir ter acesso ao que não deveria ser acessado. Para se acalmar, decidiu verificar se havia alguma torta no AutoChef.

Para seu deleite, descobriu que havia seis tipos de torta à sua disposição, mas sofreu para escolher uma.

— Ian, você foi plantar os grãos de café aí dentro?

— Hein? — Ele colocou a cabeça fora da porta. — É que eu achei que... achei que você ia precisar de um pouco mais de tempo.

Ele certamente era um técnico astuto, pensou Roarke, mas também um rapaz deliciosamente ingênuo.

— Acho que isso aqui lhe interessa, Ian.

— Você já conseguiu entrar no sistema? Mas como... — McNab calou a boca assim que chegou de volta à mesa. — Não, é melhor não me contar. Assim, quando eu for acusado e fichado, vou poder afirmar, sem mentir, que não sabia de nada.

— Acusado e fichado pelo quê? — Roarke bateu duas vezes com a ponta do indicador sobre uma folha em cima da mesa. — Aqui está o seu mandado para acessar os arquivos lacrados.

— O meu... — Com os olhos esbugalhados, McNab pegou a folha. — Parece verdadeira. E está assinada pelo juiz Nettles.

— Pelo visto, sim.

— Uau! Você não é apenas o máximo, cara — disse McNab, de forma reverente. — É o máximo dos máximos!

— Ian, por favor, assim você me deixa sem graça.

— Certo. Ahn... Por que foi mesmo que eu solicitei um mandado para o juiz Nettles?

Dando uma gargalhada, Roarke se levantou e disse:

— Tenho certeza de que você vai conseguir inventar alguma coisa apropriada no dialeto de tiras que vocês usam para justificar essa solicitação, *se* e *quando* você for questionado. Minha sugestão é uma variação qualquer de que você tentou um tiro no escuro.

— É, essa é boa.

— Então, vou deixá-lo se divertindo.

— Tudo bem. Ahn... Roarke...?

— Sim?

— Tem mais uma coisinha. — McNab, embaraçado, trocou o peso de um pé para outro com suas botas roxas amortecidas a ar. — É um troço meio pessoal. Eu ia procurar um jeito de conversar com a tenente a respeito do assunto, mas você sabe como ela é.

— Sim, sei exatamente. — Roarke analisou o rosto de McNab, sentiu um misto de diversão e pena. — É um problema com mulheres, Ian?

— É sim. Bem, com uma mulher, eu acho. Imagino que um cara como você sabe lidar tão bem com as mulheres quanto com aparelhos eletrônicos. Eu não consigo chegar nas mulheres. Isto é, eu consigo chegar nelas, é claro — apressou-se ele a explicar. — Não tenho problema algum com sexo. Quando digo que não consigo chegar nelas, é mais no sentido intelectual do lance. Eu não as compreendo.

— Entendo. Ian, se você quiser discutir os intrincados mistérios e caprichos da mente feminina e suas complexidades, vamos passar muitos dias aqui, além de precisarmos de oceanos de bebida.

— É. Ahn, estou vendo que você está com pressa.

Na verdade, o tempo era curto. Havia alguns bilhões de dólares à espera de serem ganhos, movimentados e consumidos. Roarke, porém, encostou o quadril na ponta da mesa. O dinheiro podia esperar.

— Suponho que esse problema tem a ver com Peabody.

— É que a gente anda, sabe como é..., fazendo amor.

— Ian, eu não fazia idéia de que você fosse um tipo de sujeito tão radicalmente romântico. Um poeta virtual.

O tom seco de Roarke fez McNab corar, mas logo em seguida ele riu.

— Na verdade, estamos transando, Roarke, e tem sido muito bom.

— Isso é ótimo para vocês dois. Parabéns. Só que eu acho que Peabody não gostaria de saber que você andou me contando essas coisas.

— O problema não é exatamente o sexo — explicou McNab, depressa, receoso de perder o ouvinte antes de desembuchar tudo. — Quer dizer, na verdade é sim, porque sexo é o que a gente tem feito. Muitas vezes, por sinal. E sempre é fantástico e coisa e tal. É exatamente como sempre imaginei que seria, caso um dia eu conseguisse tirá-la de dentro daquele uniforme por pelo menos cinco minutos. O problema é que tudo acaba aí. Toda vez que nós terminamos a sessão Kama Sutra eu preciso subornálla com comida ou puxar assunto a respeito de um caso, senão ela sai correndo porta afora. Ou me expulsa, quando estamos na casa dela.

Roarke compreendia a frustração do rapaz. Ele só tivera uma mulher que tentara se livrar dele. Justamente a única que lhe importava.

— Quer dizer que você espera mais dela do que isso? — perguntou Roarke.

— Esquisito, né? — Quase rindo, McNab começou a andar de um lado para outro. — Eu gosto muito de mulheres, todo tipo de mulheres. E gosto delas especialmente quando estão nuas.

— Não o culpo por isso.

— Exato. O lance então é esse... Eu finalmente consigo ter aquela coisinha linda comigo na horizontal, mas isso está me deixando louco. Me sinto todo travado por dentro, e ela não está nem aí. Eu sempre achei que todas as mulheres, ou pelo menos a maioria, estivessem a fim de curtir a coisa por inteiro, discutir a relação, para o homem ter a chance de dizer todas aquelas mentiras simpáticas. Isto é, elas sabem que o sujeito está mentindo, mas fingem acreditar porque acham que mais tarde vai ser verdade... Ou algo assim.

— Essa é uma visão fascinante da dinâmica do relacionamento homem/mulher. — Uma visão que Roarke sabia que ia garantir ao garoto uma violenta joelhada feminina no saco, se ele algum dia a expressasse para o sexo oposto. — Imagino que Peabody não esteja interessada em ouvir mentiras simpáticas. Então?

— Não sei no que ela está interessada, e esse é o problema. — Deixando-se empolgar, McNab começou a agitar os braços. — Isto é, ela gosta de sexo, adora o seu trabalho, olha para Dallas como se a tenente soubesse a resposta para todos os mistérios do universo. E então ela de repente

me sai com aquele maldito Monroe e vão à ópera.

Foi essa última afirmação, feita com tanto sarcasmo e rancor, que fez Roarke concordar com a cabeça.

— É perfeitamente natural sentir ciúme de um rival.

— Rival uma ova! Que merda ela tem na cabeça para circular por aí com aquele prostituto gostosão? Jantares elegantes e exposições de arte. Ouvir música esquisita, daquelas que nem dá para dançar. A vontade que eu tenho é de arrebentar a cara dele.

Roarke analisou a situação por um instante e decidiu que, sob as mesmas circunstâncias, ele também se sentiria tentado a fazer a mesma coisa.

— Isso seria muito satisfatório, sem dúvida, mas você estará se arriscando a deixar a mulher em questão muito chateada. Já tentou romance?

— Como assim? Coisas idiotas e tal?

Roarke suspirou.

— Vamos tentar uma coisa — propôs. — Você alguma vez a convidou para sair?

— Claro. Costumamos nos ver duas ou três vezes à noite por semana.

— Sair, Ian. Sair em público. Ir a lugares onde é exigido, por lei, que vocês dois usem algum tipo de roupa.

— Ah... Não, isso não.

— Pode ser um bom começo. Um encontro no qual você a pegaria em seu apartamento ou em algum outro local previamente combinado para então levá-la a um lugar onde houvesse comida e outras opções de entretenimento. E, enquanto vocês estivessem curtindo a tal comida ou o tal entretenimento, você poderia tentar conversar a respeito de algum assunto com ela, um assunto que não tivesse relação direta nem com sexo nem com trabalho.

— Eu sei como é um encontro — resmungou McNab, fazendo cara de vítima. — Só que eu não tenho um monte de grana para levá-la aos lugares aonde ela vai com aquele canalha do Monroe.

— Ah, pois aí é que está uma das maravilhas do coração e da cabeça das mulheres. Use os recursos que tiver disponíveis, leve-a a lugares que lhe despertem o espírito de aventura, romance ou humor. Não tente competir com Monroe, Ian. Em vez disso, seja alguém diferente dele. Se ele dá a ela orquídeas cultivadas nas estufas climatizadas do satélite Flora I, você lhe

oferece margaridas colhidas nos jardins públicos do Greenpeace Park.

Quando as informações e idéias começaram a ser processadas na cabeça de McNab, seus olhos se arregalaram e ficaram mais brilhantes.

— Ei, essa idéia é boa. Talvez funcione. Pelo menos eu poderia tentar. Você realmente é bom nessas coisas, Roarke. Obrigado.

— O prazer foi meu. — Roarke pegou sua pasta. — Sempre fui um jogador, Ian, e gosto de ganhar. Se eu fosse apostar alguma coisa nesse seu pequeno triângulo, colocaria todas as fichas em você.

A idéia levantou o astral de McNab de tal modo que ele se esqueceu da torta na cozinha e começou a trabalhar na mesma hora. Estava tão distraído, planejando o seu primeiro encontro de verdade com Peabody, que quase perdeu os dados importantes que apareceram na tela.

— Caramba! — Ele deu um pulo da cadeira, dançou alegremente e pegou o comunicador.

— Aqui é Dallas falando.

— Oi, tenente, sou eu. Descobri algo interessante. Ficha criminal, agressão e um processo civil... danos corporais, destruição de propriedade privada e blablablá, tudo isso registrado por Richard Draco em junho de 2035. As acusações foram posteriormente retiradas, e os registros, lacrados. Foi firmado um acordo no valor de cinco milhões de dólares entre as partes antes de tudo ser lacrado. O advogado de defesa nos dois casos foi...

— Como é que você conseguiu acesso aos registros lacrados, McNab?

Ele piscou e sua mente deu um branco.

— Como eu consegui o quê?

— Detetive, como foi que você conseguiu ter acesso a registros lacrados sem a autorização específica assinada por um juiz, e nem mesmo tinha a solicitação da investigadora primária para requisitar essa autorização?

— Eu...

— Onde está Roarke?

Mesmo na tela pequena do comunicador dava para ver a raiva estampada nos olhos de Eve.

— Roarke? — Embora ele tivesse a leve impressão de que era tarde demais, McNab tentou fazer

cara de inocente, confuso e ofendido ao mesmo tempo. — Sei lá! Deve estar trabalhando em algum lugar por aí. Ahn... a senhora está procurando por ele para alguma coisa em especial?

— Ele anda aprontando por aí, junto com você?

— Não, senhora! Claro que não! Estou trabalhando.

Os olhos dela permaneceram fixos nos dele por mais de vinte segundos, tempo que levou uma eternidade para passar. McNab sentiu um filete de suor que começou a lhe escorrer pelo meio das costas.

— Eu... com relação a como eu acessei os dados, tenente, raciocinei que... como as pesquisas anteriores a respeito dos antecedentes dos suspeitos não deram em nada, e os seus instintos, os quais respeito, admiro e nos quais confio plenamente, indicavam que *devia* haver algo por trás de tudo... Bem, eu dei o que poderíamos chamar de tiro no escuro e comuniquei a nossa posição ao juiz Nettles, que concordou em emitir a devida autorização. Tenho o mandado aqui em minhas mãos.

Ele o pegou e o sacudiu diante da tela.

— Viu só, tenente? Está assinado e tudo.

— Aposto que sim. Isso vai respingar merda em mim, McNab? Pense bem antes de responder, porque eu prometo que se sobrar pra mim pode ter certeza de que você vai ficar todo cagado.

— Não, senhora. — Pelo menos era o que ele esperava. — Tudo está certinho, conforme o regulamento.

— Chegarei em dez minutos. Mantenha tudo por aí em perfeita ordem. E, McNab, se eu descobrir as impressões digitais de Roarke em algum lugar, vou torcer seu pescoço magro.

A primeira coisa que Eve fez ao entrar em casa foi consultar o scanner de busca.

— Onde está Roarke? — quis saber ela.

*Roarke não se encontra em casa no momento. Está em seu escritório no centro. Quer que eu transfira essa transmissão para ele, querida Eve?*

— Não. Safado esperto.

— A máquina a chamou de *querida,* senhora. Isso não é uma gracinha?

— Uma das piadinhas de Roarke. Se você espalhar isso por aí, vou ser obrigada a matá-la, Peabody.

Eve subiu as escadas pela força do hábito. Peabody suspirou ao segui-la, pois sabia que havia inúmeros elevadores por toda a casa que adorariam fazê-las economizar os músculos.

Assim que entraram no escritório de Eve, Peabody lançou um sorrisinho forçado para McNab e fez uma breve oração pelo seu pescoço magro. Ela se afeiçoara àquele pescocinho, ainda que a contragosto.

Ele se colocou em pé na mesma hora, sacudindo o mandado bem à vista de Eve.

— Tudo está certinho e é oficial, senhora.

Eve arrancou o pedaço de papel da mão dele e deu uma boa e minuciosa olhada. A tensão em seus ombros foi diminuindo pouco a pouco. Eve tinha certeza de que Roarke estava por trás daquele inesperado e conveniente documento, mas a verdade é que o mandado resistiria a qualquer exame.

— Muito bem, McNab. Seu pescoço vai escapar ileso, pelo menos por ora. Entre em contato com Feeney, vamos fazer uma conferência on-line para comparar tudo o que conseguimos.

O que haviam conseguido acontecera vinte e quatro anos antes, mas era violento, sórdido, cruel e provocante.

— Quer dizer então que o sofisticado Kenneth Stiles encheu Richard Draco de porrada.

— Literalmente o cobriu de porrada, senhora — interpôs Peabody. — Arrancou-lhe dois dentes, quebrou-lhe o nariz e duas costelas, além de destruir várias peças da mobília, antes de a segurança conseguir entrar no apartamento e impedi-lo de fazer mais estragos.

— O processo que foi aberto nos informa que Draco ficou sem trabalhar por três semanas, sofreu danos emocionais, inúmeros constrangimentos, traumas físicos, além de... esse é o meu favorito... perda de um contrato profissional. Tanto as acusações criminais quanto a ação civil foram feitas contra Stiles, e foi usado seu nome de nascimento, Stipple, o qual foi legalmente trocado para o atual nome artístico logo que o processo foi encerrado.

Eve analisou os novos dados, antes de continuar.

— Ele fez um acordo com Draco para efetuar o pagamento em parcelas, e aposto que o montante passou dos cinco milhões, ainda mais sabendo que tudo foi lacrado e a mídia não soube da história. Isso tudo custa caro.

— Faz vinte e quatro anos — assinalou Peabody. — Nenhum dos dois era um astro famoso na época. Pelo que sabemos de Draco, no entanto, aposto que ele teria ido correndo choramingar com a imprensa, a não ser que valesse mais a pena não fazê-lo.

— Mas ele poderia ter divulgado a história toda depois, a qualquer tempo. Poderia também ter mantido essa ameaça sobre a cabeça de Stiles, pois isso seria péssimo para a sua imagem. — Eve balançou a cabeça para os lados. — Não consigo imaginar Stiles preocupado em excesso com a divulgação disso agora. Ele poderia até reverter o caso a seu favor, com alusões no estilo "ah, a minha juventude selvagem" ou algo assim. A chave de tudo é o *motivo* de ele ter quase capado Draco.

Verificando as horas em seu relógio de pulso, Eve avaliou possíveis novos ângulos.

— McNab, continue com as buscas e pesquisas — ordenou ela. — Se topar com mais alguma coisa interessante, relate o fato de imediato para mim ou para Feeney. Estarei na Central. Feeney, reserve para nós a primeira sala de interrogatório que vagar, por favor.

— Você vai rebocá-lo para lá? — perguntou Feeney.

— Vou. Vamos ver como é a atuação dele no meu palco. Peabody, peça à emergência para mandar alguns guardas até o endereço de Kenneth Stiles. Quero que ele faça um passeio de camburão.

Eve saiu da sala enquanto Peabody pegava o comunicador, quando McNab pediu:

— Peabody, espere um instantinho.

Ela vacilou, mas olhou para trás por cima do ombro.

— Estou ocupada agora, McNab.

— Sim, eu sei. — Ele a agarrou pelo pulso e a puxou.

— Agora não! — Mesmo assim, ela colocou a mão no traseiro dele e deu-lhe um apertão. — Tenho trabalho de tiras de verdade para realizar.

— Vocês, policiais fardados, falam isso, mas vivem sonhando em um dia conseguir o

desempenho dos detetives eletrônicos. Escute, você quer se encontrar comigo logo mais?

Sentir-se colada nele sempre fazia o seu nível de tesão subir.

— Acho que dá para passar na sua casa depois de terminado o turno — disse ela.

Ele quase deixou as coisas por isso mesmo quando uma imagem dela nua girou em sua cabeça. Mas Roarke não havia dito que eles não deveriam transar *depois* do encontro.

— Não — disse ele, então. — Estava pensando em ir para a rua.

— Está frio demais para transar ao ar livre.

Ele ia dizer algo, mas uma outra imagem surgiu em sua cabeça, dessa vez a de rolar nu com Peabody por entre as sombras do Central Park. Se eles conseguissem escapar de uma aventura dessas sem serem assaltados, presos, esfaqueados ou mortos, seria incrível.

— É só em sexo que você pensa? Não que eu tenha alguma coisa contra, mas que tal nós irmos ao Nexus Club para ouvir um pouco de música? Posso pegar você às oito.

— Você pode... você vai passar na minha casa para me pegar?

— Sim, para você ter tempo de trocar de roupa. — Era interessante, avaliou ele, vê-la olhando para ele como se uma terceira orelha tivesse acabado de brotar em sua testa.

— Peabody! Mexa-se!

— É melhor você ir — aconselhou McNab, rindo, ao ouvir a voz irritada de Eve vindo pelo corredor. — A gente se vê mais tarde.

Como estava se sentindo em maré de sorte, ele esmagou a boca contra a dela em um beijo ardente que terminou em um som sexy e meio molhado.

Peabody quase caiu para trás e saiu cambaleando porta afora.

## CAPÍTULO TREZE

Eve pegou uma caneca de café e foi obrigada a se conformar com uma barra de cereais, porque o ladrão de chocolate tornara a atacar a sua gaveta. Na primeira oportunidade que tivesse, ia preparar uma armadilha para o canalha sorrateiro. No momento, porém, havia outras prioridades.

Seguiu pela passarela aérea até a sala de interrogatório e encontrou com Feeney pelo caminho.

— Esse cara gosta de representar um papel — começou Eve. — Não quero dar a ele a chance de se agarrar a um personagem. Vamos esculhambar com o seu ritmo.

— Quero ser o tira mau dessa vez.

— Mas, Feeney, você... — Ela parou de falar ao sentir um perfume no ar. — Que cheiro é esse?

— Não estou sentindo cheiro nenhum. — Feeney encolheu os ombros. — Quero ser o tira mau. — Ao ouvi-lo afirmar isso com tanta decisão, Eve girou os olhos, mas aceitou.

— Tudo bem, tá legal. Vou começar sendo simpática e razoável para então nós o apertarmos. Se ele convocar um advogado logo de cara... — Ela tornou a cheirar o ar como um cão de caça, enquanto os outros tiras e o pessoal da Central de Polícia passavam por eles. — O ar está com um aroma, sei lá, de alguma coisa verde — decidiu ela. — Cheiro de salada.

— Não sei do que está falando. Vamos manter o foco, OK? Quando alguém arrebenta com um sujeito como esse cara fez, é porque é muito esquentado. Vamos ver se conseguimos aquecê-lo um pouco.

— Certo. — Ao sair da passarela, Eve se inclinou na direção de Feeney e fungou junto dele. — Ei, é você!

— Não enche, Dallas!

Ela sorriu abertamente ao notar que o pescoço onde ela acabara de fungar ficou vermelho como uma cereja.

— Onde foi que você arranjou esse cheiro de salada temperada com ervas finas, Feeney?

— Fique quietinha, sim? Puxa vida! — Ele lançou olhares rápidos e preocupados para os dois lados, até ter certeza de que ninguém em volta conseguiria ouvir o que ia dizer. Então falou em um sussurro, só para garantir: — É que a minha mulher me deu esse troço no nosso aniversário de casamento.

— Mas molho para salada a gente coloca em cima de alfaces e outras coisas verdes, Feeney.

— Isso não é molho de salada, é uma colônia!

— Pois o seu cheiro é tão bom que dá vontade de comer.

Feeney entortou a boca e emitiu um grunhido com jeito de deboche.

— Pois é, isso é exatamente o que a minha mulher diz. Fique na sua, certo, mas a verdade é que para não magoá-la não consegui sair de casa hoje de manhã sem colocar um pouco do perfume. É preciso chegar bem perto para sentir, mas o cheiro fica por um bom tempo. Hoje só estou usando escadas e passarelas, o dia todo. Não posso me arriscar a entrar em um elevador.

— Puxa, isso é muito lindo, Feeney, mas por que você não diz a ela que pretende guardar o perfume e usá-lo apenas em ocasiões especiais?

— E você acha que ela vai engolir um papo desses? Dallas, você não compreende as mulheres.

— Isso é verdade. — Eles viraram uma esquina e viram Peabody do lado de fora da Sala de Interrogatório 3, conversando com outro policial. Eve reconheceu o rapaz alto e cumprimentou-o com a cabeça no instante em que ele se virou. Assim que ele a viu, ficou ruborizado.

— Ora, mas é o policial Trueheart — disse Eve. — Como vão as coisas?

— Está tudo bem, tenente. O suspeito está aí dentro.

— Interrogado — corrigiu Eve. — Ainda não devemos chamá-lo de suspeito nesse ponto. — Ela viu que ele ainda estava na fase de aprender os detalhes do regulamento. Dava para sentir o cheiro de tira novato nele, tão forte quanto a colônia de Feeney. — O interrogado solicitou a presença de um advogado ou representante?

— Não, senhora. Acho que... — Ele se obrigou a calar a boca e se empertigou, colocando-se em posição de sentido. — Desculpe, tenente.

— Você tem permissão para pensar, Trueheart. Na verdade, aqui nós incentivamos as pessoas a usarem o cérebro. — Eve lembrou, com certa amargura, que a oficial encarregada do treinamento inicial daquele rapaz costumava não apenas reprimir as idéias dele, mas era também desumana. — Diga-me qual é o seu palpite.

— Sim, senhora. Bem, senhora, eu acho que ele está indignado demais para se lembrar de solicitar um advogado nesse momento. Além de revoltado, pretende enfrentá-la com toda a fúria. Essa é a minha opinião. O interrogado se referiu à senhora durante o transporte para cá utilizando termos muito... pesados.

— Veja só! E eu aqui, planejando ser boazinha com ele. Fique na área, Trueheart. Pode observar a ação pelo vidro espelhado, se desejar. De qualquer modo, vamos precisar de você para levá-lo de volta depois do interrogatório, independentemente do lugar para onde ele vá.

— Sim, senhora, e muito obrigado. Gostaria de lhe agradecer também pelo seu empenho em me tirar dos trabalhos burocráticos e me transferir aqui para a Central.

— A transferência foi fácil, Trueheart. Permanecer aqui ou não vai depender apenas do seu desempenho. Estamos prontos? — perguntou a Peabody e a Feeney.

Eve abriu a porta e entrou.

Stiles estava sentado junto da mesa pequena com os braços cruzados e cara de revolta. Lançou um olhar frio e duro como aço na direção de Eve.

— Qual o significado deste ultraje, tenente Dallas? Quero uma explicação sobre o porquê de eu ter sido arrancado do aconchego do meu lar por dois policiais fardados que me empurraram com violência no banco de trás de uma radiopatrulha.

— Peabody, anote aí que devemos repreender esses policiais fardados. Nada de empurrões violentos.

— Anotado, senhora.

— Gravando...! — disse ela, aproximando-se da mesa com toda a calma. — Depoimento do sr. Kenneth Stiles, com referência ao caso de número HS46178-C. Tenente Eve Dallas falando, na qualidade de investigadora principal. Também presentes o capitão Ryan Feeney e a policial Delia Peabody. Sr. Stiles, já lhes foram informados os seus direitos e deveres com relação a este depoimento?

— Sim, o policial com penugem de barba no queixo recitou o texto padrão. Eu só quero saber é...

— O senhor compreendeu seus direitos e deveres, sr. Stiles?

Ele arreganhou os dentes.

— Não sou um boçal, é claro que compreendi, mas insisto que...

— Desculpe a inconveniência. — Eve se recostou na cadeira e tentou exibir um sorriso. Não havia necessidade de repetir tudo nem de lembrar-lhe que ele poderia convocar um advogado antes de se pronunciar. — Compreendo que isto é desagradável para o senhor, torno a pedir desculpas pelo incômodo e prometo ser rápida com o procedimento.

Feeney bufou com cara de deboche e Eve lhe lançou um olhar curto, mas tão preocupado que Stiles se remexeu na cadeira.

— Sobre o que se trata isto? — Quis saber Stiles. — Tenho o direito de saber o motivo de ter sido arrastado até aqui como um criminoso comum.

— Você já ouviu os seus direitos, Stiles. — A voz de Feeney era cortante e agressiva. — Agora somos nós que fazemos as perguntas.

— Mas eu já respondi a todas as perguntas. Não sei de mais nada sobre o caso, além do que já contei à tenente Dallas.

— Aposto que você também não sabe de nada sobre o pobre-diabo que acabou pendurado com uma corda no pescoço a quase um metro do chão.

— Feeney! — Eve levantou as mãos em sinal de paz. — Vá com calma.

Feeney cruzou os braços com força sobre o peito, para parecer mais corpulento, e ameaçou:

— Se esse cara continuar mentindo, eu não vou largar do pé dele.

— Vamos parar um minutinho. O senhor quer um pouco de água, sr. Stiles?

Stiles piscou depressa ao olhar para Eve, aturdido. Ele se preparara para entrar de sola e atacá-la, e agora ela lhe lançava olhares solidários e lhe oferecia água.

— Sim, sim, eu aceito, obrigado.

— Por que não manda também lhe trazerem uns salgadinhos, já que você está tão a fim de agradá-lo? — perguntou Feeney.

Ignorando-o, Eve se levantou para encher um pequenino copo com água à temperatura ambiente.

— Sr. Stiles, surgiram algumas novas informações sobre o seu relacionamento com Richard Draco.

— Que novas informações? Eu lhe contei...

— Eu já disse que nós é que fazemos as perguntas. — Feeney quase se levantou da cadeira. — Você não contou nada importante. Não contou que arrebentou a cara de Draco, contou? Quando um cara manda outro pro hospital, geralmente arruma um jeito de voltar depois e mandá-lo para o cemitério.

— Não sei do que o senhor está falando. — A voz de Stiles era suave, em tom baixo, mas sua mão tremeu de leve quando ele tornou a pegar o copo d'água.

— Sr. Stiles, deixe-me avisá-lo de que existe uma pena muito rigorosa para quem mente na sala de interrogatório. — Eve inclinou-se para a frente, a fim de Stiles poder focar bem o seu rosto. — O senhor certamente não vai gostar de enfrentar esse tipo de problema, acredite em mim. Se cooperar comigo, farei o possível para esclarecer tudo, mas, se não for sincero, não poderei ajudá-lo e vai ser difícil o senhor ajudar a si próprio.

— Esse cara é um covarde — afirmou Feeney, com cara de nojo. — Acabou com Richard Draco, mas usou uma pobre mulher para fazer isso.

— Eu nunca... — O ar indignado nos olhos de Stiles se transformou em um choque horrorizado. — Meu bom Deus! Vocês não podem acreditar de verdade que eu planejei a morte de Richard Draco. Isso é absurdo.

— Antigamente ele tinha mais peito — continuou Feeney e estalou as juntas dos dedos de propósito, emitindo três sons secos e desagradáveis. — Teve coragem de usar as próprias mãos para fazer purê com a cara de Draco. Isso deve tê-lo deixado muito puto, hein, Stiles? Vocês, atores, se preocupam com suas carinhas bonitas.

— Eu não tive absolutamente nada a ver com a morte de Richard. — Ele umedeceu os lábios com a língua. — Já lhes contei tudo o que sei a respeito.

Eve colocou uma das mãos no ombro de Feeney, como se tentasse detê-lo, e então, soltando um suspiro, se levantou e pediu:

— Policial Peabody, pegue a cópia impressa do arquivo.

— Sim, senhora. — Mantendo o rosto impassível, Peabody entregou a Eve uma pasta fechada.

Eve se sentou e abriu a pasta sobre a mesa, oferecendo a Stiles uma chance de ler tudo o que conseguiu, mesmo de cabeça para baixo. E viu o sangue desaparecer por completo do seu rosto.

— Tenho documentos aqui relacionados a processos civis e criminais nos quais o senhor foi réu.

— Essas questões foram resolvidas há muitos anos. Anos! E foram lacradas. Eu me certifiquei de que elas fossem lacradas.

— Estamos tratando de assassinato aqui, meu chapa. — A boca de Feeney se torceu em um sorriso zombeteiro. — O lacre foi pro espaço.

— Vamos dar a ele uma chance de nos explicar tudo, Feeney. Sr. Stiles, no decorrer desta

investigação nós recebemos autorização legal para romper o lacre desses processos antigos.

— Ei, não temos que dar satisfação nenhuma a ele! — reclamou Feeney.

— Devemos manter a calma — murmurou Eve a Feeney. — O senhor foi acusado de agredir Richard Draco, provocando-lhe muitas lesões, além de traumas mentais e emocionais.

— Isso aconteceu há vinte e quatro anos, pelo amor de Deus!

— Sim, compreendemos isso. Mas é que... o senhor afirmou em sua declaração inicial, que está gravada, não haver nenhuma animosidade para com a vítima. No entanto... — afirmou Eve, deixando o silêncio pender sobre eles por um momento — descobrimos que, em um momento no passado, o senhor o agrediu com tanta violência que ele teve de ser hospitalizado, o que provocou a sua prisão e um pagamento de milhões de dólares em indenização.

Stiles segurou o copo de papel com mais força, amassando-o, e algumas gotas de água caíram sobre a mesa.

— Isso tudo ficou resolvido.

— Escute, Kenneth. — Eve usou o seu primeiro nome para estabelecer laços de intimidade. — O fato é que tudo o que eu investiguei até agora aponta na direção de que Richard Draco era um filho-da-puta de carteirinha. Sendo assim, imagino que você tenha tido motivos para agredi-lo. Bons motivos. Você não me parece ser um homem violento.

— Não sou. — Seu brilho de sofisticação se transformou em um brilho de suor, que cintilou com mais força quando ele concordou com Eve. — Não sou um homem violento, é claro que não.

— Essa é boa! — debochou Feeney, mais uma vez. — Esse cara não teve peito nem para enfiar a faca em Draco pessoalmente.

— Eu não matei Richard! — A voz de Stiles se elevou, ribombando pela sala enquanto ele olhava para Feeney. — Não tive nada a ver com isso. Quanto ao que já aconteceu, por Deus, eu era pouco mais que um garoto.

— Compreendo isso, sr. Stiles. O senhor era jovem, foi provocado. — A simpatia era clara na voz de Eve. Levantando-se, ela encheu outro copinho com água e o trouxe para o interrogado. — Conte-me como tudo aconteceu e por quê. Tudo o que quero é esclarecer este ponto para o senhor poder voltar para casa.

Stiles fechou os olhos, inspirou o ar com força e o soltou devagar.

— Nós dois começamos a carreira no teatro, em pequenas companhias regionais. Não eram

grandes carreiras, é claro, mas avançávamos pouco a pouco. Nosso objetivo era chegar a Nova York. A Broadway estava revivendo sua antiga importância daquela época.

A voz dele pareceu se enternecer de leve quando lembrou a juventude, a sensação de expectativa e invulnerabilidade. Um pouco de cor voltou às suas bochechas.

— Aquela era a volta dos refletores, do glamour e do brilho, depois da destruição promovida pelas Guerras Urbanas. As pessoas buscavam distração. Era uma forma de fuga e também, imagino, a necessidade de criar heróis que não carregavam armas. Nós formávamos um círculo fechado e, talvez, arrogante. Era uma época empolgante, tenente, um renascimento. Éramos tratados como reis e rainhas. Fora do palco, levávamos uma vida boa, embora cheia de excessos. Drogas ilegais, sexo, festas extravagantes.

Ele pegou novamente o copo e bebeu quase até o fim.

— Tudo isso arruinou alguns de nós. Eu diria que foi a ruína de Richard. Ele se aproveitou da fama e se excedeu em tudo. Nada afetou o seu trabalho, que era baseado em um talento verdadeiro. Fora do palco, porém, ele se permitiu todos os vícios possíveis. Havia uma grande dose de crueldade nele, especialmente com relação às mulheres. Ele acabou com a vida de várias delas, ao seu modo. Gostava de se gabar das mulheres que conquistava e propunha apostas sobre qual seria a próxima. Eu achava tudo aquilo... desagradável.

Ele limpou a garganta e colocou o copo de lado.

— Havia uma mulher... uma jovem, na verdade. Eu e ela saíamos juntos. Não era nada sério, mas apreciávamos a companhia um do outro. Então, Richard deu início à sua caçada. Ele a cercou, a atraiu e, por fim, a descartou. Quando ele a abandonou, isso a deixou destroçada. Certa noite, fui ao apartamento dela. Não sei se foi por instinto, só sei que acabei em sua casa. Quando a vi, ela... ela estava a ponto de acabar com a própria vida. Acabara de cortar os pulsos. Eu a levei correndo para um centro médico. Eu...

Ele parou de falar, hesitou por um instante. Por fim continuou, com evidente dificuldade.

— Eles a salvaram, mas algo dentro de mim explodiu ao vê-la largada ali, tão pálida, tão usada. Saí para me embebedar e em seguida fui atrás de Richard.

Stiles passou as mãos por sobre o rosto.

— Eu poderia tê-lo matado naquela noite, admito. Mas as pessoas dos apartamentos vizinhos me impediram. Mais tarde, me dei conta do quanto tudo aquilo fora inútil. Além de não mudar nada, ainda me custou muito caro. Em vez de atingir Richard, eu poderia ter destruído a minha carreira e prejudicado a minha vida. Acabei me colocando à mercê dele, entendem? Ele concordou com os acordos estabelecidos e os lacres, que também serviriam para proteger a sua imagem. Eu me

senti grato por ele ser tão egoísta. Levei três anos para pagar o valor estabelecido no julgamento, com juros exorbitantes. Depois disso, o assunto deu-se por encerrado.

— Pois a mim parece que você tinha um bocado de razões para odiar o filho-da-puta — interpôs Feeney.

— Talvez. — Mais calmo, depois de contar toda a história, Stiles concordou. — O problema é que o ódio nos consome uma quantidade enorme de tempo e energia e eu prefiro direcioná-los para canais mais positivos. Tenho tudo o que quero. Adoro a minha vida. Jamais a colocaria em risco novamente por um sujeito como Richard Draco.

— Até que o risco não é tão grande quando a faca é colocada na mão de uma mulher.

A cabeça de Stiles se ergueu de repente e seus olhos lançaram fagulhas.

— Não uso mulheres. Tive quase vinte e cinco anos para aprender uma grande lição, tenente. Richard Draco deixou de ter importância para mim há muito tempo.

— O que aconteceu à mulher?

— Não sei. — Ele lançou um suspiro imenso, cheio de pesar. — Ela saiu da minha vida. Creio que o fato de eu saber o que acontecera tornou difícil, para ela, permanecer junto de mim ou manter a nossa amizade.

— A mim, me parece que ela devia se sentir grata.

— Ela estava grata, tenente. Como eu, porém, teve que deixar para trás o incidente e todo o resto. Eu fui para Londres logo depois de tudo isso, trabalhei algum tempo lá e em seguida fui para a Califórnia e o Canadá. Não mantivemos contato, e eu nunca mais soube dela.

*Que conveniente,* pensou Eve. *Talvez conveniente demais.*

— Qual era o nome dela?

— Isto é necessário?

— A história que o senhor nos contou é muito triste, sr. Stiles, e muito eficaz, mas não há ninguém aqui para confirmá-la. Qual era o nome dela?

— Anja Carvell. — Ele pareceu olhar direto para o passado e em seguida baixou os olhos para as mãos. — O nome dela era Anja. Eu lhe disse tudo o que sei.

— Mais uma coisa. Onde o senhor estava ontem de manhã, entre dez e meio-dia?

— Ontem? Essa é a hora que eu faço o meu exercício diário. Uma caminhada pelo parque.

— Alguém pode confirmar isso?

— Eu estava sozinho. — Sua voz se tornara novamente fria. A raiva parecia estar voltando, mas ele estava mais controlado. — Ficarei detido aqui por mais tempo? Tenho um funeral para ir.

— Não saia da cidade. — Eve analisou o rosto dele. Havia algo errado ali, mas ela não conseguiu identificar o que era. — Qualquer tentativa de sair da cidade resultará em um mandado imediato para a sua prisão.

Eve se levantou e fez sinal para o vidro de observação, onde Trueheart estava.

— Um policial irá acompanhá-lo de volta ao seu apartamento. Ah, sr. Stiles, mais uma coisa. O senhor teve ocasião de conversar com Linus Quim alguma vez?

— Quim? — Stiles se levantou e passou as costas dos dedos sobre a lapela para limpá-la. — Não. Ninguém conseguia conversar com Linus Quim. Ele desprezava as pessoas da minha profissão. Era um homem esquisito. Não ficaria nem um pouco surpreso de saber que foi realmente ele quem trocou as facas. Ele não suportava os atores.

— Peabody, tente descobrir o paradeiro de Anja Carvell.

— Não gosto do jeito dele — comentou Feeney. — Exuberante demais.

— É. Eu estava esperando as luzes se acenderem e uma música começar a tocar a qualquer momento. Mesmo assim, as coisas podem muito bem ter ocorrido exatamente do jeito que ele contou.

— De qualquer modo, isso não muda nada. Ele tinha um problema antigo com Draco, uma bronca grande e forte. E me parece o tipo de cara capaz de acalentar uma vingança por décadas.

— Eu o vejo como um cara que planeja as coisas a longo prazo — concordou Eve. — Alguém que mantém mágoas e aborrecimentos guardados em pequenas caixas. Alguém que não gostaria de sujar as mãos uma segunda vez.

Mas alguma coisa não encaixava. Detalhes de menos ou talvez detalhes de mais.

— Vamos ver como a conexão Anja Carvell entra nessa história — decidiu ela. — Ele estava deixando furos e pegando apenas os detalhes que queria que soubéssemos, contados pela sua versão. Improvisando em nosso palco — refletiu. — Não é assim que os atores chamam o que

ele fez? Aliás, foi uma grande apresentação.

— Acho que ele estava apaixonado por Anja. — Peabody pegara o computador de mão, mas ainda não dera início à pesquisa. — Faz uma grande diferença, se for esse o caso.

Eve guardou os próprios pensamentos e se virou para a ajudante.

— De onde você tirou essa idéia?

— Do jeito como ele falou dela, antes de começar a raciocinar e escolher o melhor caminho. Estava com um olhar esquisito, um ar de nostalgia.

Eve enfiou os polegares nos bolsos da frente da calça.

— Ele estava com ar de nostalgia?

— Sim. Pelo menos por um momento, ele estava realmente pensando nela, se lembrando das coisas como eram ou do jeito que ele gostaria que tivessem sido. Acho que ela foi o amor da vida dele. Quando isso acontece com uma pessoa, faz coisas estranhas com ela.

— Defina *coisas estranhas*.

— O amor faz você pensar na pessoa amada até mesmo quando está fazendo coisas de rotina. Ele faz você ter vontade de proteger a pessoa, fazê-la feliz e mantê-la segura. Você sabe como é... — concluiu Peabody, com um pouco de frustração. — Você tem um desses.

— Um desses o quê?

— O amor da sua vida, Dallas, ora bolas! Só que você é o amor da vida dele também. No caso de Stiles foi diferente, porque ela o trocou por Richard Draco. Se você pirasse de vez e trocasse Roarke por outro homem, o que acha que ele iria fazer?

— Antes ou depois de transformar o tal sujeito em uma mancha na calçada, sob os sapatos dele?

— Viu só? — Satisfeita, Peabody sorriu. — Quando você descobre o amor da sua vida, sabe como são essas coisas. — Ela parou e cheirou o ar. — Que cheirinho bom é esse?

— Vamos em frente — ordenou Feeney, depressa. — Se essa teoria de que Kenneth Stiles estava gamado por essa tal de Anja Carvell, por que você acha que isso muda as coisas?

— Porque ninguém supera a perda do amor da sua vida. Essa é a base do sentimento, certo? Só se consegue o amor da sua vida uma vez. Portanto, aquela história de ele perder contato com ela foi pura mentira.

— Gostei da idéia. Se nós descobrirmos que Stiles manteve contato com essa mulher, teremos um motivo que atravessa um quarto de século. O método combina com ele nos dois casos e ele teve a oportunidade.

— Isso tudo é circunstancial — alertou Feeney.

— Sim, mas se jogarmos tudo em cima dele de uma vez só, talvez consigamos extrair uma confissão. Ache essa mulher, Peabody. Se encontrar dificuldades, peça ajuda a McNab. Feeney, que tal comparecer comigo a um funeral badalado?

— Minha mulher adora quando me enturmo com celebridades.

— Peabody, estamos em trabalho de campo.

— Sim, senhora. — Peabody os observou saindo e de repente, sem saber por quê, sentiu vontade de comer uma salada gigantesca e variada.

A mulher de Feeney ia adorar quando soubesse. Artistas de toda parte compareceram. O serviço aconteceu no Radio City Music Hall-

Apesar de Richard Draco jamais ter se apresentado ali, o glamouroso ambiente *art déco* criava a atmosfera perfeita. O comentário era de que o agente de Draco contratara a mais importante empresa organizadora de eventos funerários para preparar tudo.

Como aquela era, tecnicamente, a sua última apresentação, ele tinha direito, por contrato, a quinze por cento da bilheteria.

Telas gigantescas piscavam e exibiam dezenas de imagens de Draco. Uma apresentação holográfica dele era exibida em um palco lateral e nela se via o ator totalmente vestido com roupas de época, defendendo o país e toda a humanidade com o auxílio de uma espada e uma fabulosa movimentação dos pés durante a luta.

Por duzentos e cinqüenta dólares, cada um dos mil fãs sortu-dos poderia assistir à cerimônia. O restante do público era só de convidados.

Havia oceanos de flores, ilhas de pessoas vestidas com sofisticadas roupas pretas e fileiras de pessoas boquiabertas que, apesar dos avisos com pedidos para não filmar, imortalizavam todo o evento em gravações de vídeo.

No palco principal, sobre um pedestal branco, estava o próprio Draco, repousando em um caixão de cristal azul-claro.

— Que espetáculo, hein? — comentou Feeney.

Eve balançou a cabeça, abismada.

— Estão vendendo lembrancinhas, você viu? Bonequinhos Richard Draco e camisetas.

— Nada como o sistema de livre empresa — disse Roarke, atrás de Eve. Ela se virou e olhou para ele de cima a baixo.

— Por que você está aqui?

— Tenente, já esqueceu? O falecido fez a sua apresentação final em uma peça que estava em cartaz no teatro de minha propriedade. Como eu poderia deixar de vir? Além do mais... — Ele deu uma bandinha no bolso de seu terno elegante. — Recebi um convite.

— Pensei que você tivesse reuniões marcadas para o dia todo.

— A vantagem de estar à frente de tudo é... bem, é estar à fren de tudo. Dei um intervalo de uma hora. — Com a mão pousada de leve sobre o ombro de Eve, ele observou a multidão, os refletores, os telões. — Espantoso, não é mesmo?

— Isso e mais um pouco... Feeney, vamos nos separar para ver o que descobrimos. Vamos nos encontrar na entrada principal daqui a uma hora.

— Combinado. — Feeney avistou vários rostos que conhecia das telas junto a uma das mesas do bufê. Não havia razão para ele observar as coisas de boca vazia.

— Roarke, se eu tivesse dispensado você vinte e cinco anos atrás, você continuaria arrasado até hoje?

Ele sorriu e acariciou-lhe o cabelo.

— Isso é difícil de saber, já que eu passaria todo esse tempo perseguindo você e transformando a sua vida em um inferno.

— Estou falando sério.

— Eu também. — Ele a pegou pelo braço e conduziu-a em meio à multidão.

— Vamos supor então que você fosse uma pessoa menos irritante.

— Ah. Deixe-me ver... Se você tivesse partido meu coração, eu tentaria recolher os pedaços dele

e reconstruir a minha vida. Mas nunca a esqueceria. O que você descobriu?

— Peabody tem uma teoria a respeito de amor, o amor da sua vida. Estou pensando no assunto.

— Posso lhe dizer tudo a esse respeito, porque você é o amor da minha vida.

— Nada de beijos — sussurrou ela, vendo a intenção nos olhos dele. — Estou de serviço. Lá está Michael Proctor, sorrindo. Averiguei sua situação financeira e descobri que ele pagou dez mil dólares por aquele trabalho nos dentes, apesar de morar em um chiqueiro. Lá está ele, de papo com aquela mulher toda produzida. Não me parece tão abalado nem inseguro agora.

— Está conversando com Marcina, uma das mais importantes produtoras de cinema do país. Pode ser que o seu rapaz tenha esperanças de mudar de carreira.

— Mas há menos de uma semana o palco era a sua vida. Isso é interessante. Vamos ver como ele se sai.

Eve tentou se aproximar e reparou no instante em que Proctor a viu. Seus olhos se arregalaram, sua cabeça pendeu para a frente e seus ombros se curvaram . *Uma mudança rápida,* pensou Eve, *de protagonista cheio de pose a coadjuvante humilde em um piscar de olhos. Essa era a magia do teatro.*

— Olá, Proctor.

— Oh, olá, tenente Dallas. Não imaginei que a senhora aparecesse aqui no funeral.

— Vivo circulando por aí. — De forma propositalmente, ela passou os olhos lentamente pelo teatro. — Imagino que Quim não vai ter uma despedida dessas.

— Quim? Ah... — Ele teve a graça ou a habilidade de se ruborizar. — Não, não, acredito que não. É que Richard era... ele era famosíssimo e respeitado por muitas pessoas.

— Muitas delas estão fazendo brindes. — Eve se inclinou e observou as lindas borbulhas que se agitavam na taça que ele segurava. — Com champanhe de primeira.

— Ele não aceitaria menos que isso. — Essa observação foi feita pela mulher que Roarke identificara como Marcina. — Aliás, todo esse evento combina perfeitamente com ele. — Lançando os olhos para algum ponto atrás do ombro de Eve, ela sorriu. — Roarke! Estava me perguntando se você viria.

— Marcina. — Ele deu um passo à frente e a beijou de leve no rosto. — Você está com ótima aparência.

— Estou ótima mesmo. Dallas... — disse ela, depois de um instante, olhando fixamente para Eve. — É claro! Esta deve ser a sua esposa. Já ouvi muitas coisas a seu respeito, tenente.

— Se vocês me desculparem... — disse Proctor.

— Não precisa fugir por minha causa — disse-lhe Eve, mas ele já estava se afastando.

— É que eu vi um amigo. — Ele mergulhou na multidão como um homem que pula da amurada de um navio.

— Suponho que a senhora esteja aqui a trabalho — afirmou Marcina, lançando um olhar rápido para as calças de Eve e seu casaco de tira. — Deve estar investigando a morte de Richard.

— Exato. Será que você se incomodaria de me contar sobre o que conversava com Michael Proctor?

— Ele é um dos suspeitos? — Com os lábios apertados, Marcina olhou para a direção por onde Proctor desaparecera. — Isso é fascinante. Na verdade, falávamos amenidades. Michael anda de olho em um projeto cinematográfico no qual estou trabalhando. Falávamos sobre a possibilidade de ele ir até Nova Los Angeles por alguns dias.

— E ele se mostrou disponível?

— Talvez. O problema é que está preso à peça com a qual assinou contrato. Aliás, me pareceu ansioso pela chance de assumir o lugar de Richard no palco. É claro que ele não usou essas palavras, pois seria falta de tato. De qualquer modo, o meu pessoal vai ligar para o dele na semana que vem para saber se ele consegue um tempo livre. Ele está com esperanças de que a peça seja retomada em breve.

No instante em que Eve colocou o pé na rua, respirou fundo o ar denso com cheiro de fumaça e de carrocinhas de lanches e ouviu o barulho ensurdecedor das ruas e do tráfego aéreo. Preferia aquilo ao ar adocicado demais que havia no lado de dentro.

— Proctor não esperou nem o defunto esfriar e já está com planos de assumir o lugar de Draco.

— Sabe que é uma grande oportunidade — comentou Roarke.

— É. O assassino também.

— Bem lembrado. — Roarke passou a ponta do indicador pela covinha do queixo de Eve. — Pode ser que eu me atrase um pouco hoje à noite. Devo chegar em casa às oito.

— Tudo bem.

— Trouxe uma coisinha para você.

— Ah, não me venha com essa! — Ao vê-lo pegar algo no bolso do paletó, Eve enfiou as mãos nos bolsos do casaco. — Essa não é a hora nem o lugar para presentes.

— Tudo bem. Já que é assim, vou ficar com o presente para mim, então.

Em vez da caixa de joias que ela esperava, ele pegou uma barra gigante de chocolate. A mão dela saiu do bolso do casaco com a rapidez de um raio e agarrou o chocolate.

— Pensando melhor... — murmurou Roarke, abrindo a mão.

— Você me trouxe uma barra de chocolate!

— Sei muito bem como alcançar seu coração, tenente.

— Acho que sabe mesmo. — Ela abriu a barra na mesma hora e deu uma dentada. — Obrigada.

— Isso não é jantar — avisou ele, estreitando os olhos. — Se conseguir se segurar, podemos comer alguma coisa quando eu chegar em casa.

— Claro. Você veio de carro?

— Vou caminhar. O dia está bonito. — Ele segurou-lhe o queixo e a beijou antes de ela ter a chance de lhe dizer que não fizesse aquilo.

Mastigando o chocolate, Eve ficou observando enquanto Roarke se afastava. E descobriu que compreendia exatamente o que Peabody dissera a respeito do amor de sua vida.

## CAPÍTULO QUATORZE

Mira analisou a gravação do interrogatório com Kenneth Stiles. Provou o seu chá enquanto Eve andava de um lado para outro. Em mais cinco minutos, Eve não a teria encontrado no consultório, pois a médica estaria a caminho de casa. Eve a pegara no momento em que trancava tudo.

Agora ela ia chegar mais tarde em casa. Sem se abalar, jogou esse pensamento para o fundo da mente e se concentrou no interrogatório. Seu marido iria compreender o atraso, especialmente se ela fizesse uma pequena parada no caminho e lhe comprasse uma embalagem do seu sorvete favorito.

Mira aprendera havia muito tempo os truques e segredos para manter o equilíbrio de uma carreira exigente com um casamento bem-sucedido.

— Você e Feeney formam uma dupla excelente para interrogatórios — elogiou Mira. — Ambos se conhecem muito bem.

— É que já fazemos isso há vários anos. — Eve queria apressar a médica, mas sabia que isso era difícil. — Acho que ele anda treinando esse olhar de sujeito durão e intratável no espelho de casa.

Essa afirmação de Eve trouxe um sorriso aos lábios da médica. — Imagino que sim. Considerando o seu rosto bonachão e simpático, até que o resultado é eficiente, para minha surpresa. Estou certa ao imaginar que você não acredita que Stiles tenha contado toda a verdade?

— E alguma vez a senhora está errada?

— De vez em quando. Você já saiu em busca dessa Anja Carvell?

— Sim, Peabody está tentando localizá-la.

— Ele tinha, e tem, sentimentos fortes por ela. Diria que ela representou um momento crucial em sua vida. Se a história deles fosse um romance, a mulher correria para ele, depois de ele a ter defendido. Viveriam felizes para sempre. Só que...

— Ela não o queria.

— Ou não o amava o bastante ou se sentia indigna, humilhada, marcada. — Mira levantou a mão. — Existem inúmeras razões para ela e Stiles não terem se entendido. Sem observá-la, eu não poderia dizer com certeza. De qualquer modo, é o estado mental e emocional de Stiles que interessa a você.

— A idéia de Peabody é de que esta mulher era o amor da vida dele e, por causa disso, Stiles

jamais perdeu contato com ela.

— Peabody tem bons instintos. Stiles a protegeu e defendeu. Um homem com o seu espírito teatral e propensão ao drama tende a se colocar no papel de herói, e ela é a donzela em perigo. Ele pode muito bem estar fazendo isso até agora.

— Ela é a chave — murmurou Eve. — Talvez não *a* chave principal, mas é uma chave. — Com as mãos nos bolsos, caminhou até a janela de Mira. Sentia-se limitada e não sabia dizer por quê. — Não compreendo — confessou, por fim. — Essa mulher dá um fora nele, dorme com outro cara, se apaixona por esse outro cara de forma tão completa que, quando *ele* a descarta, ela tenta suicídio. Mesmo depois de ser chutado, Stiles ainda nutre sentimentos por ela. Procura Draco, quase acaba com ele e consegue um processo nas costas. Mesmo assim, ao falar dela, vinte e cinco anos mais tarde, se mostra todo meloso. Por que ele não se sente amargo com essa história? Por que não está pau da vida? Será que ele está me enrolando?

— Não tenho como dizer com absoluta certeza, porque ele é um ator talentoso, mas a minha avaliação, nesse momento, é que não. Ele não está enrolando você com relação aos seus sentimentos por essa mulher. Eve, o coração humano é um mistério que jamais conseguiremos decifrar por completo. Você está se colocando no lugar desse homem. Essa é uma das habilidades que possui e que a tornam tão boa no que faz. Mas você não consegue entrar em seu coração. Você olharia para essa mulher e enxergaria apenas fraqueza.

— Mas ela foi fraca — garantiu Eve, virando-se, enquanto Mira tomava um pouco mais de chá. — Fraca e insensível.

— E também muito jovem, imagino, mas isso não vem ao caso. Você olha para o amor de forma diferente porque é forte, e também devido ao lugar onde encontrou esse amor, bem como a pessoa em quem você o encontrou. O amor da sua vida, Eve, nunca trairia você, ele não a magoaria nem, o que é mais importante, a desprezaria. Ele aceita o que você é, de forma completa. Por mais que o ame, não creio que você compreenda por completo o quanto isso é raro e precioso. Stiles amou, e talvez ainda ame, uma fantasia. Você tem a realidade.

— As pessoas matam por causa de ambas.

— Sim. — Mira tirou o disco do computador e o entregou a Eve. — Elas fazem isso sim.

Todo aquele papo sobre amor para a vida toda incomodou Eve e a fez se sentir culpada e desconfortável. Percebeu que todas as pessoas que haviam mencionado o seu relacionamento com Roarke como exemplo assinalaram o que ele faria ou não por ela e para ela.

Decidiu que essa não era uma imagem muito bonita da sua participação em toda aquela história

relacionada com casamento e amor.

Ela na verdade nunca *fizera* nada por ele, pensou. Passava um sufoco para encontrar as palavras certas, o gesto adequado, o momento apropriado. Roarke parecia pescar tudo isso do ar com a mesma facilidade espantosa com que pescava a sua fortuna.

Resolveu que iria fazer um esforço para mudar isso. Empurraria o caso para o fundo da mente, ou pelo menos para um compartimento secundário, e planejaria alguma coisa quem sabe... romântica.

Considerando que em seu atual estado de espírito ela queria evitar Summerset a qualquer custo, Eve estacionou o carro na garagem. Então, como um ladrão, entrou sorrateiramente na casa por uma das portas laterais.

Resolvera planejar o primeiro jantar íntimo da vida deles.

*Não devia ser tão difícil assim,* argumentou consigo mesma, ao entrar debaixo do chuveiro. Ela já liderara equipes táticas em negociações de reféns, perseguira psicopatas e enganara malucos.

Era esperta o bastante para preparar uma boa refeição e decorar uma mesa com sofisticação. Provavelmente.

Saiu do boxe e entrou no tubo de secagem de corpo. O jantar não pode ser no quarto, decidiu, porque isso seria óbvio demais, e um clima de romance precisa ser sutil.

Usaria uma das salas de estar.

À medida que o ar quente circulava em torno do seu corpo, começou a planejar tudo.

Meia hora depois, já estava mais satisfeita e muito animada. Havia tantos aposentos e depósitos naquela casa que ela duvidada que conhecesse todos. O pior é que cada um deles tinha um monte de tralhas, uma quantidade realmente enorme de móveis e objetos. Como ela poderia saber o que precisava naquele momento?

Velas, tudo bem, nisso ela já pensara. Porém, ao analisar a lista de velas disponíveis, descobriu um gigantesco estoque de velas guardadas em diferentes locais. Mesmo assim, a sua maior satisfação ainda provinha do fato de que estava conseguindo circular às escondidas pela casa sem ser detectada pelo onipresente Summerset.

Ela escolheu velas brancas, porque se escolhesse velas coloridas iria ter de combiná-las com outras coisas igualmente coloridas, e isso estava além do que conseguiria coordenar. Passou mais vinte minutos lidando com o cardápio, e então teve de encarar a assustadora missão de selecionar pratos, talheres e cristais.

Foi um choque fazer o inventário de uma coisa tão básica como pratos de comida e descobrir que seu marido tinha mais de cinqüenta aparelhos completos de jantar, dos mais variados tipos, padrões e materiais.

Que tipo de maluco precisaria de cinco mil pratos diferentes?

O s*eu* maluco, lembrou, e quase engasgou ao analisar a lista de cristais.

— Puxa, deve haver algum engano nessa lista. — Ela já pensava em escolher a esmo, pois não dispunha de muito tempo.

— Eu poderia saber o que, exatamente, a senhora está fazendo?

Uma mulher menos preparada teria dado um grito de susto. Eve conseguiu segurar o grito por pouco e se recompôs, dizendo:

— Cai fora! Estou ocupada.

Summerset simplesmente foi até onde ela estava, com passos largos, tendo o gato em seus calcanhares.

— Consegui perceber que a senhora está ocupada. Se deseja saber o montante de tudo o que existe nesta casa, sugiro discutir esse assunto com Roarke.

— Não posso fazer isso, porque eu o matei, me livrei do corpo e agora vou passar a mão na maior herança da história da civilização, dentro e fora do planeta.

Nesse momento, ela pousou o dedo sobre uma coisa chamada *Waterford, com padrão de Dublin,* e só reparou nisso porque reconheceu o nome da cidade onde Roarke nascera. Então, levantou a cabeça e exibiu uma cara feia para Summerset, que continuava rondando.

— Vá embora!

Porém, a atenção dele já fora atraída pela mesa preparada sob a clarabóia de vidro, na plataforma de observação que dava para o jardim. Ela usara o jogo de linho irlandês, notou. Uma escolha excelente, provavelmente por pura sorte. Castiçais georgianos e velas estreitas brancas. Havia também dezenas de outras velas, todas brancas, espalhadas pelo ambiente e ainda apagadas.

Galahad, o gato, saltou com arrogância sobre as almofadas de cetim espalhadas sobre o sofá de dois lugares.

— Minha nossa, são apenas garfos e facas!

A combinação de horror e frustração no tom de sua voz fez os lábios de Summerset se abrirem de leve.

— Qual o aparelho de porcelana que a senhora selecionou?

— Não sei. Quer dar o fora daqui? Esta é uma festa particular.

Ele deu um tapa de leve na mão de Eve antes de ela ter chance de decidir sobre os talheres, comparou as opções com as escolhas que ela já fizera e ordenou a baixela apropriada.

— A senhora se esqueceu de pedir guardanapos.

— Já ia fazer isso.

Ele lançou-lhe um olhar de pena. Eve vestia um roupão branco de algodão e ainda não pusera maquiagem. Seu cabelo estava todo espetado de tanto ela puxá-lo.

Mesmo assim, ele admirou sua intenção. Na verdade, sentiu-se surpreso pelo bom gosto dela. Apesar de algumas das suas escolhas e combinações serem pouco convencionais, tudo parecia se mesclar e formava um ambiente harmônico e charmoso.

— Quando uma pessoa planeja um jantar especial — explicou ele, fazendo questão de olhar para Eve com o queixo empinado —, não esquece os acompanhamentos apropriados.

— E o que eu estou fazendo aqui, por acaso...? Jogando video-game? Agora, se você voltar rastejando para o lugar de onde saiu, talvez eu consiga terminar.

— Flores são necessárias.

— Flores? — O estômago de Eve foi parar nos pés. — Eu sei. — Ela não ia perguntar. Preferia arrancar a língua fora com os próprios dentes a perguntar quais eram as melhores flores.

Por intermináveis dez segundos eles simplesmente ficaram olhando um para o outro. Por fim, ele ficou com pena dela, embora dissesse a si mesmo que ajudá-la era simplesmente uma forma de manter a sua autoridade de mordomo-sargentão.

— Eu sugeriria rosas do tipo Silver.

— Aposto que temos dessas aqui em casa.

— Sim, podem ser conseguidas. Haverá também necessidade de música.

As palmas das mãos de Eve começaram a suar. Irritada, ela as esfregou no roupão e informou:

— Eu ia programar um fundo musical qualquer. — *Ou outra coisa,* pensou.

— Suponho que a senhora também pretenda se vestir para a noite.

— Merda! — Ela soltou o ar com força e olhou fixamente para o gato, que a encarou de volta. Eve imaginou que ele ria dela.

— Faz parte das minhas funções organizar esse tipo de evento. Se a senhora for vestir algo... mais, eu cuido do resto.

Eve abriu a boca para concordar. Os nós em seu estômago começaram a se desfazer. Porém, na mesma hora balançou a cabeça para os lados e sentiu a barriga apertar novamente.

— Não! Preciso preparar tudo eu mesma. Essa é a questão. — Massageou a testa. Sentiu uma dor de cabeça se formando. Perfeito!

O rosto dele permaneceu severo, frio, mas por dentro amoleceu como gelatina.

— Então é melhor a senhora se apressar. Roarke estará em casa em menos de uma hora.

*Ela iria,* concluiu Summerset, depois de deixá-la sozinha e entregue à própria sorte, *necessitar de cada minuto daquele tempo.*

Ele estava com a cabeça no trabalho ao chegar em casa. Sua última reunião do dia envolveu um conglomerado têxtil que precisava de alguém para assumir o controle acionário. Ele precisava decidir se iria comprá-lo ou não.

A companhia, bem como a maioria de suas subsidiárias, vinha sendo administrada de forma negligente. Roarke não nutria simpatias por práticas empresariais negligentes. Como resultado disso, sua oferta inicial fora um valor insignificante, diria até insultante, de tão baixo.

O fato de o negociador da empresa ter se mostrado muito menos insultado do que deveria fez acender luzes de alerta em sua cabeça. Era preciso fazer mais pesquisas, antes de dar o próximo passo.

Roarke calculava que o problema devia estar em uma das duas fábricas fora do planeta que o grupo possuía. Talvez valesse a pena uma viagem até lá para inspecioná-las, antes de mais nada.

Houve um tempo em que ele simplesmente encaixaria essa viagem em sua agenda e iria até lá. No decorrer do último ano, porém, foi se tornando cada vez menos atraente ficar longe de casa, mesmo por pouco tempo.

Ele se tornara, pensou consigo mesmo, com uma certa satisfação, um homem enraizado.

Parou na porta do escritório de Eve a caminho do seu e ficou ligeiramente surpreso por não encontrá-la ali, enterrada até o pescoço no caso que investigava. Por curiosidade, deixou o trabalho de lado e foi até o scanner doméstico.

— Onde está Eve?

*Eve está na sala de estar n° 4, terceiro andar, ala sul.*

— Que diabos ela está fazendo lá?

*Gostaria de ver o local no monitor?*

— Não, pode deixar que eu vou até lá descobrir com meus próprios olhos.

Ele nunca a vira circulando por aquela parte da casa. Na verdade, ele nunca a vira em nenhuma das salas de estar da mansão, a não ser que ele insistisse, a seduzisse ou a empurrasse até lá.

Ocorreu-lhe que seria uma boa idéia jantar ali, relaxar um pouco em companhia de Eve, com uma boa garrafa de vinho, para afastar o trabalho da mente de ambos.

Mas antes teria de convencê-la a fazer isso.

Com isso na mente, entrou na sala. Se Eve estivesse olhando na direção por onde ele surgiu, teria observado um dos raríssimos momentos em que seu marido se mostrava completamente estupefato.

A sala estava iluminada por dezenas de velas brancas. E a fragrância delas valsava no ar em companhia do suave perfume de dúzias de rosas Silver. Os cristais cintilavam, a prataria brilhava e uma romântica melodia executada pelas cordas de uma harpa preenchia o ar.

Em meio a tudo isso, Eve estava em pé, com um vestido vermelho-sangue que lhe deixava os braços e os ombros de fora enquanto descia ao longo do seu corpo comprido e magro, como se fossem as mãos ardentes de um amante ávido.

Seu rosto estava enrubescido e seus olhos brilhavam de concentração enquanto ela retorcia o arame em torno da rolha de uma garrafa de champanhe.

— Por favor. — Ele viu seus lindos ombros se retraírem, o único sinal de surpresa. — Estou procurando a minha mulher.

O estômago dela se contraiu de leve ao ouvir isso, mas ela se virou na direção dele e sorriu. Ele tinha um rosto feito para a luz de velas, pensou Eve. Um rosto projetado para a luz de lareiras suaves e crepitantes. Olhar para ele sempre acendia uma pequena fogueira dentro dela.

— Olá.

— Olá. — Olhando em torno, ele foi caminhando na direção dela. — O que significa tudo isso?

— Jantar.

— Jantar — repetiu ele, estreitando os olhos. — O que você andou aprontando? Está ferida?

— Não. Estou ótima. — Ainda sorrindo, ela espocou a rolha, aliviada ao ver que o champanhe não se lançou para fora como se saísse de uma mangueira.

Ele franziu o cenho ao vê-la servir a bebida em taças de cristal.

— Tudo bem. O que você quer de mim?

— Como assim?

— Reconheço uma armação quando vejo uma. O que quer de mim?

O sorriso dela esmoreceu. Foi preciso uma grande dose de esforço para ela não transformá-lo em um grunhido raivoso. Mantendo-se fiel ao programa que ela mesma esboçara, Eve entregou o champanhe a ele e bateu de leve com a sua taça contra a dele.

— Tintim. Que foi? Eu não posso preparar um jantar especial sem ter segundas intenções?

— Não — respondeu ele, depois de pensar por um instante.

Ela pousou a taça sobre a mesa com muita força, quase rachando-lhe a base.

— Escute... Isso aqui é um jantar, certo? Se você não quiser comer, tudo bem.

— Eu não disse que não queria comer. — Ela colocara um pouco de perfume, conforme ele reparou. E passara batom. Estava com os olhos maquiados também. Ele esticou o braço e

brincou com o diamante em forma de gota que lhe dera. — O que está aprontando, Eve?

Isso entornou o caldo.

— Nada! Esquece! Não sei o que deu em mim. Obviamente eu devo ter pirado, por alguns minutos. Não, na verdade eu pirei durante duas horas inteiras, duas horas idiotas e calorentas. Foi o tempo que eu levei para armar este mico ridículo. Vou trabalhar.

Ele a agarrou pelo braço antes de ela conseguir passar marchando por ele, e não estranhou o súbito fulgor de violência em seus olhos. Mas a mágoa que viu neles o surpreendeu.

— Não vai trabalhar não senhora!

— Se não quiser perder sua mão, meu chapa, é melhor tirá-la daí.

— Ah, aí está você! Por um momento achei que tinha sido substituída por uma androide. Entrei com o pé esquerdo, foi mal.

— Aposto que você acha isso engraçado.

— Acho apenas que feri seus sentimentos, e sinto muito. — Ele roçou os lábios de leve sobre a testa dela, enquanto consultava desesperadamente o seu calendário mental. — Esqueci alguma data importante?

— Não... Não. — Ela se afastou dele. — Não — disse ela mais uma vez, se sentindo ridícula. — Eu queria apenas lhe preparar algo especial. Oferecer alguma coisa para você. E pare de olhar para mim como se eu tivesse com o cérebro em curto. Você acha que é o único que sabe armar um circo desses? Pois bem, é verdade. Você é o único mesmo. Eu quase me atordoei com minha própria arma em vários momentos, só para acabar com o sofrimento. Ah, que merda!

Ela tornou a pegar sua taça e foi até a janela larga, em curva.

Roarke recuou com ar de desagrado e deu início à delicada tarefa de consertar as coisas:

— Tudo ficou lindo, Eve. Você também está linda.

— Ah, não comece...

— Eve...

— Só porque eu não faço esse tipo de coisa, só porque não tenho tempo para isso... Droga, só porque nem penso nessas coisas, isso não quer dizer que não ame você. Eu amo. — Ela girou o corpo e ele não descreveria seu olhar como particularmente amoroso. Ela estava furiosa. —

Você é quem está sempre fazendo coisas, dizendo as palavras certas. Dando... — Ela parou por um momento. — Simplesmente dando. Eu quis lhe oferecer algo em troca.

Ela era linda. Magoada e zangada, passional e revoltada, era a mulher mais linda que ele vira em toda a sua vida.

— Você me deixa sem fôlego — murmurou ele.

— Estou com essa história de amor para a vida toda na cabeça. Assassinato, traição, ódio.

— Como disse? — perguntou ele, sem entender.

— Deixa pra lá! — Ela parou e respirou fundo. — Nos últimos dois dias um monte de gente anda falando umas coisas que ficaram martelando na minha cabeça. Você seria capaz de pular na frente de um maxiônibus por minha causa?

— Claro que sim, porque esses ônibus andam a uma velocidade ridícula.

Ela riu e isso o deixou muito aliviado.

— Foi exatamente essa a resposta que eu dei. Que droga, Roarke, eu estraguei as coisas. Sabia que isso ia acontecer.

— Não, a culpa de tudo foi minha. — Ele foi até onde ela estava e a tomou pela mão. — Você me ama o bastante para me dar a chance de consertar tudo?

— Talvez.

— Querida Eve. — Ele levou a mão dela aos lábios. — O que você fez aqui representou muito para mim. *Você* representa tudo para mim.

— Viu só como você consegue? É suave e cheio de classe.

Ele passou os dedos pela curva do ombro dela.

— Gostei do vestido.

Ainda bem que ele não a vira paralisada de pânico quando abriu o closet.

— Achei que ele ia servir.

— E serve mesmo. Muito bem. — Ele pegou a taça dela e a dele. — Vamos tentar mais uma vez. Muito obrigado.

— Sim. Bem, eu poderia dizer que não foi nada, mas isso seria uma grande mentira. Só queria que me contasse uma coisa. Por que você tem um milhão de pratos?

— Acho que você está exagerando.

— Não muito.

— Bem, nunca se sabe quem pode aparecer para o jantar, não é?

— É. Incluindo toda a população da Nova Zelândia. — Ela tomou um pouco de champanhe. — Pronto, agora estou atrasada na programação.

— Temos uma programação?

— Claro. Sabe como é... drinques, jantar, conversas, bláblábla... No fim, eu consigo embebedar e seduzir você.

— Gostei do fim. Bem, já que eu estive a ponto de estragar tudo, o mínimo que posso fazer por você é cooperar. — Ele pegou a garrafa, mas ela colocou a mão em seu braço.

— Dance comigo. — Ela deslizou as mãos pelo peito dele e as cruzou atrás da sua nuca. — Bem juntinho e bem devagar.

Os braços de Roarke a enlaçaram. O corpo dele se balançou junto com o dela. Seu sangue acelerou, cheio de amor e desejo, quando a boca suave dela começou a roçar lentamente a dele.

— Gosto do seu sabor. — A voz dela estava rouca agora, mais suave. — Sempre fico com gostinho de "quero mais".

— Então aproveite, prove mais.

Mas, quando ele tentou intensificar o beijo, ela virou a cabeça de lado e deslizou os lábios quentes ao longo do maxilar dele.

— Bem devagar — disse ela novamente. — É desse jeito que eu vou fazer amor com você. — Foi mordiscando-lhe a pele até chegar a sua orelha. — Vai ser quase uma tortura, você vai adorar.

Ela entrelaçou os dedos através dos cabelos dele, aqueles magníficos fios negros, agarrou-os com força e puxou a cabeça levemente para trás, até seus olhos se encontrarem. Os dele estavam profundamente azuis e acesos pelo desejo.

— Quero ouvir meu nome na hora em que estiver devorando você, Roarke. — Ela brincou mais

uma vez com a boca sobre a dele, para então recuar, e sentiu o corpo dele se retesar como um arco, de encontro ao dela. — Diga meu nome bem alto para que eu saiba que nada mais existe naquele momento para você, a não ser eu. Porque nada existe para mim, a não ser você. Você é tudo.

A sua boca assaltou a dele nesse instante, com voracidade, em uma dança frenética de lábios, dentes e línguas. Ela ouviu um gemido lento, em tom grave e muito profundo, que por fim se fundiu com o dela. Ela se permitiu tremer, permitiu-se sentir dor, para então recuar novamente e prender o ar, antes de se render.

— Eve.

Ela percebeu a tensão na voz dele e curtiu aquilo ao pegar novamente suas taças.

— Está com sede? — perguntou ela.

— Não. — Ele começou a colar o corpo no dela, mas ela saiu de lado e entregou-lhe uma taça.

— Pois eu estou. Beba um pouco. Quero que isso suba à sua cabeça.

— *Você* me sobe à cabeça. Deixe-me tê-la agora.

— Eu deixo. Depois que tiver você. Ela pegou um pequeno controle remoto e pressionou uma série de botões. Os painéis da parede lateral se abriram. A cama embutida atrás deles estava cheia de almofadas. — É ali que eu quero você. Mas só daqui a pouco.

Ela tomou um longo gole de champanhe e o observou por sobre a borda da taça.

— Você não está bebendo.

— E você está me matando.

Deliciada ao ouvir aquilo, ela riu e o som foi incorpóreo como fumaça.

— A coisa vai piorar — ameaçou ela.

— Queira Deus que sim. — Dessa vez ele bebeu um pouco, mas colocou a taça de lado.

Ela voltou até onde ele estava, abriu-lhe o paletó e o puxou para baixo com força, por sobre os ombros dele.

— Adoro o seu corpo — murmurou ela, abrindo lentamente os botões da sua camisa. — Vou passar um bocado de tempo aproveitando-o ao máximo esta noite.

Era uma sensação poderosa, pensou, aquela de fazer um homem forte estremecer. Eve sentiu a dança de seus músculos à medida que traçava o caminho com a ponta do dedo pelo peito dele abaixo, até o cós das calças.

Em vez de libertá-lo, ela sorriu e avisou:

— É melhor você se sentar.

Havia uma espécie de latejar no sangue dele, algo primitivo, quase violento. Foi preciso um grande esforço da sua parte para não ceder a isso, empurrá-la para o chão e responder àquela pulsação tão urgente.

— Não, aqui não — disse ela, levantando a mão dele e mordiscando de leve os nós dos seus dedos. — Acho que você não vai nem conseguir chegar ao outro lado da sala, depois que eu acabar o que vou fazer.

Não era o champanhe que fazia a cabeça dele girar. Ela o guiou através da sala em uma espécie de dança, girando o corpo de forma indolente, em que ela liderava o caminho. Quando o colocou sentado na beira da cama, ajoelhou aos seus pés e deslizou as mãos de forma bem devagar e íntima pelas pernas dele, tirou-lhe os sapatos e então se levantou, oferecendo:

— Vou pegar champanhe para você.

— Não estou a fim.

Quando ela se afastou, lançou-lhe um olhar por cima do ombro e avisou:

— Vai ficar quando eu o estiver lambendo do seu corpo.

Ela completou as taças, trouxe-as de volta e as colocou sobre a mesinha em madeira entalhada, ao lado da cama. Então, olhando para ele fixamente com seus olhos dourados, iluminados pela luz das velas, começou a despir o vestido lentamente.

— Nossa! Puxa vida!

O sotaque irlandês surgiu em sua voz, como ela sabia que sempre acontecia quando ele estava distraído, zangado ou excitado. Aquele simples sinal a deixou satisfeita por ter se dado ao trabalho de se produzir para aquela noite.

A lingerie em tom berrante de vermelho formava um contraste erótico contra a sua pele. O corpete em seda e renda apertava-lhe os seios com delicadeza, fazendo-os quase sair por sobre as bordas, para em seguida descer colado ao corpo, transparente, sedutor e seguindo até os quadris. Suas meias também eram transparentes, levemente cintilantes, e interrompiam

subitamente sua jornada perna acima no meio da coxa, de forma tentadora.

Ela saiu do vestido e o chutou para longe com a ponta do sapato de salto agulha.

— Pensei que fôssemos jantar antes. — Ele conseguiu manter o olhar no rosto dela enquanto sua boca se abria lentamente, de espanto.

— Nós íamos, mas... acho que a comida pode esperar. — Ela deu um passo à frente e se colocou entre as pernas dele. — Quero que você me toque.

As mãos dele já ardiam de desejo, mas ele simplesmente passou os dedos de leve sobre a pele dela, acompanhando cada ângulo e cada curva.

— Já estou todo embebido por você.

— Pois fique assim. — Eve se inclinou e tomou-lhe a boca.

Ela sabia que ele estava se segurando ao deixá-la tomar as rédeas. E, por saber disso, deu-lhe tudo o que tinha.

A luz emitida pelas velas tremulou, acentuando o perfume das rosas, no instante em que ela deslizou para a cama com ele, passando as mãos e a boca por todo o corpo dele. Era um balé erótico e suave, passional e amoroso. Ela queria mostrar tudo de bom para ele, sem deixar nada de fora.

E enquanto ela o fazia, ele retribuía. Beijos longos e estonteantes que pareciam lhe deixar os membros sem força, largados. Carícias persistentes que faziam seu sangue acelerar.

A cama, com seu colchão feito de espessas camadas de gel, ondulou suavemente sob seus corpos.

Eve girou o corpo, inclinou-se para a frente, e ele teve de se contentar com o sabor da pele que ficava na parte de trás da coxa, logo acima da meia de seda.

Então ela montou sobre ele, bebendo um pouco de champanhe. Quando a bebida acabou, ela começou a beber a dele.

A visão de Roarke se turvou, a respiração ficou presa em seus pulmões até eles arderem. Ela o atormentou e proporcionou-lhe prazer. Seu corpo ágil deslizava e escorregava sobre o dele, enquanto a sua boca o levava à beira da loucura.

O controle dele cedeu, aço rasgando aço. O som de seda se esgarçando sob seus dedos o excitou ainda mais. Com um som de voracidade, encheu as mãos e a boca com ela.

Nesse momento, ela teve um orgasmo que lhe sacudiu o corpo em um choque selvagem. Sua cabeça tombou para trás enquanto ela tentava sugar um pouco de ar. Seu corpo estremecia enquanto ele se banqueteava.

Ele disse algo que ela não compreendeu, na língua natal que tão raramente passava por seus lábios. Então seu rosto já estava pressionado contra o dela e sua respiração ofegante esquentava-lhe a pele.

— Preciso de você. Eve. Preciso de você.

— Eu sei. — A ternura a inundou, como um bálsamo sobre uma queimadura. Ela emoldurou o rosto dele com as mãos e o ergueu. Seus lábios se encontraram, suavemente, como em um murmúrio. — Não pare nunca.

Os olhos dela estavam úmidos. A luz oscilante das velas mostrou o brilho das lágrimas. Ele a puxou mais para perto de si e beijou-as até secá-las.

— Eve...

— Não, deixe-me dizer algo primeiro. Dessa vez, deixe-me dizer primeiro. Eu amo você. Sempre vou amar. Fique comigo — murmurou, enquanto o tomava dentro dela. — Oh... Fique sempre comigo.

Ela o envolveu por completo, elevou-se no mesmo ritmo dele, acompanhando cada movimento, cada batida. Nesse instante, as mãos dele se entrelaçaram às dela, com firmeza. Seus olhos se uniram com força e determinação.

Quando ela viu os olhos selvagens e azuis dele ficarem opacos e o ouviu pronunciar seu nome, seus lábios formaram um sorriso e ela se rendeu por completo.

## CAPÍTULO QUINZE

Eve estava esparramada meio torta sobre a cama, de bruços, em uma posição que Roarke sabia que era a que ela assumia quando seu organismo, finalmente, desligava. Ele se esticou ao seu lado, bebendo um restinho de champanhe e passando a ponta do indicador para cima e para baixo, de forma delicada e distraída, na sua coluna.

— Você tem uma hora e meia para parar com isso — avisou ela.

— Ora vejam... Ela está viva!

Ela se remexeu de leve, o bastante para conseguir virar a cabeça e olhar para ele.

— Você me parece bem satisfeito.

— Por acaso, querida Eve, realmente me sinto muito satisfeito.

— Isso tudo foi idéia minha.

— Uma idéia ótima, por sinal. Será que eu estaria arriscando o meu pescoço se perguntasse o que serviu de inspiração para você?

— Bem... — Ela encurvou um pouco mais as costas sob a ação do seu dedo. — Você me deu uma barra de chocolate.

— Lembre-me de encomendar um caminhão cheio, amanhã.

— Um caminhão cheio poderia nos matar. — Ela se ajoelhou e colocou os cabelos para trás. Parecia tranqüila, exausta e contente.

— Eu me arrisco.

Dando uma risada, ela se inclinou até encostar a testa na dele.

— Deixe-me dizer mais uma coisinha sentimental antes de isso virar um hábito. Você me faz feliz. Estou começando a me habituar com isso.

— Ora, mas isso é um jeito muito legal de acabar com o sentimentalismo.

— Acho que agora devíamos comer.

— Sim, detestaria imaginar que você trabalhou como uma escrava diante de um fogão para depois ninguém apreciar o resultado de seus dotes culinários.

— Você está me zoando? — Os olhos dela se estreitaram.

— Claro que não. O que temos para o jantar?

— Uma variedade de pratos com nomes estranhos e engraçados.

— Nham-nham...

— Suponho que se você não gostasse dessas comidas não as teria colocado no cardápio. — Levantandose da cama, ela ficou em pé, nua, olhando em volta. — Acho que não tem nenhum roupão por aqui.

— Receio que não. — Ele procurou em meio aos lençóis e almofadas e achou o corpete quase despedaçado. — Você poderia vestir o que sobrou disso.

— Esquece! — Pegando o vestido abandonado, ela se enfiou nele.

— Ora, mas isso serve para aumentar ainda mais o meu apetite.

— Nem mesmo você agüentaria mais uma rodada, depois daquela última. — Ao vê-lo sorrir, ela achou mais prudente se colocar fora do alcance dele.

Eve não conseguia pronunciar nem metade do nome da iguaria que colocava na boca, mas o sabor era maravilhoso.

— Como é mesmo o nome disso?

— Fruit de le mer a la parisienne.

— Acho que se eles batizassem o prato de "um monte de peixe misturado com um molho metido a besta" não iria soar tão bem.

— Uma rosa é uma rosa, não importa o nome que lhe dermos. — Ele tornou a encher o copo dela com água. — Tenente?

— Hein?

— Sei que está tentando não pensar em como foi o seu dia, mas, em vez disso, por que não me fala dele?

Ela pegou mais um marisco com o garfo.

— Consegui uma pista sobre... — Parando de falar de repente, ela suspirou. — Não, conte-me *você* a respeito do seu dia.

— Meu dia? — perguntou ele, surpreso.

— Sim, me conte o que você fez hoje, como foi tudo, esse tipo de coisa.

— Você está com um astral diferente — murmurou ele, mas encolheu os ombros. — Passei o dia cuidando de reorganização financeira.

— O que significa isso?

— Comprei algumas ações que estavam em baixa, vendi outras que achei que já haviam subido tudo o que tinham para subir, estudei algumas análises atuariais, avaliei os relatórios diários de várias corretoras e ajustei a minha posição no mercado de acordo com eles.

— Imagino que tenha tido um dia cheio.

— Muito cheio, até por volta de meio-dia, quando fui para o escritório. — Ele perguntou a si mesmo quanto tempo mais ia levar até que os olhos dela parecessem ficar vidrados. — Participei de uma conferência relacionada com o Olympus Resort. O estouro do orçamento permanece na aceitável faixa de cinco por cento. Entretanto, analisando o projeto ponto a ponto, descobri indicações de uma diminuição na produtividade que merece um estudo mais aprofundado e uma correção.

Noventa segundos, calculou ele, olhando fixamente para Eve. Imaginara que ela fosse cochilar depois de sessenta.

— No fim do expediente — completou ele —, eu comprei uma barra de chocolate.

— Gostei dessa parte.

Ele partiu um pãozinho e passou um pouco de manteiga nele.

— Eve, você se casou comigo por causa do meu dinheiro?

— Claro que sim! E é melhor você manter a sua fortuna, senão eu caio fora da sua vida.

— Que gentil da sua parte me avisar com antecedência. Isso a fez sorrir.

— Acho que com isso nós encerramos a parte de falar sobre o seu dia.

— Imaginei que sim. Qual foi a sua pista?

— Amor. Pelo menos, é para isso que todas as setas apontam, no momento. — Eve contou tudo a Roarke enquanto acabava de comer.

— Quer dizer que Kenneth Stiles atacou Richard Draco e o agrediu tanto, que ele precisou de cuidados médicos? — Roarke deixou a cabeça tombar ligeiramente para o lado. — Isso é interessante, quando comparamos os dois homens, você não acha? Draco era mais alto, muito mais forte e certamente muito mais resistente. Não há relatos de Stiles também ter sido ferido na briga?

— Não. Já pensei nisso também. Acho que é a velha história do cara que sabe que é culpado e enfrenta o revoltado. Draco era o culpado, e Stiles, o revoltado.

— E essa revolta toda lhe custou vários milhões de dólares.

— E, no fim de tudo, ele nem ao menos ficou com a garota.

— Anja.

— Peabody encontrou um monte de Carvell na cidade, mas a idade não batia. Então nós estamos ampliando o alcance da busca. Meu instinto diz que ela tem algumas respostas.

— C*herchez la femme*.

— O quê?

— Encontre a mulher — traduziu ele.

— Pode ter certeza que sim. — Eve levantou a taça e brindou com firmeza.

— Anja. — Ele pronunciou o nome com suavidade, quase em um murmúrio. Ouviu o arfar repentino de surpresa e reconhecimento que se seguiu. — Não diga nada. Por favor. Simplesmente ouça. Preciso conversar com você. É importante, mas não pode ser pelo *tele-link*. *V*ocê se encontra comigo?

— É sobre Richard?

— É sobre tudo.

Levou algum tempo. Ele sabia que estava sendo observado e tinha medo até da sombra. Stiles se

sentou diante do espelho, em sua penteadeira. Minuciosamente, e com toda a habilidade, mudou por completo a sua aparência. Modificou a cor dos olhos, o formato do nariz, o queixo e a cor da pele. Cobriu a cabeça com uma peruca de fios castanhos bem escuros e espessos. Imaginou que foi a vaidade que o impediu de usar uma peruca grisalha.

Ele não suportava a idéia de parecer velho aos olhos dela.

Acrescentou um bigode fino e um pequeno cavanhaque.

Apesar de se sentir ansioso, tudo isso foi feito com naturalidade. Afinal, ele já interpretara centenas de personagens em sua carreira e conseguia entrar neles com a mesma facilidade com que um homem calça seus chinelos favoritos depois de um longo dia de trabalho.

Adicionou um pouco de enchimento à sua compleição magra... aumentou os ombros e o peito c, por fim, cobriu tudo com um terno preto simples. As palmilhas especiais dentro dos sapatos o fizeram parecer vários centímetros mais alto.

Trabalhou com toda a calma e analisou o resultado no alto espelho triplo, em busca de qualquer sinal de Kenneth Stiles. Pela primeira vez em mais de uma hora permitiu-se dar um leve sorriso.

Ele poderia ir direto até a tenente Eve Dallas e dar-lhe um beijo na boca. Duvidava muito que ela o reconhecesse.

Sentindo-se poderoso, como sempre acontecia cada vez que estreava um novo papel, Stiles vestiu um casacão e saiu para se encontrar com a mulher que amara por toda a sua vida.

Ela o fez esperar. Sempre fora assim. Para o encontro, ele escolhera um clube noturno pequeno, nostálgico e fora de moda. Apesar disso, a música ali era baixa, basicamente blues, os clientes cuidavam da própria vida e os drinques eram servidos com rapidez.

Ele tomou o seu gim e folheou um volume muito gasto de sonetos de Shakespeare. Aquele era o sinal combinado entre eles.

Ela dera o livro a ele havia muitos anos. Ele vira o presente como sinal de amor, e não de amizade, como ela pretendia. Mesmo depois de ter compreendido seu erro, ele adorava o livro, do mesmo jeito que a adorara.

Ele mentira para a polícia, é claro. Jamais deixara de ter contato com ela, sabia muito bem do seu paradeiro e o que ela fazia. Simplesmente assumira outro papel em sua vida, o de confidente e amigo.

Depois de viver esse papel durante tantos anos, acabara se acostumando com ele.

Mesmo assim, no instante em que ela se sentou à mesa, diante dele, e lhe estendeu a mão, seu coração pulou.

Ela mudara o cabelo. Agora, era uma gloriosa juba ruiva. Sua pele era de um tom de dourado muito claro. Ele sabia que ela era macia ao toque. Seus olhos eram profundos, castanho-claros e preocupados. Mas ela sorriu para ele, abrindo os lábios de forma hesitante.

— Então, você ainda o lê? — Sua voz era suave e tinha um leve sotaque francês.

— Sim, quase sempre. Anja... — Seus dedos se entrelaçaram com os dela, mas logo ele relaxou e soltoulhe a mão. — Deixe-me pedir um drinque para você.

Ela se recostou, olhando para ele, à espera, enquanto ele chamava o garçom e pedia uma taça de sauvignon branco.

— Você nunca esquece.

— E por que esqueceria?

— Oh, Kenneth. — Ela fechou os olhos por um instante. — Gostaria tanto que as coisas tivessem sido diferentes. Elas poderiam ter sido.

— Não. — A reação dele foi mais exaltada do que o planejado. Aquilo ainda machucava. — Já deixamos os arrependimentos para trás.

— Não creio que algum dia nos livremos deles por completo. — Ela suspirou de leve. — Passei mais de metade da minha vida me lamentando por Richard.

Ele não disse nada até o drinque dela ser servido e esperou até ela tomar o primeiro gole.

— A polícia acha que eu o matei — informou ele.

Os olhos dela se arregalaram, e um pouco do vinho entornou por sobre a borda da taça e caiu na mesa, quando sua mão tremeu.

— Meu Deus! Isso não é possível. Ridículo!

— Eles sabem o que aconteceu há vinte e quatro anos.

— Como assim? — A mão dela se lançou na direção da dele, apertando-a com força. — O que eles sabem?

— Fique calma. Sabem a respeito da agressão, da minha prisão e também do processo.

— Mas como podem ter descoberto? Isso aconteceu há tanto tempo, e todos os detalhes e registros foram removidos.

— Eve Dallas. Tenente Dallas — disse ele, com certo amargor, ao levantar o próprio drinque. — Ela é incansável. Conseguiu ter acesso aos registros lacrados. Eles me levaram para depor, me colocaram em uma sala e tentaram arrancar tudo de mim.

— Oh, Kenneth, Kenneth, *mon cher,* sinto muito. Deve ter sido horrível.

— Eles pensam que eu guardei mágoa de Richard durante todos esses anos. — Riu um pouco e bebeu mais um gole. — Acho que estão certos.

— Mas você não o matou.

— Não, mas eles vão continuar a desenterrar o passado e você precisa ficar preparada. Tive que contar a eles o porquê de ter agredido Richard. Tive que lhes informar o seu nome. — Quando viu que o sangue desapareceu por completo do rosto dela, ele se inclinou sobre a mesa e agarrou-lhe as duas mãos. — Anja — disse ele, com firmeza —, eu disse a eles que perdi contato com você, que nunca mais nos vimos durante todos esses anos e que eu não sabia como encontrá-la. Contei a eles que Richard seduziu você e que depois, ao ter certeza de que você se apaixonara por ele, a desprezou. Comentei também a respeito da sua tentativa de suicídio, foi tudo o que disse.

Ela soltou um gemido baixo de desespero e baixou a cabeça.

— Ainda me envergonho daquilo.

— Você era muito jovem, sentia-se arrasada, mas sobreviveu. Anja, sinto muito. Eu entrei em pânico, mas a verdade é que precisava dar algo a eles. Achei que aquilo seria o bastante, mas percebo agora que a tenente Dallas não vai parar. Ela vai continuar procurando e cavando até encontrar você e descobrir o resto da história.

Ela readquiriu o equilíbrio e concordou com a cabeça.

— Anja Carvell já desapareceu antes. Posso muito bem fazer com que seja impossível essa tenente me achar. O problema é que isso de nada vai adiantar. Vou procurá-la.

— Você não pode fazer isso, pelo amor de Deus.

— Posso. Devo. Você ainda assim me protegeria? — perguntou ela, baixinho. — Kenneth, eu não mereço você. Nunca mereci. Vou falar com ela, explicar como tudo aconteceu e como você é — acrescentou.

— Não quero que você se envolva.

— Meu querido, você não pode impedir as coisas às quais Richard deu início há tantos anos. Você é meu amigo e eu pretendo proteger o que é meu, não importa o risco — acrescentou, e seus olhos se tornaram mais duros. — Não importam as conseqüências.

— Tem que haver mais.

Roarke passou a mão sobre o traseiro nu de Eve e disse:

— Pois bem. Já que você insiste...

— Não estava falando de sexo — reagiu ela, levantando a cabeça.

— Ah, que pena.

Ele conseguira lhe tirar o vestido vermelho, e simplesmente uma coisa foi levando a outra. Agora, ela estava esparramada sobre ele, aquecida e relaxada.

Pelo visto, porém, não pretendia continuar daquele jeito.

— Todos o odiavam. — Ela se ergueu, sentou-se com as pernas abertas sobre Roarke e ofereceu a ele um ângulo privilegiado de seu torso magro e seios firmes. — Pelo menos tinham uma aversão declarada por ele. Talvez até o temessem — considerou ela. — Ninguém daquele elenco me pareceu especialmente pesaroso por vê-lo morto. Vários dos atores já trabalharam uns com os outros. Tinham histórias em comum, ligações, conexões, não só com Draco, mas também entre si. Talvez o assassino seja mais de um deles.

— *Assassinato no Expresso Oriente*.

— Que é isso? Um meio de transporte asiático?

— Não, querida, trata-se de outra peça de Agatha Christie. Essa autora vive aparecendo nessa história. Um homem é assassinado em sua cama, na cabine de um trem noturno. Esfaqueado. Várias vezes. Entre os passageiros, porém, havia um detetive muito esperto, embora nem de perto tão atraente quanto a minha tira — acrescentou.

— E o que o morto de uma história de detetive tem a ver com o meu caso?

— Estou só ampliando o alcance da sua teoria. No assassinato da história havia vários passageiros aparentemente sem ligação uns com os outros. Entretanto, nosso tenaz detetive se recusou a

aceitar os fatos como pareciam ser e xeretou a fundo. Acabou descobrindo vínculos, ligações, histórias em comum. Disfarces e enganos — acrescentou. — Por fim, chegou à conclusão de que todos tinham motivos para cometer o crime.

— Interessante. E quem foi o assassino?

— Todos eles. — Quando os olhos dela se estreitaram, Roarke se sentou e a enlaçou com os braços. — Cada um deles teve a oportunidade de usar a faca, enfiando-a no corpo inconsciente da vítima, como vingança pelo mal que ele havia feito a cada um.

— Que coisa pavorosa. Um plano muito astuto. Ninguém poderia trair ninguém sem trair a si mesmo. Eles tiveram que confirmar os álibis uns dos outros. Desempenhar o seu papel — murmurou ela.

— Praticamente um crime perfeito.

— Não existe crime perfeito. Sempre acontecem erros, e o assassinato em si é o maior deles.

— Palavras de tira.

— Eu sou tira. Agora vou voltar ao trabalho.

Ela se desvencilhou dele, saiu da cama, e mais uma vez procurou pelo vestido.

— Coloque novamente essa roupa, querida, e eu não serei responsável pelos meus atos.

— Sossegue o facho! Não vou circular nua pela casa. Nunca se sabe onde Summerset está escondido, à espreita. — Ela começou a vestir a roupa e deu uma olhada em volta da sala. — Acho que devíamos dar uma limpeza nesta bagunça.

— Por quê?

— Porque está parecendo que nós...

— Curtimos uma noite muito agradável — completou Roarke. — Isso pode ser um choque para você, querida, mas Summerset sabe que nós fazemos sexo.

— Não coloque o nome dele e a palavra "sexo" na mesma frase. Isso me dá calafrios. Vou tomar uma ducha e depois trabalhar um pouco.

— Boa idéia. Vou com você.

— Uh-uh. — Negou ela com a cabeça. — Não vou tomar banho junto com você não, garotão.

Conheço seus truques.

— Prometo não colocar a mão em você.

Ele não mencionou a boca.

— O que você fez? Tomou alguma pílula?

Descansado, refrescado e extremamente satisfeito, Roarke abotoava a camisa.

— Não preciso disso. Você já é estímulo suficiente.

— Parece que sim.

Ele a pegou pela mão, guiou-a até o elevador e ordenou o andar do escritório dela.

O gato estava estendido sobre a poltrona reclinável e balançou a cauda uma única vez no momento em que eles entraram.

— Quer café? — perguntou Roarke.

— Sim, obrigada.

No instante em que ele se virou na direção da cozinha, Galahad pulou e seguiu correndo na frente de Roarke. Eve o ouviu reclamar com um único miado.

Ela se sentou à sua mesa, olhou para o computador e tamborilou sobre a mesa.

— Computador, abrir a pasta do caso Draco. Apresentar referências cruzadas. Identificar e listar todas as ligações entre os membros do elenco, sejam elas profissionais, pessoais, médicas, financeiras, criminais ou civis.

*Processando...*

— Eu achei que você já havia feito isso — disse Roarke. Eve olhou para ele, que voltava com o café.

— Estou repassando tudo, com alguns detalhes adicionais. Computador, destacar qualquer nome que tenha arquivos lacrados, em todas as áreas.

*Essa informação exige uma autorização especial. Por favor, informe os dados da citada autorização.*

— Quer que eu resolva esse probleminha? — ofereceu Roarke. Ela grunhiu alguma coisa, obviamente uma advertência. Roarke simplesmente encolheu os ombros e provou o café.

— Autorização por Código Amarelo, tenente Dallas, número 506. Requisição relacionada com duplo homicídio. Assinalar os arquivos que estão lacrados.

*Autorização aceita. Os arquivos lacrados serão assinalados. Os dados contidos em arquivos lacrados exigem mandado assinado por uma autoridade e devidamente datado...*

— Eu pedi para ter acesso a esses dados, por acaso? Simplesmente assinale a porcaria dos lacres.

*Processando... Os procedimentos multitarefas levarão aproximadamente oito minutos e trinta segundos...*

— Então, comece logo! E não — disse a Roarke —, nós não vamos entrar nos arquivos lacrados.

— Puxa vida, tenente, mas eu nem ao menos sugeri algo a respeito.

— Está achando que McNab e você me convenceram com aquele mandado de hoje?

— Não faço a mínima idéia de sobre o que você está falando. — Ele encostou o quadril na mesa. — Dei alguns conselhos a Ian, mas todos de natureza pessoal. Conversa de homem.

— Sei. Tá legal. — Ela se remexeu um pouco na cadeira e o observou por sobre a caneca de café. — Aposto que vocês dois ficaram falando apenas de esportes e mulheres.

— Não me lembro de termos falado de esportes. Ele estava com uma mulher na cabeça.

— Você falou com ele a respeito de Peabody? — O sorriso de deboche desapareceu de seus lábios. — Droga, Roarke!

— Eu simplesmente lhe dei alguns tapinhas nas costas, em solidariedade. Ele está absolutamente apaixonado.

— Ai, por favor, não me diga essa palavra. — Ela recuou, com pavor.

— Mas ela cabe direitinho aqui. Na verdade, se ele aceitou os meus conselhos — ele olhou para o relógio de pulso —, eles devem estar curtindo o seu primeiro encontro romântico.

— Encontro? Um encontro? Por que fez isso? Por que você foi fazer uma coisa dessas? Não podia simplesmente deixar as coisas em paz? Eles transariam até apagar todo o fogo, e as coisas acabariam voltando ao normal.

— Isso não funcionou conosco, funcionou? — perguntou ele, com a cabeça meio de lado.

— Mas nós não trabalhamos juntos! — Quando os olhos dele brilharam, divertidos com a afirmação, ela arreganhou os dentes. — Pelo menos, oficialmente. Quando a gente começa a misturar tiras com romance, fichas criminais e olhares derretidos durante a apresentação de relatórios, tudo vira uma zona! Daqui a pouco, Peabody vai começar a usar batom, perfuminhos adocicados e corpetes rendados por baixo do uniforme.

Eve baixou as mãos, desanimada, e continuou:

— Então eles vão começar a ter briguinhas e pequenos desentendimentos que não têm nada a ver com o trabalho. Virão me procurar dos dois lados e, antes de eu perceber, vão começar a me contar detalhes que eu não faço a mínima questão de saber. E depois que terminarem o namoro e decidirem que odeiam um ao outro até a quinta geração, também vou ter que ouvir essa ladainha toda sobre como eles não agüentam mais trabalhar juntos e nem mesmo respirar o mesmo ar, até eu não ter outra escolha a não ser a de dar um chute na bunda dos dois.

— Eve, a sua visão ensolarada da vida sempre levanta o meu astral.

— E o pior — ela cutucou-lhe o peito — é que a culpa disso tudo é sua!

Ele agarrou o dedo dela e mordiscou-lhe a ponta, de forma não muito suave.

— Se esse é o caso, querida, insisto que o primeiro filho deles seja batizado com o meu nome.

— Você está tentando me deixar maluca?

— Ora, querida, mas é tão fácil conseguir isso que eu não tenho como resistir. Por que não esquece toda essa história antes de arranjar uma dor de cabeça? Olhe ali, os seus dados estão aparecendo.

Ela lançou um olhar furioso para ele e se virou para a tela.

Ligações dentro de ligações, pensou, analisando a lista. Vidas que se entrelaçavam com outras vidas. Toda vez que isso acontecia, deixava uma marquinha. Às vezes, essa marca era uma ferida que nunca fechava de todo.

— Ora, ora... Isso aqui ainda não tinha aparecido. A mãe de Michael Proctor era atriz. Atuou em um pequeno papel numa peça, há vinte e quatro anos. — Eve se recostou. — E veja só quem dividia o palco com ela: Richard Draco, Kenneth Stiles, Areena Mansfield e Eliza Rothchild. Isso bate bem com o problema entre Draco e Stiles. Onde está Anja Carvell? — murmurou.

— Talvez ela tivesse, ou ainda tenha, um nome artístico.

— Pode ser. Não há arquivos lacrados sobre a mãe de Proctor, aparentemente. — Eve mandou o computador fazer uma pesquisa sobre o nome de Natalie Brooks.

— Interessante. Esse foi seu último trabalho como atriz. Ela se afastou, voltou para a cidade onde nasceu, Omaha, em Nebraska. Casou-se no ano seguinte. Tudo me parece limpinho demais. Era muito atraente — acrescentou, depois que o sistema lhe mostrou a foto da sua identidade de vinte e quatro anos antes. — Jovem, com um jeitinho inocente. Tinha tudo do que Draco gostava.

— Você acha que ela possa ser Anja?

— Talvez. Seja como for, não consigo imaginar Draco dispensando essa gracinha. Isso coloca mais uma camada sobre Michael Proctor a ser investigada. Ele não mencionou que a mãe conhecia Draco.

— Pode ser que ele desconheça esse fato.

— É pouco provável. Vamos dar uma olhada nos arquivos marcados como lacrados. Humm... Draco tem lacres em vários arquivos.

— Dinheiro, fama, ligações — disse Roarke. — Tudo isso compra o silêncio.

— Você deve saber disso melhor do que ninguém — replicou Eve, com um sorriso de sarcasmo, e então se levantou da cadeira com um pulo. — Espere um instante, espere um instante! O que é isto? Carly Landsdowne tem um arquivo lacrado.

— Mais segredos? Mais silêncio?

— Dessa vez, não. Conheço esse código. É antigo. Já estava em uso quando os meus próprios dados entraram no sistema, ainda na infância. Um monte de crianças vindo de orfanatos do Estado gostaria de conseguir um código desses, mais até do que a próxima refeição. Este é o código para adoção. E está lacrado — acrescentou ela. — A data do nascimento da mãe está junto também. Repare só na data.

— Oito meses depois de Kenneth Stiles ter agredido Richard Draco. Não pode ser coincidência.

— Para mim, as coisas todas se encaixam. Draco engravidou Anja Carvell. Ela dá a notícia a ele, que, em reação a isso, se livra da namorada. Ela leva um chute feio na bunda, desmonta e tenta se matar, mas Stiles consegue salvá-la. Ela muda de idéia, resolve levar a gravidez até o fim, entrega a criança para adoção e paga uma nota preta para lacrar os registros.

— Não deve ter sido fácil fazer isso.

Os olhos de Eve se tornaram inexpressivos.

— Para algumas pessoas é bem fácil. Crianças são abandonadas todos os dias.

A fim de confortá-la, Roarke colocou as mãos em seus ombros e massageou-os de leve, dizendo:

— Segundo as declarações de Stiles, ela estava apaixonada pelo pai do bebê e quase acabou com a vida por causa dele. Mesmo assim, não interrompeu a gravidez, mas desistiu da criança. Isso é diferente, Eve, de simplesmente dar o filho para alguém. Ela pagou para o arquivo ser lacrado com a finalidade de proteger a criança.

— E para protegê-la também.

— Sim, mas existiam outras maneiras para ela fazer isso. Poderia ter vendido o bebê no mercado negro. Ninguém faria perguntas. Ela, porém, escolheu os meios legais.

— Stiles sabia. Ela deve ter contado tudo a ele. Vamos ter mais uma conversinha. Agora, vamos ver. Que juiz eu devo acordar no meio da noite para solicitar um mandado e uma autorização legal para quebrar o lacre do arquivo? — Ela olhou para Roarke. — Alguma sugestão?

— Tenente, tenho certeza de que você sabe muito bem essa resposta melhor do que ninguém.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

Antes de Eve arrancar um juiz da cama e se arriscar a irritá-lo profundamente, tentou localizar Peabody pelo comunicador.

— Fora de serviço? — Um ar de puro choque fez os olhos de Eve ficarem vidrados ao olhar para a luzinha vermelha que piscava, dando o aviso. — Que diabos isso significa?

— Ora, que audácia a dela! — Roarke estalou a língua e balançou a cabeça. — Aposto que a policial Peabody está com a insana idéia de que tem direito a uma vida pessoal.

— A culpa é sua, a culpa é sua, toda sua! — recitou Eve, baixinho, enquanto transferia a ligação para o *tele-link* portátil de Peabody.

Depois de seis toques, Eve já estava em pé, andando de um lado para outro.

— Se ela não atender, eu vou... — Subitamente, o *tele-link d*e Eve explodiu com o som de uma barulhada infernal. O grito zangado que ela soltou fez o gato fugir correndo para a cozinha. — Peabody, qual é a sua?! Onde é que você está?

— Senhora...? Senhora, pode falar mais alto? Não dá para ouvir, por causa da música.

O áudio era caótico, mas o sinal de vídeo estava ótimo e Eve recebeu uma imagem em close da sua auxiliar toda produzida, com cabelo armado, batom, olhos maquiados e um ar sedutor.

*Eu sabia,* foi tudo o que Eve conseguiu pensar. *Eu sabia que isso ia acontecer.*

— Você andou bebendo, Peabody?

— Andei? — Os olhos meio desfocados piscaram diante da informação, e então Eve ouviu um som que só poderia ser descrito como uma risadinha idiota. — Bem, pode ser que sim. Uns dois drinques apenas. Estou em uma boate, e todos estão bebendo aqui. As batidas são uma delícia e levantam até defunto! Já amanheceu?

— Oi, Dallas! — O rosto de McNab apareceu ao lado do de Peabody e os dois, aparentemente mamados e meio vesgos, dividiram o espaço da tela. — A banda que está tocando é supermega. Por que não pega o seu garotão e vem até aqui botar pra quebrar?

— Peabody, onde vocês estão?

— Em Nova York, Dallas. Moramos aqui.

*Estão bêbados,* pensou Eve, frustrada. *Mais bêbados do que os operários da destilaria na estação*

*Cáspio.*

— Deixe pra lá, Peabody. Vá atender essa ligação do lado de fora, antes que eu fique surda.

— O quê? Não consigo ouvir você!

Ignorando o riso divertido de Roarke, Eve se inclinou até ficar bem perto do *tele-link* e berrou:

— Policial Peabody, vá lá para fora, mas não desligue. Preciso falar com você!

— Você está aqui fora? Ora, por que não entra, então?

Eve respirou fundo.

— Saia daí!... Agora!

— OK, tá legal... Tudo bem.

Ouviu-se um ruído de objetos sendo apalpados, mais risadinhas, imagens saltitantes de uma multidão que Eve decidiu que só podiam ser maníacos pulando e girando o corpo ao som de ruídos estrondosos emitidos por uma banda. Para seu desagrado, Eve ouviu com muita nitidez uma sugestão sussurrada por McNab, onde ele descrevia para Peabody o que seria divertido fazer em uma das cabines privativas da boate.

— Temos que reconhecer a imaginação fértil desse rapaz — assinalou Roarke.

— Odeio você por ter armado isso. — Com a paciência por um fio, Eve manteve a ligação enquanto Peabody e McNab saíam da boate aos tropeções. O nível do barulho diminuiu, mas não muito. Pelo visto, McNab escolhera uma boate no coração da Broadway, onde a festa nunca pára.

— Dallas? Dallas? Onde você está?

— No seu *tele-link, P*eabody. Estou no seu *tele-link*.

— Ah. — Ela tornou a levantar o aparelho e apertou os olhos, tentando focar a tela. — O que você está fazendo aí dentro?

— Você tem algum comprimido de Sober-Up aí na bolsa?

— Claro! Temos que estar sempre preparados, certo?

— Tome alguns. Agora.

— Ah, que droga. — Os lábios coloridos de Peabody formaram um biquinho. — Não quero tomar não. Ei, esse aí não é o Roarke? Ouvi a voz dele. Olá, Roarke!

Ele não conseguiu resistir e se colocou diante do tele-li*nk* para aparecer na tela.

— Oi, Peabody. Você me parece particularmente deliciosa esta noite.

— Nossa, você é que é lindo! Eu conseguiria ficar olhando para você sem parar, só olhando, olhando e...

— Sober-Up, Peabody. Agora! Isso é uma ordem.

— Droga. — Peabody remexeu na bolsa e tirou lá de dentro um frasco pequeno. — Se eu tenho que tomar, você também tem — disse ela, pegando dois comprimidos antes de entregar o frasco a McNab.

— Por quê?

— Porque sim.

— Ah.

— Peabody, preciso de todos os dados atualizados sobre Anja Carvell, bem como todas as pesquisas que foram feitas e os resultados cruzados.

— Tá legal.

— Envie tudo para o computador do meu carro. Depois eu quero que você me encontre, *de uniforme,* no endereço de Kenneth Stiles. Trinta minutos. Entendeu?

— Sim, mais ou menos... Dá para repetir a pergunta?

— Não foi uma pergunta, foi uma ordem — corrigiu Eve, e repetiu tudo. — Sacou tudo direitinho?

— Tá...Ahn... Sim, senhora.

— E deixe o seu macaco ensinado em casa.

— Como...?

— McNab — rugiu Eve, cortando a ligação.

— Estraga-prazeres — resmungou Roarke, baixinho.

— Não me venha com piadinhas. — Eve se levantou, pegou o coldre de ombro na gaveta da mesa e o prendeu. — Vá fazer alguns ajustes financeiros e análises atuariais.

— Querida, você estava ouvindo!

— Não estou achando graça — disse ela, chateada por sentir vontade de rir. — Fique longe dos problemas.

Ele simplesmente sorriu, esperando até ouvi-la descer as escadas.

Ela ia tentar descobrir tudo sem precisar quebrar os lacres legais, pensou Roarke. Não havia razão para ele impor a si as mesmas limitações.

Seguindo pelo corredor, ele foi até uma sala secreta. Sua voz e impressões palmares foram verificadas e aceitas. As trancas da porta se abriram.

— Acender luzes no máximo — ordenou ele.

A sala se encheu de uma luz forte, impedida de ser vista do lado de fora pelas telas de privacidade instaladas na fileira de janelas. Ele seguiu pelo piso em lajotões e atravessou a sala, enquanto a porta atrás dele tornava a se fechar e trancar automaticamente.

Apenas três pessoas tinham acesso àquela sala. Três pessoas nas quais ele confiava sem reservas. Eve, Summerset e ele mesmo.

O sofisticado painel de controle tinha a forma de um U largo. O equipamento, não registrado e ilegal, zumbia suavemente em modo de espera. Os olhos atentos do CompuGuard, sistema de rastreamento do governo, não podiam impedir o que não conseguiam ver.

Roarke havia reestruturado a maioria dos negócios questionáveis nos quais se envolvera ao longo dos anos. Depois de conhecer Eve, ele se livrara do que era ilegal e tornara legítimo o resto. Apesar disso, pensou, enquanto se servia de um conhaque, um homem precisava manter pequenas lembranças daquele passado que o transformara no que era.

Em seu coração rebelde, a idéia de um sistema como o CompuGuard, que monitorava tudo o que se fazia nos computadores, era uma pedra em seu sapato. Para Roarke, era uma questão de honra contornar aquele obstáculo.

Ele foi até o controle e girou a taça de conhaque.

— Ligar sistema — ordenou e um arco-íris de luzes se acendeu no fundo negro. — Agora, vamos

dar uma olhada.

Eve deixou o carro estacionado no segundo andar de uma vaga de rua, a meio quarteirão do apartamento de Kenneth Stiles. Já percorrera metade do caminho quando avistou uma figura que tentava mesclar sua sombra com as das árvores enfileiradas no parque em frente.

— Trueheart.

— Sim, senhora! — Eve percebeu o ar de surpresa na voz do rapaz, mas ele conseguiu exibir um ar de calma ao sair das sombras. — Tenente...

— Relatório.

— Senhora, o prédio da pessoa indicada está sob minha própria vigilância desde o seu retorno para casa, às dezoito horas e vinte e três minutos. Outro companheiro está vigiando a saída, nos fundos, e trocamos informações a cada trinta minutos.

Como Eve não fez nenhum comentário, ele pigarreou antes de continuar:

— A pessoa vigiada baixou as telas de privacidade de toda a residência às dezoito e trinta e oito. As janelas permaneceram fechadas desde esse momento.

— Muito bem, Trueheart, entendi tudo. Agora, me diga se ele está lá dentro.

— Tenente, a pessoa investigada não saiu do prédio vigiado.

— Ótimo. — Eve notou um táxi da empresa Rápido diminuir a velocidade e parar junto ao meio-fio no outro lado da rua. Peabody, parecendo bem mais com uma policial agora, de uniforme completo e os cabelos lisos por baixo do quepe, saltou do veículo. — Permaneça em estado de alerta, policial Trueheart.

— Sim, senhora... Ahn, senhora, eu gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer-lhe por ter me designado para esta missão.

Eve olhou para o seu rosto muito jovem e muito sério.

— Você está me agradecendo por colocar você em uma função que o obrigou a permanecer aqui fora em pé, no escuro e no frio por... — ela olhou para o seu relógio de pulso — ... mais ou menos cinco horas e meia?

— Trata-se de uma investigação de homicídio — disse ele, com tanta reverência, que Eve quase

deu tapinhas carinhosos em sua bochecha.

— Fico feliz por estar curtindo. — Eve atravessou a rua e foi até onde Peabody se colocara, à espera. — Olhe para mim bem nos olhos — exigiu Eve.

— Estou sóbria, senhora.

— Ponha a língua pra fora.

— Por quê?

— Porque sei que é isso que você gostaria de fazer nesse momento. E agora, nada de cara feia. — Dizendo isso, Eve foi na direção do prédio. — E nada de girar os olhos com ar de quem diz "que saco!" pelas minhas costas.

Peabody parou de girar os olhos imediatamente.

— Vou ser informada do motivo de eu ter sido convocada para entrar em serviço em pleno horário de descanso?

— Sim, será informada. Se as células cerebrais que sobreviveram à farra ainda estiverem funcionando, você vai saber de tudo na hora que eu colocar Stiles contra a parede. Quando acabarmos, eu explico o que você não tiver entendido.

Eve mostrou o distintivo ao vigia noturno do prédio, passou a mão pelo scanner palmar e conseguiu acesso. Em seguida, contou tudo rapidamente a Peabody, enquanto subiam pelo elevador.

— Uau, isso até parece uma daquelas novelas que passam de tarde. Não que eu assista a elas — avisou Peabody, depressa, ao notar que os olhos de Eve se estreitavam ao olhar para ela. — Uma das minhas irmãs *é* viciada nelas. Ela adora uma chamada *Coração de Desejo*. *A* história se passa em uma cidadezinha pacata à beira do mar, mas sob o verniz de perfeição do lugar existe um monte de intrigas e...

— Não me conte. Estou falando sério.

Eve saiu quase correndo do elevador para se precaver contra qualquer possibilidade de um relato detalhado do enredo da novela *Coração de Desejo*. *A*pertou a campainha do apartamento de Stiles e levantou o distintivo à altura do olho mágico.

— Talvez ele esteja dormindo — disse Peabody, alguns segundos depois.

— Ele tem um androide doméstico. — Eve tornou a apertar a campainha e sentiu um aperto de

tensão na boca do estômago.

Ela designara um novato, um novato, pelo amor de Deus, para a importante tarefa de vigiar um suspeito de dois homicídios. Queria dar uma chance ao rapaz.

Se Stiles tivesse passado pelo esquema de vigilância que armara, Eve não poderia culpar ninguém a não ser a si mesma.

— Vamos entrar. — Eve procurou pelo seu cartão mestre.

— Mas não temos mandado...

— Não precisamos de um mandado. O vigiado é suspeito de duplo homicídio e também uma vítima em potencial. Há razões para acreditarmos que o suspeito furou a vigilância e escapou ou então está dentro de casa sem condições de atender à porta.

Eve decodificou as senhas com seu cartão mestre.

— Saque a arma, Peabody — ordenou ela, enquanto pegava a sua. — Você vai por cima e gira para a direita. Pronta?

Peabody concordou com a cabeça. Sua boca, coberta de batom uma hora antes, naquele momento estava firme.

Ao sinal de Eve, as duas entraram pela porta, girando o corpo em direções opostas. Eve ordenou às luzes que se acendessem e apertou os olhos diante da súbita explosão de luminosidade para, em seguida, olhar em torno ao mesmo tempo que se colocava em ângulo, a fim de proteger as costas de Peabody.

— Aqui é a polícia! Kenneth Stiles, aqui é a tenente Dallas, do Departamento de Polícia de Nova York. Estou armada. Você deve vir agora para a sala de estar.

Ela foi se movendo lentamente até o quarto enquanto falava, com os ouvidos atentos a qualquer som.

— Ele não está aqui. — Todos os instintos de Eve lhe diziam que o lugar estava vazio, mas ela gesticulou para Peabody, mandando-a verificar todos os cantos da sala. — Vá olhar naquela área, mas tome cuidado.

Eve abriu a porta com a bota e entrou no quarto com a arma levantada.

Viu uma cama feita com capricho, uma pequena sala de estar bem arrumada e o terno preto que Stiles vestira no funeral largado no chão.

— O androide está aqui, Dallas — gritou Peabody. — Desligado. Não há sinal de Stiles.

— Ele fugiu como um coelho assustado. Droga! — Mesmo assim, manteve a arma apontada ao entrar no banheiro, pela porta na parede lateral do quarto.

Uma olhada no quarto de vestir, ao lado, a fez se animar novamente.

— Acho que isso tira o traseiro de Trueheart da reta — disse a Peabody ao se juntar a ela. Mostrou um pote de creme para escurecer a pele e uma peruca. — Stiles provavelmente é muito bom para trabalhar com esse tipo de material. Dê o alarme, Peabody. Suspeito em fuga.

— Senhora. — Trueheart se mantinha duro como uma sequóia petrificada bem na entrada do quarto de vestir de Kenneth Stiles. Seu rosto estava muito pálido, com exceção das maçãs do rosto. — Assumo total responsabilidade por falhar na missão que me foi confiada pela tenente. Aceito, sem replicar, qualquer reprimenda ou castigo que a senhora julgue apropriado.

— Em primeiro lugar, pare de falar como o androide que Peabody está ligando. Em segundo lugar, você não é responsável pela fuga deste suspeito. A culpa é minha.

— Tenente, aprecio muito a senhora levar em consideração a minha inexperiência em realizar a tarefa e a missão que me foram confiadas de forma adequada e...

— Cale a boca, Trueheart! — Que Deus a poupasse de novatos, pensou Eve. — Peabody! Venha cá.

— Já estou acabando de ligar o androide, tenente.

— Peabody, diga ao policial Trueheart como eu lido com policiais que estragam operações, fracassam em missões ou desempenham tarefas que eu julgue insatisfatórias.

— A senhora esmaga suas bolas e torce o saco deles sem misericórdia. É uma cena muito interessante para ser vista, desde que a uma distância adequada e segura.

— Obrigada, Peabody. Você me deixa orgulhosa. Trueheart, eu estou esmagando e torcendo o seu saco?

O rubor em seu rosto se espalhou e desceu até o pescoço.

— Ahn... Não, senhora. Tenente.

— Então, é de deduzir que, na minha opinião, você não fracassou em sua missão. Se eu pensasse

diferente, você estaria no chão, todo curvado, protegendo o mencionado saco e implorando por misericórdia, a qual, conforme a policial Peabody assinalou, eu não concedo. Estamos entendidos?

Ele hesitou.

— Sim, senhora.

— Essa é a resposta correta. — Ela se afastou dele e analisou o quarto de vestir. Havia inúmeras roupas em tamanhos e estilos diferentes. O balcão comprido estava cheio de frascos, tubos e sprays. Escaninhos exibiam bigodes postiços, barbas e perucas. As gavetas mostravam-se obsessivamente organizadas, cheias de produtos para maquiagem artística.

— Ele pode se fazer passar por qualquer pessoa. Eu devia ter pensado nisso. Diga-me quem você viu saindo do prédio entre dezoito e trinta até o momento em que eu cheguei aqui, Trueheart. Vamos verificar as gravações dos discos de segurança, mas procure ser exato na descrição.

Ele concordou com a cabeça e seus olhos pareceram desfocados, por estar totalmente concentrado.

— Um casal, os dois brancos, com idades entre trinta e cinco e quarenta anos. Entraram em um táxi da empresa Rápido e tomaram o rumo leste. Uma mulher sozinha, mulata, com aproximadamente trinta anos. Ela saiu a pé e seguiu na direção oeste. Dois homens, um negro e o outro branco, com trinta e poucos anos. Voltaram cerca de meia hora depois, trazendo o que me pareceu uma caixa com doze latas de cerveja e uma pizza grande. Um homem sozinho de raça mista, entre quarenta e oito e cinqüenta anos, com cavanhaque.

Ele parou quando Eve levantou a mão e mostrou um saco plástico com alguns fios de cabelo que ela separara para levar como prova.

— Essa cor combina com a do cabelo dele?

Ele abriu a, boca para falar, mas tornou a fechá-la e apertou os lábios com força.

— É difícil afirmar com certeza, tenente, pois havia pouca luz. A pessoa descrita, porém, parecia ter cabelos escuros em um tom muito similar à da prova em sua mão.

— Dê-me mais detalhes. Altura, peso, a roupa que usava, sua aparência geral.

Eve ouviu tudo atentamente, tentando formar uma imagem da transformação descrita por Trueheart.

— Muito bem. Alguma coisa mais, policial?

Ele repassou mentalmente as poucas pessoas que haviam saído do prédio, mas ninguém mais lhe despertou atenção, a não ser o homem sozinho de pele um pouco escura.

— Ele carregava alguma coisa? Uma sacola, uma caixa, um pacote?

— Não, senhora. Não levava nada com ele.

— Certo. Então, ele ainda deve estar andando por aí com a mesma aparência. Dê o alarme.

— Como, senhora?

— Dê o alarme para o setor de emergência, com a descrição exata, Trueheart. Espalhe-a para todos os policiais.

Seu rosto se acendeu como uma vela de aniversário.

— Sim, senhora!

Foi pura sorte o suspeito ter sido avistado. Eve iria pensar mais tarde naquilo, e por um bom tempo depois disso. Pura sorte.

Por um capricho do destino, o trem expresso que ia e voltava para Toronto sofreu um problema técnico a caminho da estação Grand Central. Aquele atraso ia fazer toda a diferença.

Assim que soube da interrupção da viagem, Eve guardou o comunicador no bolso e disse:

— Grand Central. Vamos até lá.

Já estava a meio caminho da porta do apartamento quando olhou por trás do ombro.

— Trueheart, existe alguma razão para você não estar colado em mim?

— Como, senhora?

— Quando o oficial em comando diz para se mexer, você deve sacudir sua bunda magra e sair correndo.

Ele piscou depressa e, por fim, pareceu processar a informação de que Eve o queria na equipe. Um sorriso abobalhado se espalhou em seu rosto quando ele correu em direção à porta, dizendo:

— Sim, senhora.

— Os guardas de trânsito estão bloqueando as saídas e se espalhando por todos os portões. O reforço está a caminho — informou Eve, enquanto desciam de volta para o saguão. — O suspeito comprou uma passagem só de ida para Toronto.

— Lá é muito frio. — Peabody levantou a gola da farda enquanto seguiam pela rua até o local onde Eve estacionara o carro. — Se eu estivesse fugindo do país, iria preferir o Sul. Nunca estive no Caribe.

— Você pode sugerir isso a Stiles quando ele estiver na carceragem. Apertem os cintos! — ordenou Eve, assim que todos entraram no carro. Em seguida, desceu com o veículo pela rampa até o nível da rua como se ele fosse um foguete, ligou a sirene e fez a curva em duas rodas, cantando pneus.

Colado ao encosto do assento traseiro e com o estômago nas pernas, Trueheart se sentia no paraíso.

Ele estava em plena perseguição, e não se tratava de um ladrãozinho de rua barato não, nem de alguém que violara uma regra de trânsito, mas sim de um suspeito de assassinato. Segurou na alça de apoio do teto do carro com força, para manter o equilíbrio, enquanto Eve costurava pelo trânsito de forma indômita e determinada. Ele queria manter gravados na mente todos os detalhes emocionantes. A louca velocidade, o borrão das luzes que passavam e os sacolejos repentinos, enquanto a sua tenente — puxa, ela não era o máximo? — subia com o carro subitamente na vertical para se livrar de um engarrafamento na avenida Lexington.

Ele ouviu a voz clara e prática de Peabody, que coordenava a movimentação dos reforços pelo comunicador. Prestou muita atenção aos xingamentos em tom baixo e irritado que Eve lançou ao se ver obrigada a desviar rapidamente de dois "boçais retardados" que pilotavam uma moto aérea.

Ela freou com estardalhaço ao chegar à entrada oeste da estação.

— Peabody, Trueheart, venham comigo. Vamos ver o que os rapazes do trânsito têm a nos informar.

Havia dois guardas de trânsito bloqueando a saída. Os dois se colocaram em posição de sentido quando Eve exibiu o distintivo.

— Qual é a situação?

— O suspeito está aí dentro, tenente. Nível Dois, Área C. Há vários passageiros naquele local. O expresso para Toronto está com as passagens esgotadas. Existem várias lojas, lanchonetes e toaletes no saguão de espera. Colocamos homens em todos os elevadores, escadas rolantes e passarelas aéreas que entram ou saem da área. Ele está lá dentro.

— Não saiam daqui.

Eve mergulhou em um mar de barulhos e movimentos.

— Tenente, Feeney e McNab estão chegando pela entrada sul do terminal.

— Informe-lhes a localização do alvo. Não temos dados sobre armas, mas imaginamos que ele esteja armado. — Eve atravessou o imenso espaço pavimentado em pedra, enquanto as pessoas passavam por ela, a caminho de casa ou de outro lugar. — Avise à pessoa que está no comando que nós estamos descendo.

— O nome dela é Stuart. Capitã Stuart, senhora. Ela está aguardando contato no canal B do comunicador.

— Capitã Stuart? Aqui fala a tenente Dallas.

— Tenente, já estamos com a nossa rede pronta para pegar o peixe. O controle de tráfego continuará a anunciar atrasos para o trem de meia-noite e cinco em direção a Toronto.

— Onde está o meu suspeito?

O rosto da capitã Stuart se manteve sem expressão e firme, mas sua voz ficou mais agressiva.

— Perdemos contato visual com o suspeito. Mas eu lhe asseguro que ele não saiu da área patrulhada. Nossas câmeras de segurança efetuam uma varredura completa no local neste momento. Vamos agarrá-lo.

— Entre em contato comigo, por este canal, assim que ele for avistado — disse Eve, rapidamente. — Informe aos seus homens que o Departamento de Polícia de Nova York já chegou ao local e está assumindo o controle da operação. Agradecemos a sua cooperação e assistência.

— Esta é minha jurisdição, tenente. E meu comando.

— O alvo é suspeito de dois homicídios na minha jurisdição, capitã. Isso me coloca no comando da operação e nós duas sabemos disso. Vamos realizar o nosso trabalho agora, e mais tarde podemos trocar desaforos. — Eve esperou um segundo. — Estamos nos aproximando do Nível Dois. Por favor, informe isso aos seus homens. As armas deverão ser programadas para a função mais branda e poderão ser usadas apenas em circunstâncias extremas e para a proteção das pessoas que circulam pelo local. Quero uma prisão tranqüila.

— Sei muito bem como realizar uma operação dessa natureza, tenente. Fui informada de que o alvo pode estar armado.

— Não temos certeza. Use cautela e força mínima. Repito, capitã: força mínima. Isso é prioritário, pois a área está cheia de civis. Vou manter este canal aberto para outros comunicados.

Eve enfiou o comunicador de volta no bolso.

— Ouviu isso, Peabody?

— Sim, senhora. Ela quer os louros. "Esta noite, as autoridades do Departamento de Trânsito da cidade de Nova York, comandadas pela capita Stuart, capturaram o principal suspeito do assassinato de Richard Draco, que estava fugindo. Imagens na edição das onze."

— E qual é o nosso objetivo?

— Identificar, prender e levar o suspeito para a carceragem, em perfeito estado e sem nenhum civil ferido.

— Está acompanhando tudo, Trueheart?

— Sim, senhora.

Eve reparou que os guardas de trânsito fechavam o perímetro da área C. Viu também a corrente humana que se movimentava, circulando a esmo ou correndo sobre a plataforma larga e através dos corredores que serpenteavam e iam dar em lanchonetes ou lojas.

Ela conseguiu sentir no ar o aroma de gordura, típico de fast food, além do cheiro de muita gente em um local fechado. Bebês choravam. O mais recente rock urbano saía a todo o volume de uma caixa acústica qualquer, em flagrante violação ao código que regulava a poluição sonora. Um grupo de cantores de rua tentava competir com o rock.

Eve reconheceu cansaço, empolgação e tédio no mar de rostos. Viu também, com certa irritação, um pivete bater uma carteira.

— Trueheart, você foi o único que viu o fugitivo. Mantenha os olhos abertos. Queremos resolver isso sem muito tumulto, mas não podemos perder tempo. Quanto mais o trem demorar a sair, mais nervoso Stiles vai ficar.

— Dallas, Feeney e McNab na posição de nove horas.

— Sim, já os avistei. — Eve os viu em meio à onda de civis, ao longo das dezenas de entradas secundárias. — Este lugar mais parece uma colméia. Vamos nos separar. Peabody, vá pela direita. Trueheart, pegue a esquerda. Mantenham contato visual.

Eve foi pelo centro, forçando passagem pela multidão, com os olhos alertas. Em outra plataforma, um trem a caminho do Sul saiu por um dos túneis da estação, em meio a assobios graves e muito ar quente. Um pedinte, com sua licença de mendicância manchada por algo indefinido, estendia a mão para os passageiros que aguardavam a saída do atrasado expresso para Toronto.

Ela já estava quase esbarrando em Feeney. Desviou o olhar para conferir a posição de Peabody e olhou para trás, de olho em Trueheart.

De repente, Eve ouviu um grito, seguido de uma série de outros e da explosão dos vidros da vitrine de uma das movimentadas lojas do terminal. Ao girar o corpo, viu Stiles tentando correr pela multidão em pânico, perseguido por um guarda.

— Não atirem! — gritou ela, agarrando a arma e o comunicador ao mesmo tempo. — Capitã Stuart, ordene a seus homens para abaixarem as armas. O alvo está encurralado. Não usem as armas!

Dizendo isso, começou a abrir caminho com os cotovelos, botas e joelhos, em meio à multidão que fugia do local em debandada. Um sujeito foi lançado pela multidão de encontro a ela, com os olhos esbugalhados, e tentou segurá-la pelos braços. Rangendo os dentes, Eve se desvencilhou do homem, empurrando-o para o lado, e forçou a passagem por uma das entradas.

Uma nova onda de pessoas surgiu à sua frente como um enxame, aos berros, enquanto os vidros de outra vitrine voavam em mil pedaços e em todas as direções. Ela sentiu algo quente atingi-la no rosto, e um filete molhado começou a escorrer-lhe pela face em direção ao pescoço.

Nesse instante, ela avistou Stiles pulando sobre as pessoas caídas e encolhidas. E viu Trueheart.

Ele tinha pernas compridas e corria rápido. Eve também usou as próprias pernas para ir em frente. Com o canto dos olhos, percebeu o movimento de uma arma sendo apontada.

— Não! Não atire! — gritou ela, mas seu comando foi abafado pelo barulho do caos que se instalara. Quando ela pulou na direção do guarda para impedi-lo de atirar, ele abriu as pernas e fez mira. No mesmo instante, Trueheart tomou impulso com os pés e pulou na frente de Stiles.

O choque do tiro o pegou em pleno ar e transformou seu corpo em um míssil que foi lançado com força contra as costas de Stiles, que tentava escapar. O golpe fez ambos girarem no ar e caírem da plataforma, sobre os trilhos.

— Não. Droga, não! — Eve empurrou o guarda com força para o lado e foi até a borda da plataforma. — Interrompam todos os trens que vão para o Norte! Há pessoas feridas sobre os trilhos. Parem todo o tráfego de trens! Oh, meu Deus. Oh, Cristo!

Havia dois corpos enganchados, ambos cobertos de sangue. Eve saltou sobre os trilhos, sentindo a vibração que lhe subiu pelas pernas ao pousar nos dormentes. Estava ofegante quando apalpou a garganta de Trueheart, tentando sentir sua pulsação.

— Droga. Droga! Temos um policial ferido! — Junto do comunicador, sua voz saiu rouca através da garganta seca. — Policial ferido! Exijo assistência médica especializada. Local: estação Grand Central, Nível Dois, Área C de Charlie. Enviar unidades móveis de tratamento intensivo. Um policial e o suspeito estão feridos. Agüente firme, Trueheart.

Ela arrancou o casaco e cobriu o peito de Trueheart. Em seguida, usou as mãos para pressionar o corte profundo na coxa dele, de onde o sangue escorria em profusão.

Feeney, ofegante e suando, aterrissou ao lado dela.

— Minha nossa! Ele está muito mal?

— Muito. Ele recebeu o golpe em cheio, pulou na frente da porra do raio. — E ela chegara um passo atrasada. Um décimo de segundo atrasada. — Depois, veio a queda. Não podemos nos arriscar a removê-lo daqui sem os estabilizadores. Onde estão os paramédicos? Onde está a porra da equipe de paramédicos?

— A caminho. Tome. — Ele desafivelou o cinto e o entregou a Eve para ela fazer um torniquete com ele. — E Stiles?

Eve se obrigou a manter a calma, moveu-se meio de lado até onde Stiles estava, de bruços, e verificou sua pulsação.

— Está vivo. Ele não foi atingido pelo raio e, pela forma com que caíram, o garoto ainda amorteceu a sua queda.

— Seu rosto está sangrando, Dallas.

— São estilhaços de vidro quebrado, apenas isso. — Ela passou as costas da mão sobre o rosto, misturando o próprio sangue com o de Trueheart. — Vou acabar com a capitã Stuart e seus atiradores rápidos no gatilho, e então...

Ela parou de falar e olhou para o rosto pálido e muito jovem de Trueheart.

— Por Deus, Feeney. Ele é apenas um garoto.

## CAPÍTULO DEZESSETE

Eve irrompeu pelas portas da emergência do hospital logo atrás da maca e dos paramédicos, que falavam depressa demais. As palavras eram como bofetadas, fortes e ecoantes. Sob o jorro contínuo delas, Eve ouviu algo a respeito de lesão na coluna e hemorragia interna.

Ao chegarem a uma sala de exames, uma enfermeira enorme, com a pele brilhante como ébano encerado, contrastando com o azul-bebê de seu guarda-pó, bloqueou a passagem de Eve.

— Saia da frente, irmãzinha — bradou Eve. — É um dos meus homens que está aí dentro.

— Não, saia *você* da frente, irmã. — A enfermeira colocou uma das mãos enormes sobre o ombro de Eve. — Desse ponto em diante só é permitida a entrada da equipe médica. Você está com o rosto bem lanhado. Vá para a sala de atendimento n° 4. Alguém vai até lá para limpar isso.

— Pode deixar que eu mesma me limpo. Aquele garoto está sob minha responsabilidade. Sou a tenente dele.

— Pois bem, tenente, você vai ter que deixar os médicos fazerem o trabalho deles. — Ela pegou um bloco de notas. — Se quer ajudar, me informe os dados pessoais da vítima.

Eve afastou a enfermeira da frente com o cotovelo e foi até a abertura de observação da porta fechada, mas não tentou entrar. Nossa, como ela detestava hospitais! Ela os odiava! Tudo o que conseguiu ver foi um borrão de movimento, roupas cirúrgicas verdes para os médicos e azuis para as enfermeiras.

E Trueheart inconsciente sobre a mesa, debaixo de refletores potentes, enquanto a equipe trabalhava nele.

— Tenente. — A enfermeira se mostrou mais suave. — Vamos nos ajudar mutuamente. Nós duas queremos a mesma coisa. Me informe tudo o que puder sobre o paciente.

— Trueheart. Ah, meu Deus, qual é mesmo o primero nome dele, Peabody?

— Troy — informou Peabody, atrás de Eve. — O nome dele é Troy. Ele tem vinte e dois anos.

Eve simplesmente encostou a testa no vidro, fechou os olhos e relatou as causas dos ferimentos.

— Vamos cuidar bem dele — disse-lhe a enfermeira. — Agora, vá até a sala de atendimento n° 4. — Entrando, ela se mesclou à parede de roupas azuis e verdes.

— Peabody, encontre a família dele e peça a uns dois psicólogos para entrarem em contato com

ela.

— Sim, senhora. Feeney e McNab estão monitorando Stiles. Ele está na sala ao lado.

Mais macas entravam pela porta. Os feridos da Grand Central iam manter o setor de emergência ocupado pelo resto da noite com cortes, contusões e ossos quebrados.

— Vou informar o comandante sobre a situação. — Ela se afastou do vidro para poder fazer o relatório sem hesitação.

Quando acabou, assumiu sua posição ao lado das portas e ligou para casa.

— Roarke.

— Você está sangrando.

— Sim, eu... Estou no hospital.

— Onde? Que hospital?

— Roosevelt. Escute...

— Estou indo para aí.

— Não, espere um instante, eu estou bem. Um dos meus homens é que está ferido. Um menino — disse ela, quase desmontando. — Ele é apenas um garoto. Os médicos estão tentando salvá-lo. Eu preciso ficar aqui até... Preciso ficar.

— Já estou indo para aí — repetiu ele.

Eve começou a protestar, mas, por fim, simplesmente concordou com a cabeça.

— Está bem. Obrigada.

A enfermeira tornou a sair pelas portas duplas e olhou para Eve de cara feia.

— Por que você ainda não está na sala n° 4?

— Qual é o estado de Trueheart?

— Eles estão conseguindo estabilizá-lo e vão levá-lo para a cirurgia agora mesmo. Sala n° 6. Vou indicar uma sala de espera perto dali para você aguardar depois que for atendida.

— Quero um relatório completo sobre as condições dele.

— Vai ter o seu relatório, mas só depois de ser medicada.

A espera era o pior. Ela dava a Eve tempo demais para pensar, repassar a cena na cabeça, questionar detalhes. Descobrir todos os pequenos erros.

Ela não conseguia ficar sentada. Andou de um lado para outro, bebeu um pouco do café horrível e ficou olhando pela janela para a parede da ala ao lado.

— Ele é jovem e forte — disse Peabody, porque não agüentava mais ficar ali sem falar nada. — Isso é uma vantagem.

— Eu devia tê-lo mandado para casa. Devia tê-lo dispensado Não tinha nada que levar um novato para uma operação desse tipo.

— Você queria dar uma oportunidade a ele.

— Uma oportunidade? — Eve girou o corpo, e seus olhos estavam ferozes, brilhantes de emoção. — Eu coloquei a vida dele na linha de fogo, em uma situação para a qual ele não fora preparado. E ele foi atingido. Sou a responsável por isso.

— Claro que não! — O queixo de Peabody se levantou, em sinal de rebeldia. — Ele é um tira. Quando um tira veste o uniforme, tem que assumir o risco. Ele estava de serviço, e estar de serviço significa enfrentar a possibilidade de ser atingido no cumprimento do dever, todos os dias. Se eu tivesse ido pela esquerda, em vez de ir pela direita, teria feito exatamente o que Trueheart fez e estaria na cirurgia agora. E ficaria muito pau da vida se soubesse que você está aqui fora se recriminando por ações que tomei no desempenho de minhas funções.

— Peabody... — A voz de Eve falhou, ela balançou a cabeça e foi até a máquina de café.

— Muito bem. — Roarke chegou por trás e apertou o ombro de Peabody com carinho. — Você é uma joia rara, Peabody.

— Não foi culpa dela. Não agüento vê-la se recriminando desse jeito.

— Se ela não fizesse isso, não seria quem é.

— Sim, acho que tem razão. Vou ver se encontro McNab e descubro algo sobre o estado de Stiles. Talvez você a convença a dar uma volta para tomar um pouco de ar.

— Vou ver o que posso fazer.

Ele atravessou a sala, até onde Eve estava.

— Se você continuar tomando esse café, ficará com buracos tão grandes no estômago que vai dar para eu enfiar o punho dentro da sua barriga. Você está cansada, tenente. Sente-se um pouco.

— Não posso. — Eve se virou, observou que a sala estava vazia naquele momento e então se permitiu desabar. — Meu bom Deus — murmurou ela, com o rosto grudado no ombro de Roarke. — Trueheart riu como bobo quando eu lhe disse que ia levá-lo comigo. Achei que ele estava bem coberto, e então tudo deu errado. As pessoas se atropelavam, aos gritos. Não consegui passar por elas rápido o bastante. Não consegui chegar a tempo aonde ele estava.

Roarke a conhecia muito bem para não dizer nada e simplesmente a segurou até ela se acalmar.

— Preciso saber de alguma coisa. Você deve conhecer o pessoal deste hospital — disse Eve, afastandose dele. — Mexa alguns pauzinhos, por favor, e descubra o que está acontecendo naquela sala de cirurgia.

— Certo. — Ele pegou o copo reciclado da mão dela e o colocou de lado. — Sente-se por alguns minutos, enquanto eu mexo esses pauzinhos.

Ela tentou se sentar e conseguiu ficar quieta por quase um minuto, mas logo estava novamente em pé, a caminho da máquina de café. Ao se servir de mais um copo, uma mulher entrou na sala.

Era alta, magra e tinha os mesmos olhos inocentes de Trueheart.

— Desculpe-me. — Ela olhou em torno da sala e depois novamente para Eve. — Estou à procura da tenente Dallas.

— Eu sou a tenente Dallas.

— Oh, sim, eu já devia saber. Troy me falou muito a seu respeito. Sou Pauline Trueheart, mãe de Troy.

Eve esperava pânico, dor, raiva e queixas, mas, em vez disso, olhou sem expressão enquanto Pauline foi até onde ela estava e lhe estendeu a mão.

— Sra. Trueheart, eu lamento muitíssimo que o seu filho tenha sido atingido no cumprimento do dever. Gostaria que a senhora soubesse que ele desempenhou seu papel de forma exemplar.

— Ele ficaria muito feliz de ouvi-la dizer isso. Ele a admira muito, tenente. Na verdade, espero

não deixá-la sem graça, mas me parece que Troy nutre uma paixonite pela senhora.

Em vez de beber o café, Eve o colocou sobre a mesa.

— Sra. Trueheart, o seu filho estava sob o meu comando quando foi ferido.

— Sim, eu sei. Os psicólogos me explicaram tudo o que aconteceu. Também já conversei com a pessoa responsável pelo contato com parentes dos pacientes. Estão fazendo tudo o que podem para ajudá-lo. Ele ficará bem.

Ela sorriu e, ainda segurando a mão de Eve, encaminhou-a para a poltrona e completou:

— No fundo do meu coração, eu saberia se algo de mal estivesse para acontecer a ele. Troy é tudo o que eu tenho na vida.

Eve se sentou na mesinha, em frente à poltrona onde Pauline se instalara, e garantiu:

— Ele é jovem e forte.

— Ah, certamente, e é um guerreiro. Queria ser policial desde quando eu me lembro. Aquele uniforme significa muito para ele. Ele é um rapaz maravilhoso, tenente, sempre foi um motivo de alegria para mim. — Ela olhou para a porta. — Odeio imaginá-lo sofrendo.

— Sra. Trueheart... — Eve se remexeu, desconfortável, e tentou novamente. — Não creio que ele tenha sentido dor. Pelo menos, já estava inconsciente quando eu o alcancei.

— Isso é bom. Ajuda muito saber. Obrigada.

— Como pode me agradecer? Fui eu quem o colocou nessa situação.

— Claro que não! — Ela tomou novamente a mão de Eve. — A senhora deve ser uma excelente oficial para se importar tanto assim. Meu filho quer servir. Servir e proteger, não é esse o lema da polícia?

— Sim.

— Eu me preocupo. É sempre difícil para os que amam aqueles que servem e protegem, mas eu acredito em Troy. Plenamente. Tenho certeza de que a sua mãe diria a mesma coisa a seu respeito, tenente.

Eve se retraiu e tentou reprimir a fisgada de dor que sentiu no estômago.

— Eu não tenho mãe.

— Oh, desculpe. Bem... — Ela tocou a aliança de casada de Eve. — Alguém que a ama, então. Ele acredita na senhora.

— Sim. — Eve olhou para trás e encontrou os olhos de Roarke, que chegava de volta. — Acho que acredita.

— Sra. Trueheart. — Roarke se dirigiu a ela. — Acabei de ser informado de que o seu filho vai sair da cirurgia logo.

Eve sentiu um leve e rápido tremor nos dedos de Pauline.

— O senhor é médico?

— Não. Sou o marido da tenente Dallas.

— Oh. E eles lhe disseram qual... qual é o estado de Troy?

— Sua condição é estável. Eles estão muito animados. Uma pessoa da equipe cirúrgica vai conversar com a senhora daqui a pouco.

— Obrigada. Fui informada de que há uma capela neste andar. Acho que vou me sentar um pouco lá, até eles terem alguma notícia para mim. A senhora me parece muito cansada, tenente. Troy não se importaria se a senhora fosse para casa, a fim de descansar um pouco.

Quando Eve se viu a sós novamente com Roarke, apoiou os cotovelos nas coxas e pressionou a base das mãos contra os olhos.

— Conte-me o que você não quis contar a ela. Pode dizer tudo.

— O ferimento na coluna está causando preocupação aos médicos.

— Ele está paralisado?

— Eles esperam que isso seja temporário, devido ao inchaço. Se a coisa for mais séria, existem tratamentos com altos índices de sucesso, Eve.

— Ele precisa ser um tira. Você não pode conseguir um especialista?

— Já cuidei disso.

Eve se manteve na mesma posição e balançou o corpo um pouco.

— Estou lhe devendo uma...

— Não me insulte, Eve.

— Você viu a mãe dele? Viu o jeito dela? Como alguém pode ser tão forte, tão valente?

— Olhe no espelho. — Roarke segurou-a pelos pulsos e abaixou suas mãos.

— Ela é assim por causa do amor. — Eve balançou a cabeça. — A mãe de Troy vai fazer com que ele se recupere em segurança e feliz graças ao amor que sente por ele. No processo, acho que ela vai superar tudo também.

— Amor de mãe é uma força poderosa e imbatível.

Mais calma, ela flexionou os músculos doloridos dos ombros.

— Roarke, você alguma vez pensa nela? Na sua mãe?

Ele não respondeu de imediato e essa hesitação a fez franzir o cenho para ele.

— Eu ia dizer que não, por impulso — explicou ele —, mas a resposta é sim. Penso em minha mãe, de vez em quando. Pergunto a mim mesmo o que terá sido feito dela.

— E o porquê de ela ter abandonado você?

— Eu sei por que ela me abandonou. — A frieza voltou à sua voz e aos seus olhos, que se tornaram pontos de aço frio. — Não alimento nenhum interesse particular por ela.

— Eu não sei por que a minha mãe me abandonou. Acho que é pior assim, não saber o motivo. Não lembrar. — Eve bufou com força, chateada consigo mesma. — Um exercício inútil de especulação. Acho que isso é por eu estar com mães na cabeça. Preciso conversar com Carly a respeito da mãe dela.

Eve se levantou e tentou empurrar a fadiga para algum canto afastado do cérebro.

— Preciso verificar o estado de Stiles e interrogá-lo, caso esteja consciente. Também tenho que ir até a Central para apresentar meu relatório. Tenho uma reunião com o comandante bem cedo, pela manhã.

Roarke também se levantou. O rosto de Eve estava pálido e seus olhos exibiam olheiras profundas. Os cortes e arranhões em seu rosto mais pareciam medalhas de honra.

— Você precisa dormir — disse Roarke.

— Vou tirar um cochilo quando chegar à Central. De qualquer modo, do jeito que as coisas estão,

devo ficar presa por aqui mais algumas horas. Vou tirar um tempinho para mim, quando houver chance.

— Então, quando houver chance, vamos tirar alguns dias de folga, nós dois. Você precisa tomar um pouco de sol.

— Vou pensar no assunto. — Como estavam a sós, ela se inclinou e o beijou.

Às sete e dez da manhã, Eve já estava na sala de Whitney. Ele recebera o relatório dela impresso e em disco, e agora ouvia a atualização, feita oralmente.

— O médico que acompanha Stiles estima que só depois de meio-dia ele vai poder ser interrogado. No momento, está sedado. Sua condição é estável. O policial Trueheart permanece em situação crítica. As extremidades dos seus membros inferiores ainda não respondem a estímulos físicos e até agora ele não voltou a si. Gostaria de recomendar uma menção elogiosa ao policial Trueheart, por sua conduta. Sua ação rápida, sem preocupações com a própria segurança, foi diretamente responsável pela prisão do suspeito. Os ferimentos sofridos por ele durante a operação não foram devidos a nenhuma negligência por parte dele, são todos culpa minha.

— Vejo que foi isso que você afirmou em seu relatório escrito. Discordo de sua análise.

— Senhor, o policial Trueheart demonstrou coragem e pensamento claro e objetivo, mesmo sob circunstâncias difíceis e perigosas.

— Não duvido disso, tenente. — Ele se recostou na cadeira. — Você demonstrou admirável controle, tanto no relatório escrito quanto no oral. Está pensando em discutir os problemas da operação pessoalmente com a capitã Stuart? Porque, se estiver, devo lhe dar uma ordem direta para que não entre em contato com ela, tenente. Ela está, neste exato momento, sendo severamente repreendida pelos seus superiores. Você não acha que isso é o bastante?— perguntou ele, depois de um minuto de significativo silêncio.

— Não cabe a mim dizer.

— Você exibe um controle admirável, tenente — repetiu. — A capitã Stuart estragou toda a operação. Devido ao desprezo demonstrado pela sua autoridade, tenente, pelas suas ordens, por toda a cadeia de comando e pelo bom senso, ela se tornou responsável por dezenas de civis feridos, milhares de dólares em danos materiais, além de ter oferecido ao suspeito a oportunidade de escapar e, por fim, é a grande culpada por um dos meus homens estar no hospital.

Ele se inclinou para a frente e disse entre dentes:

— Você acha que eu não estou furioso por tudo isso?

— Mas o senhor exibe um controle admirável, comandante.

Ele emitiu um som curto, explosivo, que poderia ser descrito como uma gargalhada.

— Você avisou à capitã Stuart que era você que estava no comando da operação, que já havia chegado ao local com seus homens, que tinha tudo sob controle e que todas as armas deveriam ficar ajustadas para atordoamento leve, e não poderiam ser usadas a não ser em circunstâncias extremas?

— Sim, senhor, avisei.

— Então a capitã Stuart vai ter que responder por tudo, eu lhe prometo. Ela terá sorte se conseguir uma vaga no controle de sistemas, quando a investigação interna tiver terminado. Você deve se contentar com isso.

— Trueheart tem só vinte e dois anos. — Aquilo pesava no coração de Eve como uma peDra.

— Estou ciente disso. Sei também o quanto você sofre quando um dos seus homens é abatido. Agüente firme, tenente, e faça o seu trabalho. Sente-se.

Quando ela obedeceu, ele colocou o relatório de lado.

— Quando foi a última vez que você dormiu?

— Estou bem.

— Assim que acabarmos de conversar, quero que durma por duas horas, tenente. Isto é uma ordem. Anja Carvell — quis saber ele. — Você a considera um elemento essencial neste caso?

— Ela é uma ponta solta. Considero qualquer ponta solta um elemento essencial.

— E quanto às supostas ligações dela com Kenneth Stiles e Richard Draco?

— O número de conexões cruzadas neste caso resulta em vários triângulos que não devem ser ignorados. Parece que Stiles armou o assassinato de Draco e, por conseguinte, o de Linus Quim. Entretanto, existem várias outras pessoas com iguais motivos e oportunidades. Não está comprovado que foi Stiles quem agiu aqui, e tem mais... talvez ele nem mesmo tenha agido sozinho. Antes de ir procurá-lo, eu estava prestes a requisitar um mandado judicial para quebrar o lacre do arquivo de adoção de Carly Landsdowne.

— Durma as suas duas horas e depois tente conseguir esse mandado com o juiz Levinsky. A maioria dos juizes se mostra relutante em liberar o acesso a arquivos em casos de adoção. Talvez ele seja a sua melhor opção, especialmente se você o pegar logo depois do desjejum.

Ela pretendia seguir as ordens que recebera. Achar uma superfície plana e se deitar sobre ela poderia ajudar a manter-lhe a mente alerta e clara.

Eve fechou a porta de sua sala, trancou-a e depois simplesmente se estendeu no chão. Antes mesmo de ter chance de fechar os olhos, seu *tele-link p*essoal tocou.

— O que foi? — atendeu ela.

— Bom dia, tenente.

— Não venha me encher o saco — resmungou ela e usou a mão como travesseiro. — Como pode ver, estou deitada, descansando.

— Ótimo. — Roarke analisou o rosto dela. — Embora eu ache que você estaria melhor em uma cama do que no chão da sua sala.

— Você sempre sabe de tudo?

— Sei de tudo que se refere a você. Aliás, esse foi o motivo de eu ter ligado. Esqueci de lhe passar algumas informações, na noite passada. Descobri o nome da mãe verdadeira de Carly Landsdowne, no arquivo lacrado.

— Do que você está falando? Eu lhe disse para não mexer nisso.

— Desobedeci às suas ordens. Mal posso esperar pela punição, mais tarde. O nome é Anja Carvell. Ela deu à luz em uma clínica obstétrica particular na Suíça. A adoção foi antecipadamente preparada e devidamente legalizada. Ela teve as vinte e quatro horas obrigatórias para mudar de idéia, depois que a criança nasceu, mas manteve a decisão e assinou os papéis definitivos. Ela apontou o pai como Richard Draco e incluiu, conforme exigia a lei, um documento juramentado no qual constava que ele havia sido informado da gravidez, da decisão da mãe de levar a gravidez a termo e dos procedimentos de adoção. As informações foram verificadas oficialmente por decisão voluntária da mãe.

— Ele foi notificado do nascimento da criança?

— Sim. O arquivo está completo e é tão eficiente quanto seria de esperar dos suíços. Ele soube que tinha uma filha. Os testes de DNA obrigatórios provaram que Draco era o pai. Ele não fez

objeções à adoção.

Eve se virou de costas e deixou as informações serem absorvidas bem devagar por sua mente.

— Os pais adotivos têm direito a obter todas as informações, com exceção dos nomes dos pais verdadeiros. Geralmente recebem os históricos médicos dos pais da criança, informações culturais, étnicas e intelectuais, além das habilidades artísticas e técnicas. São informados de tudo isso para que tenham um quadro bem claro. A criança adotada também tem direito a todos esses dados, se solicitá-los, incluindo os nomes dos seus pais verdadeiros.

— Não encontrei nenhuma requisição desses dados por parte da adotada — informou Roarke.

— Há outros meios de obtê-los. Carly poderia saber de tudo. Talvez tenha ligado os pontinhos e suspeitado que Draco era seu pai. Existem semelhanças físicas marcantes entre eles, se você prestar atenção. Do quanto ela tinha ciência?

— Você vai descobrir mais tarde. Durma um pouco.

— Certo. Lembre-me de dar umas porradas em você por essa violação eletrônica.

— Oba, já estou excitado.

Eve acabou dormindo, pensando em pais e filhas, mentiras e assassinato.

Acordou com o velho pesadelo rugindo em sua garganta, toda banhada em suor e com a cabeça latejando e martelando.

Virou de lado e se colocou de quatro no chão, tentando vencer a náusea. Levou vários segundos para perceber que nem todas as marteladas que ouvia aconteciam dentro de sua cabeça. Muitas delas vinham da sua porta.

— Tá legal. Agüente um pouco. Droga! — Ela se levantou, tentando se equilibrar sobre os tornozelos e se forçando a respirar fundo. Em seguida, apoiou-se na mesa até sentir que as pernas estavam novamente firmes.

Destrancando a porta, escancarou-a de repente.

— Que foi?

— Você não atendeu o *tele-link* — disse Peabody, falando depressa. Seu rosto ainda estava corado do vento cortante da manhã. — Eu vim... Você está bem? Parece... — *Assombrada por algum fantasma,* pensou ela, mas seguiu o instinto e logo consertou a frase: —... meio desligada.

— Estava dormindo.

— Puxa, desculpe. — Peabody desabotoou o casacão. Em sua mais recente tentativa de perder peso, ela resolvera saltar do metrô a cinco quarteirões da Central e completar o caminho a pé. O inverno decidira fazer uma apresentação extra naquela manhã. — Quando eu entrei, vi o comandante saindo. Ele foi para o hospital.

— Trueheart? — Eve agarrou o braço de Peabody com força. — Nós o perdemos?

— Não. Ele está consciente. O comandante me disse que ele voltou a si faz vinte minutos, e a melhor parte da notícia é que ele está respondendo aos estímulos neurológicos. Não há paralisia e eles o colocaram em observação.

— Certo. — O alívio cobriu Eve com suas asas largas. — Que bom! Vamos dar uma passada lá para lhe fazer uma visitinha, antes de interrogar Stiles.

— O pessoal está fazendo uma vaquinha para lhe mandar flores. Todo mundo gosta de Trueheart.

— Tudo bem, espere um pouco, até eu acordar de vez. — Eve se sentou à mesa. — Pegue um pouco de café para mim, sim? Ainda estou meio grogue.

— Você nem foi dormir em casa, foi? Quando me dispensou, disse que estava indo para casa.

— Eu menti. Café! Consegui informações de uma fonte anônima. Vamos ter que interrogar Carly Landsdowne mais uma vez.

Peabody fungou e foi até o AutoChef.

— Imagino que a sua auxiliar não deva perguntar o nome da fonte, certo?

— Minha auxiliar deve pegar café para mim antes que eu lhe morda a jugular.

— Já tô pegando! — resmungou Peabody. — Por que novamente Carly, a essa altura da investigação?

— Acabei de descobrir que Richard Draco era pai dela.

— Mas eles eram... — Um monte de emoções desfilou pelo rosto de Peabody. — Caraca, que horror!

— Nem me fale. — Eve pegou o café. — Quero que você faça uma requisição formal ao juiz Levinsky solicitando acesso a dados de adoção que estão judicialmente lacrados. Temos que

seguir os meios oficiais. Enquanto isso... — Ela parou ao ouvir o *tele-link* tocar.

— Divisão de Homicídios, aqui fala a tenente Dallas.

— Tenente Eve Dallas?

— Isso mesmo. — Eve analisou o rosto da mulher na tela.

— Tenente Dallas, meu nome é Anja Carvell. Gostaria de conversar com a senhora a respeito de um assunto muito importante, o mais rápido possível.

— Estou à sua procura, sra. Carvell.

— Imaginei que estivesse. Seria possível a senhora vir me ver no meu hotel? Estou no Palace.

— Um lugar muito popular. Estarei aí em vinte minutos.

— Obrigada. Acho que poderei lhe esclarecer alguns pontos importantes.

— Puxa! — Peabody se serviu de uma caneca de café quando Eve desligou. — Nós aqui, procurando por essa mulher em toda parte, e de repente ela cai bem no nosso colo.

— Sim, uma coincidência interessante. — Eve se levantou da mesa. — Não gosto de coincidências.

PARA SER ABERTO NO CASO DA MINHA MORTE

*Sim, tudo correu com muita classe e um toque dramático. Ninguém gosta de perder o estilo, mesmo sob pressão.*

*Especialmente sob pressão. Os comprimidos estão ao meu alcance, caso seja necessário. São um último recurso, é claro, mas seu efeito será rápido e suave.*

*"Não te entregues com doçura à noite acolhedora."*[3] *Ora, mas que diabos ele poderia saber sobre isso? Se a escolha for entre a morte e a prisão, eu prefiro a morte.*

*A vida é uma série de escolhas. Cada uma delas se desdobra na seguinte, e a realidade muda. A existência nunca é um caminho reto, a não ser quando não há alegrias nem pesares. Prefiro a estrada que segue sem se saber para onde. Fiz minhas escolhas. Para melhor ou para pior, elas foram decisões minhas. Assumo toda a responsabilidade pelos resultados dessas escolhas.*

*Mesmo no caso de Richard Draco. Ou melhor, especialmente Richard Draco. A vida dele não foi uma série de escolhas, e sim uma seqüência de atos cruéis, pequenos e grandes. Todas as pessoas cuja vida ele tocou foram prejudicadas, de algum modo. A morte dele não me pesa na consciência. O que ele fez de forma fria, deliberada e cruel merecia ter um fim.*

*Desejaria apenas que tivesse havido dor, grandes ondas de dor, a carga imensa da compreensão, do medo e do pesar no último instante antes de a faca penetrar seu coração.*

*Porém, ao planejar a sua execução eu também tinha a auto-preservação em mente. Imagino que ainda tenha.*

*Se tivesse a oportunidade de fazer tudo de novo, não mudaria nada. Não sentirei remorso por ter livrado o mundo de um verme.*

*Sinto um certo pesar por induzir Linus Quim à própria morte. Aquilo foi necessário e Deus sabe que ele era um homenzinho horrendo e de coração frio. Minha opção seria comprar o seu silêncio, mas a chantagem é uma espécie de doença, não é? Depois que o corpo fica infectado, ela se alastra e provoca recaídas em momentos inoportunos. Por que arriscar?*

*Mesmo assim, não me foi prazeroso planejar a sua morte. Tive até de tomar remédios para os nervos e para a ansiedade. Porém, me certifiquei de que ele não sentiu dor alguma, nem medo, e morreu com a ilusão do prazer.*

*Imagino, no entanto, que isso não anula o fato de eu ter tirado a vida de outro ser humano.*

*Achei que estava usando de muita esperteza ao fazer o assassinato de Richard acontecer na frente de tanta gente, sabendo que cada um à sua volta tinha motivos para desejar-lhe mal. Senti uma emoção indescritível na idéia de colocar uma arma real na mão da personagem Christine Vole, no instante em que ela esfaqueia o coração miserável e sombrio de Leonard Vole. Foi maravilhosamente apropriado.*

*Arrependo-me e peço desculpas por ter causado a meus amigos e colegas tanta angústia, e também por tê-los colocado, ainda que por um curto espaço de tempo, sob qualquer tipo de suspeita. Foi tolice minha acreditar que as coisas nunca chegariam tão longe.*

*Ninguém, eu me dizia, se importava com Richard. Sua morte não seria lamentada por ninguém e haveria apenas lágrimas de crocodilo sobre rostos pálidos para o público apreciar.*

*Mas eu calculei mal. A tenente Dallas se importa. Bem, talvez não por Richard. A essa altura ela já desenterrou tantos podres dele que isso deve tê-la enojado. Mas ela se preocupa com a lei. Para ela, talvez seja uma espécie de religião defender as pessoas assassinadas.*

*Percebi isso logo de cara, ao olhar para os seus olhos. Afinal de contas, passei toda a minha vida observando as pessoas, analisando-as e imitando-as.*

*Por fim, fiz o que me propusera fazer e o que acredito de todo coração que precisava ser feito. Consertei, talvez de forma impiedosa, erros incalculáveis do passado.*

*Não terá isso o nome de justiça?*

[3] Citação de um famoso verso de Dylan Thomas, considerado um dos maiores poetas do século 20. (N. T.)

## CAPÍTULO DEZOITO

Anja Carvell era linda, com o tipo de corpo curvilíneo pelo qual as mulheres suam muito na academia ou pagam caro para obter. E pelo qual os homens se apaixonam. Sua boca era cheia, sensual, pintada em um tom brilhante de cobre. A pele exibia a delicadeza de um pó dourado, de modo que o ruivo-escuro de seus cabelos e os olhos castanhos faziam-na parecer uma chama prestes a se avivar.

Ela lançou um olhar longo e firme para Eve, em seguida desviou o olhar rapidamente para Peabody. Por fim, deu um passo atrás, abrindo a porta da sua modesta suíte

— Obrigada por vir tão depressa, tenente. Só depois de desligar é que me ocorreu que eu é que deveria ter me oferecido para ir ao seu encontro.

— Não há problema.

— Bem, espero que a senhora me desculpe por eu não conhecer o procedimento correto para assuntos dessa natureza. Minha experiência com os profissionais da sua área é muito limitada. Pedi um bule de chocolate quente para nós.

Ela apontou para a sala de estar, onde um bule branco e duas xícaras no mesmo material haviam sido colocados sobre uma mesa baixa, diante dos estofados.

— As senhoras me acompanham? Está tão frio e escuro lá fora. Posso pedir mais uma xícara para a sua assistente.

— Não se preocupe. — Eve ouviu o suspiro suave que Peabody soltou atrás dela, mas o ignorou. — Devemos ir em frente, sra. Carvell.

— Nesse caso, poderíamos nos sentar?

Anja as levou até o sofá, alisou sua saia longa em tom de bronze e pegou o bule. Uma música suave enchia o ar, algo que parecia um trinado de aves ao som de um piano. Um vaso baixo com rosas centifolia estava ao lado do abajur. Sua fragrância e o aroma que vinha da mulher perfumavam o ambiente.

Aquele era um cenário, pensou Eve, muito bonito e civilizado.

— Só vim para Nova York ontem à noite — começou Anja. — Já me esquecera do quanto aprecio a cidade, o frenesi e a energia dela. Seu calor, enfim, mesmo em um inverno interminável como este. Vocês, americanos, preenchem todos os espaços que existem e ainda conseguem encontrar mais.

— De onde a senhora veio?

— Montreal. — Ela tomou o chocolate e balançou a xícara com a mesma delicadeza feminina que Eve tanto admirava em Mira. — Tenente, receio que Kenneth não tenha falado toda a verdade ao conversar com a senhora. Espero que não o culpe por isso. Ele pensou em me proteger.

— Sra. Carvell, preciso da sua permissão para gravar esta conversa.

— Ah. — Depois de piscar, meio sem graça, Anja concordou com a cabeça. — Sim, é claro. Imagino que tudo isto deva ser feito oficialmente.

— Ligar o gravador, Peabody. — Enquanto Eve recitava o texto padrão que falava dos direitos e deveres do interrogado, os olhos de Anja se arregalaram de surpresa para em seguida se enternecerem, exibindo um leve contentamento.

— Sou suspeita, então?

— É o procedimento. E é pra sua proteção. A senhora compreendeu os seus direitos e obrigações?

— Sim, a senhora foi bem clara.

— Sra. Carvell, por que a senhora veio de Montreal para Nova York ontem?

— Kenneth... Kenneth Stiles entrou em contato comigo. Precisava me ver. Parecia agitado e ansioso. Ele me disse que a senhora acha que ele matou Richard Draco. Tenente Dallas, tal coisa não é possível.

— Por quê?

— Kenneth é um homem bom e gentil.

— Sim, do tipo que colocou Richard Draco sobre a cama de um hospital, vinte e quatro anos atrás, depois de agredi-lo com violência.

Anja estalou a língua com impaciência, e sua xícara fez barulho ao ser colocada sobre o pires.

— Precipitação da juventude, tenente. Será que um homem deve ser perseguido por um ato tolo cometido há tanto tempo? Um ato cometido em nome do amor, por pura preocupação?

— Tudo o que fazemos na vida nos persegue, sra. Carvell.

— Não acredito nisso. Sou a prova de que uma vida pode ser modificada pela força de vontade. — Sua mão se fechou por um momento e seu punho cerrado pareceu representar essa força. — Tenente Dallas, quando vi Kenneth, ontem à noite, ele me pareceu assustado e angustiado. Posso lhe assegurar que ele nunca teria me ligado se tivesse realmente feito o que a senhora afirma.

— Quando a senhora o viu ontem à noite?

— Por volta das oito horas. Nos encontramos em um bar discreto. Acho que o nome do lugar é Alley Cat.

— Sim, conheço o local.

— Conversamos, enquanto tomávamos alguns drinques. Foi quando ele me disse que lhe informou o meu nome e que a senhora iria me procurar para saber detalhes de meu antigo relacionamento com Richard Draco.

Seu sorriso desabrochou de forma tão maravilhosa quanto as rosas ao seu lado.

— Ele queria me alertar, tenente, para que eu pudesse me esconder. Queria me poupar do desconforto de um encontro como este. Eu o acalmei da melhor maneira que consegui e lhe disse que conversaria com a senhora.

— Ele não tornou a procurá-la?

— Não. Pretendo ligar para ele assim que acabarmos esta conversa, pois quero tranqüilizá-lo e avisá-lo de que a senhora já não acredita que ele possa ter feito uma coisa daquela natureza.

— Kenneth Stiles ..tentou escapar da cidade na noite de ontem. — Eve observou Anja atentamente enquanto falava. — Ao ser detido, fugiu e foi ferido durante a perseguição.

— Não. Não, não. — A mão de Anja se esticou e agarrou o pulso de Eve. — Ferido? É muito grave? Para onde o levaram?

— Ele está no hospital. Seu quadro é estável. Os médicos acham que sua recuperação vai ser completa. Por que, sra. Carvell, um homem inocente tentaria fugir?

Ela largou o pulso de Eve, levantou-se e caminhou até a janela protegida pela tela de privacidade. Sua mão tocou os lábios, como se para segurar as palavras que ia dizer, mas, por fim, baixou para brincar com o botão de cima de seu vestido. Quando tornou a falar, sua voz já não parecia tão tranqüila e firme.

— Oh, Kenneth. Talvez tenha razão, tenente. Talvez o que fazemos nos assombre pelo resto da vida. Ele fez isso por mim, entende? Exatamente como antes. — Ela se virou e ficou em pé,

emoldurada pelo céu pesado. Ficou com os olhos cheios d'água, muito brilhantes, mas suas lágrimas não escorreram. — Vão me permitir visitá-lo?

— Possivelmente. Sra. Carvell, Kenneth Stiles sabia que a senhora estava grávida, deu à luz o bebê que esperava e cujo pai era Richard Draco?

Anja jogou a cabeça para trás como se tivesse sido golpeada pelo punho de Eve, mas não por suas palavras. Deu uma risada trêmula. Então, recompondo-se, voltou a se sentar.

— Vejo que a senhora é muito meticulosa, tenente. Sim, Kenneth sabia. Ele me ajudou a superar um problema muito difícil.

— E por acaso ele sabe que Carly Landsdowne é aquela criança?

— Ele não saberia o nome pelo qual seus pais adotivos a batizaram. Os registros foram lacrados. Eu não disse a ninguém, a não ser ao advogado que enviou os documentos para onde a criança foi levada e os entregou a quem a adotou. Este é o motivo de os registros ficarem lacrados, tenente. Mas o que esta menina... menina, não, pois ela já deve ser uma jovem mulher agora... tem a ver com esse assunto?

— A senhora nunca teve contato com Carly Landsdowne?

— E por que teria? Ah, percebo... A senhora deve estar me achando mentirosa e desumana.

Anja tornou a encher a sua xícara de chocolate, mas não bebeu. Seu único sinal de aflição eram os dedos inquietos em torno da garganta.

— Não me considero nem uma coisa nem outra — disse ela, depois de um momento. — Eu me vi grávida. Era muito jovem, estava muito apaixonada ou pelo menos via aquilo como amor. Entreguei-me a Richard Draco. Ele foi o primeiro. Adorava ter sido o primeiro. Não fui tão cuidadosa com o controle de natalidade quanto deveria ter sido.

Ela encolheu os ombros de leve e se recostou na poltrona.

— Como eu era jovem demais e estava apaixonada, assim que soube que carregava em meu ventre um filho de Richard, fiquei muito empolgada, arrebatada pela idéia romântica de que ele iria se casar comigo. Ele logo tratou de transformar aquela empolgação em desespero. Não houve nenhum acesso de raiva, nenhuma briga passional e certamente nenhuma das palavras gentis e promessas que eu imaginei que ele fosse me dizer e fazer. Em vez disso, ele olhou para mim com desinteresse e um leve ar de aborrecimento.

Os olhos dela endureceram, e sua mão caiu-lhe novamente sobre o colo.

— Nunca esquecerei a forma como ele me olhou. Ele me disse que aquele problema era meu e, se eu esperava que ele ainda por cima pagasse pelo aborto, estava muito enganada. Chorei muito, é claro, e implorei. Ele me chamou de nomes muito pesados, alegou que o meu desempenho na cama era medíocre e que já estava de saco cheio de mim. Deixou-me ali onde eu estava, chorando.

Ela tomou mais um gole do chocolate, sem parecer atormentada.

— Espero que a senhora consiga compreender o porquê de eu, naturalmente, não lamentar a morte dele. Richard foi, certamente, o homem mais detestável que eu conheci em toda a minha vida. Infelizmente, naquela ocasião, eu não percebia isso com tanta clareza. Sabia que ele não era perfeito — continuou ela —, mas tinha o cego e maravilhoso otimismo da juventude e acreditava, até o momento em que ele me desprezou, que conseguiria modificá-lo.

— Mas logo deixou de acreditar nisso.

— Ah, certamente. Deixei de acreditar que conseguiria mudar Richard Draco. Mas também achei que não conseguiria viver sem ele, e me vi muito assustada. Acabara de completar dezoito anos, estava grávida e sozinha. Tinha muitos sonhos de me tornar uma grande atriz, e todos eles foram despedaçados. Como poderia ir em frente?

Ela parou por um momento, como que olhando para o passado.

— Somos tão dramáticos aos dezoito anos. A senhora se lembra de quando tinha dezoito anos, tenente Dallas? Lembra como acreditava, de algum modo, que tudo era importante, vital, e que o mundo, é claro, girava à sua volta? Pois é...

Ela tomou a encolher os ombros.

— Tentei dar fim à minha vida. Não tive sucesso, graças a Deus, embora tivesse conseguido, se Kenneth não tivesse aparecido. Teria morrido se ele não tivesse me impedido e saído para buscar ajuda.

— Mas mesmo assim a senhora não fez o aborto.

— Não. Tive tempo para refletir e me acalmar. Não pensei na criança quando cortei os pulsos, só em mim. Pareceu-me, então, que me fora dada uma nova chance na vida e que a única forma de sobreviver a tudo aquilo era respeitar o direito à vida que a criança dentro de mim possuía. Não teria conseguido nada disso sem Kenneth.

Ela moveu os olhos muito expressivos e os fixou nos de Eve.

— Kenneth salvou a minha vida, e também a da criança. Ele me ajudou a encontrar uma clínica

na Suíça e um advogado especializado em adoções. Ele me deu dinheiro e foi um ombro amigo.

— Ele é apaixonado pela senhora.

— Sim. — Ela concordou de forma simples e triste. — Minha maior tristeza é não conseguir na ocasião, como não consigo até hoje, corresponder a esse amor da forma que ele merece. A agressão que Kenneth promoveu contra Richard, há tantos anos, foi um equívoco. Um equívoco, por sinal, que lhe custou caro.

— E depois que a senhora entregou a criança para adoção?

— Prossegui com a minha vida. Nunca mais sonhei em me tornar uma atriz. Já não tinha mais motivação para isso.

— Como mãe biológica, a senhora tem o direito de fazer consultas periódicas sobre a criança que entregou para adoção.

— Nunca procurei saber. Fiz o que era melhor para ela e para mim. A menina já não era minha. Que interesse poderíamos ter uma pela outra?

— Ela tinha interesse por Richard Draco. Carly Landsdowne estava no palco na noite em que ele foi assassinado.

— É mesmo? — Surpresa e um ar pensativo surgiram em seu rosto. — Ela é atriz? Aqui em Nova York? Ora, mas a vida é mesmo cheia de círculos dentro de círculos. E ela atuava na mesma peça em que Richard e Kenneth estavam trabalhando? Que estranho. Isso é um fato interessante.

Eve esperou e observou-a com atenção.

— A senhora não quer saber nada a respeito dela?

— Tenente, quer que eu simule a existência de alguma ligação ou laço espiritual? A sua Carly Landsdowne é uma estranha para mim. Desejo-lhe tudo de bom, é claro, mas a ligação que existiu entre nós, além de tênue e temporária, rompeu-se há muitos anos. Minha única ligação com o passado é Kenneth.

— A senhora conhece Areena Mansfield?

— Eu a conheci de vista, sim. Ela já era uma atriz muito promissora naquela época. E construiu uma bela carreira, não é verdade? Richard deve tê-la usado também, em algum momento do passado. Por que pergunta?

— Ela também estava no elenco. E Natalie Brooks?

— Natalie Brooks? — Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. — Aí está um nome que eu não ouvia há muitos anos. Sim, eu me lembro que ela desempenhava um pequeno papel na peça em que Richard trabalhava quando ainda éramos amantes. Era muito jovem também. Linda e ingênua, uma típica menina do interior. Claro que se tornou uma presa fácil. Ele a seduziu, depois de me abandonar. Talvez até mesmo antes, é difícil saber. Ela também estava no elenco dessa peça?

— Não, mas o filho dela era o ator substituto de Draco.

— Fascinante. — Os olhos dela brilharam de diversão. — Por favor, a senhora poderia me dizer quem mais estava na peça?

— Eliza Rothchild.

— Ah, mas claro! Uma mulher encantadora. Exibia muita dignidade, era uma pessoa mordaz. Não tolerava Richard. Certamente não era o tipo dele, e sabia disso. Richard não se dava ao trabalho de disfarçar esse fato. Sim, tudo isso é fascinante. Tantos fantasmas do passado se movendo como sombras em um palco. E Richard no centro de tudo; aliás, onde ele sempre gostava de estar.

"Já não acompanho o mundo teatral, tenente, mas se soubesse dessa peça e desse elenco teria comprado um ingresso. Sim, certamente pagaria para ver aquela que foi a apresentação final de Richard."

— A senhora não teve contato com nenhuma dessas pessoas nos últimos vinte e quatro anos?

— Com exceção de Kenneth, como eu já lhe disse, não, não tive. Sei que Kenneth lhe disse que não me viu, não teve contato comigo ao longo dos anos e não sabia onde eu estava. Ele não mentiu por si mesmo, mas por mim. Agora que a senhora me contou de todas as pessoas que estão envolvidas nesse caso, fica ainda mais claro por que ele fez isso. Provavelmente ficaria preocupado com a possibilidade de esses fantasmas todos me assombrarem. Pois eu lhe asseguro, tenente, como também vou fazer com ele, que nenhum deles me assusta.

— Ele lhe contou que Richard Draco e Carly Landsdowne foram amantes?

A xícara parou em pleno ar antes de alcançar os lábios de Anja. Com os olhos fixos em Eve, ela a abaixou devagar e a colocou sobre a mesa.

— O que quer dizer, tenente?

— Que o seu antigo amante e a filha que vocês tiveram eram íntimos. Tiveram um envolvimento

sexual que terminou pouco antes da morte dele.

— Santa mãe de Deus! — Anja apertou os olhos com força. — Será que esse é o castigo por um pequeno pecado cometido tantos anos atrás? Agora a senhora conseguiu me abalar, tenente. — Ela tornou a abrir os olhos e eles pareceram duros e brilhantes. — Se esse era o seu objetivo, a senhora teve êxito. Certamente nenhum dos dois sabia disso.

Ela se levantou, caminhou pela sala e perguntou:

— Ela é jovem. É também atraente? — perguntou Anja, olhando de volta para Eve.

— Sim. Muito atraente.

— Ele deve ter tido dificuldades para resistir a ela. Nem veria motivos para fazê-lo. Além do mais, sempre teve o poder de atrair mulheres para a sua cama.

— Ela é que pode tê-lo atraído, sabendo o que fazia.

— Mas que mulher escolhe dormir com o próprio pai? — reagiu Anja. Suas mãos formaram punhos, e o corpo estremeceu quando ela se virou. — Como ela poderia saber? Os registros foram lacrados.

— Lacres podem ser quebrados — disse Eve, com a voz branda. — Qualquer uma das pessoas envolvidas pode pedir para ver os registros. Talvez ela estivesse curiosa em conhecer sua origem.

— Mas eu teria sido informada, caso uma requisição nesse sentido tivesse sido feita e atendida. É a lei.

— Leis podem ser quebradas. Por isso eu tenho trabalho. Pode ser que o próprio Draco tenha aberto os registros.

Ao ouvir isso, Anja simplesmente riu, um riso frio e entrecortado.

— Com que finalidade? — quis saber ela. — Ele não demonstrou interesse nenhum pelo assunto, no passado. É pouco provável que lembrasse que tinha uma filha, depois de todos esses anos.

— Eles eram fisicamente parecidos, sra. Carvell. Ela tem a mesma cor de pele dele e o mesmo formato dos olhos e do queixo.

— Então... — Ela respirou fundo, concordou com a cabeça e se forçou a sentar novamente. — Pode ser que ele tenha olhado para ela e visto a si mesmo. Pode ter acontecido isso — murmurou, remexendo outra vez no botão da blusa. — Pode ter acontecido. Ele pode tê-la levado para a cama por alguma compulsão narcisista. Não saberia dizer, não tenho como saber. Richard

se tornou um completo estranho para mim, tanto quanto a jovem de quem a senhora fala. Eu não os conheço.

— Kenneth Stiles conhecia.

Eve percebeu o ar de compreensão e horror brotar no rosto de Anja. Suas faces ficaram vermelhas e em seguida perderam novamente a cor.

— Não. Não importa o que ele soubesse ou suspeitasse, jamais teria transformado isso em assassinato. Eu lhe garanto que a violência de vinte e quatro anos atrás foi um impulso, uma raiva momentânea. A senhora disse que o caso deles terminara antes de Richard ser morto. Kenneth não guardaria essa violência dentro de si. Ele não a conservaria por tanto tempo.

— Talvez não. Pelo menos, sem ajuda externa. Onde a senhora estava na noite de 25 de março?

— Ah... entendo. Entendo — repetiu ela, com suavidade, cruzando as mãos no colo. — Eu estava em casa. Sozinha.

— A senhora não viu nem falou com ninguém, naquela noite?

— Não que eu me lembre. Não me ocorre nada que possa servir de prova de que eu estava onde afirmo ter estado.

— E a sua família, sra. Carvell?

— Não tenho ninguém. Posso apenas jurar para a senhora que não viajei de Montreal para Nova York, nem tramei o assassinato de Richard Draco. — Ela se levantou. — Tenente, creio que, devido ao ponto a que chegamos, gostaria de consultar um advogado. Não tenho mais nada a declarar sobre qualquer desses assuntos, até ter feito essa consulta.

— É um direito seu. Obrigada pela sua cooperação. Desligar o gravador, Peabody.

— Será que a senhora poderia me informar em que hospital Kenneth está internado? Gostaria de entrar em contato com o seu médico para saber do seu estado.

— Ele está no Roosevelt. — Eve se levantou. — O seu advogado, quando a senhora contratar um, poderá me encontrar na Central de Polícia.

— Muito bem. — Anja foi até a porta e a abriu. — Tenha um bom dia, tenente. — Ela disse isso baixinho, fechou a porta e passou a tranca.

Então, cobrindo o rosto com as mãos, permitiu-se chorar.

* * *

— Suas impressões, Peabody.

— Ela é fria, sofisticada, com muita autoconfiança. Acredita que Stiles é inocente ou então está determinada a protegê-lo. Sua preocupação com ele me pareceu genuína. Em compensação, não demonstrou muito interesse por Carly.

— E deveria? — perguntou Eve, franzindo o cenho ao sentar atrás do volante.

— Bem, a mim parece que deveria existir algum tipo de... sei lá, ligação emocional.

— Por quê? Ela concebeu uma criança, gerou-a, deu-a à luz e depois a entregou. Foram nove meses da sua vida. Por que teria alguma ligação emocional com ela?

— Porque a criança cresceu dentro de sua barriga. Ela sentiu o bebê se mexendo, chutando e... ah, sei lá, Dallas. Nunca fiquei grávida, nunca gerei filho nenhum e nem o entreguei para adoção. Estou apenas dando palpites.

Peabody se mexeu no banco, inquieta, sentindo-se desconfortável. Havia um ar pesado e sombrio em torno de Eve, uma sensação que Peabody não compreendia. Ela virou a cabeça na direção de Eve, mas logo desviou os olhos. Ela continuava olhando através do vidro, pensativa.

— Pelo que ela nos contou — arriscou Peabody —, entregou o bebê e desapareceu. Não estou convencida de que isso tenha sido assim tão simples e fácil. Pensei que você suspeitasse de envolvimento dela no assassinato.

— Não descartei isso. — Mas Eve sentiu que deixara algo escapar, por se deixar envolver pelas próprias emoções. — Volte ao saguão do hotel e descubra quando foi que Anja Carvell se registrou, se realmente reservou o quarto com antecedência e quando pretende ir embora.

— Certo. — Com certo alívio, Peabody tornou a sair do carro e enfrentou o ar frio.

*Que tipo de mulher escolhe dormir com o próprio pai?*

O estômago de Eve estava embrulhado desde que aquela pergunta entrara em sua cabeça. *E se não houvesse escolha? E então?* Ela lançou a cabeça para trás, no encosto do banco. Havia outra pergunta: *Que tipo de homem escolhe dormir com a própria filha?*

Para isso ela tinha a resposta. Conhecia muito bem aquele tipo de homem, e ele continuava a sussurrar em seu ouvido com hálito de bala de hortelã.

*"O que está fazendo, garotinha?"*

O ar pareceu explodir ao sair-lhe dos pulmões. Ela o sugou de volta com força.

E quanto à mãe?, perguntou Eve a si mesma, secando as mãos molhadas de suor nas pernas da calça. O que fazia uma mãe ser o que era? Eve não acreditava que fosse o agitar de uma vida dentro da barriga. Colocando a cabeça meio de lado, olhou para fora do carro na direção da janela diante da qual Anja Carvell sentara com sua xícara de chocolate e seus fantasmas. Não, Eve não conseguia acreditar que as coisas fossem assim tão simples.

Havia mais. Tinha de haver mais.

Os seres humanos mais racionais e decentes protegeriam por instinto um bebê, uma criança indefesa. A necessidade de proteger uma pessoa adulta, porém, era gerada pelo senso de dever. Ou pelo amor.

Ela se endireitou no banco assim que Peabody voltou.

— Ela não mentiu. Ligou ontem, depois das seis da tarde, e fez uma reserva. Chegou ao hotel pouco antes das oito. Planeja partir amanhã, mas deixou em aberto a opção de ficar mais tempo.

— Mãe, pai, amigo dedicado — murmurou Eve. — Vamos visitar a filha, agora.

— Carly. Vamos passar bem na frente de umas duas lojas de conveniência, dessas que ficam abertas vinte e quatro horas por dia. Quem sabe podíamos dar uma paradinha para tomar um chocolate quente?

— O chocolate desses lugares parece lavagem de porco.

— Sim, mas é lavagem com gosto de chocolate. — Peabody lançou um patético olhar de súplica. — Você não me deixou aceitar o chocolate de boa qualidade que ela nos ofereceu.

— Você poderia aproveitar e comer uns biscoitinhos também. Ou quem sabe uns bolinhos confeitados.

— Seria ótimo. Obrigada pela sugestão.

— Estou sendo sarcástica, Peabody.

— Sim, senhora, eu sei. Respondi à altura.

A risada descontraída que Eve deu ajudou a dissipar a nuvem negra sobre ela. Por causa disso, ela parou o carro em uma loja de conveniência e esperou Peabody ir lá dentro se abastecer.

— Nossa, eu bem que estou querendo cortar essas coisas da minha dieta, mas... — Peabody

abriu e atacou o pacote de biscoitos. — O mais estranho é que McNab não me acha gorda. Quando um homem vê a gente nua, sempre sabe se está sobrando alguma gordurinha.

— Peabody, você tem a ilusão de que eu talvez queira saber detalhes sobre McNab ver você nua ou não?

— Estou só comentando. — Peabody mastigava um biscoito. — De qualquer modo, você já sabe que nós transamos. Então deve ter desconfiado que ficamos nus ao fazer sexo, ainda mais sendo a detetive fantástica que é.

— Peabody, na cadeia de comando você pode, em raras ocasiões e devido à minha natureza espantosamente generosa, responder ao meu sarcasmo com igual sarcasmo. Porém, não lhe é permitido ser mais sarcástica do que eu. Agora, me dê uma porcaria de biscoito.

— São biscoitos de coco. Sei que você detesta coco.

— Se sabe disso, por que comprou biscoitos de coco?

— Só pra irritar você. — Sorrindo abertamente, Peabody pegou outro pacote na sacola. — Comprei biscoitos de chocolate também. São todos seus.

— Pois então me dê logo.

— Tá legal. — Abrindo o segundo pacote, Peabody ofereceu um único biscoito a Eve. — Como eu estava dizendo, McNab tem uma bunda pequena, redondinha, e quase não tem ombros. Por outro lado...

— Pare! Pode parar! Se me aparecer na cabeça uma imagem de McNab pelado, você vai ser rebaixada para guarda de trânsito.

Peabody mastigou, cantarolou alguma coisa e esperou.

— Droga! A imagem apareceu.

Quase se engasgando de tanto rir, Peabody engoliu o último biscoito.

— Desculpe, Dallas, foi mal. Não consegui evitar. Ele é uma gracinha, não é?

Aquilo, avaliou Peabody, poderia ajudar a afastar a inquietação dos olhos de Eve.

— Cale a boca! — ordenou Eve, mas se viu engolindo uma risada junto com o biscoito. — Limpe as migalhas da sua blusa e tente recuperar a dignidade. — Aproximando-se do meio-fio, Eve estacionou o carro diante do prédio de Carly.

O bairro de alto nível, o edifício exclusivo e o saguão luxuoso e elegante passavam uma mensagem diferente para Eve dessa vez. Anja Carvell escolhera pais adotivos muito ricos para sua filha. Pais que certamente criariam o bebê de forma privilegiada, com segurança e muito conforto.

Será que ela pesquisara também que tipo de pessoas eles eram? Estáveis, amorosos, inteligentes, incentivadores?

— Peabody, nós pesquisamos o histórico escolar de Carly Landsdowne, não pesquisamos? Ela estudou em escolas particulares, não foi?

— Sim, senhora, creio que sim. — Para confirmar isso, Peabody pegou o computador portátil no instante em que elas entravam no elevador. — Não só escolas particulares, mas também de altíssimo nível, do préescolar até a universidade. E os pais dela também financiaram um monte de atividades extracurriculares, incluindo teatro, dança, música e canto. Sempre com professores particulares.

— Qual a profissão deles?

— O pai é médico, microcirurgião. A mãe trabalha como agente de viagens, mas é dona da empresa. Ela se afastou da firma e requisitou salário do governo para trabalhar como mãe profissional, de 2036 a 2056, os vinte anos garantidos por lei para cada filho.

— Não há irmãos?

— Nenhum.

— A mãe escolheu para a filha pais vitoriosos na vida. Foi cuidadosa. Isso era importante para ela — disse Eve em voz alta para si mesma, ao sair do elevador e se encaminhar para a porta de Carly.

Teve de tocar a campainha duas vezes, antes que a porta se abrisse. Com os olhos pesados e os cabelos em desalinho, Carly soltou um bocejo distraído.

— O que foi agora, tenente?

— Quero alguns minutos do seu tempo.

— Logo ao amanhecer?

— Já passa das nove.

— Para mim, ainda é de madrugada. — Por fim, encolhendo os ombros, deu um passo pra trás.

— Não me pergunte nada, pelo menos até eu pegar uma xícara de café. Aliás, esse detalhe devia ser acrescentado à lista de direitos e obrigações que a senhora adora recitar diante das pessoas.

— Mau humor — cochichou Peabody, quando Carly se afastou.

Eve deu uma olhada na sala, ouviu o apito do AutoChef e tentou evitar que sua boca se enchesse d'água ao sentir o aroma de café natural e de boa qualidade.

— Vi a senhora no funeral de Richard, ontem — disse Carly, ao voltar para a sala. Seu robe de seda escorregou sobre um dos ombros quando ela se sentou e cruzou as pernas. — A senhora circula muito por aí.

— Alguns dos assuntos que vim discutir com você são de natureza pessoal, Carly. Talvez você queira pedir ao seu acompanhante que vá embora.

— Meu acompanhante?

— Duas taças de vinho — explicou Eve, acenando com a cabeça para a mesinha de centro. — Almofadas amassadas na ponta do sofá. — Esticando o braço, pescou uma perna de meia preta transparente. — Roupa íntima em lugares incomuns.

— Então os seus maravilhosos poderes de dedução a levaram à correta conclusão de que eu fiz sexo a noite passada. — Ela deu de ombros e o robe escorregou um pouco mais. — O que a faz pensar que ele ainda está aqui?

— Porque vocês estavam transando ainda agora e eu os interrompi de forma rude. Essa mordida apaixonada no seu pescoço é bem recente.

— É... — Carly suspirou, com ar divertido. — Acho que ele estava realmente muito empolgado. Por que não vem até aqui, amorzinho? — disse ela, elevando a voz sem afastar os olhos de Eve. — A tenente Dallas já estragou o nosso momento mesmo.

Uma porta rangeu ao ser aberta. Ouviu-se o barulho hesitante de pés descalços sobre o piso. Com os cabelos desgrenhados e muito vermelho, Michael Proctor entrou na sala.

## CAPÍTULO DEZENOVE

— Ahn... — Ele pigarreou, procurou algo para fazer com as mãos, mas acabou deixando-as cair ao lado do corpo. Estava despenteado, com a roupa amassada, e abotoara a camisa errado. — Bom dia, tenente.

A gargalhada gostosa e longa de Carly encheu a sala.

— Ora, Michael, você consegue fazer melhor do que isso. Pelo menos tente parecer satisfeito e desafiador, em vez de sem graça e culpado. A tenente não é patrulheira dos nossos princípios morais.

— Carly! — disse ele, quase grunhindo de vergonha.

— Vá se servir de café — sugeriu ela, abanando a mão. — Isso deve fazê-lo se sentir melhor.

— Ahn... Alguém deseja beber algo?

— Ele não é uma gracinha? — Sorriu Carly, parecendo uma mãe orgulhosa pelo filho bem-educado. — Vá em frente, amor.

Ela se voltou novamente para Eve, assim que ele saiu da sala. Sua expressão se modificou, indo da seda para o aço como se uma máscara tivesse caído. — Suponho que sexo consensual entre pessoas adultas seja legal neste Estado; portanto, podemos ir em frente?

— Há quanto tempo você e Michael são amantes?

Carly examinou as unhas e arrancou uma pontinha minúscula de esmalte.

— Bem, tenente, já que a senhora me informou que já passa das nove, faz doze horas, mais ou menos. Receio não poder informá-la do minuto exato em que o ato foi consumado, porque eu não estava de relógio na hora.

— Quer ganhar pontos extras por sua atitude? — perguntou Eve, no mesmo tom. — Por mim está bem. Podemos transferir nosso papo para a Central e ver quem é a mais durona, ou você pode me fornecer respostas diretas sobre como Michael Proctor acordou na sua cama hoje de manhã.

Os lábios de Carly se contraíram de raiva, mas a idéia de ser interrogada na Central de Polícia a fez readquirir o controle.

— Nós nos encontramos, por acaso, no funeral, acabamos saindo para tomar um drinque e viemos para cá. Conversa vai, conversa vem, e uma coisa foi levando a outra, de forma bem agradável. Há algum problema nisso?

— Você acaba de enterrar um amante e já arruma outro? Isso poderia ser problemático para certas mulheres.

O ódio cintilou nos olhos de Carly, mas ela manteve a voz calma.

— Guarde sua moral estreita para quem tiver interesse nela, tenente. Por acaso, Michael e eu temos muito em comum, uma química acabou rolando entre nós e fomos em frente. Acima de tudo, eu gosto muito dele.

— Uma das coisas que vocês tinham em comum era Richard Draco.

— É verdade. Só que Richard morreu, nós não.

Michael voltou para a sala caminhando devagar e perguntou:

— Carly, você não prefere que eu vá embora?

— Por mim, não. — Ela deu uma palmadinha no sofá, ao seu lado. — Sente-se aqui. — Era tanto um desafio quanto um convite. Quando ele se sentou, ela exibiu um sorriso alegre e enganchou o braço no dele. — Então, tenente, o que estava mesmo dizendo?

— Michael, você não mencionou para mim que a sua mãe conhecia Richard Draco.

A xícara deu um pulo da mão dele, entornando café em sua calça.

— Minha mãe? O que ela tem a ver com isso?

— Ela trabalhou em uma peça com Draco.

— Sua mãe é atriz? — perguntou Carly, com a cabeça meio de lado.

— Era. Ela se aposentou há muitos anos. Antes de eu nascer. — Ele pousou a xícara sobre a mesa e esfregou a calça para limpar a mancha, sem sucesso. — Deixe minha mãe fora disso. Ela não fez nada.

— Eu disse o contrário? — Ele estava nervoso, avaliou Eve. Não conseguia manter as mãos paradas — Vejo que também sabe que ela já teve um relacionamento íntimo com Draco.

— Aquilo não foi nada. Aconteceu há muitos anos.

— Sua mãe e Richard? — Carly afastou um pouco o corpo para olhar melhor para Michael. — Eu, hein... que esquisito! — Um ar de solidariedade surgiu em seus olhos. — Não se perturbe com isso, amor.

Mas ele se perturbara, obviamente.

— Escute, tenente, minha mãe fez um pequeno papel em uma peça, apenas isso. Não era uma atriz séria. Ela mesma me contou. Ela e meu pai estavam juntos desde que... Ela não teria comentado nada comigo, mas sabia que eu admirava Richard Draco e ia participar de um teste para ser seu substituto. Ele a usou. Adorava usar as mulheres.

Ele olhou com firmeza para Carly e completou:

— Minha mãe superou tudo. Mulheres inteligentes sempre superam.

Eve percebeu que sua mãe, ou as mulheres em geral, eram o ponto fraco de Michael.

— Sim — concordou ela —, ele gostava de usar as mulheres. Geralmente mulheres jovens e bonitas. Eram brinquedos nas mãos dele e ele enjoava delas com rapidez. Sua mãe desistiu da carreira e das esperanças por causa disso e por causa dele.

— Talvez. — Michael expirou com força. — Talvez isso tenha ajudado. Mas ela construiu uma nova vida e é muito feliz com ela.

— Ele a magoou.

— Sim. — Ele levantou os olhos cheios de amargura. — Sim, ele a magoou. A senhora quer que eu diga que o odiava por isso? Talvez eu o odiasse mesmo, de certo modo.

— Michael, não diga mais nada — alertou Carly.

— Ah, que se dane! — Sua voz mostrou determinação e raiva. — A tenente está falando da minha mãe. Ela não era uma vadia barata, um brinquedo que ele usou e depois jogou fora. Ela era uma jovem boa e ingênua. Ele se aproveitou disso.

— Ele fez com que ela consumisse drogas ilegais, Michael? — perguntou Eve. — Ele ofereceu algo para ela experimentar?

— Não. Bem que tentou. O filho-da-puta.

— Michael, você não tem que responder às perguntas dela.

— Vou esclarecer tudo logo de cara. — O ódio saía dele em ondas violentas. — Ela me disse que um dia, ao entrar no quarto, o pegou colocando algumas gotas de uma substância estranha em sua bebida. Ela perguntou-lhe o que era aquilo e ele riu, dizendo que... minha mãe não costuma falar palavrões, mas fez questão de me dizer as palavras exatas que ele usou. Ele disse que aquilo ia fazer com que ela trepasse como uma coelha.

Os músculos de seu maxilar tremeram quando ele olhou para Eve.

— Ela nem mesmo sabia que substância era aquela — continuou ele. — Mas eu soube. Assim que ela me contou isso, eu soube. O canalha tentou fazê-la ingerir Coelho Louco.

— Mas ela não tomou a bebida?

— Não, ficou apavorada. Disse a ele que não estava com vontade de beber nada, e foi nesse momento que ele se enfureceu. Xingou-a de vários nomes e tentou obrigá-la a tomar a bebida que preparara. Foi quando ela percebeu o tipo de homem que ele era e fugiu. Sentia-se arrasada, desiludida, e voltou para casa. Ela me disse que a decisão de voltar para casa naquele dia foi a melhor coisa que fez na vida.

"Ele nem mesmo se lembrava dela", acrescentou Michael, "ele não teve nem a decência de se lembrar do nome dela."

— Você conversou com ele a respeito de sua mãe?

— Quis ver qual seria a sua reação. Ele nem mesmo fingiu se lembrar do seu nome. Ela não significou nada para ela. Nenhuma delas teve importância.

— E você contou tudo a ele? Fez com que se lembrasse?

— Não. — Ele perdeu o ímpeto e o ódio se evaporou. — Não. Não vi motivo para isso. Se insistisse, ainda teria perdido o emprego.

— Não. Não permita que isso atinja você — disse Carly.

Os olhos de Eve se estreitaram, observando-a atentamente, enquanto ela o abraçava e o acalmava. Continuaram assim, abraçados e imóveis, até que Carly fulminou Eve com o olhar.

— Deixe-o em paz! — exigiu ela. — A senhora sente prazer em atormentar pessoas sensíveis e mais fracas que a senhora?

— É o que mais me empolga na vida. — *Mas você não é fraca,* pensou Eve. *Quem formou seu caráter?,* perguntou a si mesma. *As pessoas que geraram você ou as que a criaram?*

— Deve ter sido duro para você, Michael — continuou Eve —, saber de tudo isso e conviver com Draco dia após dia.

— Tive que tirar tudo isso da cabeça. Afinal, não podia mudar o que acontecera, certo? — Deu de ombros, tentando se mostrar valente. — Nada do que eu fizesse faria alguma diferença. Um dia, eu iria subir no palco no lugar de Draco, e seria ainda melhor do que ele. Pensar nisso me

bastava.

— Agora você tem essa chance, certo? A oportunidade de ficar sob os refletores no lugar dele. A chance de ficar com uma de suas amantes.

Os lábios dele, que estavam contraídos, se abriram de leve, trêmulos.

— Carly — murmurou ele. — Não foi nada disso. Não quero que você pense...

— É claro que não foi — acudiu ela, colocando a mão sobre a dele. — A tenente tem uma mente poluída.

— Srta. Landsdowne.

Carly ignorou Eve por um instante e deu beijos carinhosos nas duas faces de Michael, dizendo-lhe:

— Você entornou o café. Por que não vai até a cozinha e nos traz mais dois quentinhos?

— Sim. Tudo bem. — Ele se levantou. — Minha mãe é uma mulher maravilhosa.

— Claro que é — replicou Carly.

Quando o viu entrar na cozinha, ela ficou de frente para Eve.

— Não gosto de ver as vulnerabilidades de Michael sendo exploradas, tenente. Os mais fortes deveriam proteger os mais fracos, e não chutar-lhes o rosto.

— Talvez você é que não esteja valorizando devidamente a coragem dele. — Eve foi até perto dela e se sentou sobre o braço de uma das poltronas. — Ele defendeu a mãe muito bem. Para algumas pessoas, os laços de família são os mais fortes. Você não mencionou que era adotada, Srta. Landsdowne.

— O quê?!... — Um momento de confusão turvou-lhe os olhos. — Pelo amor de Deus, por que eu deveria contar uma coisa dessas? Eu mesma nem me lembro disso, na maior parte do tempo. O que a senhora tem a ver com isso?

— Foi uma adoção particular, arranjada logo após o nascimento.

— Sim. Meus pais jamais esconderam isso de mim, e esse fato nunca teve muita importância em nosso lar.

— Eles lhe forneceram detalhes da sua herança genética?

— Detalhes? Histórico médico e dados étnicos, é claro. Eles me disseram que a minha mãe biológica me entregou para adoção porque queria o melhor para mim e toda aquela história, sabe... Se era verdade ou mentira, nunca me importei em saber. Tinha minha mãe.

Ela fez uma pausa e, em seguida, perguntou:

— A senhora por acaso está imaginando que a minha mãe também possa ter tido algum relacionamento com Richard? — Soltando uma gargalhada, Carly prendeu os cabelos soltos atrás da orelha. — Pois posso lhe garantir que não. Minha mãe nunca se encontrou com Richard Draco. Ela e meu pai estão casados há quase trinta anos, e é um casamento feliz. Antes de eu nascer ela era agente de viagens, e não atriz.

— E você nunca teve curiosidade de saber mais a respeito da mãe que a entregou logo depois do seu nascimento?

— Não muita. Tenho pais maravilhosos, a quem eu amo e que também me amam. Por que me interessaria por uma mulher que não passa de uma estranha para mim?

*Tal mãe, tal filha,* pensou Eve.

— Muitas pessoas adotadas querem contato, procuram respostas e até mesmo um relacionamento com os pais biológicos.

— Eu nunca quis. Nem quero. Não há vazio algum em minha vida para preencher. Tenho certeza de que meus pais teriam me ajudado a encontrar minha mãe, se eu pedisse ou precisasse disso. Nunca aconteceu. Isso iria magoá-los — disse, baixinho. — Eu nunca os magoaria. Por que isso é relevante?

— Você reconhece o nome Anja Carvell?

— Não. — Ela se remexeu de leve. — A senhora está me dizendo que esse é o nome da mulher que me entregou para ser adotada? Não lhe perguntei nome nenhum. Nunca quis saber de nomes.

— Você nunca conheceu nem teve contato com uma mulher que atende por esse nome?

— Não, e não quero. — Carly se levantou. — A senhora não tem o direito de fazer isso. De brincar com a minha vida desse modo.

— Você também nunca perguntou sobre o seu pai verdadeiro?

— Ora, mas que droga, se ela não representa nada para mim, ele significa menos ainda. É apenas um espermatozóide vencedor. Se queria me tirar do sério, tenente, conseguiu. Agora me

diga: o que tudo isso tem a ver com a morte de Richard Draco?

Eve não respondeu nada e, no silêncio que se seguiu, reconheceu negação, incredulidade e, por fim, horror nos olhos de Carly.

— Não! Isso é mentira! Uma mentira revoltante e cruel. Sua piranha repulsiva!

Ela agarrou um vasinho de violetas sobre a mesa e o varejou contra a parede, formando no chão uma massa confusa de pétalas e cacos.

— Não é verdade! — gritou ela.

— Está provado e documentado — disse Eve, sem expressão. — Richard Draco era o seu pai biológico.

— Não! Não! — Carly empurrou Eve contra a mesinha, e a luminária caiu. A louça explodiu no chão como uma bomba. Antes de Peabody conseguir intervir, Eve fez sinal para que ela permanecesse quieta e levou uma forte bofetada no rosto, sem tentar impedi-la.

— Diga que é mentira! Diga que é mentira!

Ela gritava, com lágrimas brotando-lhe dos olhos. Sua beleza se apagou em meio a um rosto pálido, com olhos sombrios. Carly agarrou Eve pela gola, sacudiu-a e então, com um gemido de dor, deixou-se cair sobre ela.

— Meu Deus, ó meu Deus.

— Carly! — Michael veio correndo da cozinha. Só de olhar para seu rosto, Eve percebeu que ele ouvira tudo. Ao correr para junto de Carly, tentando tomá-la nos braços, ela o empurrou e cruzou os braços, de forma defensiva, sobre os seios.

— Não toque em mim! Não toque em mim! — Como uma vela cuja cera se derrete por completo, ela foi escorrendo para o chão, onde ficou largada como um trapo trêmulo.

— Peabody, leve Michael de volta para a cozinha. — Ele deu um passo para trás e a encarou.

— O que a senhora fez foi cruel, muito cruel. — Foi para a cozinha com Peabody atrás dele.

Eve se agachou. Ainda sentia o rosto arder por ação da bofetada de Carly, mas o resto do corpo estava frio como gelo.

— Sinto muito.

— Sente mesmo?

— Sim.

Carly levantou o rosto e seus olhos estavam arrasados.

— Não sei quem estou desprezando mais neste momento, a senhora ou a mim mesma.

— Se você não tinha conhecimento dos seus laços de sangue com ele, não há por que se desprezar.

— Eu fiz sexo com ele. Coloquei minhas mãos nele. Permiti que ele colocasse as suas mãos sobre o meu corpo. A senhora consegue imaginar como me sinto? O quanto eu me sinto suja?

*Oh, céus, consigo sim.* De repente, Eve se sentiu brutalmente cansada. Lutando contra os próprios demônios, olhou fixamente nos olhos de Carly e afirmou:

— Ele era apenas um estranho para você.

— Ele sabia, não sabia? — A respiração de Carly ficou ofegante. — Agora tudo faz sentido e de forma horrível. O modo como ele me perseguia. O jeito com que olhava para mim. As coisas que falava. "Somos iguais", ele costumava dizer, e ria. — Carly agarrou a blusa de Eve novamente. — Ele sabia, não sabia?

— Não tenho como afirmar.

— Estou feliz por ele ter morrido. Gostaria de tê-lo matado pessoalmente. Por Deus Todo-Poderoso, gostaria que tivesse sido a minha mão naquela faca. Nunca deixarei de desejar isso.

* * *

— Nenhum comentário, Peabody?

— Nenhum, senhora. — As duas entraram no elevador, com Peabody olhando direto para a frente.

Eve sentiu uma dor que latejava, agitava-se e parecia fazer inchar cada parte do seu corpo.

— Não lhe agradou a forma com que eu lidei com a situação.

— Não cabe a mim julgar isso, tenente.

— Corta essa, Peabody.

— Muito bem, então. Não entendi o porquê de a senhora contar tudo a ela.

— Era importante — reagiu Eve. — Todas as ligações são importantes.

— Mas a senhora a atingiu profundamente.

— Então é o meu método que não satisfaz os seus parâmetros?

— A senhora é que perguntou — retrucou Peabody. — Se ela precisava saber, não vejo por que jogar isso na sua cara, como a senhora fez. Por que não arranjou um jeito de amenizar as coisas?

— Amenizar? O pai dela trepava com ela! Me diga como suavizar isso. Ande, me diga como colocar isso em uma caixa de presente bonita com um laço em volta?

Eve se virou para Peabody e, então, exatamente como acontecera com os de Carly, seus olhos pareceram devastados.

— O que diabo você sabe a esse respeito? O que pode saber, com a sua grande, feliz e aconchegante Família Livre, onde todos se reúnem em volta da mesa de jantar com rostos lavados, trocando notícias alegres sobre o dia que tiveram?

Eve não conseguia respirar, não conseguia colocar ar suficiente para dentro dos pulmões. Ela estava sufocada, mas não conseguia parar de falar.

— Quando seu papai vinha lhe dar um beijinho de boa-noite, não se metia na cama com você, não é verdade? Nem apalpava todo o seu corpo com as mãos suadas. Pais não violam as filhinhas, em seu mundo ordeiro.

Eve saiu do elevador a passos largos, atravessou o saguão rapidamente e foi para a rua, enquanto Peabody ficava para trás, petrificada de choque.

Eve caminhou a esmo pela calçada e mal segurou a vontade de chutar um par de poodles brancos e o androide que os levara para passear. Uma dor de cabeça insuportável começou, acompanhada do barulho de um foguete que zunia dentro de seu crânio. Suas mãos tremiam dentro dos bolsos, embora ela as tivesse apertado com força, formando punhos cerrados.

— Dallas.

— Não! — Ela avisou Peabody. — Fique longe de mim, por um minuto.

Ela ia espairecer com uma caminhada, garantiu a si mesma. Ia andar até dissolver o ímpeto

furioso que a fazia ter vontade de gritar, socar e rasgar. Quando, por fim, conseguiu se acalmar, tudo o que sobrou foi a dor de cabeça e uma náusea terrível.

Seu rosto estava pálido, mas ela conseguiu se recompor e foi até Peabody.

— Minhas observações pessoais passaram dos limites. Peço desculpas a você por elas.

— Não é preciso.

— É sim. Na minha opinião, também foi preciso ser cruel lá em cima. Isso não me faz sentir nem um pouco melhor, mas o fato é que você não está aqui para servir de saco de pancada para meus momentos maus.

— Por mim, tudo bem. Já estou meio acostumada.

Peabody tentou sorrir, mas abriu a boca de espanto ao ver que os olhos de Eve se encheram d'água.

— Puxa vida, Dallas...

— Não! Merda. Preciso de um tempo. — Ela tentou se focar e olhou fixamente para o prédio. — Vou tirar duas horas de folga. Pegue um transporte público até a Central, Peabody. — Seu peito pareceu inflar, como se quisesse expulsar todas as lágrimas reprimidas. — Encontro você no Roosevelt, daqui a duas horas.

— Tudo bem, mas...

— Duas horas — repetiu Eve e quase se atirou para dentro do carro.

Precisava ir para casa. Precisava agüentar firme e ir para casa. Sem confiar em si mesma, ligou o piloto automático do carro e seguiu viagem com a cabeça recostada no encosto do banco e as mãos fechadas sobre o colo.

Aos oito anos, ela construíra uma muralha em torno de si, ou então seu subconsciente o fizera, de forma misericordiosa, para bloquear o terror do que lhe acontecera. No lugar ficou um espaço vazio, e nesse espaço ela criara a si mesma, peça por peça e dolorosamente.

Ela sentia aquela muralha se rachando e os horrores do passado tentando penetrar pelas frestas.

Sabia o que Carly enfrentava naquele instante. E o que enfrentaria pela vida afora.

A dor de cabeça rugia como um tornado no cérebro de Eve no momento em que o carro passou pelos portões de casa. Seus olhos estavam vidrados e uma náusea gosmenta se remexia em seu

estômago. Ela ordenou a si mesma que agüentasse firme, mais um pouco, e subiu cambaleando as escadas da entrada.

— Tenente — começou Summerset, quando ela entrou em casa aos tropeções.

— Não se meta comigo! — Ela tentou ser agressiva, mas sua voz tremeu. Assim que subiu a escada, trôpega, o mordomo foi correndo para o interfone.

Ela queria se deitar. Ficaria bem se conseguisse ao menos ficar deitada por uma hora. Mas a náusea foi mais forte. Ela desviou para o banheiro, ajoelhou-se ao lado do vaso e vomitou intensamente.

Quando se aliviou por completo, fraca demais para se levantar, simplesmente se encolheu sobre o piso.

Sentiu a mão de alguém sobre a sua testa. A mão estava fria, abençoadamente fria. Abriu os olhos.

— Roarke. Me deixe sozinha.

— Não nesta vida.

Eve tentou se desvencilhar dele, mas ele colocou os braços por baixo dela e a ergueu do chão.

— Estou enjoada.

— Sim, querida, eu sei. — Ela lhe pareceu frágil como cristal quando ele a pegou no colo e a levou para a cama.

Ela começou a tremer quando ele descalçou-lhe as botas e a cobriu com um cobertor.

— Eu quis vir para casa.

Ele não disse nada, simplesmente passou um pano úmido pelo rosto dela. Eve estava pálida demais e as olheiras sob seus olhos eram profundas. Quando ele lhe levou um copo aos lábios, ela virou o rosto para outro lado.

— Não. Nada de calmantes nem analgésicos.

— Isso é para o enjôo. Tome. — Ele prendeu-lhe os cabelos úmidos atrás das orelhas, esperando não ser obrigado a enfiar-lhe o remédio goela abaixo. — Isso é apenas um remédio para enjôo. Juro.

Ela bebeu, porque seu estômago estava começando a se agitar de novo e a garganta parecia estar em carne viva, arranhada por garras profundas.

— Não sabia que você estava em casa — disse ela, abrindo os olhos e deixando aflorar as lágrimas que lhe queimavam o peito. — Roarke. Ó meu Deus!

Ela se abraçou a ele e se acomodou ali. Quando seu corpo estremeceu, ele apertou os braços ainda mais em torno dela.

— Livre-se disso tudo — murmurou ele. — Seja o que for, coloque para fora.

— Odeio ter feito o que eu fiz. Odeio a mim mesma por isso.

— Shh... Seja o que for, você não deve ter tido escolha.

— Mas deveria ter encontrado uma. — Ela virou a cabeça, pousou a face no ombro dele e então, com os olhos fechados, contou-lhe tudo.

— Sei exatamente o que se passou dentro dela. — Eve se sentia melhor agora, o pior do enjôo havia passado. — Sei o que sentiu e vi a mim mesma quando ela me olhou.

— Eve... Ninguém melhor do que você, ou eu, conhece a maldade que existe no mundo. Você fez o que tinha de fazer.

— Mas eu poderia...

— Não. — Ele se afastou um pouco dela e segurou-a pelo queixo, colocando seu rosto de frente para ela. Não havia pena em seus olhos, algo que ela odiaria ver. Nem simpatia, o que a teria ferido ainda mais.

Havia simplesmente compreensão.

— Não poderia — garantiu Roarke. — Não no seu caso. Você tinha que saber, não é? Precisava descobrir se ela sabia quem ele era. Agora, você sabe.

— Sim, agora eu sei. Nenhuma atriz é tão boa para fingir aquilo. Ela vai se ver repetidas vezes, sem parar, na companhia dele. O tempo todo.

— Pare. Você não conseguiria mudar isso, não importa a forma como ela descobrisse.

— Talvez não. — Ela tornou a fechar os olhos e suspirou. — Descontei em Peabody.

— Ela vai superar.

— Quase pirei no meio da rua, Roarke. Eu quase...

— Mas não pirou. — Ele a sacudiu de leve, antes de ela ter chance de replicar. — Você me irrita, Eve. Por que se martiriza desse jeito? Não dorme há mais de trinta horas e entrou em uma fase da investigação que atinge tão de perto um horror pessoal que faria a maior parte das pessoas sair correndo ou desmontar. No entanto, resistiu bravamente.

— Eu desmontei.

— Não, Eve. Você rachou apenas. — Ele pressionou os lábios sobre a sua testa. — E veio para casa. Deite-se um pouco. Feche os olhos, desligue-se por algum tempo.

— Eu não devia ter pedido para você me deixar sozinha. Não quis falar aquilo.

— Isso não tem a mínima importância. — A arrogância natural da voz dele quase a fez sorrir. — Eu não a teria deixado sozinha mesmo. Nem farei isso.

— Eu sei. Queria estar aqui. — Ela se deixou aconchegar nele, antes que ele a afastasse. — Precisava de você aqui, e você estava. — Sua boca se elevou em busca da dele. — Roarke...

— Você precisa dormir.

— Estou me sentindo vazia, e isso dói. — As mãos dela afagavam, sedentas, as costas dele. — Preenchame com alguma coisa. Por favor.

O amor preenchia todos os espaços ocos dela, não importavam o seu tamanho nem a sua profundidade. Ele faria aquilo por ela e também por si mesmo. Com paciência, com ternura.

Os lábios dele roçaram os dela, acomodaram-se, aprofundaram-se mais, saboreando-a, até ele sentir a resposta dela, quente e vencida. Puxando-a mais para perto, ele fez uma trilha de beijos sobre a sua face, seus cabelos, sua garganta. A princípio, para confortá-la.

Ela se virou para ele, oferecendo mais. As mãos dele, porém, eram leves como asas flutuando sobre ela, entrando-lhe por sob a blusa e alisando-lhe a pele com carícias amplas e lentas. Agora, era para acalmá-la.

E quando ela suspirou, quando o corpo dela pareceu derreter sobre os travesseiros, ele a despiu. Seus lábios seguiram a trilha dos dedos, fazendo sua pulsação acelerar de leve. Dessa vez, para excitá-la.

Ela se abriu por completo para ele, como jamais o fizera com mais ninguém. Para ele, ela conseguia se desnudar por inteiro. Corpo, coração e mente. E sabia, tinha certeza, que ele faria o mesmo.

Sem ardor, exigência nem pressa, ele a empurrou para cima e a fez flutuar sobre uma onda de prazer, para em seguida deixá-la lançar-se, até que seu corpo resplandeceu com o gozo de pertencer àquele lugar.

O coração dela inchou, seu coração bateu no mesmo compasso do dele e os braços dela o agarraram como fitas, puxando-o mais para perto.

— Eu amo você — disse ele, encarando-a fixamente enquanto escorregava para dentro dela. — Amo completa e eternamente.

A respiração dela ficou suspensa, mas, de repente, ela tornou a suspirar. Fechou os olhos para gravar na mente a beleza daquele momento. E deixou que ele a trouxesse para casa.

Ela o segurou com força, em uma necessidade de ter por mais algum tempo o corpo dele apertado tão intimamente contra o dela.

— Obrigada.

— Detesto afirmar o óbvio, mas o prazer foi meu. Está melhor agora?

— Muito. Roarke... não, fique aqui só mais um minutinho. — Ela mantinha o rosto de encontro ao ombro dele. — Quando estamos juntos assim, sinto algo que nunca senti com mais ninguém. É como se nunca tivesse havido mais ninguém.

— Eu também.

Ela riu, aliviada por conseguir fazê-lo, e argumentou:

— Você teve um monte de "outras".

— Quem está contando? — Ele se moveu e girou de lado, deixando-a montar sobre ele. A fragilidade desaparecera, conforme ele notou, substituída pela agilidade suave de movimentos que a caracterizava.

Suas bochechas já não estavam pálidas, mas seus olhos pareciam pesarosos, magoados, exaustos. Isso o fez se arrepender por não ter colocado um calmante na água que ela bebera.

— Corta essa! — disse ela, colocando os cabelos para trás e tentando exibir uma cara mal-humorada.

— Corta essa o quê?

— Você está preocupado e bolado comigo. Não precisa cuidar de mim. — Nem foi necessário o brilho divertido nos olhos dele para ela perceber o quanto aquilo soava ridículo, diante das circunstâncias. — Pelo menos, não o tempo todo — consertou ela.

— Vamos tirar uma soneca.

— Não posso. Você não deve poder também. Já atrasei os seus horários. Você provavelmente estava comprando um sistema solar ou algo assim.

— Não, apenas um planeta pequeno e praticamente desabitado, que não vai fugir de onde está. Bem que eu preciso de um intervalo, e você precisa dormir.

— Sim, preciso, mas não posso.

— Eve...

— Escute, mais tarde eu dou uma cochilada em algum lugar. Veja quem fala! Você tem dormido pouco mais do que eu ultimamente.

— Nossos motores não funcionam na mesma velocidade.

Ouvir isso a fez desistir de sair da cama.

— Que diabos isso quer dizer? — quis saber.

— Apenas o que você ouviu.

Ela franziu o cenho, analisando a afirmação.

— Isso devia me irritar, mas não consigo descobrir exatamente por quê. Assim que descobrir, vou lhe dar um soco.

— Mal posso esperar. Se não quer dormir, pelo menos coma. Você precisa forrar o estômago com alguma coisa. Está rindo de quê?

— De você. Parece uma esposa dedicada — disse ela, indo em direção ao chuveiro.

Ele ficou sentado por um instante, aturdido.

— *Esposa?* Agora você me deixou puto.

— Viu só? Agora você sabe como eu me sinto quando você me chama de *esposa.* Muito bem, peça algo para eu comer — gritou ela. — Ligar água a trinta e nove graus!

— Isso, pode pegar no meu pé — resmungou ele, ordenando ao AutoChef uma sopa com alto teor protéico.

Ela tomou até a última gota, não só para agradá-lo, mas também para aplacar a fome. Sua mente clareou novamente. Ela se vestiu e prendeu o coldre com a arma.

— Preciso dar uma passada no hospital para ver o que consigo arrancar de Stiles.

— Por quê? Você já descobriu tudo. — Quando ela olhou para ele sem dizer nada, Roarke deu de ombros. — Conheço você, tenente. Deixou as idéias assentarem enquanto comia e agora está louca para confirmar tudo.

— Ainda não preenchi todos os buracos. Quero cobrir um pouco mais as bases teóricas, e preciso fazer uma solicitação ao comandante Whitney. De certo modo, ela tem a ver com você.

— O que é?

Eve balançou a cabeça.

— Se ele não liberar, não importa — disse ela. — Vou conseguir achar você a qualquer hora, caso precise de algo antes de voltar?

— Estarei ao seu dispor. Pensei em ficar em casa e preparar alguns biscoitos caseiros, meu bem.

O tom seco da voz dele a fez rir ao pegar o casaco.

— Faça isso, meu amor. — Ela se virou para beijá-lo, mas gritou quando ele lhe torceu a ponta da orelha. — Ai!

— Não se mate de trabalhar, querida.

— Puxa! — Fazendo biquinho, ela esfregou a orelha ao se encaminhar para a porta. — Se eu fizesse a mesma coisa cada vez que você usa a palavra *esposa,* sua orelha iria cair em dois tempos.

Parando ao chegar diante da porta, ela olhou para trás.

— Mas você fica lindo quando está zangado — disse ela, e saiu correndo.

Peabody estava parada do lado de fora da porta principal do hospital, com os ombros encolhidos e o nariz vermelho, protegendo-se do vento cortante.

— Por que não me esperou lá dentro? — perguntou Eve. — Aqui fora está congelando.

— Queria falar com você antes de entrarmos. Pode me dar alguns minutos?

Eve analisou o rosto sério e firme de Peabody. *Assuntos pessoais,* decidiu ela, *extra-oficiais. B*em que ela merecia aquilo.

— Tudo bem. Vamos caminhar para manter o sangue circulando. — Foi se afastando das passarelas e escadas rolantes, enquanto as sirenes anunciavam que outro desafortunado habitante de Nova Yorkestava prestes a desfrutar das instalações do centro médico.

— É sobre hoje de manhã — começou Peabody.

— Escute, eu saí da linha e você era o alvo mais próximo. Sinto muito pelo que aconteceu.

— Não, não foi isso que eu quis dizer. Já entendi o que houve. Levei algum tempo — acrescentou ela. — O que você queria, ao lhe contar a verdade nua e crua, era ver como ela ia reagir. Se ela soubesse que Draco era seu pai, isso iria aumentar em muito os seus motivos para matá-lo. De um modo ou de outro, se ela soube antes de eles... você sabe, ou se soube depois de o lance rolar, iria demonstrar pela sua reação à notícia.

— Ela não sabia — afirmou Eve, vendo uma ambulância passar a toda a velocidade.

— Eu também acho que ela não sabia. Se você facilitasse as coisas para Carly, ela teria tempo de pensar, analisar a melhor forma de reagir e o que dizer. Eu devia ter sacado isso naquele momento, em vez de chegar a essa conclusão uma hora depois.

— E eu devia ter dado a você uma dica do que pretendia fazer, antes de entrarmos. — Balançando a cabeça para os lados, Eve deu meia-volta e começou a caminhar rumo ao hospital. — Eu mesma ainda não aceito por completo o que fiz.

— Foi algo duro de se fazer. Não creio que eu tivesse coragem para isso.

— Não teve nada a ver com coragem.

— Teve sim. — Peabody parou e esperou que Eve olhasse para ela. — Se você não tivesse sentimentos, a coisa não seria tão difícil, mas você tem. A coragem pode ser tão ruim quanto a maldade, se não houver compaixão. Foi difícil, mas você o fez mesmo assim. Uma tira melhor do que eu teria percebido isso mais cedo.

— Eu também não lhe dei muita chance de sacar tudo, pois estava ocupada, pulando em sua garganta. No fim, porém, você acabou entendendo por si mesma. Isso é sinal de que eu devo estar fazendo a coisa certa ao treiná-la. Tudo ficou acertado entre nós, então?

— Sim, acertadíssimo.

— Ótimo, então vamos entrar, pois meu traseiro está congelando.

## CAPÍTULO VINTE

Elas resolveram visitar Trueheart primeiro. Por insistência de Peabody, pararam no shopping do hospital para lhe comprar um presente e um cartão no estilo "fique bom logo".

— Vai levar só cinco minutos.

— Mas já mandamos flores para ele, Peabody. — A infinidade de produtos, os amplos corredores que levavam às mercadorias e as vozes alegres que anunciavam as promoções e ofertas especiais fizeram com que o estômago sofrido de Eve desse uma cambalhota de ansiedade.

Ela preferia sair no tapa com um sujeito violento de cento e trinta e cinco quilos a ser engolida por uma loja como aquela.

— As flores foram enviadas por todo o departamento — explicou Peabody, com toda a paciência. — Esse presente vai ser só de nós duas.

Tentando superar o desconforto, Eve parou diante de uma vitrine onde viu roupas verdes sem graça com o logotipo do hospital bordado em cores brilhantes. Por mais dez dólares, o cliente podia levar uma peça que parecia respingada de sangue.

— Este mundo é doente. Muito doente — sentenciou Eve.

— Não queremos lembrancinhas engraçadas — explicou Peabody, analisando as réplicas de sondas anais muito maiores do que o normal e divertindo-se com aquilo. — Quando um garoto fica no hospital, gosta de ganhar brinquedos.

— Quando um garoto está na fase de enfiar farpas no pé descalço é que gosta de brinquedos — reclamou Eve, mas seguiu Peabody até a seção de jogos e teve que aturar o assalto aos seus sentidos promovido pelos bipes, estrondos, rugidos e tiros de laser.

Ali, de acordo com os cartazes luminosos, era possível escolher entre mais de dez mil produtos para entretenimento, lazer ou fins educacionais. Desde esportes até programas sobre física quântica, passando por tudo entre esses dois extremos. Bastava acessar o tópico de seu interesse no mapa holográfico e chamar um dos simpáticos atendentes treinados da área de jogos para ser encaminhado à seção exata.

O menu da loja emitia uma luz amarela berrante que quase fez Eve ficar vesga.

Os tubos transparentes das cabines de teste estavam lotados de pessoas que experimentavam versõesdemo dos produtos. Outras circulavam a esmo pelo lugar, com o rosto muito brilhante devido à avareza ou à sobrecarga sensorial.

— Esse povo não trabalha não? — questionou Eve.

— É que estamos no horário de almoço.

— Puxa, que sorte.

Peabody foi direto para a seção de jogos de combate.

— Mano a mano — decidiu ela. — Isso lhe dará uma sensação de controle. Uau, veja! É a nova versão do Super Street Fighter. Dizem que é o máximo em jogos de luta. — Virou a caixa anti-roubo de cabeça para baixo, levou um susto ao ver o preço e viu o nome do fabricante.

— Indústrias Roarke. Nós devíamos ganhar um desconto ou algo assim. Bem, até que não vai sair tão caro, já que vamos dividir o presente. — Foi em direção ao caixa expresso self service e olhou para Eve, que vinha atrás dela. — Quer dizer que Roarke tem uma fábrica cheia de jogos como esse, hein?

— Provavelmente. — Eve pegou o cartão de crédito, passou-o pelo scanner e pressionou o polegar na placa de identificação.

*Obrigado por comprar conosco, Eve Dallas. Um momento, por favor, enquanto o seu saldo disponível é verificado.*

— Eu lhe pago a minha parte no dia em que receber meu salário, pode ser? — Tudo bem. Por que essas coisas levam tanto tempo?

*Obrigado por esperar, Eve Dallas. O preço do artigo selecionado, o jogo Super Street Fighter, versão PPC, é cento e dezesseis dólares e cinqüenta e oito cents, incluindo taxas. Devido ao código de Autorização Um programado para este cartão, a sua conta não vai ser debitada no valor do produto. Tenha um bom dia.*

— Que história é essa? O que é essa tal de Autorização Um?

*Autorização Um das Indústrias Roarke. Este nível lhe dá o direito de escolher qualquer produto desta marca a custo zero.*

— Uau, Dallas! Podemos levar a loja toda! — Peabody percorreu os olhos extasiados pelas prateleiras cheias de maravilhas. — Você me deixa pegar um daqueles para mim?

— Cale a boca, Peabody. Escute, eu quero pagar por isso — disse ela à máquina. — Por favor, anule essa tal de Autorização Um e cobre o valor do meu cartão.

*Impossível atender a esta solicitação. Gostaria de escolher outro produto?*

— Droga! — Ela empurrou o game para Peabody. — Ele vai ter que se explicar comigo.

Peabody, mais que depressa, passou a caixa pelo sensor de segurança e deu uma corridinha para alcançar Eve.

— Escute, Dallas, já que estamos aqui na loja, eu não poderia pelo menos pegar um...

— Não.

— Mas...

— Não, já disse. — Eve deu um chute irritado na lateral da passarela aérea e entrou nela, rumo ao nível dos pacientes internados.

— Quase todas as mulheres ficariam muito felizes se seus maridos lhes dessem um cartão de crédito sem limite.

— Não sou como quase todas as mulheres.

— Disso não há dúvida — reagiu Peabody, girando os olhos.

Peabody poderia ter amarrado a cara pela perda de sua imaginária coleção de games, mas o prazer de Trueheart ao receber o presente freou toda a sua ganância.

— Isso é fantástico! — reagiu ele. — Esse game acabou de ser lançado.

Ele virou a caixa de cabeça para baixo com a mão boa. Seu outro braço estava preso em um molde de plástico para fixar o osso que se quebrara na queda.

Havia um colar ortopédico do mesmo material em torno do pescoço e uma agulha com soro intravenoso espetada em seu pulso, sem falar na terrível marca escura que subia pelo seu ombro e exibia tons de roxo e cinza, em contraste com a gola do camisolão hospitalar. Sua perna esquerda estava ligeiramente elevada e Eve se lembrou de como o sangue dele escorrera pelo corte na coxa e empapara a sua mão.

Várias máquinas zumbiam em torno dele.

Tudo o que Eve conseguiu pensar foi que se fosse ela naquela cama, em vez dele, certamente não estaria tão alegrinha.

Ela resolveu deixar o papo furado e as abobrinhas para Peabody. Eve nunca sabia o que dizer para pessoas internadas em hospitais.

— Não me lembro de quase nada, depois que fui atingido. — Ele trocou um olhar com Eve. — O comandante Whitney me disse que nós o pegamos.

— Sim. — Aquele, pelo menos, era o elemento dela. — V*ocê o* pegou. Ele está neste mesmo hospital, no andar de baixo. Vamos lá interrogá-lo assim que sairmos daqui. Você cumpriu sua missão, Trueheart. Talvez não o tivéssemos pego se você não tivesse reagido com rapidez, derrubando-o.

— O comandante também me disse que a senhora me indicou para receber uma menção elogiosa na minha ficha.

— Como eu disse, você cumpriu sua missão.

— Mas não fiz muita coisa. — Ele se mexeu, tentando achar uma posição mais confortável. — Eu o teria derrubado sem violência, se aquele guarda babaca não tivesse um dedo tão ávido para apertar o gatilho.

— Esse era o espírito da operação. O guarda babaca e a sua oficial idiota vão levar umas esculhambações generalizadas.

— Isso não teria acontecido se eles tivessem cumprido as suas ordens. A senhora estava com tudo sob controle.

— Você não estaria aqui se eu estivesse com tudo sob controle. Você recebeu uma rajada forte e levou um tombo feio. Se está abalado com isso, deve consultar o psicólogo do departamento.

— Não, estou legal. Quero vestir meu uniforme e voltar logo ao trabalho. Estou torcendo para que, quando o caso for encerrado, a senhora me permita conhecer todos os detalhes.

— Claro.

— Ahn, tenente, sei que vocês precisam trabalhar, mas queria dizer só mais uma coisinha. A senhora conheceu minha mãe, ontem à noite.

— Sim, nós nos encontramos na sala de espera. Ela é muito simpática.

— É fantástica, não é? — Seu rosto se iluminou. — Ela é o máximo! Meu velho nos abandonou quando eu era menino. Então nós sempre tivemos que cuidar um do outro, sabe como é. Ela me disse que a senhora ficou no hospital até eu sair da cirurgia.

— Você foi abatido sob o meu comando. — *Manchei minhas mãos com o seu sangue,* pensou Eve.

— Foi muito importante, para ela, ver sua preocupação comigo. Só queria que soubesse disso. Obrigado.

— Agora, fique longe dos raios laser — aconselhou Eve.

No outro andar, Kenneth Stiles se remexeu na cama e olhou para a enfermeira que anotava dados dos monitores clínicos.

— Quero confessar — anunciou ele.

A enfermeira se virou para ele e abriu um sorriso brilhante e profissional.

— Ora, então já está acordado, sr. Stiles? Precisa se alimentar um pouco.

Ele já estava acordado há bastante tempo, pensando.

— Quero confessar — repetiu.

Ela foi até junto dele e deu uma palmadinha em sua mão.

— O senhor quer um padre?

— Não. — Ele agarrou o braço da enfermeira com uma força inesperada. — Dallas. Tenente Dallas. Diga a ela que eu confesso.

— Não deve se agitar demais.

— Encontre a tenente Dallas e conte a ela.

— Tudo bem, não se preocupe. Enquanto isso, o senhor deve descansar. Sofreu uma queda terrível. — Ela alisou os lençóis, satisfeita ao ver que ele se acalmou e fechou os olhos. — Agora, deixe-me cuidar da sua alimentação.

Ela anotou algo em sua prancheta e saiu. Parou ao lado do guarda uniformizado e informou:

— Ele está acordado.

Pegando um pequeno aparelho eletrônico, a enfermeira comunicou ao setor de nutrição que o paciente K. Stiles, do quarto 6503, estava à espera de seu almoço. Quando o guarda começou a falar, ela o impediu com a mão levantada.

— Espere um instantinho — disse ela. — Preciso completar o pedido, senão eles só trarão o almoço à meia-noite. O pessoal da cozinha está atrasando os pedidos desde o início da semana. — Uma vez que o paciente não escolhera os pratos que queria no cardápio autorizado para ele, ela pediu peito de frango grelhado e arroz de brócolis, um pãozinho de farinha integral com um pouco de manteiga artificial, leite desnatado e geléia de mirtilo.

— Eles devem trazer tudo em menos de uma hora.

— Quem chegar com a comida vai ter que ser revistado — avisou o guarda.

Ela bufou de leve, com desdém, pegou novamente o aparelho e fez a devida anotação.

— Ah — lembrou ela. — O paciente Stiles quer ver alguém chamado Dallas. Você sabe quem é?

O guarda assentiu com a cabeça e pegou o comunicador.

— Ele tem sangue de tira — comentou Peabody com Eve, ao sair pelo corredor.

— Sim, um sangue meio verde, ainda, mas vai amadurecer. — Quando o comunicador tocou, ela o pegou no fundo do bolso. — Falando a tenente Dallas.

— Tenente, aqui é o policial Clark, montando guarda na porta de Kenneth Stiles. O suspeito está acordado e chama pela senhora.

— Estou no andar de cima, a caminho daí.

— Bem na hora. — Peabody apertou o botão do elevador, mas em seguida suspirou e seguiu Eve pela porta que dava para a escada. — Acho que vamos fazer exercício.

— É só um andar.

— Mas são três lances de escada.

— Vai ser bom para queimar as calorias daqueles biscoitos.

— Eles são apenas uma boa lembrança. Você acha que Stiles está pronto para nos dar uma declaração direta?

— Para alguma coisa ele deve estar pronto. — Empurrando as portas do andar de baixo, Eve virou para a esquerda. — Ele não sabe que encontramos Anja Carvell, nem que descobrimos que Richard Draco era pai de Carly. Vamos ver sua atuação, antes de contarmos tudo a ele.

Assim que chegou à porta, Eve parou.

— Policial Clark?

— Sim, senhora.

— Ele recebeu alguma visita?

— Ninguém. Estava dormindo até alguns minutos atrás. A enfermeira me disse que ele acordou e chamou pela senhora.

— Muito bem. Pode tirar uns quinze minutos de folga.

— Obrigado, bem que eu preciso.

Eve abriu a porta do quarto. Então, soltando um palavrão, pulou na direção de Stiles. Agarrou as suas pernas, levantou-as e tentou suportar o peso do seu corpo.

— Tire-o daí!

Peabody já estava em cima da cama, tentando desatar o nó. Clark entrou correndo no quarto, atrás dela.

— Ele está seguro, tenente — avisou o policial, usando a força de seus ombros largos para levantar o corpo de Stiles mais alguns centímetros.

Ele se enforcara com um laço feito com os lençóis da cama.

— Não está respirando! — anunciou Clark quando o corpo caiu sobre ele. — Acho que ele não está respirando.

— Vá buscar um médico! — Com uma expressão feroz, Eve se sentou sobre Stiles, apertou as bases das mãos sobre seu coração e começou a fazer-lhe uma ressuscitação. — Vamos lá, seu filho-da-mãe. *Respire!* — Abaixando a boca e colando-a na dele, ela soprou com força, enchendo-lhe os pulmões de ar.

— Meu Deus, meu bom Deus. Kenneth! — Na porta do quarto, Areena Mansfield deixou cair no chão a braçada de flores que trazia.

— Não se aproxime! Vamos lá. Vamos lá... — O suor começou a escorrer pelo rosto de Eve, que ouviu o som de pessoas correndo e alarmes soando.

— Saiam da frente. Saiam da frente, por favor!

Ela se moveu para o lado, colocou-se em pé junto da cama e observou o trabalho da equipe médica.

*Não havia pulso. Apenas uma linha reta.*

*Volte,* ordenou Eve, mentalmente. *Droga, volte aqui.*

Ela viu a seringa de pressão com adrenalina ser aplicada sobre seu peito.

*Nenhuma resposta.*

Pequenos discos de metal foram besuntados com gel. Em seguida, vieram ordens de preparar, prender, e o corpo de Stiles corcoveou quando os discos metálicos liberaram um choque em seu peito. A linha do coração, no monitor, continuava azul e reta.

Uma segunda vez os discos foram pressionados. Novamente, o seu corpo corcoveou e caiu inerte. Dessa vez, porém, um bipe baixo se fez ouvir. A linha azul estremeceu e ficou vermelha.

*Ritmo sinusal. Temos pulso.*

Na porta, Areena cobria o rosto com as mãos.

— Qual é o estado dele?

— Está vivo. — O médico, um homem de olhar frio e pele cor de açafrão, continuava a fazer

anotações. — Ocorreu falta de oxigenação, e danos cerebrais, ainda que mínimos, devem ter acontecido. Se conseguirmos mantê-lo vivo, os danos serão reversíveis.

— E vão conseguir mantê-lo vivo?

— É para isso que estamos aqui. — Ele guardou seu computador de mão no bolso do jaleco. — As chances dele são boas. Mais alguns minutos pendurado ali e não haveria chance alguma. A ciência médica avançou muito, mas trazer os mortos de volta à vida ainda está além das nossas possibilidades.

— Quando poderei conversar com ele?

— Não tenho como afirmar.

— Dê um palpite.

— Pode ser que ele esteja bem amanhã; porém, até completarmos os testes, não há como medir a extensão dos danos cerebrais. Podem se passar vários dias, ou semanas, antes de ele ser capaz de responder a alguma coisa além das perguntas básicas. O cérebro humano descobre caminhos para superar os danos ou recriar rotas neurológicas, se preferir, e nós podemos ajudar nesse processo, mas isso leva tempo.

— Quero ser informada do fato no minuto em que ele puder falar.

— Vou me certificar de que a senhora seja informada. Agora, tenho outros pacientes para visitar.

— Tenente. — Clark entrou. — Esta é a enfermeira que a senhora pediu para ver.

— Ormand — disse Eve, lendo o nome escrito no crachá. — Conte-me tudo.

— Não fazia idéia de que ele poderia tentar o suicídio. Nem acreditei que ele fosse fisicamente capaz disso, pois me pareceu fraco como um bebê.

— Quando um homem quer se matar, acha um meio. Ninguém a está culpando de nada.

Ela assentiu com a cabeça e deixou de lado a postura defensiva.

— Entrei lá para verificação rotineira de seus dados vitais. Ele estava acordado e me disse que queria se confessar. Pensei que ele quisesse um padre. Acontece muito disso por aqui, mesmo em pacientes que não são católicos nem universalistas radicais. Só que ele ficou agitado e perguntou pela senhora. Pediu que eu lhe dissesse que ele queria se confessar.

— Confessar o quê?

— Não disse. Acho que ele matou aquele outro ator, Richard Draco. — Como Eve não disse nada, a enfermeira encolheu os ombros. — Eu o acalmei e prometi procurá-la. Então, dei o recado ao guarda, depois de pedir o almoço do paciente. Não sei de mais nada além disso.

— Certo. — Eve dispensou a enfermeira e se virou novamente para Clark. — Preciso que você fique de guarda na UTI. Vou mandar alguém vir rendê-lo em uma hora. Se houver alguma mudança no estado de Stiles antes disso, quero saber.

— Sim, senhora. Ele usou o próprio lençol — murmurou Clark. — Para fazer isso é preciso coragem.

— É preciso alguma coisa, sem dúvida. — Eve deu meia-volta e foi até a sala de estar, para onde Peabody havia levado Areena.

— E Kenneth? — Areena se levantou, trêmula.

— Está sendo transferido para a UTI.

— Pensei que ele tivesse... Quando eu o vi, achei... — Ela se largou sobre uma poltrona. — O que mais falta acontecer?

— Eliza Rothchild disse que as tragédias sempre acontecem em três.

— Isso é superstição. Eu nunca fui muito supersticiosa, mas agora... Ele vai ficar bem?

— O médico me pareceu otimista. Como soube que Kenneth Stiles estava aqui?

— Como? Ora, eu ouvi no noticiário, esta manhã. Disseram que ele foi ferido ao tentar sair da cidade, e que ele é o principal suspeito da morte de Richard. Não acredito nisso, nem por um momento. Queria vê-lo, para dizer-lhe isso.

— Por que não acredita?

— Porque Kenneth seria incapaz de cometer um assassinato. Isso é algo que requer uma pessoa com sangue-frio, calculista. Ele não é nada disso.

— Às vezes, um assassinato é cometido por impulso ou por sangue quente.

— A senhora deve saber melhor do que eu, tenente, mas conheço Kenneth. Ele não matou ninguém.

— Conhece uma mulher chamada Anja Carvell?

— Carvell? Acho que não. Deveria? Eles vão me deixar ver Kenneth?

— Não sei.

— Eu deveria tentar vê-lo.

Eve se levantou no mesmo instante que Areena.

— A senhora compreende que, se realmente foi Kenneth Stiles quem planejou a morte de Richard Draco, também foi ele quem colocou a faca em sua mão?

Areena estremeceu ao ouvir isso e empalideceu.

— Esse é mais um motivo para eu saber que não poderia ter sido Kenneth.

— Por que diz isso?

— Ele é um perfeito cavalheiro. Posso ir, tenente?

— Sim, pode ir.

Areena parou ao chegar à porta.

— A senhora lutou para salvar a vida dele, tenente. Eu a observei. Acredita que ele é um assassino, mas mesmo assim lutou para salvar-lhe a vida. Por quê?

— Talvez eu não queira que ele escape da Justiça.

— Creio que é mais do que apenas isso, mas não tenho certeza do que seja.

— Dia muito agitado, até agora — disse Peabody, quando ela e Dallas ficaram sozinhas.

— E ainda estamos só começando. Vamos em frente, Peabody. Temos lugares para visitar.

Eve saiu da sala e quase esbarrou em Nadine.

— Perseguindo ambulâncias? — perguntou Eve, com a voz branda. — Achei que você fosse importante demais para caçar notícias desse jeito.

— Ninguém é importante demais para isso. Qual é o estado de Kenneth Stiles?

— Sem comentários.

— Ah, qual é, Dallas? Tenho uma fonte no hospital. Ouvi dizer que ele tentou se enforcar. Foi ele quem matou Richard Draco?

— Qual foi a parte que você não entendeu, Nadine, o *sem* ou o *comentários?*

Os sapatos de grife de Nadine, com saltos altos, levaram-na com habilidade pelo corredor estreito e ela conseguiu se manter ao lado de Eve.

— Você vai acusá-lo formalmente de assassinato, Dallas? Há outros suspeitos? Você confirma que Stiles foi ferido durante uma tentativa de fuga?

— Isso a mídia já anda espalhando por aí.

— Claro, com notícias cheias de *ouviu-se que* e *dizem que,* em todos os canais. Quero confirmação.

— E eu quero férias. Só que nenhuma de nós duas vai ter seu desejo atendido.

— Dallas. — Desistindo, Nadine pegou Eve pelo braço e a levou para longe de Peabody e da sua própria operadora de câmera com ar sofrido. — Preciso saber de uma coisa. Não consigo nem dormir mais. Me informe alguma coisa, extra-oficialmente. Tenho que fechar essa página da minha vida antes de seguir em frente.

— Você nem devia estar nessa história.

— Disso eu sei. Se for divulgado que Richard e eu tivemos um envolvimento amoroso, isso vai me atingir muito, pessoal e profissionalmente. Mas, se eu me sentar e ficar esperando, vou acabar maluca. Diante das opções, prefiro o risco de ser atingida.

— O quanto ele significava para você?

— Muito, na época. Mas isso morreu há mais tempo que ele e não significa que eu não precise virar essa página.

— Encontre-me na Central daqui a uma hora e eu lhe darei o que puder.

— Obrigada. Se você ao menos pudesse me informar se Kenneth...

— Uma hora, Nadine. — Eve passou por ela e foi em frente. — Não abuse da sorte.

Em vinte minutos, elas já estavam na suíte de Anja Carvell. Ela desaparecera sem deixar rastros.

— Ela caiu fora — disse Peabody, entre dentes, diante do closet vazio. Então franziu o cenho, virou-se e olhou para Eve. — Você imaginou que ela não estaria aqui.

— Não esperava encontrá-la. Ela é esperta. Tão esperta que sabia que eu ia voltar.

— *Ela* matou Draco?

— Pelo menos tomou parte na história. — Eve entrou no banheiro. O perfume de Anja ainda estava no ar, suave e feminino.

— Não é melhor entrar em contato com as autoridades em Montreal para combinar a sua extradição?

— Não se dê ao trabalho de fazer isso, pois é o que ela está esperando. Se ela alguma vez morou realmente em Montreal, não voltará para lá agora. Ela foi se esconder — murmurou Eve —, mas não vai muito longe. Vamos fazer a nossa parte. Chame os peritos.

— Sem um mandado?

— Meu marido é o dono desta espelunca. Cuide disso que eu vou até a sala da segurança.

Quando Eve terminou seu trabalho no Palace, voltou à Central e acabou de relatar o caso a Whitney, estava atrasada para o encontro com Nadine.

Ficou irritada, como sempre, ao ver que Nadine já a esperava dentro de sua sala.

— Por que deixaram você entrar aqui?

— Porque eu trouxe donuts. Tiras têm um fraco por donuts há várias gerações.

— E onde está o meu?

— Desculpe, seus colegas atacaram a caixa como ratos esfomeados. Acho que Baxter chegou até a lamber as migalhas.

— Ele é bem capaz disso. — Eve se instalou atrás de sua mesa. — Onde está a sua operadora de câmera?

— Lá fora.

— Pois então chame-a aqui para dentro. Não tenho o dia todo.

— Mas eu pensei...

— Escute, você quer uma entrevista exclusiva ou não?

— Claro que sim! — Nadine agarrou seu *tele-link* portátil e ligou para a operadora. — Você bem que podia passar uma maquiagem para disfarçar essas olheiras. — Remexendo em seu pesado e variado estojo de maquiagem, ofereceu: — Experimente isto.

— Mantenha essa bosta longe de mim.

— Você é quem sabe, mas está com cara de quem não dorme há dias. — Nadine abriu um espelhinho de bolsa e começou a retocar o rosto. — De qualquer modo, essa cara fará você parecer feroz e dedicada.

— *Eu sou* feroz e dedicada.

— Isso sempre cria uma boa imagem na tela. Linda blusa, por sinal. Caxemira?

Pega de surpresa, Eve olhou para a blusa azul-marinho de gola rulê.

— Sei lá! Só sei que é azul. Isso vai ao ar hoje à noite?

— Pode apostar.

— Ótimo! — Alguém, pensou Eve, não ia conseguir uma boa noite de sono. E dessa vez não ia ser ela.

Nadine deu palpites sobre o ângulo ideal para a câmera, olhou no monitor e ordenou um ajuste na iluminação.

— Isso não é uma droga de concurso de beleza, Nadine.

— Isso mostra o quanto você sabe sobre gravação de entrevistas. Pronto, agora está ótimo. Lucy, dá para diminuir um pouco a barulheira do tráfego aéreo lá de fora? Isso aqui está parecendo uma estação de trem.

— Vou filtrar o máximo que puder dos ruídos externos. — A operadora mexeu mais um pouco nos controles e acenou com a cabeça. — Estou pronta para quando você mandar.

— Vamos gravar a vinheta na hora da edição. Comece a gravar. Aqui fala Nadine Furst para o Canal 75 — começou ela, com os olhos fixos nas lentes minúsculas —, informando diretamente

da Central de Polícia, da sala da tenente Eve Dallas, a principal investigadora do assassinato do ator Richard Draco. Tenente. — Nadine se virou de lado, colocando-se de frente para Eve. — Pode nos oferecer dados atualizados sobre a investigação?

— Nosso trabalho está em andamento. O departamento está seguindo várias pistas.

— Richard Draco foi morto em pleno palco, diante de uma casa lotada. A senhora mesma foi testemunha ocular, certo?

— Exato. A natureza do crime, o lugar em que ocorreu e a sua execução resultaram em inúmeras entrevistas e declarações de testemunhas, literalmente milhares.

Como era sempre bom pagar as contas à vista, Eve acrescentou:

— O detetive Baxter, desta divisão, examinou a maior parte dessas declarações e desempenhou a árdua tarefa de eliminação e confirmação de dados.

— É verdade que as pessoas que estão diante de um mesmo evento às vezes vêem coisas diferentes?

— Sim, especialmente em se tratando de civis. Os policiais são treinados para ver de forma objetiva.

— Isso a transforma em sua melhor testemunha?

— De certa forma, sim.

— É verdade que Kenneth Stiles, companheiro de peça e velho conhecido de Richard Draco, é o seu principal suspeito?

— Essa pessoa foi interrogada, assim como todos os membros do elenco. Como eu disse, estamos seguindo uma série de pistas e, agora que o foco da investigação se concentrou, esperamos efetuar uma prisão dentro de vinte e quatro horas.

— Uma prisão? — Isso deixou Nadine atônita, mas só por um segundo. — A senhora poderia nos adiantar o nome do suspeito principal?

— Não estou autorizada a revelar esse dado, no momento. Posso lhe assegurar, apenas, que a pessoa que matou Richard Draco e também Linus Quim estará sob custódia da polícia em menos de vinte e quatro horas.

— Quem...

— Isso é tudo que você vai conseguir, Nadine. Pode parar a gravação.

Nadine poderia ter discutido um pouco, mas Eve já estava se levantando.

— Pode desligar, Lucy. Essa é uma declaração bombástica, Dallas. Se você tivesse me dado um toque, poderíamos entrar no ar ao vivo.

— Divulgar isso hoje à noite vai estar de bom tamanho. Você já conseguiu sua história, Nadine, e em primeira mão.

— Sem dúvida. Você não pode me dar algo mais para eu acrescentar depois do material que gravamos? Detalhes sobre os procedimentos, alguns dados sólidos, número total de depoimentos, homens-hora utilizados na operação, esse tipo de coisa?

— Você pode conseguir tudo isso com o nosso porta-voz. — Eve olhou para a operadora, esticou o dedo para ela e em seguida apontou a porta.

Olhando para Nadine em busca de confirmação, Lucy recolheu todo o equipamento e saiu.

— Agora, extra-oficialmente, Dallas...

— Você vai saber de tudo o que precisa amanhã. Tenho uma pergunta a lhe fazer. Você não mencionou Roarke na sua reportagem, nem a sua ligação com o teatro, com a peça e comigo. Por quê?

— Todo mundo já falou disso, ninguém agüenta mais. Eu quero o filé.

— Isso não colou, Nadine. O nome de Roarke sempre aumenta a audiência.

— Muito bem. Considere isso um pagamento. — Ela encolheu os ombros e pegou a bolsa. — Pela reunião só para garotas, naquela noite.

— Tá legal. — Eve enfiou a mão no bolso de trás da calça e pegou um disco lacrado. — Tome.

— Que é isso? — No instante em que pegou o disco, Nadine compreendeu. Seus dedos se apertaram com força em volta do objeto. — É a gravação que Richard fez de mim?

— Sim. Ela foi removida do registro de provas. É a única cópia que existe. Acho que agora você pode virar a sua página.

Sentindo a garganta embargada por emoções conflitantes, Nadine olhou para o disco.

— Sim. Sim, posso virar. Melhor ainda, posso acabar com ela. — Usando as mãos, ela partiu o

disco em dois.

Eve balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Algumas mulheres não resistiriam à curiosidade de assistir. Eu sabia que você seria esperta o bastante para não fazê-lo.

— Agora eu sou. Obrigada, Dallas. Não sei nem como lhe...

Eve deu um passo atrás, na mesma hora, avisando:

— Nem pense em me beijar!

Com uma risada fraca, Nadine guardou o disco partido na bolsa. Ia colocá-lo na primeira máquina de reciclagem que encontrasse.

— Tudo bem, nada de sentimentalismos. Estou lhe devendo uma, Dallas.

— Ah, mas está mesmo! Da próxima vez, não se esqueça de guardar um donut para mim.

## CAPÍTULO VINTE E UM

Eve dormiu por dez horas, praticamente no mesmo lugar em que desabou, logo depois de contar tudo rapidamente a Roarke. Acordou revigorada, com a mente limpa e sozinha.

Aproveitando que ele não estava por perto para perturbá-la, Eve comeu um picolé como desjejum e rebateu o sorvete com um pouco de café, enquanto assistia ao noticiário matinal no telão do quarto. Pegou uma reprise da entrevista que dera a Nadine e, satisfeita com isso, considerou-se pronta para enfrentar o dia.

Vestiu-se em seguida, enfiando uma calça em um tom marrom-escuro e uma blusa branca com listras marrons muito finas. Eve não tinha idéia de quanto tempo fazia desde que a blusa estava ali, mas Roarke resolvera abarrotar o seu closet de trajes novos e ela parara de prestar atenção nisso.

Ele lhe comprava uma quantidade ridícula de roupas, mas pelo menos isso a livrava da tortura de fazer compras.

Já que ele estava ali e o tempo prometia permanecer frio, ela vestiu também um colete que parecia combinar com o resto da roupa.

Prendeu o coldre e saiu para procurar Roarke.

Ele já estava em seu escritório, diante do informe matinal com os números da bolsa em uma das telas, dados do comércio planetário e interplanetário em outra e o que parecia ser uma complicada equação matemática na terceira.

— Como é que você consegue lidar com números logo depois de acordar?

— Vivo para eles. — Ele teclou alguma coisa, e a suposta equação se rearrumou em colunas que ele, sem dúvida, iria analisar até o último ponto de fração decimal. — Por acaso, eu já levantei há algum tempo. Você me parece descansada — disse ele, depois de analisar o rosto dela por um momento. — E também muito bemvestida. Você é uma mulher muito resistente, Eve.

— Dormi como uma pedra — Ela foi até a mesa, inclinou-se e beijou-o. — Você também anda dormindo pouco. — Ela deu-lhe uma palmadinha carinhosa no ombro, e isso fez Roarke ligar as antenas. — Acho que precisamos de férias.

Ele enviou os números e as projeções para o seu operador financeiro, com ordem de aplicação imediata, e em seguida girou a cadeira.

— O que você quer?

— Uma temporada tranqüila em algum lugar, só nós dois. Podíamos aproveitar um fim de semana prolongado.

— Mais uma vez... — Ele pegou o café e tomou um gole. — O que você quer?

Um ar de irritação surgiu nos olhos de Eve.

— Eu não acabei de dizer? Não me venha com esse papo novamente. Você teve que se arrastar pedindo perdão, da última vez, lembra?

— Dessa vez isso não vai acontecer. Por acaso eu tenho cara de idiota? — perguntou ele, em um tom informal. — Não estou acima de subornos, tenente, mas gosto de negociar. Por que você está tentando me amaciar?

— Eu não conseguiria amaciar você nem com uma banheira de loção regeneradora de pele. De qualquer modo, não se trata de suborno. Afinal, sou uma funcionária pública.

— E funcionários públicos, como nós sabemos, jamais se envolvem com subornos.

— Cuidadinho aí, garotão. Quem é que disse que eu não posso querer uns dias de folga? E se, além disso, eu precisar de um favor também, uma coisa não tem necessariamente relação com a outra.

— Sei... Bem, então me deixe lhe mostrar minhas cartas. Eu faço o favor que você me pedir, seja qual for, mas em troca quero uma semana do seu tempo para irmos aonde eu quiser.

— Uma semana inteira? Nem pensar. Tenho compromissos marcados, depoimentos no tribunal e papelada para despachar. Três dias.

Negociações, ele pensou, eram o seu passatempo predileto.

— Então, cinco dias agora e mais cinco no mês que vem — propôs ele.

— Isso são dez dias, não uma semana. Até eu consigo fazer essa conta. Três dias agora e dois no mês que vem.

— Quatro agora, três no mês que vem.

— Tudo bem, tudo bem. — A cabeça dela começou a girar. — Eu consigo esses dias.

— Então, temos um trato. — Ele estendeu a mão e apertou a dela.

— Vamos à praia?

— Podemos fazer isso. O Olympus Resort tem uma praia artificial fantástica.

— Olympus? — Ela empalideceu. — Fora do planeta? Não quero sair do planeta. Isso é uma quebra do trato.

— Nada disso, trato é trato. Anime-se! E agora, qual é o favor?

Ela amarrou a cara. Era raro Eve fazer isso, mas ela era muito boa quando resolvia fazer cara feia.

— O favor nem é tão grande assim — reclamou.

— Então, você devia ter pensado nisso antes de tentar me enrolar. Conseguiria, se tivesse tomado um café da manhã decente em vez de sorvete.

— Como foi que você...? — Ela parou de falar, e a palavra seguinte pareceu um uivo irritado: — Summerset.

— Mais uma coisa. Quando uma mulher pede um favor ao marido, um toque especial é ela se sentar no colo dele. — Ele deu uma palmadinha no joelho.

— Não vai haver colo nenhum se eu quebrar as suas duas pernas. — Muito aborrecida, ela sentou no balcão. — Escute, trata-se de um assunto policial, e você adora meter o nariz nos assuntos da polícia mesmo. Estou lhe oferecendo uma chance de fazê-lo oficialmente.

— Agora sim! — Adorando aquilo, ele ergueu uma das mãos com a palma para cima. — Se você tivesse dito isso logo de cara, me colocando no lugar de quem recebe um favor, em vez de no lugar de quem dá, não teria feito um mau acordo nem estaria zangadinha.

— Não estou zangadinha. Você sabe que eu odeio quando você fala que estou zangadinha. Aliás, antes que me esqueça, que história é essa de Autorização Um?

— Você comprou alguma coisa? — Ele lhe entregou o resto do seu café. — Puxa, preciso marcar esse dia no meu calendário. Eve Dallas foi às compras! Mandem entrar a banda!

Ela desviou o olhar, bufando.

— Eu estava no maior alto astral quando entrei aqui.

— Viu só? Está zangadinha. Quanto à Autorização Um, não faz sentido você pagar por produtos fabricados por uma de minhas empresas.

— Da próxima vez, vou comprar um produto concorrente. Se conseguir achar algum. — Ela

tornou a bufar e voltou ao assunto. — Vou encerrar o caso hoje. Bolei um plano para fazer o assassino confessar tudo. Um método indireto — murmurou. — Tenho motivos para não atacar em linha reta. Tive que suar a camisa para convencer Whitney a autorizar o plano. Se não der certo... — Ela parou de falar abruptamente.

— O que você precisa?

— Para início de conversa, preciso do seu teatro. E preciso que você me ajude a escrever e produzir um pequeno drama.

Uma hora depois, Eve já estava a caminho da Central e Roarke estava no *tele-link,* fazendo a primeira ligação.

Em sua sala, Eve colocou no computador o disco com a gravação da peça. Com a mente divagando, mal notou a rapidez com que o disco foi aceito nem a pureza do som e da imagem. Ao ordenar que o sistema fosse rápido para a cena final, a imagem mudou suavemente, sem tremer.

Lá estavam eles, viu Eve. Draco, no papel de Leonard Vole, confessando alegremente um assassinato pelo qual ele não poderia ser novamente julgado, pois fora absolvido. Viu seu rosto bonito e convencido, enquanto passava a mão de Carly, a Diana da peça, pelo seu braço.

E Diana permaneceu ao lado dele, linda, charmosa e com um sorriso adorável.

Lá estava Kenneth Stiles, o rabugento e astuto Sir Wilfred, com um ar furioso e atônito ao perceber que fora usado, explorado e manipulado. A personagem de Eliza, a exigente enfermeira de Sir Wilfred, a Srta. Plimsoll, estava ao seu lado, igualmente indignada, com as mãos agarrando com firmeza o espaldar da cadeira de Kenneth, os nós dos dedos brancos.

Ao lado, Areena, a linda e multifacetada Christine Vole, que sacrificara tudo e se arriscara a ir presa para salvar o homem que amava.

Ao fundo, Michael Proctor, apenas uma sombra, acompanhando tudo da coxia, certamente imaginando quando teria a chance de pular para o centro do palco, sob os refletores, no papel de protagonista.

E, acima de todos, o espectro de Anja Carvell.

Eve nem piscou ao assistir mais uma vez ao assassinato, o instante em que a faca que deveria ser inofensiva penetrou fundo o coração da vítima.

*Ali, p*ercebeu ela, congelando a cena. *Lá está!*

Nem dez mil testemunhas teriam conseguido perceber.

Ela mesma passara batida.

Era a interpretação de uma vida, compreendeu. Uma interpretação mortal.

— Finalizar o programa e ejetar o disco — ordenou.

Ela o guardou e pegou outros. Colocou o *tele-link* em modo de comunicação interna.

— Peabody, alerte Feeney e McNab. Estamos de saída.

Fazendo uma última verificação na arma, ela se preparou para fazer sua própria apresentação.

A maneira de Eve dirigir, observou Mira, do banco de trás, era um reflexo perfeito de sua personalidade. Competente, direta, focada. E feroz. À medida que o carro passava costurando, ziguezagueando pelo tráfego, entrando em todos os espaços vazios e desafiando outros veículos igualmente indômitos, Mira calmamente testou a tensão do seu cinto de segurança.

— Seu plano é arriscado, Eve.

Olhando pelo retrovisor, Eve fixou os olhos em Mira.

— É um risco calculado.

— Creio que... — Mira subitamente parou de falar e se viu de volta às preces de infância no instante em que Eve colocou o carro em modo vertical, desviou subitamente para a direita e foi por um atalho improvisado por sobre um engarrafamento. — Eu creio — continuou ela, quando seu coração se acalmou — que sua avaliação da situação foi correta. Mesmo assim, há uma grande margem para erros que você pode superar mantendo-se dentro dos procedimentos.

— Se eu estiver errada, a responsabilidade é minha. De um jeito ou de outro, a pessoa que matou Draco e Quim vai estar em custódia antes de o dia terminar.

O carro mergulhou em um túnel que levava a um estacionamento subterrâneo, sem perder velocidade. Seguia com a rapidez de uma flecha em direção à vaga reservada. A boca de Mira se abriu, emitindo um som discreto ao ver que o carro seguia velozmente na direção da cancela da segurança. Eve baixou o quebra-sol do seu lado para exibir sua identificação.

Mira poderia jurar que a cancela emitiu um guincho de terror e se ergueu depressa. O carro passou a toda por baixo dela e se enfiou na vaga estreita.

— Puxa... — Mira conseguiu dizer. — Foi emocionante!

— Hein?

— Acaba de me ocorrer, Eve, que eu nunca havia andado de carro com você. Agora é que começo a perceber por quê.

Peabody fez um ar de deboche e abriu a porta do seu lado com força.

— Pois pode acreditar, Dra. Mira, essa viagem foi uma volta tranqüila pelo parque.

— Há algo errado na minha maneira de dirigir?

— Nada que uma caixinha de Zoner não cure — disse Peabody, baixinho.

— De qualquer modo — Mira saltou do carro e atraiu a atenção de Eve, que olhava para Peabody —, fiquei satisfeita por ter me pedido para vir, Eve. Não só pela oportunidade de ser útil, mas também pela chance de ver você em ação.

— Mas a senhora vai ter que acompanhar tudo de longe. — Eve deixou o carro na vaga segura que Roarke lhe designara e saiu pela rua rumo ao teatro.

— Sim, mas vou monitorar tudo.

— Ainda temos algum tempo antes de o show começar. — Ao chegar à porta que dava direto no palco, Eve digitou o código que recebera. — A senhora vai ficar entediada.

— Ah, para ser sincera, disso eu duvido muito.

Elas entraram no palco, onde os preparativos já corriam.

— Oi, tenente! Você também, coisinha linda, olhem para o alto!

Seis metros acima delas, McNab se balançava preso a um cabo de segurança. Chutando o ar com suas brilhantes botas verdes, ele deslizou suavemente e descreveu um arco preciso.

— Pare com essa palhaçada! — berrou Feeney, olhando para cima e se encolhendo de medo quando o seu detetive fingiu nadar em pleno ar.

— Que diabos ele está fazendo lá em cima? — quis saber Eve. — Além do papel de idiota?

— Câmeras aéreas — respondeu Feeney. — É preciso ser jovem para curtir esse tipo de tarefa. A maior parte do equipamento já estava no lugar, porque Roarke não deixa passar nada. Só que as câmeras não foram posicionadas para gravar uma operação policial e estamos ajustando tudo. Agora, vamos poder monitorar a ação de todos os ângulos.

— Roarke já chegou?

— Sim, é ele quem está nos controles, mostrando para dois dos meus técnicos mais do que eles esperavam aprender. O cara é um gênio da eletrônica. Imagine o que eu poderia fazer com ele na Divisão de Detecção Eletrônica.

— Por favor, nem comente isso, Feeney. Ele já é difícil de aturar sem estar com a bola cheia. Fechaduras eletrônicas foram instaladas em todas as saídas?

— Sim. Depois que todo mundo entrar, ninguém sai. Temos três guardas, dois técnicos, você, eu e Peabody. Além do Superboy voando lá em cima. McNab, desça já daí! Tem certeza de que não precisa de uma equipe maior?

Eve girou o corpo devagar e olhou o teatro em volta.

— Não precisamos de mais ninguém.

— Feeney. — Roarke saiu das sombras e apareceu no palco. — Seu painel de controle está pronto.

— Vou lá dar uma olhada. McNab! Não me faça ir aí em cima buscar você. Nossa, perdi a conta das vezes em que disse isso para os meus filhos. — Balançando a cabeça, Feeney saiu do palco.

— Ele vai acabar se machucando. — Dividida entre a diversão e a preocupação, Peabody cutucou o ombro de Eve. — Mande-o descer, Dallas.

— Por que eu?

— Porque ele tem medo de você.

Como essa idéia a agradou, Eve colocou as mãos nos quadris, fez cara feia e gritou:

— McNab, deixe de sacanagem e traga essa bunda magra aqui pra baixo.

— Sim, senhora.

Ele desceu em grande velocidade e chegou com o rosto vermelho de empolgação.

— Uau! Vocês precisavam experimentar isso. Que viagem!

— Fico feliz por lhe proporcionar alguns momentos de diversão, detetive. Por que não curtir toda essa alegria e futilidade durante o desenrolar de uma operação policial elaborada e cara, ainda mais com o uso de equipamentos e instalações multimilionárias que pertencem a um civil?

— Ahn... — Foi o melhor que ele conseguiu, antes de pigarrear. O sorriso já desaparecera do seu rosto. — As câmeras aéreas já foram fixadas e estão em situação operacional, tenente. Senhora.

— Então vá se ocupar em outro lugar, se não for muito incômodo.

— Não, senhora. Eu simplesmente... vou. — *Para algum lugar,* pensou ele, escapando dali.

— Isso vai mantê-lo na linha pelos próximos cinco minutos. — Ela se virou para Roarke.

— Eu não tenho medo de você — avisou ele. — Mas lhe trouxe um presente. — Ele lhe entregou um minicontrole remoto. — Com isso, você pode mandar sinais para o controle — explicou ele —, para pedir luzes, som ou troca de cenário. Ele pode ser ativado de qualquer ponto do teatro. A peça que será encenada está em suas mãos.

— O primeiro ato vai depender de você.

— Já está tudo pronto. — Ele olhou para o relógio de pulso. — Você tem mais uma hora, antes de as cortinas se abrirem.

— Preciso verificar todos os detalhes. Peabody, dê uma volta por aí. Confirme se todas as saídas que dão para baixo, para os fundos ou para cima do palco estão protegidas, depois vá para a posição que lhe foi determinada e aguarde novas ordens.

— Sim, senhora.

— Roarke, poderia levar a Dra. Mira para a área de observação?

— Claro.

— Ótimo. — Eve ligou o comunicador. — Feeney, preciso daqueles... como é o nome... refletores voltados para a platéia, acesos por um momento.

Quando as luzes se acenderam, iluminando todo o ambiente, ela colocou o comunicador em modo de transmissão geral.

— Aqui fala a tenente Dallas. Em trinta minutos, quero todo o pessoal ligado à operação em seus devidos lugares. Se eu sentir um cheirinho de tira no ar, ele ou ela vai ter uma participação

especial no meu relatório. A proteção dos civis é a nossa prioridade máxima. Repito, essa é a nossa prioridade. As armas devem permanecer nos coldres e preparadas para atordoamento leve. Não quero uma reprise do que houve na Grand Central.

Guardando o comunicador, ela pediu:

— Roarke, avise-me quando a Dra. Mira estiver posicionada.

— Claro. Merda pra você, tenente.

— O quê? Ah... merda pra você também — desejou Eve, conforme a velha tradição teatral.

— Ela nasceu para isso — comentou Mira ao ver Eve sair apressada. — Não apenas a posição de comando, que se ajusta nela como uma luva, mas também o equilíbrio entre o certo e o errado. Alguma outra pessoa terminaria tudo de outro modo.

— Ela não poderia.

— Não. Isso, para ela, já foi difícil de aceitar. Eve vai precisar de você quando tudo acabar, Roarke.

— Vamos tirar alguns dias de folga.

— Como conseguiu convencê-la? — Mira colocou a cabeça meio de lado.

— A arte da negociação. — Ele ofereceu o braço à médica. — Posso acompanhá-la até o seu lugar, doutora?

— Tenente. McNab, posição quatro. A primeira figura se aproxima do teatro pela porta de entrada do palco.

— Entendido. — Eve se virou do monitor instalado atrás do palco e olhou para Roarke. — É a deixa para a sua entrada em cena. Tente não fugir muito do texto, OK? Creio que o risco físico é mínimo, mas...

— Confie em mim.

— Eu queria só repassar...

— Tenente, já lhe ocorreu que talvez eu saiba o que estou fazendo?

— Pelo que me consta, você sempre sabe o que está fazendo.

— Então, novamente eu repito: confie em mim. — Dizendo isso, ele foi se posicionar em sua marcação de cena.

Pelo monitor, Eve o viu caminhar ao longo do palco vazio e parar debaixo do refletor. Especulou consigo mesma se alguma vez na vida ele pensara em ser ator. Claro que não, decidiu ela. Negócios, sombrios ou não, sempre foram a sua paixão. Mas ele tinha o rosto para o palco e também a compleição física, a presença e a graça.

Além, pensou ela, da habilidade nata para dizer mentiras aceitáveis.

Isso não era ser ator?

— Michael. — Roarke estendeu a mão quando Proctor entrou. — Você é pontual.

— Não queria deixar ninguém esperando. — Exibindo um sorriso descontraído, Michael olhou em torno. — O problema de ser pontual é que eu acabo sempre esperando pelos outros. Fiquei muito satisfeito quando você me ligou, Roarke. Achei que a polícia não ia liberar o teatro, pelo menos não a tempo de você relançar *Testemunha de Acusação.*

— Pelo visto, eles já recolheram todo o material que precisavam da cena do crime.

— Quero lhe agradecer pela oportunidade de interpretar Leonard Vole. Pensei que você fosse convidar outro ator para o papel.

— Você não se sente apreensivo? — Não, avaliou Roarke, ele não viu sinal de apreensão. Viu ambição. — Considerando o que aconteceu com Draco, achei que você talvez estivesse um pouco preocupado por assumir o seu lugar.

— Não, estou numa boa. Isto é, não exatamente numa boa — corrigiu ele, tendo a delicadeza de enrubescer. — É terrível o que aconteceu com Richard. Realmente terrível, mas...

— O espetáculo deve continuar — disse Roarke, suavemente, e em seguida olhou para um ponto mais além. — Ah, aí estão Eliza e Areena. Caras damas, obrigado por terem vindo.

— Sua ligação me livrou do tédio e do pesar. — Eliza se aproximou e roçou o rosto de leve no de Roarke. — O tédio de estar sem trabalhar e o pesar por causa de Kenneth. Ainda não acredito no que tenho visto nos noticiários.

— Nem acredite — disse Areena. — É algum engano. Só pode ser. — Ela esfregou os próprios braços, para aquecê-los. — É tão estranho estar novamente aqui. Não piso neste palco desde que... Desde a noite da estréia.

— Você vai se sentir bem fazendo isso? — Roarke tomou-lhe a mão e a aqueceu com a sua.

— Sim. Sim, preciso ficar bem, não é? Nenhum de nós tem outra escolha, a não ser seguir em frente.

— Por que deveríamos escolher? — perguntou Carly, fazendo a sua entrada. Uma entrada estudada. Ela aplicara uma maquiagem dramática para combinar com o vestido azul forte de decote profundo e muito curto. Para dar uma sensação de poder, dissera a si mesma. Ela ia realmente se tornar poderosa. — Nenhum de nós deu a mínima importância para a morte do detestável Richard Draco, e nem o pranteamos.

— Carly! — murmurou Areena, em tom de censura.

— Ora, guarde essa fragilidade sentimental para o público. Ele fodeu com todos nós em algum momento do passado. Com algumas de nós, literalmente — acrescentou, com um sorriso contido e feroz. — Não viemos aqui para dedicar nossa atuação à sua memória. Viemos aqui porque queremos voltar logo ao trabalho.

— Talvez ele tenha sido um canalha, querida — disse Eliza, com a voz branda —, mas morreu. E agora é Kenneth que está no hospital, e sob vigilância.

— Kenneth devia receber uma medalha por livrar o mundo de Richard Draco.

— Eles ainda não o acusaram oficialmente de nada. — Areena apertou os dedos. — Não podemos simplesmente falar da peça e deixar de lado essa história horrível? Você convocou todo o elenco, Roarke? — Ela passou a mão sobre o cabelo e olhou em torno. — Pensei que o diretor já estivesse aqui.

— Foi difícil reunir o elenco completo. — Roarke deixou as implicações do que dissera no ar. — Vamos ter que escalar outro ator para o papel de Sir Wilfred.

— Não podemos ensaiar com um substituto? — perguntou Michael. — Eu nunca repassei um ato completo com o elenco principal. Ajudaria muito se eu conseguisse fazer isso o mais depressa possível.

— É assim que se fala, Michael. — Riu Carly. — Esse aí não vai pegar limo.

— Você mesma acabou de dizer que viemos aqui para trabalhar — reagiu ele. — Não há razão para essas piadinhas.

— Talvez eu esteja no clima para piadinhas. E você está de mau humor só porque te chutei para fora do meu apartamento em vez de chorar no seu ombro.

— Eu teria ajudado — disse ele, baixinho. — Pelo menos ia tentar.

— Não preciso da sua ajuda. Não preciso de ninguém. — Seus olhos brilharam com uma fúria interior que afetou sua voz. — Fui para a cama com você. Grande coisa! Não pense que isso significou alguma coisa para mim. Nunca mais homem algum vai significar algo para mim.

— Mais uma vez o sexo mostra sua cara feia — murmurou Eliza. — Será que as glândulas vão atrapalhar a arte para sempre?

— Eliza. — Areena deu um passo à frente e colocou a mão no braço de Carly. — Por favor, Carly. Precisamos seguir em frente. Precisamos nos unir. — Tentou um sorriso de incentivo. — O que Roarke vai pensar de nós implicando uns com os outros desse jeito?

— Eu diria que vocês estão sob grande estresse. — Roarke olhou demoradamente para todos diante dele. — Se algum de vocês ou todos se sentem incapazes de ir em frente com a temporada da peça, prefiro saber agora mesmo, em vez de mais tarde.

Carly jogou a cabeça para trás e riu.

— Ora, por favor... Cada um de nós seria capaz de pisar em cacos de vidro só para ter a oportunidade de trabalhar nesta peça. A publicidade que obtivemos vai manter a casa cheia durante semanas a fio, depois de reestrearmos, e todos aqui sabem disso. Não é um detalhezinho chato como um assassinato que vai estragar tudo.

Ela jogou o cabelo para trás, estendeu os braços, atravessou o palco e completou:

— Que entre o substituto para o inestimável Sir Wilfred. Podem colocar uma porcaria de androide no lugar dele, se quiserem, que mesmo assim só vai ter lugar em pé dentro do teatro.

Ela girou o corpo, com os braços ainda levantados.

— Vá em frente, Roarke, abra as portas. Que a peça comece!

Em termos de deixa para entrada, Eve achou que aquela era perfeita.

— A noite de estréia ainda não acabou — disse ela, saindo das sombras da coxia para os refletores.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

— Tenente Dallas. — Carly abaixou os braços lentamente, mas deixou uma das mãos pousada sobre o quadril. — Mas que surpresa irritante revê-la.

— Ora, Carly, pare de bancar a diva — disse Eliza, irritada. — Você nem mesmo tem idade para isso. Tenente, espero que esteja aqui para nos contar que fez a prisão que prometeu. A senhora me pareceu muito confiante na entrevista para o Canal 75.

— A prisão é iminente.

— Não pode ser Kenneth. — Areena pressionou o peito com a mão.

— Se for Kenneth — interpôs Eliza —, espero que todos tenhamos a decência de apoiá-lo. É o que pretendo fazer. — Colocando os ombros para trás, completou, de forma grandiloqüente: — Nunca abandono meus amigos.

— Isso é admirável, sra. Rothchild. — Eve enfiou a mão nos bolsos e apertou um botão do controle remoto. — Só que Kenneth Stiles já não é mais o principal suspeito desta investigação. A pessoa que matou Richard Draco está neste palco.

Ao falar isso, as luzes sobre a platéia diminuíram e apenas as do palco permaneceram acesas. O cenário do tribunal apareceu em destaque, em volta. Uma faca de ponta comprida estava sobre a mesa. Eve foi até lá, pegou-a e testou o peso em sua mão.

— O assassinato aconteceu neste palco. A prisão também vai ocorrer aqui.

— Bem, tenente, a senhora certamente merece alguns pontos pelo seu senso dramático. — Carly deu alguns passos para a frente e se posicionou languidamente sobre a cadeira das testemunhas. — Por favor, continue. Estamos fascinados.

— Corta essa, Carly. Só pode ter sido Kenneth. — Michael lançou um olhar de desculpas para Areena. — Sinto muito, Areena, mas tem de ser ele. Afinal, ele tentou escapar e depois tentou... desaparecer de cena para sempre. Se não era culpado, por que teria feito tudo isso?

— Para proteger alguém — disse Eve. — Trata-se de um tema que se repete o tempo todo aqui. — Ela tocou a ponta da faca com o dedo para em seguida recolocá-la de volta. — A Srta. Plimsoll se preocupa em excesso com a saúde de Sir Wilfred e tenta protegê-la, por mais que ele a insulte ou tente fugir dela.

— Ora, tenente, mas ela é apenas uma personagem. — Eliza se inchou toda como um pássaro que acaba de ter suas penas da cauda arrancadas. — A senhora certamente não está insinuando que eu possa ter algo a ver com o que aconteceu.

— Sim, tudo tem a ver com os personagens. — Eve analisou o rosto indignado de Eliza. — Sir Wilfred protegendo seu cliente, arriscando a própria saúde, para no fim descobrir que ajudou a inocentar um assassino. Leonard Vole, fingindo defender sua adorada esposa, depois de ajudá-la a escapar, anos antes, de uma Alemanha que se esfacelava, apenas para usá-la novamente, a fim de proteger a si mesmo. E Christine. — Eve desviou o olhar para Areena. — Arriscando a sua reputação e sacrificando a sua liberdade para acobertá-lo. Tudo isso por puro amor. Um amor que lhe foi desprezado e atirado na cara da forma mais cruel e desumana, depois que já havia servido a um propósito.

— Nós conhecemos a peça — comentou Carly, com um delicado bocejo. — Imagino que agora a senhora vá dizer que, apesar de ser apenas o substituto, Michael tinha algum interesse velado em Richard, isto é, Vole.

— Exato. Com Draco fora do caminho, ele se torna Vole. Quer melhor maneira de acertar um velho erro e vingar a honra de sua mãe?

— Espere um instante. Já chega! Já aturei o bastante. Não sou obrigado a agüentar esse tipo de coisa. — Os punhos de Michael se cerraram ao lado do corpo quando ele deu um passo ameaçador em direção a Eve.

— Michael. — A voz de Roarke parecia calma. Ele se moveu de modo a bloquear o avanço impulsivo de Michael, e o ator se viu cara a cara com uma violência gélida. — Eu poderia machucar você de uma forma que nem de longe imagina.

— Roarke. — Eve ficou com vontade de protestar contra a interrupção, mas isso teria destruído o clima.

— Para trás, Michael — aconselhou Carly, e a força com que apertou os braços da cadeira foi o único indício da sua preocupação. — Você vai fazer papel de bobo. A senhora está conseguindo atingir toda a nossa feliz companhia de teatro bem depressa, tenente. — Carly cruzou as pernas e só faltou ronronar, a fim de atrair a atenção para si mesma. — Só que até agora a senhora não falou da motivação da minha personagem. Não creio que Diana estivesse protegendo alguém.

— Ela o faria. — Eve se virou e caminhou calmamente até a cadeira das testemunhas. — Será que ela não acabaria percebendo tudo isso, quando as coisas começassem a ruir? Será que não perceberia que iria acontecer com ela o que aconteceu com Christine, e que ela seria usada, explorada e depois desprezada quando surgisse uma presa mais jovem? Acho que ela acabaria odiando-o por isso. Odiando-o — repetiu Eve, pousando as mãos nos braços da cadeira e se inclinando —, por estragar a sua festa, os seus lindos sonhos e por ver o quanto fora tola ao se apaixonar por alguém tão desprezível e repulsivo.

A pulsação de Carly acelerou, fazendo sua garganta latejar.

— A senhora está dando à personagem uma profundidade ainda maior do que a que ela possui.

— Não creio. Acho que Vole a subestimou. As pessoas, em especial os homens, muitas vezes subestimam as mulheres lindas. Não olham abaixo da superfície. Ele não a conhecia, certo, Carly? Não imaginava que tipo de força, que paixão e determinação vivem dentro de você.

Um refletor se acendeu, banhando Carly com uma luz fria, muito branca.

— A senhora não me assusta, tenente.

— Não. Sei que você não é de se assustar à toa. E quando alguém a fere você reage e golpeia de volta. Com mais força. Sou obrigada a respeitar isso. Ele achou que poderia descartar você como se fosse uma acompanhante licenciada, no fim do horário acertado. Achou que poderia humilhá-la em público, bem aqui, neste mesmo palco, diante do elenco e dos técnicos, para que eles a olhassem com desprezo e pena. Só que você não poderia nem aceitaria engolir tal afronta. Ele precisava pagar por isso.

— Pare de persegui-la! — Michael agarrou a borda da mesa de provas com força. — Deixe-a em paz! A senhora sabe as coisas pelas quais ela passou, tenente.

— Ela está se agarrando a detalhes. — A boca de Carly estava seca, mas ela conseguiu manter a voz no mesmo tom.

— Os homens não abandonam você, não é verdade, Carly? — Eve olhou na direção de Michael. — Isso não é permitido. Nem tolerado. Na verdade, foi fácil planejar tudo. Passo a passo. E tudo se encaixou a seu favor de forma maravilhosa. Ele iria morrer aqui, praticamente aos seus pés.

— Quero um advogado.

— Pode contratar um monte deles. — Eve deu um passo atrás, foi andando devagar até a mesa de provas e bateu no cabo da faca com o dedo. — Foi fácil pegar a faca na cozinha. Quem notaria a falta de uma faca, quando há tantas? Você conhecia o ritmo da peça e sabia quanto tempo haveria para a mudança dos cenários. Mesmo que alguém a visse, isso não importava. Você pertencia a este lugar, era como uma parte do cenário ou uma peça cênica importante. Era só esconder a faca falsa na manga, trocá-la pela verdadeira e sair caminhando normalmente.

"Foi difícil esperar? — Eve girou a faca na mão e a fez refletir luzes e brilhos. — Dizer suas falas e ouvir as dos outros, enquanto em sua cabeça tudo o que você conseguia ver era a apresentação da última cena da peça, a forma como a faca seria enterrada nele, o choque em seu rosto quando ele finalmente fosse punido por tudo o que lhe fez?"

— Isso é ridículo, e a senhora sabe disso. Não pode provar nada do que disse, porque não é verdade. Vai acabar fazendo papel de tola.

— Eu me arrisco a isso. Carly Landsdowne, você está presa pelos assassinatos de Richard Draco e Linus Quim. Tem o direito de permanecer calada — continuou, quando Peabody apareceu, indo em direção a Carly. — Tem direito a um advogado e/ou um representante que escolher. Você tem...

— Não chegue perto dela! — O grito surgiu quando Peabody se preparava para colocar as algemas nos pulsos de Carly. — Não ouse tocar nela! Ela não fez nada!

Areena empurrou Michael de lado e foi até a mesa de provas. Seu rosto estava transfigurado de fúria quando ela agarrou a faca.

— Não toque nela! — tornou a dizer Areena. — Vocês não podem fazer isto. Vão pro inferno! — Ela girou o corpo na direção de Eve. — Ela não matou Richard, quem matou fui eu. Quem me dera eu ter feito isso anos atrás, antes de ele ter a chance de colocar suas mãos imundas nela.

— Eu sei. — Eve foi até Areena e pegou a faca das suas mãos inertes. — Eu sei disso. Anja.

— Anja? Oh, meu Deus, meu bom Deus. — Carly cruzou os braços sobre os seios e se balançou para a frente e para trás.

— Peabody, leve essas pessoas para fora daqui. Carly, sente-se. Tenho uma história que você precisa ouvir.

— Deixe-a ir. — A voz de Areena soava desesperada quando se colocou entre Eve e Carly. — Eu lhe conto tudo, tenente. A senhora não acha que já a fez sofrer bastante? Tenho meus direitos. Eu os compreendo e abro mão deles. Agora, deixe-a ir.

— Você. — Os olhos de Carly pareceram ferver em seu rosto. — Você e Richard.

— Sinto muito. Sinto muitíssimo.

— Você sabia. — Abraçando-se com mais força, Carly se levantou. — Você sabia o tempo todo. E não fez nada quando...

— Não. Oh, Carly, você não pode imaginar que eu ficaria impassível. Sim, eu sabia. Quando eu vi você, quando soube que fora escalada para o elenco e descobri que você era... quem era, fui procurá-lo. Você era tudo o que ele cobiçava. Jovem, linda e inocente. Eu contei a ele quem você era, para que ele não tocasse em você daquele modo. Esse foi o meu erro.

Fechando os olhos, ela assumiu todo o peso daquilo.

— Nunca saberei se ele teria olhado para outra mulher, em busca de prazer. Achei que estivesse protegendo você, e, em vez disso... Em vez disso, ele a seduziu, sabendo o que fazia. Sabendo

muito bem. Você não tem culpa de nada. Ninguém poderá culpá-la.

— Então ele sabia. — Carly apertou a barriga com a mão. — Vocês dois sabiam.

— Quando eu soube o que ele fez, o que continuava fazendo, eu o enfrentei. Brigamos. Foi uma briga séria. Eu o assustei, ameacei expor seus atos para a imprensa, com detalhes. Não teria feito isso, é claro, nem poderia fazê-lo, pois isso prejudicaria você. Mas ele acreditou em mim, pelo menos no início. Rompeu com você. E a tratou de forma cruel, pois sabia que isso me magoaria.

— Como você soube quem eu era?

— Carly, eu... — Areena parou de falar e balançou a cabeça.— Eu nunca quis interferir na sua vida. Não tinha direito de fazer isso Mas me mantive informada.

— E por que se importou? — quis saber Carly. — Eu nunca fui nada para você, além de um erro.

— Não. Não. Você foi um presente lindo que eu não tive a oportunidade de manter. Ofereci esse presente aos seus pais porque sabia que eles a amariam. Eles a protegeriam. Como eu tentei fazer — disse ela, com ar cansado. — Nunca teria lhe contado, Carly, Nunca. Se tivesse escolha. Mas não posso permitir que eles a acusem. Você não vai levar a culpa de algo que eu fiz.

Ela se virou para Eve e afirmou:

— A senhora não tinha o direito de fazê-la passar por isso.

— Todos nós temos o nosso trabalho.

— É esse o nome que dá a isso? — perguntou Carly, com a voz embargada. — Descobrir quem de nós exterminou um inseto e por quê? Pois bem... missão cumprida. Pergunto-me como consegue dormir à noite, tenente. Quero ir embora. — Ela começou a chorar. — Não quero ficar mais nem um segundo aqui. Quero ir embora.

— Dra. Mira.

— Sim. — Mira entrou no cenário e passou o braço em torno de Carly. — Venha, Carly. Venha comigo.

— Estou morta por dentro.

— Não, apenas entorpecida. Precisa repousar um pouco. — Mira lançou um olhar longo e silencioso para Eve e em seguida levou Carly dali.

— Veja só o que fez com ela. A senhora não é nem um pouco melhor do que Richard. Abusando

dela, explorando-a. Imagina os pesadelos que irão assombrá-la? Os gritos em sua cabeça? — Com os olhos sombrios, Areena encarou Eve. — Eu a teria poupado de tudo isso. Eu poderia tê-lo feito.

— Você o matou depois que ele parou de abusar dela. Por que esperou até tudo ter acabado?

— Porque ainda não acabara. — Areena suspirou, sentiu as pernas trêmulas e se sentou. — Ele veio me procurar alguns dias antes da estréia. Andava consumindo drogas ilegais. Sempre se tornava ainda mais cruel sob o efeito das drogas. Ameaçou pegá-la de volta. Disse que, se eu quisesse mantê-lo longe, teria que tomar o lugar dela. Então eu aceitei. Foi apenas sexo. Não significou nada. Nada.

Mas sua mão tremia quando ela abriu a bolsa em busca de um cigarro.

— Eu devia me fazer de magoada, ultrajada ou aterrorizada — continuou. — Todas essas emoções o teriam estimulado e o deixariam satisfeito. Eu poderia fazê-lo acreditar nelas. Em vez disso, porém, exibi nojo e desinteresse. Ele retaliou, sugerindo um *ménage*. *Ele*, eu e Carly, depois da noite de estréia. Adorava me contar com detalhes tudo o que fizera a ela e com ela. O quanto ele curtira tudo, como fora excitante se lançar dentro dela, sabendo que ela tinha o mesmo sangue dele e era sua filha. Ele era um monstro, tenente, e eu o executei.

Ela se levantou.

— Não sinto remorso, nada de arrependimentos — continuou. — Poderia tê-lo matado naquela noite em que ele esteve no meu camarim, gabando-se de ser homem bastante para possuir mãe e filha ao mesmo tempo.

Eve sentiu uma sensação de enjôo que começou a se formar no fundo de sua garganta.

— Por que não fez isso? — perguntou ela.

— Queria ter certeza do que ia fazer. Queria, de alguma forma, fazer justiça. E também... — pela primeira vez, sorriu de leve — ... queria escapar sem ser pega. Pensei que poderia. Achei que o faria.

Quando começou a lutar com o isqueiro, Roarke foi até ela e o tomou de suas mãos geladas. Seus olhos se encontraram acima da chama.

— Obrigada.

Ele tornou a colocar o isqueiro na mão dela aberta e fechou os seus dedos com gentileza em torno do objeto.

— De nada.

Com os olhos fechados, Areena deu a primeira tragada, sugando com força.

— De todos os meus vícios, este foi o único que eu nunca consegui largar. — Suspirou. — Fiz muitas coisas pouco atraentes na vida, tenente. Tive meus momentos de egoísmo e autocompaixão. Mas não uso pessoas de quem gosto. Nunca deixaria Kenneth ser preso, mas conseguiria contornar essa possibilidade. Quem, no entanto, poderia suspeitar que a sossegada e prestativa Areena seria capaz de cometer um assassinato a sangue-frio e em público?

— Esse foi o seu álibi. Cometer o crime bem aqui, em cima do palco.

— Sim. Certamente eu não poderia cometer um assassinato diante de milhares de testemunhas. Vi que seria eliminada das suspeitas logo de cara. Ingenuamente, acreditei também que nenhum dos outros, sendo inocente, enfrentaria mais do que a inconveniência de ser interrogado.

Conseguiu sorrir de leve.

— Aliás, conhecendo-os como os conheço, achei que eles fossem achar tudo muito divertido. Por fim, para ser franca, tenente, não creio que outro investigador, ao revolver o passado de Richard, a fim de solucionar a sua morte, fosse demonstrar tanto interesse pelo caso, depois de descobrir o tipo de homem que ele era. Subestimei a senhora, do mesmo modo que Richard me subestimou.

— Até o momento que você enfiou uma faca nele. Naquele breve instante, ele deixou de subestimá-la.

— Isso é verdade. A expressão dos seus olhos e o vislumbre de entendimento que ele demonstrou valeram cada momento da preparação. Do medo. Tudo aconteceu quase exatamente do jeito que a senhora descreveu, só que comigo no papel que a senhora atribuiu a Carly.

Ela começou a relembrar tudo em sua mente, cena por cena, movimento por movimento. Era a sua peça particular.

— Eu simplesmente peguei a faca na cozinha, num dia em que Eliza e eu fomos até lá embaixo pedir alguns sanduíches. Mantive a faca em meu camarim até a noite da estréia, e até a mudança de cena. Havia muitos de nós movimentando-se de um lado para outro, nos bastidores, tanto do elenco quanto da equipe técnica. Troquei as facas e acrescentei um toque especial ao plantar a faca cênica no meu próprio camarim, quando a camareira virou de costas. Praticamente o fiz debaixo do seu próprio nariz leal e dedicado. Outro movimento inteligente, pensei na hora.

— Poderia ter funcionado — afirmou Eve. — Quase funcionou.

— Quase. Por que quase, tenente?

— Anja Carvell.

— Ah. Um nome do passado. A senhora sabe de onde veio esse nome?

— Não. Bem que eu pesquisei.

— Um papel pequeno e insignificante em uma peça que teve uma única apresentação em uma cidade do interior do Canadá. Nunca apareceu nos meus créditos profissionais, nem nos de Kenneth. Mas foi lá que nós nos conhecemos. Percebi também, alguns anos mais tarde, que também foi lá que ele se apaixonou por mim. Gostaria de ter sido esperta o bastante para corresponder ao seu amor. Ele me chamava de Anja, de vez em quando. Era uma espécie de brincadeira pessoal entre aquela moça e aquele rapaz muito jovens que sonhavam em ser grandes atores.

— Você usou esse nome quando deu sua filha para adoção.

— Sim, por questões sentimentais. E também para protegê-la, pensei na ocasião, caso ela algum dia tentasse encontrar sua mãe biológica. Eu a entreguei a pessoas boas. Os Landsdowne são gente muito boa. Gentis, amorosos. Queria o que era melhor para ela e fiz de tudo para que o conseguisse.

*Sim,* pensou Eve, *fez de tudo. Literalmente.*

— Você poderia ter deixado essa história para trás — disse Eve. — Por que não o fez?

— Acha que só pelo fato de eu ter visto a minha filha apenas uma vez e de tê-la embalado nos braços só no dia do nascimento significa que não a amava? — A voz de Areena se elevou e ecoou. — Não sou mãe dela, tenho plena consciência disso. Mas não houve um dia sequer nesses vinte e quatro anos em que eu não tenha pensado nela.

Parando de falar de repente, resolveu voltar ao assunto.

— Estou divagando, aqui — continuou. — Fui muito convincente no papel de Anja. Sei disso.

— Sim, muito convincente. Eu não reconheci você. Não fisicamente. Mas segui as emoções, Areena. Quem tinha os motivos mais fortes não só para matá-lo, mas também para fazê-lo pagar por tudo que fez diante de uma platéia? Para dar cabo da vida dele exatamente do mesmo modo que a vida de Vole se encerrara? Quem havia sido a mais traída, a mais usada? Depois de eliminar Carly, sobrou só um nome: Anja Carvell.

— Se eliminou Carly da lista de suspeitos, tenente, por que a fez passar por todo aquele horror?

— Anja Carvell — prosseguiu Eve, ignorando a pergunta. — Ela me pareceu uma mulher forte, calma e muito direta. Mas como poderia ter trocado as facas? Imaginei que tivesse arranjado um meio, mas mesmo assim a coisa não encaixava, por uma razão muito simples: ela precisava segurar pessoalmente a faca e dar o golpe fatal pela filha à qual renunciara.

— Sim, tem razão. Eu não deixaria mais ninguém fazer isso.

— Ao pensar em vocês duas, descobri. Você mudou a sua aparência, a sua voz e a sua atitude. Mas houve coisas que não mudou, pois não pôde fazê-lo. Veja, aí está — disse Eve, apontando para ela. — Você fez exatamente isso, ficou brincando com o colar... ou, no caso de Anja, mexendo sem parar no último botão do vestido... nos momentos em que refletia o que ia dizer ou a melhor forma de fazê-lo.

— Um pequeno detalhe.

— Há outros. Foram todos se somando. Você mudou a cor e até o formato dos olhos, mas não a expressão deles nos momentos em que seu gênio forte aflorava ou o pesar a consumia. Não conseguiu esconder a determinação em seus olhos naquele curto instante em que eles se cruzaram com os de Richard, no palco, um segundo antes de matá-lo. Precisei apenas pensar em Anja e em você para perceber que as duas eram a mesma pessoa.

— Então mostrou realmente ser mais esperta do que eu, tenente. — Areena se colocou em pé. — Resolveu o quebra-cabeça e fez o que julga ser justiça. Bravo, tenente! Suponho que conseguirá dormir o sono dos justos esta noite.

Eve manteve os olhos grudados em Areena e ordenou:

— Peabody, acompanhe a Srta. Mansfield até a viatura que está à espera lá fora.

— Sim, senhora. Vamos, Srta. Mansfield?

— Eve — murmurou Roarke, ao ouvir os ecos dos passos fora do palco diminuindo ao longe.

Ela balançou a cabeça, sabendo que precisava mantê-lo afastado dela para poder se recompor.

— Feeney, temos a gravação completa?

— Clara e com som límpido, Dallas. Será um material plenamente aceitável no tribunal. Ela abriu mão dos seus direitos.

— Acabamos por hoje, então. Encerre tudo.

— Deixe comigo. Encontro você na Central. Bom trabalho. Excelente trabalho, Dallas.

— Sim. — Ela fechou os olhos com força e manteve-os apertados, enquanto Roarke colocava a mão em seu ombro. — Obrigada pela ajuda. Conseguimos. Sem desordem, nem agitação.

Ela resistiu quando ele tentou virar seu rosto de frente. Então, ele a rodeou.

— Não faça isso, Eve.

— Estou bem. Preciso ir para resolver tudo.

— Vou com você. — Ele aumentou a pressão dos dedos quando ela começou a balançar a cabeça. — Eve, você acha que eu a deixaria sozinha em um momento como esse?

— Já disse que estou bem.

— Mentirosa.

Ela desistiu, deixou-se levar e permitiu que ele a abraçasse.

— Olhei para ela, bem no fundo dos seus olhos e tentei imaginar como seria aquela sensação, come seria ter alguém que se preocupasse tanto comigo, alguém que teria feito qualquer coisa para me salvar dele. E então, sempre olhando com firmeza, preparei-lhe uma armadilha usando exatamente aquilo que ela mais amava.

— Não. Você salvou aquilo que ela mais amava. Nós dois sabemos disso.

— Eu salvei? Não, isso é trabalho de Mira. — Eve respirou fundo. — Quero encerrar este caso. Preciso superar tudo.

Lidar com papelada podia ser uma rotina tranqüilizadora. Ela fez uso disso, redigindo o relatório com o distanciamento e a brutal eficiência que eram exigidos. Preencheu tudo e anexou as provas coletadas.

— Tenente?

— O turno já praticamente se encerrou, Peabody. Vá para casa.

— Eu vou. Queria só dizer que Areena Mansfield já está quase acabando de ser autuada, mas pediu para ver você.

— Tudo bem. Prepare a sala de interrogatório Um, se ela estiver disponível. Depois pode ir embora.

— Com prazer.

Eve girou a cadeira para a direção de Roarke, que ainda estava ali, em pé, olhando para a vista ridícula da sua janela.

— Desculpe, Roarke, ainda tenho que fazer isso. Por que não vai para casa?

— Vou esperar.

Ela não disse nada, simplesmente se levantou e foi até a sala de interrogatório.

Areena já estava lá, sentada com ar plácido, junto da pequena mesa. Sorriu de leve, com ar de desdém, ao ver Eve.

— Não me peça para elogiar o guarda-roupa deste lugar, tenente. — Apontou para o uniforme cinza e largo, sem gola, que seria a sua roupa na prisão.

— Estamos pensando em contratar um estilista. Ligar o gravador!

— Isso é necessário?

— Sim, sou obrigada a gravar qualquer conversa que tenha com você. Para a sua proteção e para a minha. Tenente Eve Dallas, na sala de interrogatório Um, com Areena Mansfield, a seu pedido. Srta. Mansfield, já lemos os seus direitos. A senhora pretende acrescentar alguma informação às declarações prestadas neste momento?

— Não. Tenho algo a lhe dizer, pessoalmente. A senhora sabia que era eu — disse, inclinando-se para a frente. — Sabia perfeitamente que a assassina era eu antes de entrar no teatro hoje.

— Sim, já imaginávamos.

— Gostaria de saber se havia alguma prova irrefutável antes da minha confissão.

— Que diferença isso faz? Você já confessou tudo.

— Só por curiosidade. O advogado que vou contratar terá acesso a esta informação e a repassará para mim. Poderíamos dispensar o intermediário.

— Certo. Com base em minhas suposições relativas a Anja Carvell, ordenei uma análise com comparação dos registros de voz, usando a sua declaração e a dela. Embora o seu tom estivesse alterado, bem como o ritmo da fala, o que tornava a sua voz absolutamente diferente da outra ao ouvido comum, as impressões de registro vocal foram exatamente as mesmas. A voz de uma pessoa é tão única quanto as impressões digitais. Aliás, várias digitais suas também foram

encontradas no quarto registrado em nome de Anja Carvell. Fios de cabelo de uma peruca também batiam com o tom dos cabelos de Anja Carvell. Seu DNA também foi achado na mesma suíte. O mesmo material também foi recolhido, por mandado, na sua cobertura, localizada no mesmo hotel.

— Entendo. Deveria ter feito pesquisas sobre procedimentos policiais. Fui descuidada.

— Não, em absoluto. Você foi humana e isso faz com que seja impossível pensar em tudo.

— Mas a senhora pensou. — Areena se recostou na cadeira, lançando um olhar de consideração ao avaliar Eve. — Tenente, a senhora tinha provas suficientes para me trazer aqui e me interrogar, jogar tudo o que eu fiz na minha cara, usar o meu relacionamento com Richard e com Carly para me quebrar. Em vez disso, escolheu fazer isso no teatro. Diante de Carly.

— Talvez você não desmontasse se eu a trouxesse aqui. Imaginei que do jeito que fiz funcionaria melhor.

— Não, eu teria desmontado aqui, sim, nós duas sabemos disso. Nunca conseguiria derrotá-la, tenente. Creio que o seu objetivo em fazer tudo na frente de Carly foi muito específico. A senhora o fez por ela.

— Não sei do que está falando e meu turno já se encerrou. Antes de Eve ter a chance de se levantar,

Areena agarrou-a pela mão.

— A senhora o fez por ela, tenente. Ela vai ser obrigada a viver conhecendo as coisas que o homem que a gerou era capaz de fazer e o que ele fez com ela. Saber que ela pode carregar isso que ele era dentro do seu sangue talvez a transformasse e marcasse a sua alma.

— Ela vai viver com isso. — *Todos os dias,* pensou Eve. *Todas as noites.*

— Sim, ela viverá. Mas a senhora fez questão de lhe mostrar que havia mais do que isso. Mostrou-lhe que a outra parte que a gerou a protegeria a qualquer custo. Estava disposta a sacrificar a própria liberdade para assegurar a dela. Podia amá-la a esse ponto. A senhora mostrou-lhe que há decência, lealdade e determinação no sangue dela. Um dia, quando ela se acalmar, quando se curar, vai compreender tudo isso. Talvez se lembre de mim com ternura. No dia em que ela perceber isso, tenente Dallas, espero que tenha a coragem de agradecer-lhe, como eu estou lhe agradecendo agora.

Ela fechou os olhos com força e respirou fundo.

— Posso tomar um pouco d'água, por favor?

Eve foi até o balcão e pegou um copo.

— Vocês duas vão pagar pelo que Richard Draco fez. Não há como evitar isso.

— Eu sei. — Areena tomou um pouco d'água e refrescou a garganta. — Mas ela é jovem e forte. Vai encontrar uma forma de superar isso.

— Ela terá ajuda. A Dra. Mira vai atendê-la. Ela é a melhor.

— Fico feliz por saber disso. Fiquei orgulhosa pela forma com que ela enfrentou a senhora hoje. Ela é durona. E é linda, não é?

— Sim, muito.

— Eu não consegui suportar o que ele fez com ela. Não agüentava pensar que poderia tornar a fazê-lo. — Lágrimas surgiram em seus olhos, mas foram reprimidas.

*Frágil?,* pensou Eve. *Nem um pouco.*

— Quanto a Quim — continuou Areena. — Aquilo foi difícil para mim. Tive medo. Mas ele era um homenzinho desprezível e eu já tive a minha cota de homenzinhos desprezíveis. Tenente?

— Sim.

— Será que quando eu estiver presa vou poder receber notícias do estado de Carly, como anda a sua cabeça e como ela está? Nada indiscreto. Haverá um jeito de eu saber que ela está bem?

— Vou ver o que posso fazer. — Eve hesitou e praguejou baixinho. — Desligar o gravador — ordenou, apertando o botão do som externo e fechando a tela de observação. Em seguida, aconselhou:

— Areena, contrate um advogado que saiba como lidar com a imprensa e não um que simplesmente seja bom no tribunal. Melhor ainda, contrate um de cada. Você deve sacudir a opinião pública. As pessoas devem conhecer toda a história, com detalhes, para que sintam simpatia por você e desprezo por Draco. Pare de abrir mão dos seus direitos e não converse mais comigo nem com nenhum outro tira sem a presença do seu advogado.

Divertida com o discurso de Eve, Areena ergueu as sobrancelhas.

— A senhora salva todo mundo, tenente?

— Cale a boca e ouça. Alegue diminuição de capacidade e insanidade temporária, além de estresse extremo. Mesmo com a premeditação, não vai ser difícil conseguir isso. Você matou um

homem que abusava sexualmente de sua filha e era um chantagista. Com essas cartas, você vai conseguir gerar um bocado de mídia a seu favor. — Eve ainda poderia convencer Nadine a dar uma força. — O promotor não vai querer o pesadelo de um julgamento longo com um monte de mães promovendo manifestações na porta do tribunal e na prefeitura. E elas farão isso. Ele vai lhe oferecer um acordo. Pode ser que você passe algum tempo na cadeia, mas com um pouco de sorte conseguirá a mudança para prisão domiciliar com bracelete de localização e possibilidade de condicional.

— Por que está fazendo tudo isso por mim, tenente?

— Você não conhece aquele ditado que diz que *a cavalo dado não se olham os dente?*.

— Sim, conheço; aliás, é um ditado muito certo. — Areena se levantou. — Eu gostaria, obviamente, que tivéssemos nos conhecido em outras circunstâncias. — Ela estendeu a mão. — Adeus, tenente.

Eve apertou a mão estendida e manteve o cumprimento por alguns segundos.

Ao voltar para a sua sala, Roarke ainda estava lá. Ela pegou o casaco e a bolsa.

— Que tal darmos o fora daqui? — propôs Eve.

— Gosto da idéia. — Mas ele a pegou pela mão e avaliou com atenção o seu aspecto. — Você me parece mais leve, tenente.

— Estou mesmo. Bem mais leve.

— E Areena?

— Ela é uma tremenda mulher. Isso é esquisito. — Ao tentar compreender o que sentia, Eve se encostou na ponta da mesa. — É a primeira vez em onze anos na força policial que eu encontro uma assassina que admiro e uma vítima por quem não consigo...

— Dar a mínima — completou Roarke.

— Eu não devia dar a mínima, de um jeito ou de outro. Tenho apenas que fazer meu trabalho.

— Mas você se importa, tenente. E se importa imensamente Dessa vez, porém, encontrou um homem que era obrigada a defender e que mereceu exatamente o que obteve.

— A morte nunca é merecida — disse ela e estalou a língua em sinal de impaciência. — Ah, que

se dane! A justiça foi feita dentro de um tribunal. Era um tribunal fictício, um cenário, mas o ato não foi fictício. Não houve ficção no instante em que Areena Mansfield pegou aquela faca e a enfiou no coração que Richard Draco não possuía. Quando ela deu esse passo e tomou essa atitude, a justiça foi feita.

— Ela vai ter um júri comendo na sua mão. Antes de tudo acabar, eles vão canonizá-la em vez de condená-la. Você sabe disso.

— Sei sim. Puxa, na verdade eu conto com isso. Sabe o que eu percebi, meu caro?

— Conte.

— Não se pode voltar atrás. Não dá para consertar o que quebrou. Mas dá para ir em frente. E cada passo do caminho conta. Cada movimento faz a diferença. — Ela se afastou da mesa e colocou as mãos no rosto dele. — Do lugar onde estou, posso afirmar que ficar com você foi o melhor passo que eu dei na vida.

— Então, devemos dar o passo seguinte. Vamos para casa.

Eve saiu do prédio ao lado de Roarke e, como o clima era propício, tomou a mão dele entre as suas. Naquela noite, ela iria dormir bem. Dormiria como um anjo.